W. L. VON ESCHWEGE

Minas Gerais

BRASIL, NOVO MUNDO

Tradução
DOMÍCIO DE FIGUEIREDO MURTA

Estudo Crítico
JOÃO ANTÔNIO DE PAULA

...EIRIANA
...érie Clássicos

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

BRASIL, NOVO MUNDO

W. L. VON ESCHWEGE

MT
910.4(81)
E74b
v. 1

W. L. VON ESCHWEGE

BRASIL, NOVO MUNDO

Tradução
DOMÍCIO DE FIGUEIREDO MURTA

Estudo Crítico
JOÃO ANTÔNIO DE PAULA

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

Belo Horizonte
1996

Governador

EDUARDO AZEREDO

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral

WALFRIDO MARES GUIA

Presidente da Fundação João Pinheiro

ROBERTO BORGES MARTINS

Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais

ELEONORA SANTA ROSA

ISBN 85-85930-07-1

E74b

Eschwege, Wilhelm Ludwig von, 1777-1855
Brasil, novo mundo/ W. L. von Eschwege; tradução Domício de Figueiredo Murta, estudo crítico João Antônio de Paula. - Belo Horizonte : Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro, 1996.
276p.
Tradução de: Brasilien, die neue Welt
1.Diamante - Minas Gerais 2. Geologia - Minas Gerais I.Murta, Domício de Figueiredo II.Paula, João Antônio de

CDD : 553.8
CDU : 553.8

APOIO CULTURAL -

FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

CONSELHO EDITORIAL

Affonso Ávila, Affonso Romano de Sant'Ana, Amílcar Vianna Martins Filho, Angela Gutierrez, Antônio Octávio Cintra, Aluísio Pimenta, Angelo Oswaldo de Araujo Santos, Bernardo Mata Machado, Celina Albano, Clélio Campolina Diniz, Cyro Siqueira, Douglas Cole Libby, Fábio Lucas, Fábio Wanderley Reis, Fernando Correia Dias, Francisco Iglésias, Gerson de Britto Mello Boson, Guy de Almeida, Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz, Isaías Golgher, Jarbas Medeiros, João Antônio de Paula, José Aparecido de Oliveira, José Bento Teixeira de Salles, José Ernesto Ballstaedt, José Israel Vargas, José Murilo de Carvalho, Júlio Barbosa, Lucília de Almeida Neves Delgado, Luis Aureliano Gama de Andrade, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Efigênia Lage de Resende, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, Norma Góes Monteiro, Orlando M. Carvalho, Otavio Soares Dulci, Paulo Roberto Haddad, Paulo de Tarso Flexa de Lima, Paulo de Tarso Almeida Paiva, Pio Soares Canedo, Roberto Borges Martins, Roberto Brant, Rui Mourão, Vera Alice Cardoso, Vivaldi Moreira, Walter Moreira Salles.

Coordenação editorial ELEONORA SANTA ROSA

Revisão da tradução MYRIAM ÁVILA

Projeto gráfico e arte SÉRGIO LUS

Produção executiva ROSELI AGUIAR

Revisão de texto MARIA DE LOURDES COSTA DE QUEIROZ

APRESENTAÇÃO

Brasilien, die neue Welt – que compõe com o *Pluto Brasiliensis*, de 1833, e o *Journal von Brasilien*, de 1818, a trilogia dos escritos mais importantes de Eschwege sobre Minas Gerais e o Brasil – foi publicado no Braunschweig, em 1824. Teve ali mesmo uma segunda edição, em 1830, e permaneceu, como o *Journal*, inédito em português e em outras línguas, transformando-se em obra raríssima e de acesso quase impossível – pela raridade e pelo idioma – para a imensa maioria dos pesquisadores brasileiros.

A *Fundação João Pinheiro*, através de sua *Coleção Mineiriana*, resolve agora parte desse problema, publicando o *Brasil, novo mundo*, tradução da primeira parte – a maior e mais importante – do *Brasilien, die neue Welt*.

Publicar Eschwege é sempre relevante. Na Colônia, onde viveu cerca de onze anos e meio (do início de 1810 até meados de 1821) – dez dos quais em Minas –, o barão se constituiu num ponto focal da vida científica, e seus trabalhos pioneiros de geologia, mineralogia, geografia, cartografia e, em menor escala, de etnologia, economia e estatística tornaram-se paradigmas que balizaram os estudos de várias gerações subseqüentes.

Para citar apenas um exemplo de seus muitos pioneirismos, foi Eschwege o primeiro a reconhecer o caráter de cordilheira central e grande divisor de águas do maciço montanhoso que ele denominou Serra do Espinhaço.

Sua casa, em Vila Rica, tornou-se passagem obrigatória das expedições científicas que acorreram ao Brasil na esteira da mudança da Corte portuguesa. Por ali passaram – e deixaram registro de um intercâmbio cordial e de bom nível intelectual – naturalistas do porte de Saint Hilaire, Spix, Martius, Langsdorff, Pohl, Freyreiss, Sellow e, provavelmente, outros.

Embora não se possa inscrevê-lo entre os maiores do seu tempo no mundo, e apesar de ter vivido quase metade de sua vida adulta em Portugal e no Brasil – uma limitação severa para qualquer carreira científica –, Eschwege participou de altos círculos intelectuais na Europa e neles deixou alguma marca.

Foi amigo de Goethe e de Alexandre Humboldt. Seus livros eram lidos e citados por gente importante, como o próprio autor de *Fausto*, Karl Marx (no *Capital* e nos *Grundrisse*) e Herman Merivale (nas *Lectures on Colonization and Colonies*), para não falar do circuito específico da geologia e da mineralogia, onde teve notoriedade muito mais ampla.

Para nós, mineiros, Eschwege é ainda mais precioso, pois deixou, com precisão de estatísticas e números, parte importante da história da mineração e da siderurgia, da economia, do comércio e dos costumes no início do século XIX, como pesquisador, como testemunha ocular e, freqüentemente, como agente dos eventos relatados.

Eschwege viajou por Minas mais que qualquer contemporâneo seu, nativo ou estrangeiro, e foi um empreendedor que exerceu imensa influência nos setores em que atuou. Entre seus feitos se inclui a construção da Fábrica de Ferro do Prata, ou "Patriótica", perto de Congonhas, onde teve a primazia da primeira produção "industrial" de gusa no Brasil, em 17 de dezembro de 1812. Construiu também a Real Fábrica de Chumbo do Abaeté e promoveu uma considerável renovação tecnológica no estropiado setor minerador de ouro, com a construção e disseminação de engenhos hidráulicos de redução e de esgotamento das minas.

Por sua influência surgiu a Carta Régia de 17 de agosto de 1817, que modernizou a organização das empresas mineradoras, permitindo a formação de sociedades por ações. Eschwege foi o primeiro a se utilizar da nova legislação, criando a Sociedade Mineralógica, que ressuscitou a velha mina da Passagem de Mariana, e demonstrando, pessoalmente e na prática (como fizera na polêmica grande siderurgia - Morro do Pilar e São João de Ipanema x pequena siderurgia - Fábrica do Prata), o acerto de sua tese de que as jazidas mineiras de ouro só estavam esgotadas ao nível da tecnologia rudimentar do período colonial.

Esses eventos foram essenciais para o surgimento da primeira geração de companhias inglesas, que escreveram um novo capítulo na história do setor aurífero mineiro, a partir da operação da Imperial Brazilian Mining Company, no Gongo Soco, em 1826.

O *Brasil, novo mundo* não é nenhuma obra-prima da literatura, nem mesmo da literatura de viagens. É, antes, como o *Pluto* e o *Journal*, um caderno de anotações bem bagunçado que reflete a azáfama e a variedade de interesses, de olhares e de experiências do autor. É uma miscelânea meio truncada de relatos de viagens, legislação, estatísticas, observações e notas sobre geologia, geografia, economia, história, governo, administração e, até mesmo, um vocabulário da língua xicriabá e uma nota sobre as pororocas.

O próprio Eschwege admite, no prefácio, a "forma fragmentária" das informações e adverte o leitor para que não espere "um quadro de todo acertado, harmonioso em todas as suas partes".

O livro, de fato, está longe disso, mas é de grande interesse para a reconstrução da história de Minas e do Brasil.

A *Fundação João Pinheiro* se sente feliz com este lançamento, que tem a qualidade que marca todas as edições da *Coleção Mineiriana* do *Centro de Estudos Históricos e Culturais* e que, no caso presente, vem reforçada pela sempre competentíssima

revisão de Myriam Ávila e pelo primoroso ensaio crítico e biográfico de João Antônio de Paula. Isso tudo só foi possível, mais uma vez, pelo apoio dessa agência fundamental do desenvolvimento científico e cultural de Minas que é a FAPEMIG.

Na segunda metade dos anos 60, na FACE-UFMG, os estudos de teoria econômica *hard* eram restritos a um pequeno grupo "emergente" de jovens professores que, com o tempo, se tornariam nos Paulo Haddad, José Alberto e outros que hoje são referências importantes. Mas, naquela época, a Faculdade – que ainda mantinha o curso de Sociologia e Política – brilhava mais pela presença de um grupo que cultivava, em nível mais do que bom, a história, a literatura, a sociologia e outras disciplinas menos áridas que a *dismal science*.

Essa roda incluía figuras como Emílio Moura (é isso mesmo: o poeta era da Faculdade de Economia e ensinava História do Pensamento Econômico), Francisco Iglésias, Fábio Lucas, Júlio Barbosa, José Olegário, Hélio Pontes, José Murilo, Fábio Wanderley, Antônio Octávio, Oder, José Armando, Roberto Matos e outros, dentre ultrajovens, jovens promissores e uns poucos maduros. E uma meninada *cê-dê-efe* metida a gente: Jacques, Barata, Otávio, Bolinha, Júlio Finlandês, Rogério, José Márcio, Daniel, Morvan e outros.

Eu gostava de História e, numa dessas conversas sem fim, Domício Murta me apresentou ao Barão de Eschwege, de quem era íntimo havia muito tempo. Tirou dos seus guardados um pacote de cópias "fotostáticas" e um monte de folhas de almaço, escritas a caneta-tinteiro e rabiscadas com lápis vermelho, já meio amareladas. Eram o *Brasilien, die neue Welt* e a tradução que ele tinha feito.

O professor Domício morreu e os papéis ficaram comigo por quase trinta anos. É emocionante poder pegar neste livro.

ROBERTO BORGES MARTINS
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
Novembro de 1996

SUMÁRIO

ESCHWEGE, O MUNDO NOVO E O NOVO MUNDO
João Antônio de Paula 15

A VIDA NOVA DO *NOVO MUNDO*
Myriam Ávila 45

BRASIL, NOVO MUNDO
W. L. von Eschwege 49

ESCHWEGE, O MUNDO E O NOVO MUNDO*

João Antônio de Paula

A *Fundação João Pinheiro*, dando seqüência à sua *Coleção Mineiriana*, está publicando importante registro histórico de nossa realidade do início do século XIX. Trata-se de trabalho do grande mineralogista e metalurgista alemão Eschwege, que viveu no Brasil entre 1810 e 1821. O texto é a primeira parte de livro ainda inédito em português, publicado em alemão em 1830, *Brasil, novo mundo*.

Com a publicação desse documento, a *Fundação João Pinheiro* vem, mais uma vez, trazer contribuição valiosa para o entendimento de nossa realidade histórica, na medida em que Eschwege não só dá testemunho do que vê do ponto de vista geológico, botânico, climatológico, hidrológico, da paisagem física da terra, enfim, quanto apresenta quadro da sociedade, da economia, dos costumes, das comunidades indígenas, panorama da paisagem humana e moral de nossa gente.

Acompanhar a trajetória de Eschwege, suas andanças, simpatias e seus preconceitos, sua ciência e ideologia, é capacitar-se duplamente para compreender o nosso passado naqueles momentos decisivos da crise do regime colonial e da constituição do Estado Nacional: de um lado, pela qualidade mesma da informação que o autor revela, os vários aspectos da realidade de então; de outro, porque esta informação é filtrada pelo "olhar" de Eschwege, pelo impacto daquele "novo mundo" sobre o europeu culto e aristocrático, tocado pela aspereza da vida naqueles sertões, o qual, em que pese todas as contradições e idiossincrasias, é capaz de revelar traços essenciais de nós mesmos, na medida em que nos chegam pela lente estranhada do estrangeiro.

* As informações biográficas e bibliográficas sobre Eschwege utilizadas neste estudo são tributárias da, até aqui, sua mais completa biografia publicada entre nós – *Guilherme Luís, Barão de Eschwege*, de Frederico Sommer.

1 - ELEMENTOS DE BIOGRAFIA

Wilhelm Ludwig von Eschwege nasceu em 15 de novembro de 1777, no landgraviato de Hesse-Kassel, numa velha cidade, Eschwege, que teria sido fundada por Carlos Magno. Filho primogênito de um barão, Johann Christian Ludwig von Eschwege (1746-1798), assumirá com a morte do pai o título e os privilégios de uma família, que, se àquela época já não tinha grande poderio econômico, pertencia à velha nobreza feudal alemã. Diz seu biógrafo Frederico Sommer: "Pertenciam os barões de Eschwege à nobreza antiga e feudal da Hesse-Baixa; foram eles, nos tempos medievais, donos de castelos e paços, feudos e aldeias, nas terras que se prolongaram desde as faldas das montanhas de Röhn, na Turíngia, ao norte. Estas importantes possessões perderam-se no correr dos séculos, achando-se reduzidas, na época das nossas reminiscências, à propriedade rural denominada *Die Aue* (A Veiga), perto de Eschwege" (SOMMER, 1952, p. 15).

Depois dos estudos básicos ministrados por preceptores na velha casa paterna, construída em 1576, Eschwege vai estudar em Eisenach, cidade onde viveu e trabalhou, por algum tempo, o grande Johann Sebastian Bach, no ducado de Saxe-Weimar. Aos 15 anos, completa seus estudos preparatórios. Não parece ter sido um aluno brilhante, e por sua vontade talvez tivesse escolhido a carreira militar. Contudo, sua família tem outros planos e ele é enviado a Göttingen para estudar Direito. Na universidade, interessa-se menos pelas disciplinas jurídicas que pelos cursos de lógica e matemática, que segue com afinco, tendo sido colega, nessas circunstâncias, do futuro grande matemático Gauss.

Já no outro semestre, Eschwege convence os pais de sua vocação para as atividades práticas e passa a estudar ciências naturais, física, arquitetura, tecnologia, ciência política, economia florestal e comercial. As três últimas disciplinas citadas faziam parte de um conjunto então chamado de "ciências cameralísticas", que é a versão alemã de um amplo campo de conhecimentos do qual nascerão a sociologia, a administração pública e a economia política.

Em 1799 transfere-se para Marburg para completar os estudos, tendo aprofundado seus conhecimentos em ciências florestal, policial e estatal, e mineralogia, geognosia, mineração e metalurgia (SOMMER, 1952, p. 18).

Forma-se em 1800 e vai trabalhar como assessor de uma mina. Em 1802 recebe convite para trabalhar em Portugal ou no Brasil. Aceita o convite e assina contrato como diretor de minas em Portugal, em 2 de maio de 1802. Embarca para

Portugal em 1º de abril de 1803. Parte de Hamburgo para Lisboa a bordo de um veleiro, o *Die Praechtige*, "A Soberba", que talvez soe quase como uma definição da postura e dos sentimentos do jovem cientista alemão a caminho do acanhado Portugal e do mais estranho, ainda, Novo Mundo.

Eschwege permanecerá em Portugal de 1803 a 1810, trabalhará, ganhará experiência, adquirirá prestígio, bons relacionamentos e inimigos. Viverá os momentos dramáticos do Bloqueio Continental e da invasão napoleônica. Lá conhecerá José Bonifácio na condição de intendente-geral das Minas. Em 28 de setembro de 1809 vem para o Brasil, tendo ficado aqui até 9 de julho de 1821. Seu regresso à Europa é feito no veleiro "Gentil Americana". Mais uma vez o nome da embarcação talvez reflita uma nova etapa na vida de Eschwege. Dos tempos de "A Soberba", da ida para Portugal, ainda conservou muito. Mas o barão, nas terras brasileiras, transformou-se, aprendeu a conhecer e talvez a gostar um pouco daquelas gentes e terras.

É na sua volta à Europa que escreverá seus principais trabalhos. As notas, os diários, as cadernetas de campo, os relatórios que compulsou e escreveu, as conversas que teve, as observações e experimentações que fez, as inúmeras viagens, trabalhos e empreendimentos que realizou, deram-lhe o material básico de suas obras.

Casa-se na Alemanha, em 1822, aos 44 anos, com Sofia de Baumbach, dama da Corte Grão-Ducal de Weimar. Em 1823 está de volta a Portugal, onde trabalhará intermitentemente até 1850. A partir de 1838 inicia seu último grande trabalho – agora como arquiteto e paisagista –, que foi a construção do castelo de Pena em Sintra. Deixou apenas um filho e morreu, em Wolfsanger, perto de Kassel, em 1º de fevereiro de 1855, depois de ter dado contribuição apreciável, com seu trabalho e inteligência, para três países: a sua terra natal, Portugal e Brasil.

2 - ESCHWEGE E SEU TEMPO

Eschwege viveu em época e meio extraordinários. Nascido em 1777 e tendo vivido até 1855, assistiu/participou, às vezes de forma direta e intensa, daquele grande momento que foi o da morte do Antigo Regime e a consolidação da vitória da modernidade, do capitalismo. Foi contemporâneo da Revolução Industrial, da Revolução Francesa, de outra grande revolução – o Iluminismo.

Eschwege nasceu e formou-se naquela singularíssima Alemanha, que viveu à sua maneira aqueles fundamentais processos de afirmação da modernidade.

Iluminista, até seu rei, Frederico, "o Grande", o foi, a Alemanha terá versão particular desses sucessos. Seu iluminismo, seu culto à ciência, à razão estão a um passo da rejeição desse mesmo racionalismo. Há uma mescla irrevogável de elementos românticos, mesmo no mais alto, do classicismo alemão. Goethe é a expressão máxima dessa ambigüidade. O mais clássico dos poetas alemães, o cientista, o botânico, o mineralogista, o anatomista é também o romântico líder do *Sturm und Drang*, precursor do romantismo alemão, das idealizações do Oriente e seus encantos, do "retorno à natureza"... Goethe é crítico da teoria das cores de Newton, porque a entende estreita e pobre, típica de um racionalismo limitado.

É nessa Alemanha, que Marx diz ser marcada por uma tragédia – a persistência das relações feudais, a ausência de uma efetiva revolução burguesa enquanto a Inglaterra e a França realizam revoluções econômicas e políticas -, que Eschwege se forma. Se são restritas as liberdades, se é acanhado o panorama econômico, rico e estimulante é o mundo das idéias na Alemanha. Marx dizia que enquanto a França fez uma Revolução política, enquanto a Inglaterra fez uma Revolução econômica, a Alemanha foi capaz apenas da Revolução filosófica. A Revolução do criticismo kantiano, do idealismo hegeliano, a Revolução dos métodos de ensino e pesquisa, que fazem com que seja na Alemanha, pela ação de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), em 1810, criada a universidade contemporânea. Isto é, uma instituição na qual o ensino deixa de ser a mera repetição de um saber livresco e tradicional, para ser o espaço da experimentação, da pesquisa, da busca de novos paradigmas tecnológicos e científicos.

Nesse sentido é exemplar a trajetória intelectual de Eschwege. Sua formação compreendeu treinamento específico em disciplinas que tanto tratam dos aspectos referentes à administração da coisa pública, quanto dos relativos à economia privada, aos recursos naturais, à arquitetura e à tecnologia.

É esta abertura intelectual, esta universalidade de interesses que estão na base tanto da excelência de seu "olhar" de "viajante", "naturalista", quanto na sua prática de "administrador" e "empreendedor".

Quantos intelectuais terão tido o privilégio de privar da mesa do grande Goethe? Eschwege e referências ao Brasil aparecem mais uma vez nos *Diários* e correspondência de Goethe entre 1822 e 1824. Diz Sommer: "Vários outros assuntos brasileiros, quer mineralógicos, quer botânicos, encontram-se no *Diário*, ou nas cartas e publicações do genial autor e poeta alemão. Ele estudou os livros de Eschwege, referiu-se aos mesmos repetidas vezes em seus escritos" (SOMMER, 1952, p. 91).

Na verdade, em estudo na Revista *Cultura*, de 1948, há exame das relações de Goethe com o Brasil, escrito por Wolfgang Hoffmann-Harnisch, em que o autor aponta a existência de 84 referências de Goethe ao Brasil em seus escritos. Diz Hoffmann-Harnisch: "A nenhum país fora da Europa Goethe dedicou tanto interesse quanto ao Brasil, 'esse continente imenso', conforme o chamou" (HOFFMANN-HARNISCH, 1948, p.139).

Goethe se interessou por tudo do Brasil – estudou nossa história, tendo lido o livro a *História do Brasil*, de Southey, nossa flora, nossos costumes, nossa geografia, nossa vida política, recorrendo muito às obras de Von Martius e Spix, de Pohl, de Mawe e, sobretudo, às conversas e estudos de Eschwege, por quem tinha apreço, que o freqüentava por semanas seguidas e de quem disse em carta a George Henrique Norden: "O Sr. Barão von Eschwege, que granjeou fama pela sua permanência prolongada no Brasil e sua atividade nesse país, e pelas comunicações importantes dadas ao público culto e instruído, recebeu de sua parte uma nova prova de reconhecimento pelos seus extraordinários méritos, tendo o rei de Portugal o nomeado diretor-geral de minas metalúrgicas do reino" (HOFFMANN-HARNISCH, 1948, p.157).

Eschwege aparece também na obra de Marx. Tanto em *O Capital* (1867) quanto nos chamados *Grundrisse* (1857-1858) há referência a Eschwege. Trata-se de citação indireta extraída do texto de Hermann A. M. Merivale - *Lectures on Colonization and Colonies* (v. I, Londres, 1841, e v. II, Londres, 1842). Nos dois casos, Marx apresenta comparação entre a produção de diamantes e a produção de açúcar e café no Brasil. Em *O Capital*, "segundo Eschwege, em 1823, a produção global, durante oitenta anos, das minas de diamantes, no Brasil, não atingira, ainda, o impacto do produto médio de ano e meio dos engenhos de açúcar e das plantações de café, naquele país, embora ela custasse muito mais trabalho e representasse, portanto, mais valor" (MARX, 1968, p. 47).

Nos *Grundrisse* Marx diz assim: *"Merivale refiere en su obra sobre la colonización: 'Eschwege (1823) estima el valor total de los diamantes trabajados en 80 anos a un precio que supera apenas lo que Brasil en 18 meses ha producido de azúcar o café'* " (MARX, 1972, p. 346).

Possivelmente a referência de Merivale a Eschwege deve-se à leitura dos excertos da obra de Eschwege, *Notes on the Geognosy of Brazil* (Matrix of the Brazilian Diamonds), publicada pelo *Edinburgh Philosophical Journal*, de Edinburgh, julho de 1823 (n. IX, p. 200-202).

Há ainda uma outra grande figura intelectual que Eschwege freqüentou. Trata-se de Alexander von Humboldt, criador das modernas geografia física, botânica, zoológica e da climatologia, autor do grandioso *Cosmos* (1845-1862), naturalista-viajante que percorreu a Europa, a América do Sul (1799-1804) e a Ásia Central (1829). Humboldt é o homem de ciência que talvez mais tenha influenciado Eschwege. Seus livros de viagens, em particular, *Ensaio Político sobre a Ilha de Cuba* e o *Ensaio Político sobre o Reino da Nova Espanha*, publicado em francês em 1811, são, talvez, seus modelos preferenciais. Não pelo assunto, é claro, mas pela fatura perfeita, pela metodologia desenvolvida por Humboldt em seus livros sobre o Novo Mundo. No *Dicionário de Literatura Européia*, W. A. Coupe define assim a obra de Humboldt: *"Ejemplos de libros de viajes, con su equilibrio entre exactitud científica, pureza de estilo y generosa humanidad"*. É este, talvez, mais que uma definição de estilo, um programa que Eschwege perseguiu, quase sempre.

Humboldt é, em mais de um sentido, um exemplo e um estímulo. Diz Mary Maples Dunn: *"His enjoyment of adventures and hardship, of new people and places, indicates a restlessness which could not be satisfied in the laboratory or study. His intense friendships with other men, usually scientists, suggest that he could not easily endure lonely (...) of the intellect. And underlying his scientific, inquiry was a passionate love of nature in all its forms. The tropics drew from him an ecstatic response, so strong that when he wrote of them some years later his excitement was still lively and his prose poetic"* (DUNN, 1972, p. 7).

É esta mesma excitação, esta paixão pela natureza e pelas gentes, que terá alimentado a conversa de Humboldt e Eschwege quando eles se encontraram, em 1821, em Paris. É com interesse certamente que Humboldt deve ter interrogado Eschwege sobre o Brasil, país que ele não visitou, impedido por ordem de prisão que se decretou contra ele em 1800, suspeito de propagar idéias contrárias à dominação bragantina.

3 - O TRADUTOR DE ESCHWEGE

Eschwege tem lugar importante na história brasileira do século XIX. A obra de mineralogista e metalurgista, os empreendimentos, os conhecimentos que difundiu ajudaram a implantar uma certa mentalidade técnico-científica no Brasil. Seu nome e seus feitos foram destacados tanto em obras gerais, como na grande

História Geral do Brasil, de Varnhagen, quanto em obras de temáticas mais especializadas, como na ainda fundamental *As Minas do Brasil e Sua Legislação*, de Pandiá Calógeras.

Se há consenso quanto ao muito de meritório da ação de Eschwege no Brasil, não se pode desconhecer certa vocação polêmica do barão alemão e que está registrada em autores que lhe fizeram reparos, como o próprio Calógeras ou Joaquim Felício dos Santos, em seu *Memórias do Distrito Diamantino*.

Dentre os brasileiros que ajudaram decisivamente a difusão da obra de Eschwege e o enquadramento de sua importância, destaca-se o tradutor do *Pluto Brasiliensis* e deste *Brasil, novo mundo*, que se publica agora. Trata-se de Domício Figueiredo Murta.

Nascido em Muriaé, em 23 de junho de 1912, Domício Figueiredo Murta formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 1936, doutorando-se em Economia pela mesma Universidade, onde, mediante concurso, torna-se professor catedrático da Faculdade de Ciências Econômicas, em 1946. Em 1943 realizou aperfeiçoamento em Geologia no *Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais*.

Durante sua trajetória como professor da Faculdade de Ciências Econômicas, ministrou cursos nas áreas de Economia Brasileira, Economia Regional, Geografia Econômica, Estatística Econômica e História Econômica.

Tal como Eschwege, a formação de Domício também foi marcada pelo estudo da articulação entre os aspectos socioeconômicos e físicos da realidade brasileira. Técnico e administrador importante em fase decisiva da modernização de Minas Gerais, nos anos 40/50, Domício participou de projetos estruturantes de nossa industrialização, como o da Cidade Industrial de Contagem e o Plano de Eletrificação de Minas Gerais, que deu origem à Cemig, e o da constituição da Frimisa.

Em sua obra destaca-se uma rica interação entre teoria e prática, entre dimensões socioeconômico-políticas e físico-naturais, e um efetivo compromisso com a solução das grandes questões nacionais, de que é exemplo o texto que abre o seu livro *Planificação Econômica e Social para Minas Gerais*, de 1946: "Este livro é um livro de sinceridade. As causas políticas – pois é delas que se trata – são dignas da verdade. Na sua defesa, não nos podemos prender às pequenas cousas, nem aos interesses pessoais. Trata-se do Brasil" (MURTA, 1946).

Dentre os seus inúmeros trabalhos, destaque-se, além do já citado, os capítulos "Geografia da Pecuária de Minas Gerais", "Geografia da Agricultura de

Minas Gerais" e "Geografia da Indústria de Minas Gerais", que estão no volume I do *Plano de Eletrificação de Minas Gerais*, de 1950. Para o mesmo *Plano*, Domício redigirá todo o volume II, intitulado *Geografia Mineral do Estado de Minas Gerais*, também de 1950. Igualmente importante é a *Literatura Geológica do Estado de Minas Gerais*, em dois volumes, publicado em 1946 pela Imprensa Oficial, Belo Horizonte.

A tradução do *Pluto Brasiliensis*, obra de Eschwege publicada em alemão em 1833, apareceu em edição da Companhia Editora Nacional, coleção *Brasiliana*, 1944, em dois volumes, com prefácio do grande geólogo mineiro Djalma Guimarães. A segunda edição do *Pluto* apareceu em 1977, editado pela Itatiaia, em associação com a Editora da Universidade de São Paulo, com prefácio de Mário Guimarães Ferri.

Duas coisas, finalmente, são dignas de registro: uma primeira é o cuidado com que Domício anota o texto de Eschwege, esclarecendo-o, enriquecendo-o, atualizando-o; a outra é o paralelismo das preocupações e formações intelectuais do barão alemão e seu tradutor brasileiro. Ambos são representantes de uma postura rara entre nossos economistas hoje em dia, que é o entendimento da Economia como ciência centralmente voltada para a compreensão das formas concretas da produção e reprodução material, isto é, das formas concretas da apropriação da natureza e a distribuição social do produto do trabalho.

4 - O NOVO MUNDO

Os anos (1810-1821) que Eschwege passou no Brasil, viveu-os, em grande parte, em Minas Gerais. Daí que, para Minas Gerais, a obra de Eschwege tenha lugar especial. Eschwege, como Saint-Hilaire, que também nos visitou naquele período, são grandes referências para a compreensão de nossa realidade histórica.

Se é mais generosa a visão de Saint-Hilaire sobre os mineiros e sua terra, Eschwege não é nenhum Gobineau, detrator dos que o acolheram. Sua preocupação, seu projeto, é a busca da verdade. Diz ele: "O naturalista deve dizer apenas a verdade"... (p. 69). Nesse esforço de busca da verdade é inevitável o melindre, o "olhar" crítico, a constatação das mazelas, dos defeitos e corrupções, que ele vê e reprova. Por tudo isso Eschwege espera que se o perdoe, porque honesto o seu propósito. Eschwege não pode evitar, e não quer, a crítica. Também

não pode evitar confundir-se, às vezes, e emitir juízos que, em grande parte, traem os preconceitos do europeu, aristocrata e arrogante, num meio em tudo diferente e desafiador, a própria manifestação do *outro*.

Já foi dito o quanto a presença do *outro* é, às vezes, incômoda, ensejando intolerância e incompreensão. A antropologia contemporânea tem feito muito para mostrar o equívoco e a violência que vêm sempre com o etnocentrismo. Durante muito tempo foi raríssima a atitude aberta e compreensiva dos "civilizados" para com os "selvagens". Montaigne e depois Rousseau são quase exceções na capacidade de compreender as realidades do *outro*. No geral, prevaleceu a tese que identificava a *barbárie* ao *outro*, com o que pensa, com o que age, com o que tem cor diferente daquela do enunciador do juízo classificatório e estigmatizante.

Eschwege não foge inteiramente à regra. Seu papel, entende-o ele, é de civilizar, corrigir um meio acanhado e afundado em ignorância e maus costumes, ainda que dotado de potencialidades.

Contudo, há momentos em que Eschwege é capaz de compreender aquele *Novo Mundo*, revelando tolerância e abertura. Veja-se esta passagem: "Assim, os habitantes antigos da América aproveitam qualquer ensejo para se divertirem, o que não acontece com os europeus, que nada entendem disso, e por isso mesmo procuram oprimir os índios, invejam-lhes as poucas distrações e gostariam mesmo de tirar-lhes até isso" (p. 120-121). Ou ainda nesta outra: "No percurso de hoje, paramos ao pé de uma cruz de madeira, a respeito da qual o juiz me relatou o seguinte: no ano anterior, em uma fazenda das vizinhanças, cujo nome ele mencionou, um escravo agredira o filho do fazendeiro, fugindo em seguida. Dias depois fora aprisionado e, após ser cruelmente castigado, conduziram-no ao local da cruz, onde lhe deceparam a cabeça, que foi dependurada em uma vara, e o corpo sepultado sob a mesma, como costuma a Justiça fazer. Perguntei ao juiz qual a providência que tomara em relação ao fato; confessou-me que nada poderia fazer, já que o enfurecido pai o ameaçava de igual castigo. Este exemplo mostra como anda a Justiça por aqui" (p. 114).

Brasil, novo mundo, do qual se está publicando agora a primeira parte, é um registro variado da realidade de certos aspectos físicos e sociais, sobretudo de Minas Gerais, no início do século XIX. Poucos dos assuntos tratados nos 13 capítulos do livro, como o fenômeno das marés, não dizem respeito a Minas Gerais.

Trata-se de documento que contempla desde o diário de viagem, com observações sistemáticas sobre clima, relevo, vegetação, hidrologia e geologia, até

registros sobre usos e costumes, população e economia, política e sociedade, tecnologia e legislação. São, na verdade, vários quadros temático-regionais, que dão ao final quadro fundamental da fisionomia do homem e da terra do *Novo Mundo*, de Minas Gerais naquele momento.

É digno de nota o que Eschwege diz sobre certos traços da psicologia e do comportamento dos mineiros. Cem anos depois da catilinária do conde Assumar contra a rebeldia dos mineiros, Eschwege detecta ainda a mesma resistência da gente daqui à autoridade, seja ela civil, militar ou religiosa. Vejam-se os trechos: "Como precisasse de um guia que me conduzisse à vila de Tamanduá, pedi ao comandante do distrito que mo arranjasse. Essa autoridade, acompanhada de pessoas de prol do lugar, vem logo visitar-me, prometendo um guia, que iria apresentar-se em determinada hora. Não confiei na promessa, pois a experiência já me ensinara que tais autoridades são bem pouco ativas e que, ainda, suas ordens nem sempre eram acatadas" (p. 74-75). Ou ainda: "O comandante do lugar, jovem e diligente, parecia gozar de grande respeito da população; pelo menos, meus pedidos foram atendidos sem demora, o que raramente acontece naquelas paragens" (p. 79). Veja-se ainda este outro: "Menciono o fato como prova de quão displicentes são os soldados e de que pouco respeitam os superiores. Devo lembrar, ainda, que, em Minas, não querem saber de subordinação alguma" (p. 98).

Quanto aos costumes do clero em Minas Gerais, naquele período, Eschwege traça quadro que tem algo de bocacciano. O clero em Minas, durante todo o período colonial, na verdade até a Reforma de D. Viçoso, em 1850, parece ter vivido clima de grande liberdade de costumes, na medida mesmo em que aqui, por interdição da Coroa, não puderam atuar as ordens religiosas, sobretudo os jesuítas, que desde o *Concílio de Trento* buscaram moralizar a vida eclesiástica.

Diz Eschwege: "Os eclesiásticos, assim, são geralmente pouco estimados. São respeitados apenas enquanto servos de Deus diante do altar. O povo os vê, igualmente, como um mal necessário. Diz-se, por isso mesmo, que os padres são bons apenas para rezar a missa e ouvir a confissão. Fora disso, a opinião geral é de que: Deus nos preserve da companhia dos padres! Cobrem-nos de apelidos injuriosos, embora eles, em troca, se entreguem cada vez mais aos descarados companheiros de troça" (p. 81).

Eschwege, em mais de um momento, insiste no caráter científico de seu relato até para justificar seus juízos nem sempre simpáticos para com os da terra. Contudo, às vezes, ele surpreende com afirmações desconcertantes, mesmo para

os padrões científicos da época. Como se vê, por exemplo, à página 71, quando ele relata a fertilidade de um animal híbrido, ou ainda quando avalia as reservas de minério de ferro em Minas Gerais e diz: "Da existência dessas enormes reservas de minério de ferro conclui-se com segurança que o mundo, enquanto existir, poderá ser abastecido por elas" (p. 209).

Eschwege foi, segundo se diz, o viajante estrangeiro daquele início do Oitocentos, pródigo em grandes observadores da realidade nacional, como Saint-Hilaire, Mawe, Pohl, Freyreiss, Spix e Martius, que mais conheceu Minas Gerais tendo explorado o rio Doce (leste), o São Francisco (sul-norte); o sertão da Farinha Podre (o Triângulo, Araxá e Desemboque); o oeste (Abaeté, Indaiá); o norte (Serro).

No *Brasil, novo mundo* há descrição física da terra e da economia mineiras, surpreendendo a presença de atividades agropecuárias disseminadas por todas as regiões e fluxos comerciais com outras capitanias, o que reforça a tese do papel de Minas Gerais, naquele período, no abastecimento do Rio de Janeiro.

Três são os temas centrais deste *Novo Mundo* de Eschwege: 1. produção, preços, legislação e administração diamantina; 2. economia e potencialidades do Triângulo Mineiro; e 3. tribos indígenas. Também importantes são as descrições das reservas minerais de Minas Gerais, que se encontram entre as páginas 194 e 212, e um quadro do orçamento público do Brasil e das importações e exportações de algumas capitanias, que, apesar de certa precariedade dos dados, que o próprio Eschwege reconhece à página 225, são os registros quantitativos mais confiáveis, disponíveis sobre as finanças públicas do Brasil no início do século XIX.

5 - ESCHWEGE E MINAS GERAIS

Irrequieto e polêmico, o barão Eschwege não permite enquadramento fácil e unívoco, até porque suas obras e ações, como é regra no caso de processos sociais, têm sempre implicações, conseqüências, significados materiais que sancionam ou questionam interesses nem sempre convergentes. Mesmo alguns de seus admiradores, como Calógeras, fazem-lhe reparos importantes: "A par de elevadíssima cultura científica e de uma intuição dos fenômenos naturais raras vezes atingida, tinha Eschwege um espírito mesquinho de rivalidade para com seus colegas de ciência pura, ou de assuntos metalúrgicos, ou de meneio. Esta fraqueza em homem de tão extraordinário valor já lhe tinha valido reprimendas oficiais; era-lhe, porém, impossível resistir quando movido por falso amor próprio, ou por

qualquer imaginação ferida em sua vaidade" (CALÓGERAS, 1905, p. 90).

Ainda assim, esse homem, com certeza falho e problemático, como todos, trouxe contribuição essencial para a compreensão da nossa história. Sua obra de cientista e servidor público, de empreendedor e difusor de tecnologias e técnicas de gerenciamento, reflete momentos decisivos e atualíssimos de uma postura que se recusa a fragmentar o conhecimento, que é, na prática, interdisciplinar, sendo, também, a afirmação da necessária combinação entre teoria e prática, entre economia e política, afirmação do papel fundamental do Estado para o nosso desenvolvimento: "A Província de Minas Gerais he o mais abençoado Paiz a este respeito, e hum sabio governo deve procurar todos os meios, para tirar as grandes vantagens destes bens da natureza" (p. 162). Este trecho de Eschwege faz dele tanto um antecipador do grande economista alemão Friederich List (1789-1846) e sua tese sobre a importância do Estado na proteção da indústria nascente, contida no livro *Sistema Nacional da Economia Política*, 1841, e base teórica da industrialização alemã, quanto um crítico *avant la lettre* da atual avalanche neoliberal e da tragédia social e aprofundamento das desigualdades que ela implica e impõe. Por isso e por tudo mais, saudemos Eschwege.

BIBLIOGRAFIA

CALÓGERAS, João Pandiá. *As minas do Brasil e sua legislação.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905, v. II.

DUNN, Mary Maples. Introduction a HUMBOLDT, Alexander von. *Political essay on the kingdom of New Spains.* Trad. ing. New York: Alfred A. Knopf, 1972.

ESCHWEGE, Guilherme, Barão de. Notícias e reflexões estadísticas da província de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Belo Horizonte, Ano IV, Fascículo IV, 1899.

HOFFMANN-HARNISCH, Wolfgang. Goethe no Brasil. *Cultura.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, Ano 1, set./dez. 1948, n.1.

MARX, Karl. *Los fundamentos de la crítica de la economía política (Grundrisse).* Trad. esp., Madrid: Comunicación, 1972, v. II.

MARX, Karl. *O capital.* Trad. port. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, Liv. I, v. I.

MURTA, Domício Figueiredo. *Planificação econômica e social para Minas Gerais.* Belo Horizonte, 1946 (mimeo.).

SOMMER, Frederico. *Guilherme Luis, barão de Eschwege.* São Paulo: Melhoramentos, 1952.

ANEXO

Bibliografia de Eschwege transcrita do livro de Frederico Sommer

Relação das obras científicas e literárias de Eschwege

A relação a seguir compreende indicações coligidas por John C. Branner, Alfredo de Carvalho, Paul Choffat e Afonso de E. Taunay.

a) Publicações referentes a Portugal

1804 (?) - Ueber die Schmelzarbeiten in der Huette von Foz d'Alge *(Sobre as fundições na usina de Foz d'Alge)*. Moll's Ephemeriden der Berg-und Huettenkunde, Salzburgo-Nuremberg.

1806 (?) - Weitere Nachrichten von der Wiederaufnahme der (Arbeiten in der) Eisenhuette von Foz d'Alge *(Mais notícias sobre o reinício dos trabalhos na usina de Foz d'Alge)*. Magazin der Eisen-Berg-und Huettenkunde, editado por Jordan e Hasse, p. 59-75. Um extrato deste artigo, feito por Zincken, foi incluído nas *Notícias de Portugal*, p. 193-197.

1812 - Memórias sobre as dificuldades das fundições e refinações nas fábricas de ferro para ganhar este metal na maior quantidade e da melhor qualidade para os diferentes fins. *Memórias econômicas da Academia Real das Ciências*, t. IV, p. 120-127.

1820 - Des Herrn W. C. *(sic)* von Eschwege, Koeniglich portugiesischen Obristlieutnants des Ingenieur-Corps, General-Directors aller Goldbergwerke und Inspectors verschiedener Berg- und Huettenwerke in der Capitanie Minas Gerais, Directeurs des koeniglichen Mineralien-Cabinett in Rio Janeiro, corr. Mitgliedes der koenigl. Akademie der Wissenschaften zu Lissabon, und der kaiserl. in Petersburg, so wie der naturforschenden Gesellschaft zu Halle und der mineralogischen Gesellschaft zu Jena Correspondenten.

Nachrichten aus Portugal und dessen Colonien, mineralogischen und bergmaennischen Inhalts.

Ein Seitenstueck zum Journal von Brasilien. Im Auftrage des Verfassers herausgegeben, und mit Anmerkungen und Zusaetzen versehen von J. C. L. Zincken, herzogl. braunschw. lueneburg. Berg-und Huettenrevisor, der naturforschenden Gesellschaft zu Halle auswaerts vortragendem, der mineralogischen Gesellschaft zu Dresden Ehren-und der mineralogischen Gesellschaft zu Jena correspondierendem Mitgliede. Mit 1 Kupfer. Braunschweig bei G. C. E. Meyer 1820. In 8°, 274 S [Do Senhor W. C. *(sic)* de Eschwege... *Notícias de Portugal e de suas colônias, de conteúdo mineralógico e montanístico.* Um paralelo ao *Diário do Brasil.* A pedido do autor editado, anotado e ampliado por J. C. L. Zincken... Brunswick, com G. C. E. Meyer, 1820, em 8°, 274 p., 1 prancha em cobre[.

Trechos desta obra que tocam ao Brasil são referidos na parte *b* desta relação bibliográfica.

1826 - *Relatório abreviado sobre o estado atual da administração das minas de Portugal*, Lisboa: Tip. de Carvalho, em 4°.

1831 - Memória geognóstica, ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas de que é composto o terreno desde a serra de Sintra, na linha de Noroeste a Sudoeste, até Lisboa, atravessando o Tejo até a serra Arrabida, e sobre sua idade relativa. *Memórias da Academia Real das Ciências*, t. XI parte 1ª, p. 253-271, estampa I - Apêndice. Sobre os hipurites (p. 271-280) est. II e III. Aditamentos por Al. Ant. Vandelli (p. 281-308), est. IV e V e 2 mapas.

1832 - Ueber Hippuriten aus der Umgegend von Lissabon *(Sobre hipurites nas cercanias de Lisboa). Archiv fuer Mineralogie*, Berlim: C. J. B. Karsten, 1832, v. IV, 1° fasc. p. 199-209, 1 planta.

Geognostische Uebersicht der Umgegend von Lissabon *(Golpe de vista geognóstico das cercanias de Lisboa). Ibidem*, 1832, v. V, p. 365-392, pl. VII, perfil.

Dom Miguel I., Usurpator des portugiesischen Thrones. Ein Beitrag zur neuesten Geschichte Portugals von einem Augenzeugen *(Dom Miguel I, usurpador do trono português.* Contribuição à história novíssima de Portugal, de uma testemunha ocular*)*. Hamburgo: Hoffmann & Campe, IV e 108 p.

1833 - Geognostische Verhaeltnisse der Gegend von Porto nebst einer Beschreibung des bei S. Pedro da Cova gelegenen Steinkohlenlager, welches die

Uebergangsbildung von der Urbildung trennt *(Situação geognóstica das cercanias do Porto, com uma descrição das jazidas de carvão de pedra perto de S. Pedro da Cova, que separam a formação de intermeio da formação primária).* Archiv fuer Mineralogie, Berlim: C. J. B. Karsten, v. VI, p. 264-276, perfil, fig. 2, pl. VIII.

1835 - Bemerkungen ueber den Bergbau und Huettenbetrieb in Portugal *(Observações sobre mineração e metalurgia em Portugal). Ibidem*, 1835, v. VIII, 1ª parte, p. 185-225.

1838 (Escrito em 1836) – *Memória sobre a história moderna da administração das minas em Portugal*, etc., Lisboa: Tip. da Academia das Ciências, 1838, in 16°, 63 p., 1 pl.

1837 - Abreviada exposição do estado da fábrica de ferro de Foz d'Alge. Lisboa, *Diário do Governo*, n. 86, p. 499-500.

1837 - Portugal - Ein Staats- und Sittengemaelde, in Skizzen und Bildern nach dreissigjaehrigen Beobachtungen und Erfahrungen *(Portugal. Um quadro político e social, em esboços e imagens, baseado sobre observações e experiências de trinta anos).* Hamburgo: Hoffmann & Campe, 1837. 1ª parte somente saída, XIV, 312 p.

1837 - Memória geognóstica. Prospecto geognóstico dos arredores de Setúbal. Lisboa, *Memória da Academia das Ciências*, t. XII, parte 1ª, p. 55-63.

1837 - Memória sobre o melhoramento das providências para atalhar os incêndios e para o aumento da água de Lisboa. *Memória da Acadêmia das Ciências*, t. XII, parte 1ª, p. 29-45, 1 perfil.

1838 - *Sobre os poços artesianos.* Lisboa: Panorama, p. 393-396.

1838 - *Memória sobre a história moderna da administração das minas em Portugal.* Lisboa: Tipografia da Academia.

1840 - *Asfalto, particularmente o asfalto artificial português*: reflexões diri-

gidas aos engenheiros e arquitetos. Lisboa: Tipografia do Diretor, 1840, 8º gr., 18 p.

1841-1842 - Caminhos de ferro. *Revista Universal Lisbonense*, v. I, p. 366-367.

1842-1843 - Sítios em que se encontra azougue em Portugal. *Revista Universal Lisbonense*, v. II, p. 166.

1842-1843 - Sobre estradas. *Revista Universal Lisbonense*, t. II, p. 358-361.

1843 - *Odologia dos engenheiros construtores, ou guia para a construção e conservação das estradas em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Tip. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1843, 8º gr. de x, 53 p., 1 p.

2ª edição com aditamentos, publicada em conformidade dos desejos manifestados pelo Governo de Sua Majestade Fidelíssima. Lisboa: Castro & Irmão, 1844, 8º gr. de x, 62 p., 1 pl. 3 ed. Lisboa: Castro & Irmão, 1848.

1843-1844 - Sobre estradas e carros em Portugal. *Revista Universal Lisbonense*, v. III, p. 109-110. Artigo transcrito no *Diário do Governo* da época.

Resposta às reflexões do *Diário do Governo* n. 263 sobre estradas e carros. *Revista Universal Lisbonense*, t. III, p. 199-200.

1844-1845 - Maneira de abastecer de água a cidade de Lisboa. *Revista Universal Lisbonense*, v. IV p. 49.

Exame comparativo do asfalto natural e do artificial. *Revista Universal Lisbonense*.

Algumas reflexões sobre o artigo 3.170 da *Revista Universal*, para desengano de muitos. *Revista Universal Lisbonense*, v. IV, p. 52-54.

Este artigo deu lugar a outro, de autor anônimo, com este título: Minas em Portugal, réplica pelo autor do artigo 3.170 à contrariedade do artigo 3.300. *Revista Universal Lisbonense*, p. 75-76.

Minas. *Revista Universal Lisbonense*, p. 88-89.

Mais Minas. Pela última vez. *Revista Universal Lisbonense*, p. 100 a 101. Estes artigos deram ainda lugar a outro de H. J. de S. T. (Henrique José de Souza Teles) com o título: Minas. *Revista Universal Lisbonense*, p. 111.

Outra vez as minas. *Revista Universal Lisbonense*, p. 160-161. Este artigo

deu lugar a outro do mesmo H. J. de S. T., intitulado: Sobre haver, ou não haver minas em Portugal. *Revista Universal Lisbonense*, p. 209-211, 237-238, 248-249, 262-263, 297-298.

Exame comparativo do asfalto natural e do artificial. *Revista Universal Lisbonense*, p. 403-404.

1846 - Ueber das Gebirge von Sintra (Auszug aus einem Briefe des Generals v. Eschwegwe an den Hrn. Classensecretaer) *(Sobre a serra de Sintra.* Extrato de uma carta do general de Eschwege ao sr. secretário da classe*)*. Muenchen: Bulletin der K. bayer. Akademie der Wissenschaften, 1846, part. I, n. 92 und 93, p. 747-750.

1850 - Sobre o sistema métrico na Alemanha. *Revista Universal Lisbonense*, 2ª série, t. II, p. 265.

b) Publicações referentes ao Brasil

Colaboração na revista *O Patriota*. Rio de Janeiro; faltam pormenores.

1814 - Algumas observações barométricas e geognósticas feitas na capitania de Minas Gerais. (Rio? *O Patriota*?).

1816 - Extrato de uma memória sobre a decadência das minas de ouro da capitania de Minas Gerais e sobre vários outros objetos montanísticos. *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, 1816, t. IV, parte 2ª, p. 65-76.

1817 - *Ueber das Vorkommen des Gediegen-Goldes zu Minas Gerais in Brasilien* - Neue Jahrbuecher der Bergs- und Huettenkunde von K. E. von Moll, 1817, v. III, p. 321-340 *(Sobre a ocorrência do ouro puro em Minas Gerais, no Brasil).* Um extrato deste trabalho saiu no *Taschenbuch fuer Mineralogie* de Leonhard, Francfort s. M. 1817, II ano, p. 551-552.

Uma tradução francesa do extrato antecedente, sob o título: Idées générales sur la constitution geologique du Brésil foi publicada em *Annales des Mines*. Paris, 1817, 2ª série, t. II, p. 238-240.

1818 - Journal von Brasilien, oder vermischte Nachrichten aus Brasilien, auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt. Mit einem Plane und Kupfern - Weimar, Gr. H. S. pr. Landes-Industrie-Comptoirs, 1818, in 8°, 2 v. - I, XV e 242 p; II, XII e 304 p. mapa e ilustr. *(Diário do Brasil, ou miscelâneas do Brasil, coligidas em expedições científicas).*

Títulos dos capítulos do *Diário do Brasil* (trad.)

1ª parte

Introdução, datada de Vila Rica, 16/2/1815.

I - Viagem à tribo selvagem dos índios coroados.

II - Estada entre a tribo selvagem dos índios coroados.

III - Diário de G. W. Freireiss (rete Freyreiss), da viagem aos índios coroados, em 22/12/1814, como apêndice às minhas observações.

IV - Sobre população.

V - Retificações e aditamentos a alguns erros nos esboços sobre o Brasil, de B. J. Lôbo da Silveira.

VI - A raiz preta, ou raiz vomitiva preta, um importante remédio vegetal.

VII - Breve história da fabricação de ferro no Brasil.

2ª parte

I - Viagem do Rio à Ilha Grande, 1810.

II - Sobre o Gabinete Mineralógico no Rio.

III - Viagem do Rio a Vila Rica.

IV - Observações meteorológicas, 1817.

V - Ouro e diamantes.

VI - Ouro.

VII - Tabelas estatísticas sobre São Paulo.

VIII - Carta a um amigo na Alemanha, de Langsdorff.

IX - Sobre uma espécie de planta (*Langsdorffia hypogaea*).

X - Sobre animais.

XI - São Paulo geognóstico.

XII - Sobre os guaicuru.

Reproduzido do *Diário do Brasil*, saiu, em francês, o Cap. III da Parte 2ª - Observations sur la manière de voyager dans l'interieur du Brésil e tableau de cette partie du pays. *In: Nouvelles Annales des Voyages*. Paris 1819, t. III, p. 99-120; e o cap. I da parte 2ª, Voyage de Rio de Janeiro au comarca d'Ilha Grande fait en 1810. *In: Nouvelles annales des voyages, de la geographie et de l'histoire*. Paris 1823, t. XX, p. 289-328, in 8° (o nome do autor acha-se indicado com G. C. d'Eschwege).

O Cap. III da Parte 2ª foi ainda traduzido para o vernáculo pela Ex.ma Sra. D. Lúcia Furquim Lahmeyer e saiu sob o título Diário de uma viagem do Rio de Janeiro à Vila Rica, na capitania de Minas Gerais, no ano de 1811. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1936.

1818 - Vorkommen des elastischen Sandsteines in Brasilien. *Annalen der Physik von L. W. Gilbert*. Leipzig, 1818. Neue Folge, LVIII, p. 99-101 *(Ocorrência do arenito elástico no Brasil)*.

Um extrato deste trabalho saiu no *Taschenbuch fuer Mineralogie*, de Leonhard, Francfort, s. M. 1821, 15. Jahrg., p. 885-886.

Physikalische (Physische) und Bergmaennische Nachrichten aus Brasilien. *Annalen der Physik von. L. W. Gilbert*. Leipzig, 1818, t. LIX, p. 117-139 *(Notícias físicas e mineralógicas do Brasil)*.

1819 - Descrição florestal da coleção de madeiras dos sertões do rio Abaeté, por Guilherme, barão d'Eschwege, tenente-coronel do Real Corpo de Engenheiros; inspetor-geral das lavras d'ouro de sociedades em Minas Gerais; diretor do Real Gabinete Mineralógico do Rio de Janeiro; sócio correspondente da Real Academia das Ciências de Lisboa e da de São Petersburgo; sócio efetivo da Sociedade Mineralógica de Jena. Oferecida ao Real Museu do Rio de Janeiro - Datada de Vila Rica, em 10 de setembro de 1819, in fol. de 155 f. (*Desenhos coloridos das folhas das árvores descritas, com as descrição em latim, e suas aplicações e usos em português*). Inédito.

1820 - Ueber eine merkwuerdige brasilianische Gebirgsform. *Annalen der Physik und der Physikalischen Chemie von L. W. Gilbert*. Leipzig 1820, v. p. 411-424 *(Sobre uma curiosa formação de montanha no Brasil)*.

Cartas do barão de Eschwege aos governadores conde de Palma e D. Manuel de Portugal e Castro (Galena do Abaeté) – (Fábrica de ferro), 1813 e

1820. *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Ouro Preto 1897, ano II, fasc. 4, out. a dez. de 1897, p. 749-752.

Na obra Nachrichten aus Portugal *(Notícias de Portugal)*, referida na parte *a* deste resumo bibliográfico, incluiu o editor J. C. L. Zincken extrato de artigos de Eschwege, saídos no *Diário do Brasil*, e nos *Jahrbuecher* de Moll. Além de mais, descreveu Zincken, na parte V da citada obra, vários minerais enviados por Eschwege; os respectivos capítulos, em tradução, rezam:

I - as formações de arenito e de oleoxisto micaceno na capitania de Minas Gerais;

II - descrições de algumas rochas do Brasil; Ilha Grande, Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia.

III - descrição de alguns minerais do Brasil e sobre suas jazidas (fig. 2-4 da planta).

1821 - *Instruções para os mineiros do Brasil.* Manuscrito deixado pelo autor, ao partir do Brasil. Inédito.

1821 - Auszug aus einem Schreiben ... aus Vila Rica (Goldwäscherei) Neue Jahrbuecher der Berg-und Huettenkunde, Nuremberg, 1821, t. IV, págs. 270-273 *(Resumo de uma carta ... de Vila Rica* – Lavagem de ouro*)*.

1822 - Geognostische Beobachtungen ueber einen Theil der Capitanie S. Paulo. Taschenbuch fuer Mineralogie von Leonhard, Francfort s. M. 1822, p. 193-206 *(Observações geognósticas sobre uma parte da capitania de São Paulo)*.

Geognostische Gemaelde von Brasilien und dem wahrscheinlichen Muttergestein der Diamanten. Weimar, Gr. H. S. priv. Landes-Industrie-Comptoirs, 1822, in 8°, VIII, 44 p. e 1 estampa (*Quadro geognóstico do Brasil e da provável rocha-matriz do diamante*).

Esta obra foi traduzida em francês por M. Combes, sob o título: Esquisse geognostique du Brésil, suivie d'une dissertation sur la gangue originaire du diamante, publicada em *Annales de Mines*. Paris, 1823, t. VIII, p. 401-430.

Vários extratos da mesma obra, em parte traduzidos para o francês e inglês, respectivamente, saíram ainda, dentre eles:

1. Notes on the geognosy of Brazil (Matrix of the brazilian diamond).

Edinburgh Philosophical Journal, Edinburgh; 1823, IX, julho 1823, p. 200-202.

2. Publicado por Auguste de Saint-Hilaire, no *Bulletin Général et Universal des Annonces et des Nouvelles Scientifiques*. Paris, outubro 1823, n. 10, p. 39.

3. Publicado em *Mineralogisches Taschenbuch fuer das Jahr 1824*, de Leonhard, Francfort s. M. 1824, 3ª parte, p. 670-672.

4. Um extrato da publicação de M. Combes no *Bulletin des Sc. Nat. et Geologie*. Paris, janeiro de 1824.

5. *Ibidem*, outubro de 1824, p. 132-136.

6. O extrato anterior foi incluído sob o título: Bosquejo geognóstico do Brasil, com uma dissertação sobre a matriz dos diamantes, no 2º aditamento à *Geologia elementar*, de Nereo Boubée, Rio de Janeiro, 1846, 2ª parte, p. 35-39.

O extrato sob n. 4 foi incluído na precitada *Geologia elementar*, p. 39-46, sob o título: *Geologia do Brasil*.

1825 - Notícias e reflexões estadísticas a respeito da província de Minas Gerais. *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, Lisboa, 1825, t. IX, p. 1-27; 4 mapas.

Reproduzido: Notícias e reflexões estadísticas da província de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte, Ano IV, fasc. IV, p. 737-762, 1899.

1830 - Brasilien, die neue Welt, in topographischer, geognostischer, bergmaennischer, naturhistorischer, politischer und statistischer Hinsicht, waehrend eines elfjaehrigen Aufenthaltes, von 1810-1821, mit Hinweisung auf die neueren Begebenheiten, beobachtet von L. W. von Eschwege. In zwei Teilen mit Kupfern. Braunschweig 1830, in 8º, 2 v. - I, XIII p. prels. e 252 p., do texto; II, X p. prels. e 183 págs. de texto, com ilustr. *(Brasil, o mundo novo, sob o ponto de vista topográfico, montanístico, da história natural, político e estatístico, durante uma permanência de onze anos, de 1810 a 1821, com menção das ocorrências recentes, observadas por L. W. von Eschwege.* Em duas partes, com gravuras.) O nome do autor saiu com L. W. em vez de W. L. von Eschwege.

Títulos dos capítulos da obra citada (trad.)

1ª parte

I - Quadro esboçado, de maneira fugitiva, do porto do Rio de Janeiro e do caminho de lá a Vila Rica, traçado em 1814, numa viagem para essa cidade.

II - Viagem à mina de chumbo do Abaeté, e de lá à província vizinha de Goiás, aos índios xicriabás (rede xicriabá) e bororos no ano de 1816.

III - Notícias sobre o descobrimento dos diamantes no distrito do Serro Frio e nos sertões de Indaiá e do Abaeté. Administração e rendimento das lavagens de diamantes aí instaladas. Regulamento para a administração. Observações sobre as jazidas de diamantes.

IV - Relação sobre os diamantes recolhidos e vendidos.

V - Descobrimento do distrito diamantífero nos sertões do Abaeté e de Indaiá, com oportuna retificação das indicações de Mawe sobre o famoso grande diamante aí encontrado.

VI - Instruções para a administração da Real Extração de Diamantes no Arraial do Tijuco, em Serro Frio.

VII - Legislação e instrução para o fiscal da administração de diamantes.

VIII - Tabela para avaliar os diamantes a comprar dos lavadores. Jazidas dos diamantes.

IX - Curioso fenômeno em algumas regiões por ocasião da maré crescente.

X - Levantamento (do continente) do Brasil sobre o nível do mar e as mais importantes formações geológicas deste país.

XI - Receita e despesa do Estado do Brasil.

XII - Notícias de várias tribos selvagens do Brasil.

XIII - Vocabulário da língua dos coroados (rede coroado).

2ª parte

I - Viagem do Rio a São Paulo, e de lá a Vila Rica.

II - Informações e observações hidrográficas.

III - Sobre a população do bispado de Mariana na província de Minas Gerais, especialmente com relação ao crescimento da população e à mortalidade.

IV - Sobre as tribos de índios da parte meridional do Brasil.

V - Longitudes e latitudes geográficas assentadas por vários matemáticos e astrônomos.

1831 - G. de Eschwege et Ch. Fr. Ph. de Martius: Karte von Ostbrasilien, in vier Blaettern usw., Muenchen 1831 *(Mapa do Brasil oriental, em quatro folhas, executado em colaboração com Martius e relativo às províncias litorâneas do Brasil, de Pernambuco ao Rio de Janeiro, Minas Gerais, e parte das províncias de oeste, a este limítrofes).* Data-se este mapa de 1831, o qual figura no atlas da "Viagem" de Spix e Martius.

Hoehenpunkte in par. Fuss nach den barometrischen Beobachtungen von W. v. Eschwege, v. Spix und v. Martius, Muenchen 1831. No apêndice geográfico da *Viagem no Brasil* dos Drs. Joh. Bapt. von Spix e Carl Friedr. Phil. von Martius, v. III, p. 39-40 *(Alturas em pés de Paris conforme as observações barométricas de W. v. Eschwege, v. Spix e v. Martius).*

1832 - Beitraege zur Gebirgskunde Brasiliens. Mit vier petrographisch-geognostischen Karten und Profildurchschnitten. Berlin: G. Reimer, 1832, in 8°, XIII, 488 p., 4 mapas *(Contribuições para a orografia do Brasil).*

Títulos dos capítulos da obra citada (trad.)

1ª parte

I - Cercanias de Rio de Janeiro.

II - Corte transversal pelas camadas das montanhas desde o Rio de Janeiro até a usina de São João de Ipanema, na província de São Paulo.

III - Corte transversal pelas camadas das montanhas desde Rio de Janeiro até os confins de Goiás.

IV - A região dos dois julgados de São Domingos de Araxá e Desemboque.

V - O decorrer das camadas das montanhas na direção longitudinal, desde a usina de ferro de São João do Ipanema, na província de São Paulo, até Vila Rica ou Ouro Preto, na província de Minas Gerais.

VI - Notícias geognósticas das cercanias de Vila Rica como também da região da mata montanhosa, em direção S. E. (sul-oeste), até o presídio de São João Batista.

VII - Notícias sobre a formação das montanhas desde a Vila Mariana, em

direção este, até as matas montanhosas do sertão do rio Doce; de lá, em direção norte ao distrito de diamantes do Serro Frio, até o arraial de Formiga.

VIII - Corte transversal das formações geológicas em direção sul-oeste, desde Formiga, ao lado esquerdo do rio São Francisco, até a mina plúmbea de Abaeté.

IX - Formações geológicas encontradas em caminho da mina plúmbea de Abaeté até Vila Rica.

X - Interessante viagem mineralógico-geognóstica nos distritos de Sabará e Vila Nova da Rainha.

2ª parte

Notícias mineralógico-geognósticas, extraídas da descrição de viagem dos senhores Spix e de Martius, e anotadas. Seguem 13 capítulos referentes àquela viagem, no trecho Vila Rica - Belém.

3ª parte

Seguem oito capítulos da mesma viagem, no trecho Belém - Rio Negro - Belém.

Tradução da obra precedente: *Contribuições para a geognóstica do Brasil.* Com quatro cartas... Vertido do alemão para o vernáculo pelo professor Rodolfo Jacó. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1922.

1833 - *Pluto Brasiliensis.* - Eine Reihe von Abhandlungen ueber Brasiliens Gold, Diamanten und anderen mineralischen Reichtum, ueber die Geschichte seiner Entdeckung, ueber das Vorkommen seiner Lagerstaetten, des Betriebes, der Ausbeute, und die darauf bezuegliche Gesetzgebung usw. - Berlim, G. Reimer, 1833, in 8°, XVIII, 622 p. estps. e maps. *(Pluto Brasiliensis* - Série de tratados sobre o ouro, diamantes, e outras riquezas minerais do Brasil; sobre a história de sua descoberta, sobre a ocorrência de suas jazidas, funcionamento, exploração e legislação respectiva).

Títulos dos capítulos da obra citada (trad.)

1º parte

HISTÓRIA DO OURO

Cap. I. História da descoberta do ouro na província de São Paulo.

Cap. II. História da descoberta, da lavagem e da mineração do ouro na província de Minas Gerais.

Cap. III. História da descoberta, da lavagem e da mineração do ouro na província de Goiás.

Cap. IV. História da descoberta, da lavagem e da mineração do ouro na província de Mato Grosso.

Cap. V. Descoberta do ouro nas províncias do Ceará, do Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

2º parte

CONSTITUIÇÃO MONTANISTA (sic) DA MINERAÇÃO DO OURO

Cap. I. Extrato da legislação montanista (sic) sobre a mineração e lavagem do ouro.

Cap. II. Do Quinto de Ouro (imposto da quinta parte) e das várias maneiras do seu pagamento.

Cap. III. Sobre o valor do ouro no Brasil.

Cap. IV. Sobre as casas de fundição no Brasil.

3ª parte

APARÊNCIA DO OURO E SUA LAVRA

Cap. I. O ouro nas jazidas do Brasil.

Cap. II. O funcionamento da lavra do ouro.

Cap. III. Métodos da lavra do ouro no Brasil.

Cap. IV. Quanto ouro o Brasil produziu desde o ano de 1600 até o ano de 1820.

Cap. V. Observações geognóstico-montanistas (sic) sobre as minas de ouro.

4ª parte

DIAMANTES E PEDRAS PRECIOSAS DE COR

Cap. I. História da descoberta dos diamantes e de outras pedras preciosas.

Cap. II. Relação sobre os diamantes extraídos e vendidos desde o ano de 1740 até o ano de 1822.

Cap. III. De como os diamantes são extraídos e depois lavados, além de outras observações sobre a técnica, a aparência dos diamantes e as variadas formas nas quais aparecem.

Cap. IV. Sobre o comércio clandestino de ouro e diamantes, e as causas da decadência das lavras de ouro.

5ª parte

APARÊNCIA DE OUTROS METAIS E
DE FÓSSEIS INFLAMÁVEIS E MARINHOS

Cap. I. História da descoberta e da extração passageira de uma jazida de plúmbeo no sertão de Abaeté, e mais sobre a aparência de outros metais no Brasil.

Cap. II. Sobre a aparência de fósseis inflamáveis e marinhos no Brasil.

6ª parte

SOBRE O FERRO NO BRASIL

Cap. I. História mais antiga e mais moderna do ferro no Brasil.

Cap. II. História da Real Fábrica de Ferro do Morro do Pilar, na província de Minas Gerais.

Cap. III. História da Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, na província de São Paulo.

Cap. IV. História da Fábrica de Ferro do Prata, perto de Congonhas de Campo, na província de Minas Gerais.

Cap. V. Sobre o ferro puro e de meteoro, encontrado no Brasil.

Cap. VI. Pode existir no Brasil uma grande usina de ferro?

7ª parte

ANEXOS ÀS PARTES ANTERIORES

Cap. I. Sobre a influência que a suspensão do tráfego terá sobre as minas.

Cap. II: Como devia ser a Constituição Montanista (sic) no Brasil para (a mineração) voltar a um estado florescente.

Partes da obra precedente foram traduzidas para o português: Cap. V, 3. Notícias geognósticas e montanísticas sobre as lavras de ouro de Minas Gerais. Trad. Rodolfo Jacó. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, 1897, v. II, p. 611-672.

Cap. II. História da extração e lavagem do ouro em Minas Gerais. Trad. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, 1898, v. III, fasc. 2, p. 433-463.

Cap. I, 3. Ocorrência e jazidas de ouro. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, 1898, v. III, p. 519-577.

Cap. I, 3. Notícias e reflexões estadísticas da província de Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. IV, p. 737-762.

Os trabalhos traduzidos pelo Prof. Dr. Rodolfo Jacó foram editados novamente sob o título *Pluto Brasiliensis*. Dissertações sobre a riqueza do Brasil... Trad. para o vernáculo, de Rodolfo Jacó, Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1922.

Do *Pluto* foi ainda vertido para o vernáculo por João Wetter: Cap. III, contido na memória apresentada pelo dito ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sob o título: A visita do médico sueco Dr. Gustavo Beyer ao Brasil, no ano de 1813, etc., São Paulo: Tip. Heinr. Grobel, 1909, p. 8-27.

1848 - Carta a Alexandre de Humboldt, datada de Lisboa, publicada em Bruhns, Alexandre von Humboldt, I, ap. n. 2, p. 460. Trad. em português por Latino Coelho. *Escritos literários e políticos*.

II. Elogio de Alexandre de Humboldt. Lisboa, 1876.

c) Publicações referentes à Alemanha

1832 - Einladung zur Theilnahme an der Hess-Waldeckischen Compagnie zur Gewinnung des Goldes aus dem Ederfluss. Cassel, Jerome Hotop, 1832 *(Convite para a participação à companhia hessiano-waldeckiana, para a exploração do ouro do Rio Eder).*

1833 - Ueber die Goldwaeschereien an der Eder. Leonhard u. Bronn's Neues Jahrbuch *(Sobre a lavagem de ouro no rio Eder).*

Em 1944 apareceu na Coleção *Brasiliana*, da Cia Editora Nacional, em dois volumes, a tradução de Domício Figueiredo Murta do *Pluto brasiliensis*, com prefácio de Djalma Guimarães.

Em 1977 a 2ª edição do *Pluto Brasiliensis* apareceu mediante co-edição, Itatiaia Editora da USP, com prefácio de Mário Guimarães Ferri.

A VIDA NOVA DO *NOVO MUNDO*

Myriam Ávila

tradução de Domício de Figueiredo Murta do livro *Brasilien – die neue Welt* foi feita à mão em folhas de papel almaço numeradas folha a folha, num total de 95. Depois de terminá-la, o professor Domício pediu a uma datilógrafa que passasse o texto a limpo, mas apenas poucas páginas foram datilografadas, em espaço miúdo, sem preocupação com a apresentação gráfica e sem revisão. Assim permaneceu o trabalho durante décadas, quando enfim, em 1995, por iniciativa de Roberto Martins, ele me foi encaminhado para que eu avaliasse, em cotejo com o original alemão, se estava em condição de ser publicado. A partir de meu parecer positivo, o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro encomendou a digitação completa do manuscrito inicial, a qual esbarrou com a dificuldade de transcrever a caligrafia de Domício Murta, exigindo numerosas revisões. Terminada essa etapa, passei a examinar a tradução ponto por ponto, confrontando-a com o original de von Eschwege, publicado em 1824 em Braunschweig, Alemanha.

O texto aqui editado corresponde à primeira parte de um *work in progress* do mineralogista alemão, que se propunha, conforme explicita na dedicatória ao príncipe e no prefácio, a publicar anualmente dois volumes sobre o Brasil. Com o objetivo de obter material suficiente para tal, von Eschwege compõe uma obra de caráter nitidamente fragmentário, "cujas partes subseqüentes somente no futuro poderão se constituir num todo", acrescentando a seus escritos originais transcrições de decretos (ou "bandos"), tabelas de receita e despesa do Erário Real, estatísticas de vendas de diamantes, excertos de obras portuguesas e brasileiras sobre tribos indígenas e o fenômeno da pororoca, dentre outros. Uma boa parte das informações contidas neste livro foi, portanto, compilada de textos escritos originalmente em português. Talvez por isso, e também por repetir trechos de outras obras do próprio Eschwege, Domício não tenha se interessado em traduzir a segunda parte de *Brasilien, die neue Welt*, publicado em 1824, bem menor, aliás, e menos expressiva do que a primeira. No âmbito dos estudos históricos e culturais, adquire relevância especial, com relação ao restante do material reunido no volume, o diário de viagem do Rio a Araxá e Desemboque que compõe sua primeira seção. Domício Murta, que já traduzira do mesmo autor o *Pluto Brasiliensis* (publicado na

Coleção Brasiliana em 1944), obra posterior à que se agora se lança, tinha a exata noção do interesse de *Brasil, novo mundo* para os estudiosos brasileiros das diversas áreas pelas quais transita o barão de Eschwege.

O trabalho de dar acabamento a uma tradução feita por outra pessoa, sem poder discutir com ela as questões duvidosas, exige grande sensibilidade: muitas vezes a solução encontrada não nos parece a melhor, uma elipse terá talvez suprimido uma informação importante ou a personalidade do tradutor interferido, mais do que deveria, em certos pontos. Cabe ao revisor da tradução decidir, sem utilizar critérios inflexíveis, em que casos o sentido alterado resultou em empobrecimento do texto, em que outros o tradutor se valeu de uma abertura do original para uma pluralidade de interpretações. Cada opção é um lance de dados, como em um jogo. Não se trata de corrigir, mas de opinar sobre o espaço a ser ocupado por cada um dos parceiros desse jogo, ao qual venho juntar-me agora.

No presente caso, a revisão era indispensável, por ter sido a tradução feita, por assim dizer, "ao correr da pena", sem que o professor Domício Murta tivesse tempo de lhe dar uma redação acabada. Prova disso são as numerosas chamadas para notas de rodapé que ele não chegou a escrever, mas que demonstravam ser a sua intenção fazer uma tradução comentada. Pude perceber que muitas dessas notas seriam definições vocabulares, que acabei por julgar supérfluas, já que os termos constavam no *Dicionário Aurélio* e outros bons dicionários da língua portuguesa. Outras notas introduziriam talvez comentários de caráter histórico ou científico, no entanto não era possível saber ao certo que informações ele desejava acrescentar ao original. Assim, mantive basicamente as notas já escritas e adicionei algumas que considerei imprescindíveis.

Foi necessário ainda corrigir alguns desvios de conteúdo e suprir alguns lapsos. Domício Murta optou por fazer uma tradução parafraseada, dando às vezes maior ou menor ênfase a um determinado dado. Essa opção foi respeitada sempre que possível, reintegrando-se, entretanto, informações omitidas ao texto traduzido. Devo ressaltar, porém, que o trabalho pioneiro de Domício Murta exibe grande proficiência na língua alemã, uma redação com estilo próprio e profundo domínio da matéria tratada. Ficam evidentes, também, seu conhecimento da bibliografia afim e a pesquisa dedicada, no interesse de alargar a percepção do leitor dos temas abordados. Seu estilo foge à noção servil de tradução, fazendo soar em paralelo a voz desse revivificador do texto, que Domício Murta, mais do que tradutor, procurou ser.

Assim, minha intervenção pautou-se unicamente pela busca de limpidez, nunca pelo apagamento do diálogo travado entre sujeitos, culturas e épocas no texto. Lembro aqui os versos de Goethe acerca da tradução de um poema seu para uma língua estrangeira, na certeza de que von Eschwege muito se alegraria com a roupagem nova de seu *Novo Mundo*:

Jüngst pflückt'ich einen Weisenstrauss
Trug ihn gedankenvoll nach Haus,
Da hatten von der warmen Hand
Die Kronen sich alle zur Erde gewandt.
Ich setzte sie in frisches Glas
Und welch ein Wunder war mir das!
Die Köpchen hoben sich empor,
Die Blätterstengel im grünen Flor,
Und all zusammen so gesund
Als stünden sie noch auf Muttergrund.
So war mir's als ich wundersam
*Mein Lied in fremder Sprache vernahm.**

* "Colhi há pouco um ramalhete/ Trouxe-o pensativamente./ Mas, ao calor de minha mão./ Penderam as hastes para o chão./ Depois, na jarra refrescadas/ Que renascer admirável!/ Ergueram-se logo as corolas./ Reverdejaram suas folhas./ E tão sadias, por inteiro/ Como se ainda em seu canteiro./ Assim também, embevecido./ Vi meu poema traduzido."

W. L. VON ESCHWEGE

Tradução

DOMÍCIO DE FIGUEIREDO MURTA

Revisão da Tradução

MYRIAM ÁVILA

BRASIL, NOVO MUNDO

Informações topográficas, geológicas, metalúrgicas, naturalistas, políticas e estatísticas, colhidas durante uma estada de onze anos (1810-1821) no Brasil, incluindo apontamentos sobre os últimos acontecimentos, por

W.L. von Eschwege,

Coronel do Corpo de Engenheiros do Exército Real Português, diretor-geral das minas de ouro, inspetor de várias minerações e fundições na província de Minas Gerais; cavaleiro da Ordem Militar de São Bento de Aviz, sócio correspondente das Academias de Ciências de Lisboa e São Petersburgo; assessor e sócio benemérito da Sociedade de Mineralogia de Jena; sócio correspondente das sociedades de ciências naturais e medicina do Baixo Reno, de Halle, Leipzig, etc.

Em duas partes

1ª Parte

Braunschweig, Casa Friedrich Wieweg
1824

Sereníssimo Príncipe Eleitor

Quando, há vinte anos, deixei minha pátria, sentia na alma, além da curiosidade irresistível de conhecer o estrangeiro, o desejo sagrado de tornar-me útil ao meu país, mediante a acumulação de conhecimentos sincera e dignamente adquiridos.

Dois lustros vivi no extremo ocidental da Europa e mais dois sob os céus ardentes do Brasil, e se bem uma nova pátria me acolhesse nos dois continentes, de modo mais amigável do que se poderia esperar, a pátria de origem não me saiu do coração, e tudo que experimentei, vi, vivi e colhi correspondeu à minha aspiração, ligada à própria saudade, de tudo oferecer à pátria, onde cresci e onde primeiro ascendeu em meu peito a chama do saber.

Quando a família tradicional dos soberanos portugueses voltou ao trono de seus ancestrais, mais irrepreensível e irreprimível se tornou o meu desejo de reencontrar a pátria.

Devo a Vossa Alteza Real, bem como a minha pátria, a prestação de contas do tempo gasto e não poderia depositá-la em mãos mais dignas do que as do príncipe de que nunca me esqueci ser vassalo, mesmo nas regiões mais remotas.

Que Vossa Alteza se digne de receber a primeira parte de uma obra – cujo prosseguimento formará um todo –, permitindo-me agasalhar a esperança firme de que, sob os auspícios de um dos mais nobres príncipes, ela terá, na pátria, um acolhimento cordial.

Confesso-me o mais humilde servidor

de Vossa Alteza Real,
súdito humilde,
W.L. von Eschwege

PREFÁCIO

Desde 1808, com a transferência da Família Real de Lisboa para o Rio de Janeiro, passou a Europa a interessar-se grandemente pelo jovem Estado, objeto de minhas pesquisas, cujos resultados aqui entrego à publicidade.

O retorno do rei à velha mãe-pátria, a permanência do príncipe herdeiro no Brasil, bem como outros acontecimentos e mudanças, longe de diminuírem o interesse pelo País, foram de molde a aumentá-lo ainda mais.

Que é esse Império? Que poderá ele vir a ser no futuro? – eis as perguntas que todo mundo faz.

Quem conseguirá levantar o véu que oculta o futuro, quem se atreverá a prognosticar a índole de uma criança cujas tendências ainda não vieram à tona?

São de data recente as informações disponíveis sobre o Brasil, observações conhecidas através de descrições incompletas. Para julgarmos o futuro, é necessário conhecermos claramente o presente.

Este trabalho pretende relatar o Brasil fielmente, descrever o que foi e o que é, especialmente o seu presente, onde se encontra o seu futuro.

Não se espere, todavia, um quadro de todo acertado, harmonioso em todas as suas partes, de uma terra pouco conhecida e explorada ainda. Posso, apenas, oferecer uma contribuição para o seu conhecimento, cuja exatidão afianço. Essa contribuição teve sua importância acentuada pelas observações constantes realizadas durante uma permanência de onze anos no Brasil.

O viajante que não dispuser de igual oportunidade nem de tempo suficiente para suas pesquisas, jamais conseguirá, no seu vôo, conhecer senão o que parece ser, e não a realidade, quer se trate do caráter de uma nação, quer de um indivíduo. Para isso, são indispensáveis estudos sérios e repetidos, continuados e sinceros.

No que respeita à parte estatística de meu trabalho, devo esclarecer que os informes apresentados são corretos, autênticos, obtidos que foram em fontes das mais puras, graças à minha condição de funcionário público.

Apesar da forma fragmentária das minhas informações, não falta à obra um princípio unificador, que domina todo o conjunto. E, como em todo Estado em início, mais do que em qualquer outro, evoluído, são numerosas as transformações em um mesmo lapso de tempo, a forma adotada oferece a vantagem de se incluírem no trabalho as inovações eventuais, relatos diários de

viagens, esclarecimentos sobre a terra e seus habitantes, dados científicos e estatísticas informativas das forças internas, administração e citações colhidas em relatos portugueses, manuscritos, mapas e desenhos, que formam o conteúdo da obra. Espero, sobre o assunto, dar à publicidade anualmente dois volumes.

Meu livro *Diário do Brasil* (Weimar, 1818-1819) tinha finalidade idêntica. Este pode ser considerado continuação daquele. Como, porém, o feitio do *Diário do Brasil* corresponde muito pouco aos meus desejos, cheguei à conclusão de que não poderia de modo algum concordar em continuá-lo.

O feitio mesquinho dos exemplares publicados impressionou tão mal que, na Inglaterra, a obra não encontrou nenhum tradutor. Não se acreditou que se tratava de um trabalho original.

O senhor Vieweg, de Braunschweig, por esse motivo, prometeu dar a este trabalho uma aparência gráfica melhorada. Espero que ele cumpra a promessa e facilite a divulgação ampla da obra.

De minha parte, asseguro a boa qualidade do conteúdo.

SUMÁRIO*

O porto do Rio de Janeiro e o caminho Rio - Vila Rica, conforme esboços feitos durante a viagem de 1814 57

Viagem à mineração de chumbo de Abaeté e à vizinha província de Goiás, incluindo os aldeamentos de índios xicriabás e bororos, em 1816 62

Notícia sobre a descoberta de diamantes no distrito do Serro do Frio e nos sertões dos rios Indaiá e Abaeté – Administração e receita da lavagem dos diamantes – Regimento da Administração Diamantina – Observações acerca das ocorrências diamantíferas 137

Resumo da produção e venda de diamantes 140

Descoberta dos distritos diamantinos nos sertões do Abaeté e do Indaiá. De passagem, retificação das indicações de Mawe sobre os grandes diamantes ali descobertos 151

Regimento para a Real Extração de Diamantes no Arraial de Tijuco, Serro do Frio 156

Lei e Regimento para o fiscal da Administração dos Diamantes 176

Tabela para estimativa dos valores dos diamantes que podem ser adquiridos dos lavradores 182

Ocorrência dos diamantes 183

* Os títulos do sumário nem sempre correspondem a títulos de capítulos no interior do livro, funcionando apenas como meio de facultar o acesso direto a determinadas informações, como no caso da "Tabela para estimativa dos valores dos diamantes" e do "Vocabulário da língua dos coroados". Foi mantida a orientação editorial da época, para não desvirtuar o caráter documental do texto (N.R.).

Extraordinário fenômeno observado em algumas regiões por ocasião da maré montante..... 189

Altitudes de nível do mar e tipos de rochas desse país..... 194

Receita e despesa do Brasil. 212

Notícias sobre as várias tribos selvagens do Brasil..... 237

Vocabulário da língua dos coroados..... 250

O Porto do Rio de Janeiro e o caminho Rio-Vila Rica, conforme esboços feitos durante a viagem de 1814

Em um dia sorridente, lá pelas 10 horas de 27 de julho, embarquei numa baleeira alugada, dando começo à viagem do Rio de Janeiro a Vila Rica. Acompanhava-me apenas um negro escravo.

Nada perturbava os meus pensamentos e minha visão dos mais diversos objetos. As belezas admiráveis da baía prendiam a atenção do viajante e despertavam a admiração do espectador, oferecendo matéria para o mais agradável divertimento.

No primeiro plano, grandes ilhas dotadas de grandes edifícios e moradias menores, em meio a palmeiras, verdadeiras chácaras atraentes, tão românticas que só um poeta poderia descrevê-las.

Ao longe, no fundo da baía, grupos de ilhas verdejantes e rochedos desnudos, que pareciam flutuar no espaço.

Centenas de embarcações pequenas de brancas velas enfunadas parecem, à distância, borboletas que levam a todos os lados o bater de suas asas para se perderem, finalmente, nos fundos da enseada; ali, uma perspectiva marítima ilimitada, entre o forte de Santa Cruz, de pedra, à esquerda, e o elevado cone montanhoso do Pão de Açúcar à direita; em seguida, os mastros apenas perceptíveis de uma poderosa nau de guerra, o casco semi-oculto pela curvatura do globo, enquanto um outro colosso naval saúda seus irmãos ancorados, mal-entrevisto na fumarada das salvas.

Todos esses quadros naturais ou de construção humana despertam-nos um sentimento singular e agradável, para o qual não existem palavras. Apenas somos capazes de murmurar: Que beleza! Que magnífico!

De início, deslizamos sobre o polido da maré crescente, e a cada minuto apresenta-se uma nova paisagem. Agora, mais ao longe ainda, onde os ruídos da cidade e do porto não mais se ouvem, e mesmo o som dos sinos não mais nos chegam aos ouvidos, tem-se uma visão global da área deixada para trás. Conventos, igrejas, navios, morros, reduzem-se a uma bela perspectiva, até que, finalmente, a grande Ilha do Governador se antepõe à nova residência real e seus arredores.[1]

[1] O rei escolhera essa ilha para recreio e caça.

Um estreito canal, que abriga os veleiros durante a tempestade, separa a Ilha do Boqueirão – com suas palmeiras e lindos chalés – da Ilha do Governador. Aqui, o ar quase não circula e lentamente vogam os barcos ao longo da rota, em curvas balizadas, de um lado, pelos rochedos salientes de granito; de outro, pela orla das enseadas, até que se sai do canal, as velas enfunadas pela viração.[2] À esquerda e à direita, observam-se apenas maciços de granito escuro e prateado na base e arredondados pela força das ondas, alguns em blocos isolados, outros amontoados irregularmente. São habitados por gaivotas e outros pássaros oceânicos, cujos pios aflitos imprimem vida àquelas massas inertes.

Afinal, vamos nos aproximando da terra, de onde partem avisos e sinais de advertência, feitos por moleques dependurados em estacas.[3] Um banco de areia, que perlonga o litoral, impede a entrada de barcos de calado maior. Mesmo as embarcações menores correm o risco de encalhe ao menor descuido.

Ultrapassados esses sinais de perigo, os marujos retornam à vida descuidada habitual.

Dirigimo-nos em linha reta para a foz de um rio de águas escuras, o Inhomirim (veja-se mapa, incluído no 2º volume do *Diário do Brasil.*)

À direita da entrada, em meio a uma região pantanosa assolada por milhões de mosquitos, há uma pequena e paupérrima estalagem, chamada Bonaparte, que oferece aos viajantes uma péssima cachaça[4] e peixe seco, já passado; à esquerda, um morro e, junto à praia, algumas taperas de pobres pescadores.

O rio, de numerosas voltas, serpenteia no rumo da serra dos Órgãos e corta planícies pantanosas, semeadas de juncos altos, mangueiras – cujo fruto contém tanino, a sapateira, que fornece tinta marrom e a guaxima, substituta do cânhamo.[5] Ali, ainda, milhares de caranguejos, intimidados pelos passantes, correm para seus esconderijos, enquanto o jacaré calmamente descansa aos raios do sol do meio-dia. Mais além, elevam-se os morros cobertos de vegetação arbustiva e pequenas casas da roça. Às vezes, notam-se algumas elevações arredondadas de base granítica, em cujos cimos se derramam laranjais dourados

[2] Nome dado ao vento vespertino. O terral, vento da terra, sopra durante a noite e de manhã, até as 10 horas.
[3] Postes que emergem das águas, que servem de balizas devido aos bancos de areia.
[4] Um péssimo tipo de aguardente.
[5] Três espécies vegetais ainda não descritas, provavelmente.

e magníficas bananeiras de folhas enormes, que ocultam o rio de água escura e odores pestilentos.

Outras vezes, nas enseadas ocultas, encontram-se pequenas canoas, única riqueza dos humildes pescadores. Uma trilha semi-encoberta, por entre cafeeiros frondosos, leva às taperas desses pescadores, sempre indicadas por mastros ostentando a imagem do padroeiro local,[6] enfeitada de flores.

Ao pôr-do-sol, já na boca da noite, desaparecem as mutucas e enxameiam os miruins,[7] que nos obrigam a esconder as mãos. O ar não circula, e a lua transforma a noite em dia.[8] Lentamente, a barca sobe o rio e apenas o ruído dos remos das canoas dos pescadores, escavadas em troncos de árvores, interrompe o silêncio noturno.[9] Nada mais desperta a atenção do viajante filósofo, que permanece no seu leito de junco até que uma luz vermelha, através do espesso nevoeiro, anuncia o porto de Estrela. Nesse local, procura-se em vão alguma comodidade. Para hospedagem, apenas se encontra uma venda de queijo e sal com alguns quartos sujos, destinados aos viajantes.

À meia hora do caminho de Porto de Estrela esperavam minhas mulas, razão por que prossegui logo para frente. Contava com uma boa acolhida da parte de alguns suíços, radicados na região. No dia seguinte, tão logo meus animais – gordos e preguiçosos, graças a quatro meses de vida ociosa – foram obrigados, por estampidos e gritos, a receber carga novamente, continuei a viagem.

Impenetrável neblina cobria ainda a região e as plantas secas, até que, lá pelas 10 horas, foi expulsa pelo sol ardente, e o calor sufocante sucedeu ao frescor matutino. A natureza, sem o ar circulante, parecia asfixiar.

Os cimos da alta serra dos Órgãos, semelhantes a torres e cones, libertaram-se da neblina e mostraram uma paisagem tropical em que objetos bem distantes assumiam contornos distintos, como se estivessem bem mais próximos.

Logo em seguida, porém, a atmosfera tornou-se menos transparente e um violento terral soprou serra abaixo, movimentando as camadas de ar. Acompanhado de uma neblina azulada, que logo tudo envolveu sob sua fria

[6] Usualmente, a do Espírito Santo, da Virgem Dolorosa, ou de Nossa Senhora da Conceição. A coroação festiva ocorre durante a Páscoa, quando se acendem fogueiras.
[7] Duas espécies de mosquitos.
[8] O luar, nos trópicos, é incomparavalmente mais claro que o europeu, permitindo perfeitamente a leitura.
[9] Os pescadores são sempre pobres. Um rapazinho, na maioria das vezes, dirige a canoa enquanto um outro, mais velho, se ocupa da rede de pesca.

cortina, o temporal ocultou as partes mais altas da serra próxima, enquanto desapareciam a Gávea e o Corcovado.[10]

Como navegante em luta com a tempestade e as ondas encapeladas, ziguezagueamos por uma trilha serra acima, com algumas paradas, para olhar para baixo e aliviar a pressão no peito.

A tempestade tornava-se cada vez mais violenta, açoitando tudo a partir de um desfiladeiro a 2 mil pés à trilha que seguíamos, até que, finalmente, caiu e nos alcançou numa chuva fina, entremeada de granizo. Ela restituiu à atmosfera o seu equilíbrio, mas enregelou os animais, cansados e suados.

Mais uma vez confirmou-se o axioma: *post nubila Phoebus*: abriu-se o sol novamente e à sua luz atingimos o pouso do Córrego Seco, uma fazenda rústica e solitária, parecendo abandonada, em elevada altitude entre altas montanhas graníticas. Emanações mefíticas e miasmas perigosos não existem aqui em compensação, pois, se existissem, não estariam vivos um ancião de 99 anos e seus 60 filhos.

Nada perturba a calma da região, exceto o martelar na forja vizinha e o tropel das tropas que passam, ou, à noite, as cantigas que a família entoa em louvor a Deus, desafinadas e pouco apropriadas para despertar o sentimento religioso.

Ainda repassando os acontecimentos do dia, caí no sono e só acordei com o ruído dos bugios barbudos, na manhã seguinte. Resolvi abreviar o relato da viagem, como se verá em seguida.

Imagine-se uma trilha de 50 léguas, aproximadamente, aberta pelo pisoteio das mulas de cargas (com acesso para veículos apenas nos arredores das fazendas), sombreada pela espessa mata virgem, e tendo à frente, à retaguarda e dos lados altos morros ou profundas grotas e desfiladeiros, que devemos galgar ou descer, sempre com o risco de neles nos despenharmos, toda vez que ocorre o encontro entre tropas carregadas, vindas em sentido contrário. Imagine-se um solo muito escavado. No período das águas, marcado de buracos profundos, nos quais os animais podem se afundar de tal maneira, que seremos muitas vezes obrigados a desenterrá-los ou a deixá-los abandonados no local; imaginem-se, ainda, moradias esburacadas em construções abertas, sem nenhum conforto, nas quais somos levados a preparar a própria refeição, se não

[10] Duas altas montanhas gnáissicas de forma bizarra, no litoral próximo ao Rio de Janeiro.

quisermos morrer de fome, ou, ainda, a possibilidade de obtermos um mísero alimento, pelo qual devemos pagar um elevado preço. Imaginem-se as enfadonhas travessias do Paraíba e do Paraibuna, onde guardas vigilantes, fardados, como se tratasse de uma fronteira estrangeira, exigem dos viajantes passaporte, ao mesmo tempo que exibem olhares inquisidores sobre eles.

Nesses postos fiscais as pessoas que chegam ou saem de Minas Gerais, inclusive o próprio governador, estão sujeitas a buscas rigorosas até mesmo físicas, com o objetivo declarado de coibição do contrabando de ouro e de diamante.

Tudo isso nada é senão o retrato de uma trilha na selva e de suas dificuldades, que nenhuma compensação oferece ao viajor senão a paisagem que desfruta e a coleta de objetos de interesse do naturalista (o botânico e o zoólogo, principalmente, e o mineralogista, em segundo plano).

Em Batalha, saímos finalmente da mata virgem espessa, quando então avistamos a zona dos campos, onde se respira mais livremente. A paisagem verdejante das colinas e baixadas, cobertas de capim verdejante ou de arbustos, oferece uma vista agradável e surpreendente. As espécies vegetais das altitudes elevadas apresentam características diversas e até mesmo muitos animais são diferentes. Essa impressão agradável que se tem inicialmente é logo dissipada, porém, já que a vista sempre alcança os mesmos campos, num chapadão desprovido de cultivo, rasgado por fossos. A aparência dos campos é sobremaneira entristecedora durante o estio, quando fica esturricada a cobertura vegetal. Não se observa nenhuma atividade humana e nada dá vida à extensa região.

Tanto na estrada como na trilha da selva transitam as tropas de mulas, o navio de Minas, que demandam o Rio de Janeiro num percurso cujo ponto de convergência do tráfego do interior é a vila de Barbacena.

Viagem à mineração de chumbo de Abaeté e à vizinha província de Goiás, incluindo os aldeamentos dos índios xicriabás e bororos, em 1816

Fui obrigado a adiar, também nesse ano, minha partida de Vila Rica[11] até o dia 1º de agosto, porque precisava tratar de numerosos assuntos de pouca importância, relacionados com as minhas instalações de lavagem do ouro, com o fito de colocá-las em ordem.[12]

Bem que eu teria podido deixar de realizar essa viagem, sem prejuízo dos interesses da Coroa, já que esta pouco tentava no sentido de melhorar a mineração aurífera; mas, para não dar ensejo às más línguas, pus de lado todos os outros projetos e empreendi a viagem. Para torná-la mais produtiva no que toca à geologia e à geografia, segui, dessa vez, o caminho principal que liga Vila Rica à província de Goiás, via Tamanduá e Bambuí.

Deixo de fazer o relato dos primeiros dias da viagem, pois na descrição das realizadas anteriormente, que ainda farei, mencionarei aquelas regiões: Congonhas do Campo, perto da qual se acha a fundição de ferro por mim construída, e a fazenda do coronel Romualdo, situada do outro lado da serra da Boa Morte, a 11 léguas de Vila Rica.

Demorei alguns dias na fundição e na fazenda: na fundição, para providenciar a instalação de mais fornos e uma nova secção de martelo rabilongo, para estiramento do ferro; na fazenda, para a construção de uma nova residência e outras moradias, a pedido do proprietário, destinadas às exigências do serviço.

6 de agosto

Para ganhar o caminho principal que iria utilizar, evitando longo desvio ao longo do Paraopeba, cujas margens estavam cobertas de capoeiras, fui obrigado

[11] Visitei quase a cada ano a mineração e a fundição do Abaeté, localizadas a 80 léguas daqui, aproximadamente. Como esta quarta viagem era mais longa e fornecia mais temas de interesse do que as anteriores, vou relatá-la em primeiro lugar.

[12] Nem tanto para obter lucro, mas principalmente para instrução dos mineiros desse lugar, e sob a instigação do conde da Barca, construí com meus próprios recursos máquinas de pilagem e lavagem.

a dar uma volta na direção sul e seguir o caminho por Boa Morte, passando pelas fazendas do Padre Antônio, Albergaria, Santa Cruz, João Ribeiro e Brumado, onde o caminho cruza com a estrada principal. Até esse ponto são quase sete léguas. Para percorrê-las, gasta-se quase o dia inteiro, pois o caminho é péssimo.

Todas as terras da região, assim como as que se estendem ao longo do Paraopeba, são tidas como as mais férteis da capitania.* Os habitantes dispersam-se pelas fazendas, algumas das quais são enormes, como as do padre Antônio e Albergaria. Os produtos agrícolas principais são o milho, o feijão, o algodão, negociados em Vila Rica e às vezes em Sabará, exceto o algodão, que é enviado para o Rio de Janeiro.

Essa região poderia ser denominada de celeiro de Vila Rica, pois a população dessa vila dela tira tudo de que necessita para alimentar-se. A colocação assegurada desses produtos, pois nas proximidades de Vila Rica não existem áreas cultiváveis, impede a expansão da agricultura em outras paragens. Por outro lado, como é hábito entre os lavradores, estes procuram arrancar tudo da terra no espaço de um só ano. É da índole nacional não cuidar do futuro. Via de regra, o agricultor explora a terra além do que lhe seria permitido, sujeitando-a a uma exploração predatória. Não a aduba nem lhe dá tempo para a renovação da camada orgânica, mediante a fermentação da matéria vegetal, e nem para reter a umidade através da cobertura vegetal. O solo, assim, resseca-se e o plantio permanente impede não só o descanso do solo arável, como a reconstituição da paisagem botânica.

A área da propriedade agrícola é medida em alqueires[13], isto é, a quantidade de um produto que se pode obter dentro desses limites. Essa maneira de medir parece relativa, e na realidade o é; porém, as práticas usuais em cada região facilitam o cálculo, pois, em algumas delas, o milho, por exemplo, é plantado mais espaçadamente, com o fito de melhor rendimento por unidade de área. Planta-se, também, em áreas de mata virgem, com espaçamento de três a quatro pés; em capoeiras, esse espaçamento é menor.

O emprego do primeiro método evita palha em demasia e favorece um rendimento maior em pés. Já o segundo leva a um maior aproveitamento da área,

* Minas deixa de ser capitania em 1821 (N.T.).

[13] O alqueire, em Vila Rica, corresponde a 2 *Metzen Casselisch Mass.* [Medida para grãos da região alemã de onde Eschwege é originário, variando em valor em outras partes da Alemanha (N.R.)].

embora cada cova só permita, na maioria dos casos, a obtenção de uma única haste, por causa da escassez de húmus no terreno.

Cada solo exige longo período para descanso, conforme o grau de fertilidade que possui, antes que se possa replantar. Esse prazo é indicado pelo crescimento da capoeira, que se desenvolve depressa e alcança boa altura. Assim, o replantio, nesse caso, pode ser feito após oito anos. Em outras regiões, esse prazo pode estender-se até mesmo a doze, quinze e vinte anos. O agricultor que não respeitou esses limites e plantou, por exemplo, 20 alqueires em área suscetível de apenas 10, acaba por transformar sua terra fértil em árida estepe, onde brotam apenas samambaia e caniço, como é o caso da maioria dessas regiões.

As montanhas do distrito constam de rochas primitivas de vários tipos, granito com gnaisse, uma em transição para outra, de maneira que há dúvida quanto à sua classificação. O gnaisse é visto em vários pontos, extraordinariamente ferruginoso e argiloso, parecendo em transição para argilito, como ocorre na fazenda do padre Antônio, em Santa Cruz, e na de Francisco José Ribeiro. O granito e o gnaisse contêm feldspato e quartzo acinzentado, de fina granulação, e mica preta. A direção das camadas de gnaisse é de N-S, mergulhando verticalmente em parte, inclinando-se para leste. A cobertura é constituída de uma possante camada de terra barrenta, às vezes arenosa. Em muitos lugares, a superfície apresenta-se coberta de pequenos seixos de quartzo, sobretudo nos pontos em que aparece o gnaisse ferruginoso.

Toda essa formação primitiva do distrito de Paraopeba compõe-se de numerosos morros pouco elevados e amontoados, separados uns dos outros apenas por pequenos ribeirões, todos fluindo para o Paraopeba, que forma o vale mais importante da região. Vista do alto da serra da Boa Morte, a região parece um mar ondulado de florestas.

As áreas atravessadas por meu caminho pertencem à paróquia de Congonhas do Campo. Seus habitantes assistem à missa no arraial da Boa Morte, pequeno povoado com uma capela, ou em Brumado, onde existem capelas dependentes. Boa Morte, pequena povoação, possui uma bela capela e situa-se em uma lombada estreita. É formada de apenas 20 casas habitadas por artesãos, alfaiates e sapateiros, ou utilizadas para tabernas onde se vende cachaça. A população cresce nos dias de festa e, nela, vêem-se inúmeros papudos.

O arraial de Brumado é maior. Está situado em uma chapada elevada, o que permite do observador uma vista quase ilimitada. Com suas construções

novas e caiadas de branco, bem como a grande capela, parece até bonita, quando vista à distância.

Essa chapada é limitada por dois rios – Brumado e Camapuã –, que se unem em um ângulo agudo a cerca de um quarto de légua do povoado. O curso formado alonga-se por quatro léguas aproximadamente, no rumo leste, para desaguar no Paraopeba, nas cercanias da fazenda da Barra, à margem deste último rio. Os referidos rios nascem a oeste de Brumado, na região da Lagoa Dourada. Como são auríferos, suas areias são lavadas pelos garimpeiros.

Brumado é uma povoação que conta mais de 70 anos e atualmente encontra-se em uma fase de decadência total. Nestes últimos tempos, porém, vem dando sinais de recuperação, graças ao comandante do distrito, José Fernandes. Este, pelo exemplo que dá, vem animando os fazendeiros a construírem novas moradias no arraial, dirigindo ele próprio os serviços. Incentiva, ainda, o plantio do algodão e a importação de teares. O exemplo eficiente dado por um único homem (coisa rara no Brasil) faz que o distrito renasça e, dentro de pouco tempo, floresça. É lamentável, contudo, que, em virtude das geadas durante a noite, nem sempre a colheita algodoeira seja satisfatória e mesmo, às vezes, seus resultados sejam nulos.

Nesta oportunidade, devo apontar como característica da índole nacional o vezo dos brasileiros de raramente tomarem a iniciativa de fazer alguma coisa antes que seja tarde. Esperam sempre por um precedente, que seguem tão logo seja conhecido. Quantas vezes, por exemplo, não se vêem arraiais em ruínas sem que pessoa alguma se proponha a reconstruí-los, ou, pelo menos, reparar os estragos!... Os habitantes preferem, ao contrário, abandonar suas casas e mudar-se para outra região. Se, por acaso, porém, um dos mais bem situados resolve abrir a brecha, os demais seguem-lhe o exemplo, envergonhados de habitarem casas tão miseráveis. O exemplo é seguido, menos por necessidade ou bom gosto – como acontece com a maioria, que não se importa em ocupar choças miseráveis, de paredes esburacadas, em vez de casas bem organizadas e limpas –, do que por ambição e inveja. Como prova, sirva o exemplo: em Vila Rica, de acordo com antigo costume, viam-se, nas fachadas de todas as casas, balcões engradados que pareciam enormes gaiolas. Esse velho costume dos portugueses era apropriado para as zonas quentes, e os balcões serviam aos moradores de posto de observação, de onde, às vezes, mesmo nus, viam o que acontecia na rua. Destinavam-se, também, não só a refrescar a habitação, como

ainda a proteger as mulheres dos olhares dos transeuntes.

O atual governador da capitania, tão logo chegou a Vila Rica, manifestou o desejo de que os moradores retirassem os balcões fechados, a exemplo daqueles do Rio de Janeiro. Falou-se muito sobre o assunto e só o exemplo dado pelos de maior prestígio social, da alta roda, é que produziu o resultado esperado, tornando Vila Rica mais acolhedora hoje do que antigamente.

Se bem procure o comandante de Brumado policiar suficientemente o lugar, tem sempre motivos de queixa das dificuldades que encontra, já que, como comandante de distrito, apenas dispõe de autoridade para punir delitos leves e para aplicar penas que não vão além de alguns dias no tronco.[14]

No caso de crime grave, o comandante é obrigado a interrogar o preso segundo os dispositivos do regulamento. Feito isto, remete o prisioneiro, bem como o respectivo processo, ao capitão-mor.

Como neste país, em qualquer causa, o "empenho" vale mais do que o Direito e a Lei, o criminoso é quase sempre posto em liberdade, e o comandante, acusado de injustiça. Na verdade, é certo, todavia, que a maioria deles sempre procede com retidão.

Nas vizinhanças de Brumado vê-se uma rocha singular, que parece apropriada para a escultura, porque se fragmenta em grandes lâminas. Infelizmente, não pude observar o depósito, mas apenas admirar grandes e belas placas, com as quais o comandante revestira a sua casa, do solo ao peitoril das janelas. Ela é de coloração entre o azul e o verde, apresentando manchas cintilantes e círculos de matizes claros e escuros. Sua estrutura lembra a lousa e o seu brilho é sedoso. É branda, untuosa e muito fácil de trabalhar, parecendo situar-se entre a argileta, o cloritaxisto e a pedra-sabão. Essas foram as únicas observações que pude fazer nas placas, pois não consegui nem uma pequena amostra que pudesse fragmentar a martelo.

7 de agosto

Em Brumado, às 9 da manhã, o barômetro indicava 27"210 e o termô-

[14] Uma tora de madeira com orifícios nos quais se introduzem a cabeça e as pernas dos criminosos. Serve, em parte, como instrumento de punição, em parte, como meio de impedir a fuga. É comum nos lugares em que não existe cadeia, e todos os comandantes dispõem, em suas casas, de um desses troncos.

metro, 56° Fahrenheit, o que demonstrava uma altitude de 2.915 pés acima do nível do mar.

Em virtude da marcha forçada do dia anterior, fui obrigado a reduzir a de hoje, sendo informado de que nenhum abrigo existia na distância de muitas léguas. Assim, percorri apenas três léguas e meia, até a fazenda das Éguas.

O terreno, nesse percurso, era quase todo constituído de granito de granulação fina e em parte coberto de terra primitiva de várias toesas de espessura e de seixos e blocos da mesma rocha e quartzo, rolados. É formado de colinas e outras elevações, contendo bastante feldspato decomposto, mica e, às vezes, *schoerl*,* não apresentando nunca material rolado, motivo por que não pode ser resultado de aluviões nem de alteração de rochas das camadas inferiores. Dei-lhe, por tal razão, o nome de Terreno Primitivo,** por considerá-lo contemporâneo das camadas de granito e gnaisse e, igualmente, uma rocha em formação.

À esquerda do caminho observa-se, visível a muitas milhas de distância, um pico rochoso nu, provavelmente granito, que, devido à cor, é chamado de Pedra Branca, o mesmo nome da fazenda que lhe fica ao pé. Um pico de arenito mais recente encontra-se a pouca distância dessa fazenda.

Minha bagagem chegou antes à fazenda, anunciando a minha vinda. O fazendeiro estando ausente, fez-lhe as vezes a esposa, que me recebeu com extraordinária hospitalidade. Um quarto limpo e boa cama já haviam sido preparados. Desejo realçar que, nessas propriedades, o quarto de hóspede só é limpo e a cama preparada quando se esperam hóspedes ou quando chega um visitante inesperado.

Travando conversa com a minha hospedeira, fiquei logo sabendo toda a história da família. O assunto principal girou em torno do amor que dedicava às filhas, das quais duas já casadas. Era de opinião que não casaria as duas restantes, pois ela própria precisa delas para "catar e tirar bichos",*** isto é, piolhos e bichos-de-pé, muito comuns no interior do Brasil. A expressão era simbólica, mas, no fundo, exprimia a realidade.

Em Portugal, em todos os lugares, os insetos tendem a prevalecer, ainda quando as pessoas tentam cuidadosamente expulsá-los do corpo. O meio mais

* Turmalina preta simples (N.R.).
** *Urerde*, em alemão (N.R.).
*** Em português no original (N.R.).

agradável, jamais descoberto para tal prática, é deixar que uma pessoa querida dê caça aos bichinhos. Não é pois de se estranhar que, sob o sol ardente do Brasil, onde os homens tendem para a luxúria, encontrasse o hábito português numerosos adeptos, não apenas visando à higiene corporal, mas a fins voluptuosos. Como prova disso, sirva a afirmação, generalizada no País, de que as carícias preferidas das jovens sejam as feitas na cabeça dos amantes.*

O fato de que em Portugal se encontram livres dessa praga poucas cabeças, deve originar-se do clima e dos odores corporais, pois eu mesmo, sempre me cuidando o mais possível em matéria de higiene, raras vezes dela me livrei. No Brasil não ocorre a mesma coisa, pois os insetos apenas proliferam na sujeira. Provavelmente, os raios solares, nas regiões meridionais, provocam, no corpo humano, odores diversos daqueles comuns no hemisfério norte, dificultando a disseminação dos bichinhos, já que estes, a partir da linha do Equador, vão-se tornando mais raros. Disso me convenci por experiência própria, quando da viagem de Lisboa ao Rio de Janeiro.

Além da tripulação, havia a bordo 300 pessoas de ambos os sexos. Como os enjôos freqüentes dificultavam a limpeza, a praga aumentou tanto que ficamos cobertos de piolhos de todo tipo. Jamais experimentei tanta repugnância, ao ver os bichos pulularem em mesas e bancos e até mesmo nos pratos. As mais belas senhoras viram-se obrigadas a cortar os cabelos, para conseguirem um pouco de alívio.

O aborrecimento perdurou até poucos graus além do Equador, a partir do qual, sem que fosse necessária uma limpeza especial, foram desaparecendo aos poucos os terríveis bichinhos.

À chegada ao Rio de Janeiro, ninguém mais se queixava. Como já observei, o clima e os odores poderiam ser responsáveis pela propagação dessa praga; mas, talvez, a explicação se encontre nos alimentos usados, pois estamos certos de que eles influem nas emanações que fluem do corpo, conferindo a cada animal o seu odor característico. Porventura não apreende o cão de caça, pelo cheiro residual deixado ao longo do rasto, o tipo de animal que persegue? O latido não indica ao caçador experimentado que se trata de uma lebre ou de uma raposa? Não sentem os cavalos e mulas grande medo quando farejam a presença de uma onça?

* Eschwege refere-se ao conhecido cafuné (N.T.).

Se todo animal tem seu cheiro próprio, ou específico, por que também não o homem?

Esse cheiro é necessariamente nacional, já que motivado pelo modo de vida e pelo tipo de alimentação. Não seria o caso de vários povos selvagens conhecidos, que reconhecem à distância, como o cão de caça, os estranhos? Quem nunca saiu de entre as quatro paredes de um quarto pode ridicularizar essas minhas observações, enquanto outros, que viajaram muito, podem admirar o meu nariz, já que não sentiram o cheiro de coisa alguma. Para que se possa convencer das minhas razões, é necessário viver como tenho vivido. Devemos procurar o odor específico de uma nação nos seus camponeses, nas suas moradias, em suma, através de uma convivência com eles.

O português distingue-se notadamente do alemão. E que repugnante não é a transpiração amoniacal do preto, comparada com o cheiro repulsivo, adocicado do índio! Provavelmente, a transpiração humana em Portugal favorece a propagação da praga, mais do que a de outras paragens.

Como o naturalista deve dizer apenas a verdade, com certeza essa digressão será perdoada ao autor.

Na mencionada fazenda encontrei numerosos perdigueiros muito bons. E, como chegara cedo, passei o resto do dia caçando codornizes, muito abundantes na região, formada de estepes e campos apropriados à criação de cavalos.

A codorniz comum, a que me refiro, difere pouco da alemã; o macho não emite pios agudos, mas assovia mansamente, como o faz, aproximadamente, a fêmea alemã.

8 de agosto

Às 8 da manhã, com um tempo nebuloso, o barômetro indicava 26"880 e o termômetro, 65°, resultando daí uma altitude de 3.255 pés.

Dificilmente se poderia achar um caminho mais deserto do que o que segui, pois, ao fim de dois dias de viagem, não encontrei vivalma. Por muitas milhas o caminho serpenteia sobre morros desnudos, descrevendo milhares de cursos. Apenas no trecho que dista uma légua do ponto de partida é que a vista pode repousar numa área florestada que contrasta com o capim seco dos campos.

As rochas principais da região são o granito e o gnaisse, parcialmente aflorantes, em parte encobertos pelo solo granítico, de baixa fertilidade, já

mencionado. Vêem-se rasgões profundos, feitos pelas nascentes, cujas águas lavam continuamente e arrastam o cascalho solto. Elas me parecem de origem recente, pois, como o indica o cascalho sempre lavado, as elevações já deveriam estar aplanadas e os vales soterrados desde muito, se existissem há um século.

Muitas vezes, durante minhas viagens pelo Brasil, me ocorreu a idéia, inevitável a quem conhece os solos do País, de que essa parte do Novo Mundo teria passado por verdadeiros dilúvios, embora em número de vezes menor que o Mundo Antigo: inundações que resultaram na formação de rochas sedimentares e outras. A maioria das montanhas brasileiras é formada por rochas primitivas e de transição. Durante os percursos mais longos que fiz no Brasil, observei solitários morros de arenito e jamais possantes depósitos aluvionários. Duvido mesmo que existam, a não ser na província do Rio Grande do Sul e em certas baixadas do litoral.

As rochas primitivas metamórficas no Brasil acham-se ainda na sua forma inicial, desnudadas e formam, em parte, montanhas íngremes e vales rasgados profundamente, segundo o mergulho das camadas, mais ou menos pronunciado. No velho continente, encontram-se esses vales antigos, na maioria soterrados por sedimentos horizontais mais recentes, principalmente formações areníticas, calcárias e de carvão de pedra, ou camadas aluvionárias. Dessa maneira se formaram planícies e vales, belos, amplos e férteis às vezes, porém raros no Brasil.

Quanto a mim, até agora apenas vi tais planícies no Baixo São Francisco, nos locais em que as margens são inundadas e formadas de terra aluvionária, diques, dentre os quais se observa *grauwacke** marrom-avermelhada, em bancos quase horizontais, como pode ser observado na cachoeira de Pirapora.

Se admitirmos que os milênios são capazes de erodir as mais elevadas montanhas e que as chuvas torrenciais, mais freqüentes no Brasil do que na Europa, arrastam o material das partes elevadas para os vales, embora estes se encham muito pouco, e sendo certo o contrário – caso decorresse maior lapso de tempo –, a conclusão por uma origem mais recente se justifica, a nosso ver. Não ouso aceitar, porém, essa origem mais recente.

Nas proximidades da fazenda das Éguas reaparece o granito de textura granular muito fina, com hematita compacta, com mica negra e hornblenda. Mais adiante, a mica perde o brilho e é substituída pelo anfibólio, passando o gnaisse

* O *Dicionário Aurélio* registra a forma aportuguesada *grauvaca* (N.R.).

a sienito, que forma os cabeços montanhosos. As camadas mostram-se inclinadas para a terceira hora.

Perto da fazenda de Miranda, o caminho galga um morro alto, formado de hematita compacta e, sobretudo, magnetita. Há vários morros desse tipo nas vizinhanças. O minério de ferro nem sempre é o mesmo: em parte é magnético, em parte não, às vezes ambas as coisas. Essas propriedades magnéticas são menos acentuadas nos pedaços rolados, na superfície, do que quando cobertos de terra vegetal. A razão disso pode estar no aquecimento maior, não apenas devido aos raios solares, mas ainda às queimadas anuais nos campos.

Depois de uma caminhada de quatro léguas, cheguei à fazenda da Ponte Alta, em cujas proximidades a geada, meses atrás, causara danos consideráveis, sobretudo aos bananais.

Ali vi uma égua enorme, orelhas compridas quais as de um jumento, e um potrinho. Indagando sobre a singularidade, meu hospedeiro informou-me que o animal era descendente de um cavalo e de uma mula, que dava cria todo o ano e já havia parido nove vezes, e que as fêmeas eram sempre fecundas. Outrora, negava-se a fertilidade de animais híbridos, e somente de alguns anos para cá é que se passou a conhecer alguns raros exemplos de fecundidade, considerados exceções.

No Brasil, todavia, o fato não é tão raro assim e talvez com o tempo se descubra um meio de provocar a fecundidade em animais de qualquer condição, já que é neles mesmos que se encontra o princípio da fertilidade.

9 de agosto

Não longe do caminho, acompanhamos uma lombada que fica ao sul e se eleva gradativamente de leste para oeste. Forma o divisor das águas que correm para dois importantes rios brasileiros. Todos os rios da vertente meridional fluem para o rio Grande, um dos principais da Bacia do Prata, na América espanhola, enquanto os da vertente setentrional correm para o São Francisco, que deságua no oceano, entre Bahia e Pernambuco. Naquela região, portanto, existe um dos pontos mais elevados de todo o Brasil, uma vez que encaminha os cursos para a fronteira extremo sul do País e a região que fica no quase extremo norte.

O morro da Carapuça parece ser o ponto mais elevado naquele planalto. Ele constitui-se de hematita compacta e de magnetita. Impedido de galgá-lo, só pude medir a altitude em um ponto menos elevado do caminho. Sendo intenso o

sol, o barômetro indicou, por volta de 11h30, à sombra, 26"430; o termômetro acusou 72°, o que permite avaliar uma altitude de 3.715 pés.

Como se vê na minha carta hipsométrica,* existem pontos ainda mais elevados, e a própria Vila Rica se encontra na altitude aludida. Um chapadão ininterruptamente plano como esse, porém, distingue-se nitidamente das elevadas e escarpadas serranias.

A principal formação rochosa da região é, às vezes, o granito, às vezes o gnaisse, este em camadas ou leitos dirigidos para a 12ª hora e mergulho aproximado de 45° oeste. Aparenta ondulações, como observei junto a um córrego, cujo nome não consegui saber, de águas de aparência turva, pela muita areia que transporta.

A cerca de meia hora do arraial de São João Batista, encontra-se um extenso depósito de diabásio. Sua coloração básica tende para o esverdeado, enquanto, nas camadas esfoláceas, vai passando a mais escura ou mais clara, de maneira que a rocha se presta, devido ao seu bonito aspecto, para a escultura: bacias batismais, altares e objetos de uso caseiro.

Fratura-se, geralmente, em lâminas finas ou conquiformes. Infelizmente, quebrei o martelo ao examinar mais detidamente o depósito; mas, a julgar pelas amostras, trabalhadas e polidas pela mão humana, que encontrei no arraial de Oliveira, e que passam por ser colhidas no local, poder-se-ia classificar essa rocha como pórfiro anfibolítico, contendo algum talco.

Quase às 4 horas cheguei ao arraial de São João Batista, que compreende uma pequena capela e meia dúzia de casas, cujos proprietários moram na roça. A região aqui é também muito elevada, fria e seca, de topografia porém menos acidentada que a mencionada atrás. É quase desprovida de morros.

Abriguei-me, depois de uma marcha de 3 curtas léguas, em uma estalagem-venda de cachaça, onde achei, à custa de bom dinheiro, apenas o estritamente necessário. Como me acostumara a fugir da canícula, abrigando-me às sombras do longo dos córregos, cheguei ao pouso já bem tarde.

Ali também arranchara um comerciante de algodão, que transportava esse produto em semente para o Rio de Janeiro, onde era vendido. Não poderiam ser maiores a negligência e a falta de tino comercial. Até parece que o calor do sol

* Não foi possível localizar o mapa que Eschwege afirma acompanhar este livro. Suponho que o editor não tenha podido gravá-lo, talvez devido ao custo adicional, e acrescentá-lo a cada exemplar. (N.R.)

derrete às vezes a inteligência dos brasileiros, pois é inacreditável que se possa exportar o algodão em semente. É tão fácil descaroçar a fibra que bastam, para tanto, dois pequenos cilindros, movimentados manualmente à água ou mesmo por uma criança.

Durante quantos dias por ano deixam os escravos de trabalhar em virtude do mau tempo! Nesses períodos, não poderiam eles trabalhar no descaroçamento? Se se adotasse esse meio, haveria uma grande vantagem, representada pela economia das despesas de transporte, pois, em primeiro lugar, 32 libras de algodão em caroço equivalem a 8 libras apenas da fibra; em segundo, o preço mais elevado que se obtém pelo algodão limpo, já que 100 libras do primeiro alcançavam, na ocasião, 2$400 contra 12$000 do segundo.

Para continuar viajando inteiramente independente, sempre preferi um pouso mau, onde, ao invés de hóspede, sou dono de mim mesmo, à minha custa, podendo seguir viagem quando o desejar, sem ficar preso aos deveres incômodos da cortesia. Aqueles que não desejarem seguir esse sistema, para evitar despesas, que sigam o exemplo de Mawe. Aliás, quem sabe tratar bem as pessoas, nunca se esquecendo das exigências da cortesia, conseguirá viajar pelo Brasil todo sem nada gastar, especialmente se consegue evitar as estradas principais.

10 de agosto

Às 8 da manhã, despedi-me do estalajadeiro e negociante de cachaça, tendo, um pouco antes, feito as seguintes observações: 26"870, no barômetro, e 58° no termômetro, donde se conclui que a chapada mantinha a mesma altitude anterior, alcançando neste ponto 3.265 pés.

Também ao longo do percurso deste dia, umas boas 5 léguas até o arraial de Oliveira, o caminho continuava deserto. Avistei apenas muito pouca gente. Todos os córregos – e os atravessei em grande número – carreiam muita areia, sempre em movimento, para o rio Grande.

A rocha regional é, também ali, o gnaisse, com camadas de anfibólio. O gnaisse apresenta-se, às vezes, em transição para o sienito, como ocorre nas vizinhanças do lugar chamado Guilherme e na fazenda do Fradito. Em seguida a esta última, após descer um morro onde há um lavadouro de cascalho aurífero, abandonado, vê-se um sienito em transição para gabro e anfibólio. Este tem coloração cintilante ou de tambaque-marrom e forma um grande depósito, onde

se procedera à mineração de ouro. Não pude verificar se se tratava de um veeiro, camada ou panela, por causa de enorme quantidade de entulho; todavia, a ocorrência de ouro em anfibólio era para mim novidade. Mais tarde, na oportunidade de novas voltas, observei, nas proximidades de Itambé, ocorrência de ouro em camadas de *grünstein* decomposto.

Cerca de uma légua antes de chegar ao arraial de Oliveira, atinge-se um ponto muito elevado sobre a chapada, o morro do Diamante. O barômetro indicou aqui 26"660 e o termômetro 73° às 3 da tarde e sob forte vento de leste: 3.485 pés de altitude, pois.

Perto das 5 horas alcancei o mencionado arraial, que conta 200 fogos, aproximadamente. Era domingo e por isso havia muito movimento no povoado, que fica em local elevado e é constituído de uma rua larga, que se transforma em uma ampla praça junto à Igreja.

No centro dessa praça havia uma carreira para o jogo da bola, podendo acomodar muitos aficionados. As carreiras, aqui, medem de 70 a 80 passos de comprimento por cerca de 6 de largura e são divididas ao meio por duas estacas. O jogo admite apenas quatro jogadores, dois contra dois. As estacas não são dispostas em cruz, mas paralelamente, três a três, e mais uma no centro da carreira. Perto das duas estacas centrais, que dividem o campo em duas áreas, coloca-se uma décima estaca.

A meta dos jogadores é acertar na estaca do centro, sem que a bola, deslizando entre as restantes, as derrube ou pare a meio caminho, o que impediria a vitória. Apostam-se, muitas vezes, elevadas quantias, e com tal paixão, que o jogo costuma avançar noite a dentro, como ocorreu quando ali estava. Na manhã seguinte, já às 8 horas, os jogadores ainda jogavam, após terem passado em claro a noite.

Na extremidade oposta do arraial ficava o meu pouso, uma estalagem. O dono, descendente de mulato e negra, produto de mestiçagem chamado *cabra*, era um dos homens mais altos e musculosos que eu já vira no Brasil. Acostumado apenas a homens de estatura mediana, pareceu-me difícil conter o riso diante do gigante extraordinário.

Como precisasse de um guia que me conduzisse à vila de Tamanduá, pedi ao comandante do distrito que mo arranjasse. Essa autoridade, acompanhada de pessoas de prol do lugar, vem logo visitar-me, prometendo um guia, que iria apresentar-se em determinada hora. Não confiei na promessa, pois a experiência

já me ensinara que tais autoridades são pouco ativas e que, ainda, suas ordens nem sempre eram acatadas.

Não me enganara. O meu soldado, na manhã seguinte, teve de caçar guia até as 9 horas.

Oliveira pertence à paróquia de Vila de São José, distante 16 léguas. Seus habitantes vivem do comércio e plantio do algodão. No lugar, encontrei pedras de alvenaria, o gnaisse das redondezas, muito parecido com o do Rio de Janeiro. Distingue-se pelo sistema de fratura e pelo feldspato cristalizado, que o corta em veios – do gnaisse que até agora havia conhecido na província de Minas Gerais.

11 de agosto

Às 8 da manhã o barômetro marcava 27"250 e o termômetro 54°, ou seja, uma altitude de 2.885 pés.

Depois de liquidar minha conta, bem elevada para tão má hospedagem, deixei o gigante e pus-me a caminho.

Desse trecho apenas posso dizer que deixei o caminho reto que leva a Formiga, tomando a direita. Prossegui por campos limpos e pelo caminho que, através da mata, leva a Tamanduá. Após cinco léguas e meia de caminhada, alcancei a fazenda do Vicente, onde encontrei excelente acolhida.

A fazenda dedica-se exclusivamente à criação de porcos, que dá bons resultados ao fazendeiro, que emprega 8 escravos para a criação de mais de 100 suínos por ano.

Em geral, os animais não ultrapassam três a quatro arrobas na região e são vendidos, nas épocas de queda de preço, por 3$600 a 4$000, por cabeça. Os compradores, após abatê-los e salgar a carne, carregam-na em cestos entrançados para o Rio de Janeiro, onde, por vezes, ganham muito mais, ou, graças à forte concorrência, perdem bastante. Encontrei no local uma tropa de 50 cargueiros, cujos donos praticavam o comércio citado.

Os animais de engorda são todos mantidos em recinto fechado, com um dos cantos coberto, para abrigo no tempo chuvoso. No centro do chiqueiro ficam os cochos, grandes, onde se coloca o alimento, milho ou canjica molhada. Em geral, a pocilga é localizada de maneira a receber água corrente, fresca. Nas estações favoráveis, bastam três meses para a engorda. Essas estações são os períodos mais quentes.

Ao contrário do que ocorre na Alemanha, onde o tempo frio é que favorece a engorda, no Brasil o frio provoca prejuízos.

O agricultor brasileiro está tão atrasado em matéria de conhecimentos agronômicos quanto de suinocultura. Para ele, o único processo de engorda é a utilização do milho, motivo por que a porcada, nas épocas de escassez desse produto, morre de fome. Vi isso acontecer muitas vezes.

Para prevenir esse infortúnio, parece-me que a natureza dispõe de um bom recurso, isto é, o cultivo da batata-doce, muito apreciada pelos porcos. Essa planta não exige muitos cuidados e propaga-se tão amplamente que se torna quase impossível erradicá-la. Uma vez plantada, uma só batata lança, em um só ano, ramas suficientes para a cobertura de 200 pés quadrados de terreno. A rama lança raízes em toda a sua extensão, produzindo em seguida as batatas.

Quando se planta no solo frouxo das florestas, onde já se tenha cultivado milho, não é preciso bater ou adubar o solo. Assim, esse tipo de cultura seria, o ano inteiro, inesgotável fonte de alimento para suínos e pessoas, conforme me tem indicado a experiência própria.

Na mineração de chumbo do Abaeté plantei, anos atrás, cerca de meia

dúzia de batatas, que cresceram e multiplicaram-se sem nenhum trato cultural. Tenho sugerido a vários fazendeiros que façam o mesmo em benefício de seus animais; mas, em resposta, recebi risadas e a desculpa: "Quem há de estar a cabacar* batata para os porcos!"

Contra esse modo de pensar não há argumento que se colha. É deixar homens e animais à própria sorte.

12 de agosto

A noite foi muita fria e, sob os leves cobertores, ninguém conseguiu dormir. É uso, durante a madrugada, assentarem-se as pessoas junto a uma boa fogueira. Mesmo por volta de 9 horas, quando o sol já ia alto, o termômetro marcava ainda 48°. O barômetro, 27"660. A fazenda fica, pois, a 2.465 pés sobre o nível do mar.

Ainda noite alta, chegara o vigário de Pium-í, procedente do Rio de Janeiro. Era velho conhecido meu e, juntos, seguimos até Formiga.

A partida, em virtude do atraso com que foi servido o desjejum, ocorreu às

* Em português no original (N.T.).

10 horas. O caminho seguia pela mata, que só iriamos deixar nas cercanias de Tamanduá.

Descemos e subimos morros e mais morros, de tal maneira que me senti como se ainda estivesse no caminho que atravessa as matas do Rio de Janeiro. As rochas observadas naquelas montanhas são gnaisse, com camadas direcionadas para a 6ª hora, porém.

Nada de especial se nota na sua composição ou estrutura. Nas cercanias de Tamanduá vi um depósito de anfibólio.

Às três da tarde, percorridas umas quatro léguas, alcançamos a vila de Tamanduá, onde me hospedei na casa do capitão-mor, que me convidara havia já tempo. O lugar estava muito movimentado, pois uma hora, mais ou menos, antes da minha chegada, havia partido o ouvidor da comarca do Rio das Mortes, a que pertence Tamanduá. Durante sua permanência ali de oito dias, havia presidido o Tribunal Correcional, também chamado Correição.

Usualmente, os funcionários da Coroa, com seu séquito de meirinhos, escrivães, tesoureiros,[15] etc., que recolhem tudo à força, deixam-se regalar durante as visitas. Vêm presentes de todas as partes, de modo que os dias de correção são dias de magnificência para eles e seus auxiliares.

Há, também, funcionários íntegros, que constituem exceção à regra, dentre os quais o atual ouvidor da câmara do Rio das Mortes. É tão escrupuloso que, nas casas em que se hospeda, nada pede, senão o trem de cozinha, pois viaja acompanhado de um cozinheiro e tudo paga à vista.

A vila de Tamanduá localiza-se em um vale profundo, em forma de panela, e é banhada por um pequeno córrego, o ribeirão de Tamanduá. Recebeu seu nome dos primeiros descobridores, que, à procura do ouro, mataram um tamanduá no local. Graças às ocorrências do metal precioso, várias famílias ali se radicaram, embora um pouco mais abaixo, às margens do aludido córrego, sítio ainda hoje conhecido por Arraial Velho. Mais tarde é que se mudariam mais para cima.

A vila possui cerca de 200 fogos, uma quarta parte dos quais em casas isentas do imposto predial. As várias capelas encontram-se em estado deplorável

[15] Meirinhos são servidores da Justiça; escrivães, escreventes judiciais; tesoureiros, os responsáveis pelos dinheiros públicos e que fazem o inventário dos bens dos que morrem intestados, sem herdeiros, ou ausentes, se existirem. Os bens, nesses casos, são vendidos publicamente, e o resultado da venda recolhido em caixa especial, anualmente entregue ao Tesouro Real. Ali, os herdeiros podem recolher a herança, embora muito reduzida depois da retirada dos emolumentos devidos. A esse serviço se chama *Administração dos Bens de Defuntos e Ausentes*.

e a própria matriz está por ruir de todo, motivo por que a missa é celebrada em uma casa particular.

A casa da Câmara é baixinha, perdida entre outras, apenas reconhecida pelo brasão real. As ruas são ruelas, tortuosas, sem calçamento. Em uma palavra, é impossível encontrar povoação mais pobre, mais miserável. Não se pode explicar a sua elevação à categoria de vila. A atividade que ali se vê se resume no comércio do algodão e na pequena criação de porcos, nas fazendas. A mineração do ouro está em decadência.

Informa o capitão-mor que há no distrito numerosos vadios, muita briga e alguns homicídios, anualmente.

A paróquia de Tamanduá possui cerca de 20 mil habitantes e o seu pastor espiritual, que possui tantas ovelhas, não consegue impedir que os templos caiam em ruínas – é de supor que se trata de um mau pastor.

À hora de minha chegada a Tamanduá aconteceu-me o pior: o meu preto quebrou o termômetro de viagem, o segundo que perdia dessa maneira, no Brasil.

13 de agosto

O caminho corria por lombadas e vales desnudos, era monótono e penoso, e poucas as fazendas a que servia. Levava a Formiga, após um percurso de seis léguas e meia. Somente nas proximidades de Tamanduá é que se pode observar argila fofa e aurífera, contendo ferro. As serras são constituídas de gnaisse, cujas camadas se dirigem para a 3ª hora, exceto mais adiante, junto da Vendinha, onde são orientadas para a 1ª hora. Essa pequena diferença pode ser resultante da ondulação dos estratos principais. Um córrego que, em queda, força a passagem por entre rochedos gnáissicos, perfurou-os, formando uma ponte natural, denominada, por isso, Ponte de Pedra.

15 de agosto

A fim de dar descanso aos homens e a meus animais, bem como de melhor conhecer a região, passei dois dias em Formiga, lugar mais aprazível do que Tamanduá, a cuja paróquia pertence, se bem que dela pudesse desmembrar-se, graças ao número de habitantes.

A região de morros menos elevados é também mais plana. É irrigada pelo

pequeno Formiga, tributário do rio Grande. Não consegui verificar o número de fogos da localidade; mas pareceu-me superior a 300.

Com a construção permanente de novas moradias, o lugar, em breve, se tornará muito importante. Nesse sentido, fazem-se esforços para que seja elevado à categoria de vila.

São três os fatores do progresso regional: a cultura algodoeira, o comércio em geral e a estrada de Goiás.

Várias casas de comércio oferecem mercadorias européias e, segundo informação de um dos comerciantes, o tráfego é intenso, tendo ele próprio, no período de seis meses, vendido mercadorias no valor de 16000 cruzados.* Segundo ele, teria podido vender mais ainda, caso dispusesse de estoque suficiente. A atividade comercial, aliás, baseia-se no crédito. Paga-se a compra com algodão, moeda utilizada pelos comerciantes para saldarem seus compromissos no Rio de Janeiro.

É fácil imaginar que tal sistema permite aos comerciantes cobrar elevados preços pelos artigos estrangeiros, na maior parte refugo. Bastaria baixar a cotação de algodão, para realizarem pingues lucros.

Logo que tiveram notícia de minha chegada, as notabilidades locais vieram me visitar. Retribuí a gentileza em seguida, pois, de acordo com a tradição lusitana, não é o recém-chegado quem dá início às visitas, mas quem espera por elas. Enquanto as visitas se sucedem, os locais vão prometendo ao forasteiro favores os mais generosos, exagerados geralmente. Jamais deve aceitá-los. Na verdade, o certo é que a hospitalidade é exercitada em elevado grau e é a virtude brasileira que sobrepuja a de todas as outras nações.

O comandante do lugar, jovem e diligente, parecia gozar de grande respeito da população; pelo menos, meus pedidos foram atendidos sem demora, o que raramente acontece naquelas paragens. Tentou mesmo antecipar meus desejos, movimentando trabalhadores mesmo em dias santificados.

Poucas são as localidades em que a parte mais bem situada da população – brancos e mulatos que, em dias de festa, vestem paletó e usam gravata – se

* Dado o reduzido valor do real, que tornaria necessário o emprego de alto número de dígitos nas contas, muitas vezes as quantias em réis eram convertidas em cruzados. Segundo Antonio de Moraes Silva (*Dicionário da língua portuguesa*, 1ª. ed. Lisboa, 1789; 9ª. ed. Lisboa s/d, v. I, p. 750), o *cruzado velho de ouro* valia 400 réis, o *novo de prata*, 480 réis. Eschwege utiliza o primeiro destes em seus cálculos (N.R.)

entregue a tão grande ociosidade como a daqui.

O baralho, o jogo da bola, de damas e de dados são as únicas ocupações da manhã à noite. Apostam-se quantias elevadas e são constantes os conflitos delas resultantes. Nos lugares onde predomina a ociosidade são ainda comuns outros males. Prostitutas de todos os matizes e em quantidade que, no geral, apenas se encontra nos pontos mais abjetos dos portos marítimos, oferecem publicamente seus encantos. É de estranhar que a moralidade – em lugar tão pequeno e afastado, longe do litoral, de onde a imoralidade costuma irradiar-se através de réprobos de várias nações – tenha decaído tanto!...

Mais de estranhar, ainda, para o viajante, os costumes e o modo de vida das regiões que visitam, pois os que os conhecem não se admiram mais.

As crianças de ambos os sexos são entregues aos cuidados de escravas que não coíbem seus vícios nem mesmo na presença das suas pupilas. Estas, logo acostumadas, tratam de seguir-lhes o exemplo. A educação infantil limita-se ao ensino da leitura e da escrita, bem como de orações papagueadas. Os filhos varões, às vezes, recebem instrução escolar; mas, na realidade, acabam por aprender mais as lições do mal que do bem, pois os mestres ligam pouca atenção aos trabalhos escolares, quase sempre entregues à responsabilidade dos alunos mais velhos.

Ainda mais carente é o ensino ministrado às meninas, e não será culpa delas se, quando crescerem, tiverem sua inocência mercadejada pelas escravas, consideradas de confiança.

Os bons costumes, que não lhes são transmitidos nem através da leitura nem do bom exemplo, não as mantêm afastadas dos vícios, razão pela qual os poucos pais mais vigilantes as enclausuram como proteção contra o rapto. Não obstante, quantas vezes não conseguem essas criaturas enganá-los!

Os eclesiásticos não contribuem menos para a imoralidade generalizada. A maioria mantém sua condição e seu estado apenas com o propósito de levar uma vida cômoda. Para ela, bons filhos da Igreja são apenas os que contribuem generosamente e não aqueles que obedecem aos mandamentos religiosos. Seus ofícios rituais são, na maioria, estafantes, e a doutrina religiosa é ensinada somente através de palavras e nunca através da boa conduta. Servem-se de qualquer embuste ou trapaça que, sob aparência piedosa, lhes permita algum proveito. São vingativos e muitos são autores de assassínios misteriosos. A castidade é um daqueles votos que se fazem sem a intenção de cumpri-lo.

Nessa viagem encontrei muitos religiosos que mantinham publicamente concubinas e filhos e topei mesmo com alguns que, em visitação a paróquias, se faziam acompanhar pelas chamadas comadres, que levavam à garupa do cavalo em que vinham. Isto, é bem verdade, ocorria na fronteira de Goiás, no distrito dos índios caiapós e xicriabás, e ninguém se espantava com tal inconveniência.

Falo, aqui, de maneira geral, principalmente dos que habitam as regiões desérticas do interior, pois há exceções. Quando, porém, os padres nascem e vivem isolados na comunidade, acreditam que não estão sob observação e, muitas vezes, acham meios de granjear a boa vontade dos demais para o seu comportamento irregular. Aí, eles se entregam mais facilmente à libertinagem do que algures, onde seus superiores e milhares de vozes protestariam.

Os eclesiásticos, assim, são geralmente pouco estimados. São respeitados apenas enquanto servos de Deus diante do altar. O povo os vê, igualmente, como um mal necessário. Diz-se, por isso mesmo, que os padres são bons apenas para rezar a missa e ouvir a confissão. Fora disso, a opinião geral é de que: "Deus nos preserve da companhia dos padres!" Cobrem-nos de apelidos injuriosos, embora eles, em troca, se entreguem cada vez mais aos descarados companheiros de troça.

O clero digno de respeito que me perdoe a dureza com que julguei seus indignos irmãos. Como nem todas as irregularidades apontadas chegam ao conhecimento dos superiores, creio praticar uma boa ação ao denunciar os excessos de uma grande parte do clero, de cujo procedimento dependem os bons costumes e a religião nacionais.

Ao tempo de minha estada em Formiga, festejou-se o dia da Assunção de Nossa Senhora, e muita gente dos arredores acorreu ao povoado, para assistir ao serviço religioso. Escravas bem vestidas percorriam as ruas, vendendo doces, pães, biscoito, etc., dispostos em tabuleiros sustentados por cavaletes e cobertos por um encerado, para proteger a mercadoria contra as intempéries.

Enquanto boa parte da população assistia à missa, uma outra, bem menor, divertia-se, na parte de trás do templo, jogando bola. Quando a procissão, com a imagem da Virgem, saiu, o povo deu início aos cânticos e rezas, alternadamente (chama-se a isto cantar o terço). O jogo só se interrompeu por um momento, o suficiente para que os jogadores pudessem dar um rápido olhar sobre a procissão que passava.

O jogo prosseguiu o dia inteiro, e alguns divertiam-se atirando nas andorinhas. Em matéria de armas de fogo, dá-se preferência às espingardas de

cano longo, que julgam ser de maior alcance. Mostrei-lhes uma arma de caça de cano curto, mas desprezaram-na, chegando mesmo diversos caçadores a oferecer a cabeça como alvo à distância de 30 passos. Pareceu-lhes então verdadeiro milagre o fato de ter cortado uma pequena folha de papel colocada a 300 passos e de ter a bala, ainda, perfurado uma grossa tábua.

A notícia dessa novidade espalhou-se logo, e durante todo o tempo em que permaneci ali fui obrigado a fazer freqüentes demonstrações com a mesma arma.

Para se ter uma idéia do nível de conhecimento em matéria de veterinária dos brasileiros, sirvo-me do seguinte exemplo: uma de minhas mulas foi atacada claramente de dor de barriga, razão por que determinei fosse chamado um ferrador. Este tentou alguns remédios, chamados "simpatia". Primeiro, cortou alguns pêlos da cauda do animal, enquanto murmurava orações em voz baixa. Como isso nada adiantasse, tomou de uma agulha e linha, perfurando a orelha da mula e ali deixando a linha. Afirmou, então, que havia resolvido o problema, o que não era verdade. Decidi, então, despejar uma boa dose de cachaça forte no ouvido do animal, que ficou curado em dez minutos, embora o curandeiro atribuísse a cura à simpatia que fizera.

16 de agosto

Desejando dar um descanso de dois dias à tropa, acabei por fazer exatamente o contrário. Por causa da seca, que queimara os pastos, os animais achavam-se tão enfraquecidos e famintos, que só pude cavalgar morosamente.

Acompanhou-me o capitão Pantaleão, conhecido em toda a província pela alegria natural. Era uma boa companhia para um caminho tão monótono.

A região era montanhosa, e o caminho cortava sempre pelos campos, caracterizados por fossos e vales. A rocha regional pareceu-me ser, no trecho até a fazenda do padre Barnabé, o gnaisse. Nas partes elevadas dos vales, observei a presença de quartzitos em blocos pontiagudos e afloramentos de manganês. Na elevação em que se situa a fazenda do Quilombo, vêem-se, a oeste, as planícies por onde desliza o São Francisco entre barrancas altas.

Além da fazenda do Padre Barnabé, topa-se com uma ocorrência de anfibolitos e xisto argiloso subjacente, coisa que até então não vira no Brasil, uma vez que os anfibolitos, em geral, se superpõem ao granito ou ao gnaisse. As diversas lâminas de mica e os seixos de quartzo distribuídos em toda a extensão

do xisto levam a supor que se trata de rocha mais antiga, em transição para micaxisto.

Nas proximidades do São Francisco, a região mostra-se mais plana e os morros são menos elevados, mas na parte que fica à esquerda, mais a sudoeste, nota-se que o rio perlonga uma lombada medíocre, rochosa, coberta de mata virgem, lombada essa que se vai elevando aos poucos.

A rocha regional é o calcário, contendo diversas grutas, algumas delas ricas em salitre, beneficiado em alguns locais.

Abandonando a estrada, desci pela esquerda, com o objetivo de examinar algumas delas e visitar ainda uma das fábricas de salitre – Bem Vista –, onde já era esperado.

Quem sai da mata espessa para o vale rochoso, experimenta agradável surpresa ao deparar-se com os alegres edifícios da fábrica, assaz convidativos.

A rocha regional é o calcário compacto, parcialmente fragmentado, na maioria das vezes apresentando fraturas conquiformes planas. É de cor acinzentada, passando a azulada, e estende-se numa distância aproximada de oito léguas, na direção norte-sul, acompanhando o São Francisco. Eleva-se de 500 a 600 pés acima do nível da região em derredor. Suas camadas são perfeitamente horizontais, com espessura que vai, às vezes, de apenas algumas polegadas a alguns pés.

Esse calcário, quando em lâminas delgadas, soa tão bem, que é usado como sino, dentre outras coisas, para anunciar a oração da tarde.

O flanco ocidental da lombada, na sua maior extensão, é íngreme e rochoso, e cai quase verticalmente. Mostra aspecto uniforme, com colunas e rasgões – efeito exclusivo da erosão – e numerosas pirâmides apontadas para o alto. A estratificação horizontal lhe confere aspecto pitoresco, mais interessante ainda pelas árvores, arbustos e cipós que brotam nas fendas, desfiladeiros e degraus abertos na rocha. Os rochedos lembram altares, aqui; acolá, monumentos.

Enormes blocos assentados nos ápices das pirâmides voltadas para o céu ameaçam cair sob a ação do vento forte. Verdadeiros nichos, vazios de imagens, bem as fendas e rasgões na muralha oferecem abrigo aos membros da família dos psitacídeos, que enchem a solidão com seus gritos.

Ao pé da terra é que se encontram as grutas e os abismos enormes, nos quais, em conseqüência das enchentes, sobraram os depósitos ricos em salitre.

Conforme a localização, algumas dessas cavernas encheram-se desse

material salitroso, enquanto outras permaneceram vazias. Tal fato leva à conclusão de que as enchentes não teriam atingido as partes mais altas.

Com relação a fósseis, encontrei apenas uma peça, provavelmente parte de osso de um braço humano. Na superfície, há diversos ossos de animais e de seres humanos. Provavelmente, as grutas teriam servido de abrigo a selvagens nômades e animais, que ali morreram e haviam servido para a alimentação do homem primitivo.

O proprietário de toda a região é um clérigo, que confiou a exploração do salitre a um tal de capitão José Rodrigues, há sete anos. Segundo me informou, produz anualmente 150 arrobas, totalmente encaminhadas à Real Fábrica de Pólvora, à razão de 4$600 réis a arroba, posta à beira do rio.

A gruta que fornece o salitre é de considerável tamanho e, no gênero, era a mais bela que até então eu vira. Difere das rochas por não possuir tantas galerias podres, desabadas ou tortuosas, nem abundância de estalagmites. Ao contrário, suas galerias são altas, abobadadas, e o solo quase plano, lembrando as aléias de passeio dos antigos claustros. Possui largura de 15 pés e altura de 30. A abóbada principal, pouco arqueada, é de cor azulada.

Raramente, observam-se estalagmites bonitas, agrupadas, que por vezes se estendem em compridas guirlandas brancas, semelhantes a flores, dependuradas do teto, a contrastar lindamente com o azul.

Na extremidade das galerias vê-se uma espécie de cortina semi-arreada, formada de calcário friável dissolvido, como que petrificado, atrás da qual surge uma bela cascata, que lança suas águas sobre uma espécie de pia. Outra cascata se encontra ao lado, com uma pia receptora cravejada de estalactites minúsculas, à semelhança de amêndoas cristalizadas.

Outra galeria, ainda, termina sob uma abóbada sustentada por colunas cravadas em uma pia cheia d'água, a qual, em sua extremidade, exibe uma estalactite solitária, gotejante, de seis pés. Tocada por um martelo, emite o som profundo e solene de um sino. O conjunto é parecido com a nave de uma igreja espaçosa e vazia, onde o eco de nossos passos irradia-se a partir do teto.

A gruta, à medida que a superfície se eleva ou diminui, contém maior ou menor quantidade de terra amarela, mistura de barro e argila, com inclusões de minério de ferro. Grãos de quartzito são também encontrados em alguns pontos, bem como uma mistura de seixos de minério de ferro, do tamanho de uma ervilha, formando um conglomerado duro, cuja fragmentação só é possível mediante a

utilização de uma alavanca.

Esse conglomerado, como a terra argilosa, contém, na profundidade de até sete pés, muito salitre, em drusas formadas de cristais aciculados. Em profundidade maior encontra-se menos salitre.

Na estiagem, a gruta fica de todo enxuta, ao contrário do que ocorre nas invernadas, quando se inunda parcialmente. Vê-se nitidamente que ela foi formada por cursos cujas águas, durante algum tempo, se mantiveram em níveis diferentes, corroendo as paredes da rocha e formando uma espécie de cornija.

Abre-se a 100 palmos, aproximadamente, do nível das águas de um pequeno córrego que corta a sola do vale. Ao fato de não ter sido inteiramente soterrada e de a mistura contendo salitre atingir apenas uma determinada altura, deve ser atribuída a não-existência, nas partes mais altas da terra, de outras grutas salitrosas. A terra que nelas se encontra é desagregada a alavanca e transportada em carrinhos até à boca, de onde é lançada, mediante calhas de madeira, nos carros de bois, que a levam à fábrica, distante cem passos, em descida.

Um desses carros de bois carrega cerca de 50 pés cúbicos de terra, que, segundo informação, permitem extrair uma arroba, aproximadamente, de salitre puro.

Os torrões, depois de fragmentados, são lançados nos lixiviadores escavados em troncos de árvores. Possuem cerca de 20 pés de comprimento e um diâmetro de 3. A água é misturada à terra tantas vezes quantas necessárias para a lixiviação completa.

As últimas águas, contendo já pouco salitre, são lançadas na carga de terra seguinte. A lixívia é cozida em seis caldeirões, o maior dos quais com diâmetro de 3,5 pés. São bem altos, para limitar a superfície de lixiviação. Como barrela, usa-se cinza de aroeira, madeira de lei.

Os caldeirões são dispostos lado a lado e não dispõem de depósito de cinzas. Com tal equipamento, muito imperfeito, é de admirar que homens sem instrução e que jamais viram uma fábrica de salitre, consigam os resultados aos quais os daqui chegaram.

Na fábrica trabalhavam 10 escravos, e o proprietário, homem sem instrução científica, mas de inteligência aberta, aceitou tudo que lhe sugeri e ensinei, para o aperfeiçoamento de seu estabelecimento. Proporcionei-lhe, na ocasião, o desenho e o modelo de uma caçamba capaz de correr da entrada da gruta até a fábrica, situada mais embaixo do que o daquela. Acrescentei, ainda, o desenho de

uma roda d'água, provida de alcatruzes (nora), para elevar a água de um córrego até os lixiviadores, além de uma modificação para melhor aproveitamento dos fogões. Não duvido que tenha obedecido às minhas instruções.

Para alimentação do gado, beneficiam apenas um pouco do sal depositado nos sedimentos cristalizados de lixívia.

Todas as nascentes que brotam na terra calcárea têm água de mau sabor, imprópria para a cozinha.

Além dessa, existem outras fábricas, menores, nas vizinhanças. Nelas se fabrica alguma pólvora ilegalmente – pois que só é permitida mediante autorização do governo –, concedida apenas a alguns comerciantes donos de fábricas nos arredores de Vila Rica. Ali, fabricam-se anualmente cerca de 100 arrobas. O rei possui o monopólio, pagando aos produtores autorizados 300 réis por libra de pólvora, que vende a 320, enquanto o produto contrabandeado alcança apenas a metade desse preço, embora da mesma qualidade. Por isso mesmo, é muito procurada, em prejuízo do produto oficial que se acumula nos armazéns, onde se transforma em perda de capital e de qualidade.

18 de agosto

Após ter-me despedido do romântico vale e de seus habitantes hospitaleiros, deixei a vertente ocidental da serra calcárea para retomar o caminho através da selva, rumo às amplas estepes cobertas de capim.

A maior e a mais bem instalada fazenda da região é chamada São Julião. Não me demorei ali, porém, voltando à estrada que havia seguido para visitar a fábrica de salitre. Nesse caminho, encontramos uma grande caravana de emigrantes, que se dirigia para as regiões incultas de Araxá e Desemboque, distritos que marcam as divisões entre Goiás, Minas Gerais e São Paulo e que não há muito ainda pertenciam à primeira dessas províncias.

Como os moradores desses distritos, por se acharem muito distantes de Vila Rica, fossem tratados com amor de madrasta, acabaram por pedir o seu desmembramento de Goiás e a sua anexação a Minas Gerais, no que foram atendidos.

As razões que levam tantos mineiros para aquelas paragens são: a fama que corre sobre a fertilidade das terras, as boas pastagens e, antes de tudo, o segredo em que se podia viver, longe da justiça. Juntem-se, ainda, a inconstância

do brasileiro, o pouco amor que dedica ao torrão natal, a preguiça, o vezo de tentar prover as suas necessidades sem esforço, o pouco valor que atribui às comodidades, a facilidade com que se podem adquirir enormes glebas – três léguas quadradas – naqueles sertões, o estado miserável ao qual as terras herdadas foram levadas, enfim, a viagem pouco dispendiosa. E se verá que todos esses fatores acabarão por promover grandes emigrações, caso não se lhes oponham obstáculos a tempo. Caso continue tal situação, as áreas cultiváveis de Minas Gerais se transformarão em desertos, condição que já prevalece em várias outras regiões.

Os sertões férteis, após uma geração, estarão igualmente exauridos, de maneira que só mais tarde, quando derrubadas inteiramente as matas virgens, é que o homem, atingido pela miséria, poderá ter esperanças de uma agricultura progressista.

O grupo que encontrei na estrada vinha da terra natal nas proximidades de Congonhas do Campo, distante oito horas de Vila Rica. Havia abandonado as suas propriedades sem mesmo tentar vendê-las, pois, como me explicou o chefe, as terras estavam cansadas (as que perdem 50% da fertilidade). Estava mudando para fixar-se na divisa de Goiás, nos sertões do Paranaíba, distantes 140 léguas do ponto de origem, terra que havia ocupado durante apenas um ano.

Em dois carros de bois, transportavam algumas caixas e panelas e muitas crianças, pretas, brancas e mulatas. Dez mulas transportavam os mantimentos e outros objetos. Escravos de ambos os sexos tocavam diversos animais, inclusive vacas e cabras. Os membros do grupo, a cavalo, acompanhavam a tropa, seguidos dos cães de caça e perdigueiros.

Andam poucas léguas por dia. O pouso é oferecido por algum local sombreado junto a um córrego, ou pelo rancho aberto, que existe em toda fazenda, para uso dos viajantes. Pastoreiam o gado nas vizinhança, acendem o fogo e cozinham o feijão preto, prato principal e diário de todas as classes sociais. A carne fresca é fornecida pela caça, abundando naquelas regiões veados e codornizes. Os cães também assim se alimentam.

A caravana continuou a marcha, durante a qual pouco se gastava e a ninguém incomodava, todos os componentes muito alegres, já deslembrados da terra natal.

Ao nos aproximarmos mais ainda do rio São Francisco, penetramos em regiões mais planas, com planícies de extensão incalculável, orladas de pequenos

morros. Os pastos, belíssimos, estendem-se por toda parte e, raramente, às margens de córregos ou pequenos rios, aparecem capoeiras ou grupos arbustivos. A pecuária é a atividade principal nas fazendas, muito distanciadas umas das outras.

Não raro, nos pequenos lagos e cursos d'água que se vêem por toda a parte, aparece a sucuri ou sucuriú, ameaça permanente a bezerros e novilhos.

O rio São Miguel e os seus tributários originam-se na serra calcária, e com a água calcária irrigam a região, boa parte da qual é inundada durante a estação chuvosa.

Às 3h30 chegamos à fazenda do Curral, que pertence a uma parente do meu companheiro Pantaleão. Ela já nos aguardava e ofereceu-nos um almoço que daria bem para 40 pessoas. Nada se perdeu, porém, pois devíamos fazer a travessia difícil do São Francisco, o que nos atrasaria bastante no caminho.

Decidimos transpor o rio já na mesma noite e pousar na margem oposta, o que deu motivo a que se levassem as sobras do almoço para a margem, que distava um quarto de hora do ponto em que nos achávamos.

Despedimo-nos à tardinha da nossa anfitriã e alcançamos o rio no ponto em que já se encontrava a caravana a que aludi. Atingimos a margem oposta, onde se viam algumas taperas, ocupadas pelo balseiro e alguns soldados da guarda.

Nesse ponto, o rio abriu um corte de 30 pés, em nível inferior ao da margem. Sua largura é de apenas 50 a 60 passos, mas é profundo. Por ocasião das chuvas continuadas, transborda e inunda grandes extensões, tornando a travessia muito perigosa.

A região é planaltina, como o prova a medição que eu fizera a 20 léguas rio abaixo, na travessia do rio Pará, anos atrás. Verifiquei, ali, uma altitude, ao nível das águas do rio, de 1.891 pés acima do nível do mar.

A balsa utilizada na travessia é formada de três canoas dispostas lado a lado, sob um forte tablado de madeira, capaz de transportar de uma só vez seis animais. Quando o rio leva pouca água, é impelida por meio de longas varas, que se apóiam no fundo do leito.

As passagens de rio, chamadas portos, são administradas por conta da Coroa ou, mais raramente, arrendadas. São prejudiciais ao comércio e muito dispendiosas para os viajantes. Além disso, a Coroa extrai delas tão pouca renda, que se torna indispensável melhorar o sistema.

Nos portos administrados pela Coroa, dois soldados do regimento de cavalaria de Vila Rica fiscalizam, normalmente, o negócio. A maioria desses militares torna-se sócia do rei na exploração dos direitos de passagem, como se se tratasse de praxe legal. Caso se entendam com o balseiro, que é remunerado à parte, a fraude assume grandes proporções, já que não há nenhuma vigilância. Alguns deles, habilidosos, conseguem permanecer em tais funções durante muitos anos.

No mesmo porto denominado São Miguel, encontrei um cadete ainda moço, muito malcriado, conhecido pela sua gatunice. Como o seu superior se encontrava muito envolvido na negociata, não dispunha de tempo nem de vontade para admoestar o subordinado que, com sua arrogância, se tornava o flagelo de toda a região.

O fazendeiro que não souber granjear a amizade do soldado está condenado a um mau fim. Essa amizade, é óbvio, requer sacrifício contínuo dos usuários da passagem.

À guisa de exemplo, vou contar como essas pessoas procuram vingar-se. A nossa anfitriã, que mencionei linhas atrás, teve a infelicidade de desagradar ao cadete. Este, para vingar-se, sugeriu ao seu comandante a mudança da balsa para outro ponto, por ser, dizia, incômoda a passagem atual. O superior, sem verificar o fundamento do pedido, anuiu imediatamente. Ora, o cadete desejava deslocar a travessia para um local que a nossa anfitriã já cercara e onde mantinha seu gado leiteiro, os cavalos e as mulas de uso diário. Ela teria, assim, perdido todo o pasto, caso o cadete conseguisse o seu intuito. Cheguei, porém, a tempo de malograr a vingança, pois, demonstrando que a transferência do ponto de passagem não oferecia nenhuma vantagem, o comandante houve por bem dar contra-ordem.

Os direitos de passagem, ali, são os seguintes:

Cavaleiro	225 réis
Animal de carga	150 réis
Pedestre	80 réis
Carro	900 réis
100 bois	1.600 réis, embora estes últimos atravessem a nado.

Considerando o alto custo da passagem, bem como o intenso tráfego rumo a Paracatu e Goiás, não se pode conceber que a renda do porto seja anualmente de apenas 400$000. Levando-se em conta o movimento menor nos demais portos do São Francisco, cujas vendas apenas são suficientes para a remuneração do balseiro, que monta a 30$000 anuais, adicionando-se a essa despesa o pagamento de cada soldado – 100$000 –, pode-se estimar a média do produto dos direitos de passagem, excluídas as despesas de manutenção das balsas. Pode-se concluir, então, que essa administração militaresca acarreta para a Coroa grandes prejuízos, além de servir de empecilho ao comércio e de opressão aos fazendeiros das vizinhanças.

O dinheiro arrecadado é anotado pelo comandante em um livro rubricado. Como não há fiscalização, o coletor registra o que bem entender. Negocia também com os viajantes e o dinheiro da passagem, conforme o caso. Essa prática assegura mais benefícios aos que a adotam do que os percebidos pelos coletores que cobram com exatidão os direitos prescritos e anotam apenas a metade, além da fama que adquirem de homens de bem. Enquanto isso, todos reclamam contra os inexoráveis, que não permitem a divisão do roubo com ninguém. Em resumo, em Minas Gerais pode ser considerado regra geral o seguinte: se um oficial da administração ou do exército passa a ser louvado por seus subordinados e pelo povo como pessoa honrada, e se é pessoalmente bom e leal, acaba logo por não cumprir o dever e deixar os subalternos procederem como bem entendem. Por outro lado, o oficial detestado pelos inferiores e pelo povo é geralmente honesto ou, pelo menos, pessoa que cumpre o seu dever. Assim sendo, no Novo Mundo o conceito de honestidade é também original.

A cada três ou seis meses, os coletores entregam a caixa e o balanço ao comandante, que tem seu quartel às margens do Indaiá. Este, por sua vez, presta contas à junta da Real Fazenda, em Vila Rica.

19 de agosto

Depois de uma noite de descanso ao ar livre, bebemos café fresco e o bom leite que a nossa boa vizinha nos enviou. Tentei pesquisar o leito do rio, para poder ajuizar das rochas regionais. Encontrei, porém, só um fundo barrento e lodoso.

Só então partimos do Porto Real de São Miguel, para um percurso de

quatro léguas. Nas chapadas cobertas de vegetação rasteira nota-se ainda arvoredo de pequeno porte, de ramas angulosas. São os chamados *campos cerrados*, onde abundam as codornizes, grandes, do tamanho de uma galinha, erroneamente denominadas perdizes.

Ao meio-dia, como fizesse muito calor, descansamos nas proximidades de uma fazenda, cujo nome não me ocorre neste momento. Deitados à sombra de laranjeiras carregadas de frutos, delas nos regalamos, apesar de Pantaleão advertir-nos de que, se as laranjas prestassem, não existiriam em tão grande quantidade. Estava com a razão, pois eram péssimas. Quando a laranjeira não é bem tratada e não foi plantada em solo adequado, tem as raízes descobertas, não está livre de parasitas e seus frutos aparentam sabor de vinagre.

Não obstante a raridade absoluta dessa árvore frutífera, os fazendeiros, indiferentes, descuidam das poucas que possuem, de maneira tal que sofrem de todos os malefícios, mormente da parte dos porcos que vão descobrindo as raízes.

Um milharal extenso e belo, em plena florescência, testemunhava a boa qualidade do solo e a fertilidade de toda a região, que é plana e apresenta apenas pequenas ondulações.

Diminuindo o calor intenso, retornamos à caminhada, que nos levou, em três quartos de hora, à fazenda da Glória, de propriedade do coronel Brandão, comandante do Regimento de Infantaria do distrito de Tamanduá.

Ali verifiquei, como tantas vezes já o fizera, que no Brasil não existe nenhuma preocupação em tornar a vida mais suportável. O coronel, com toda a sua família numerosa, fazia dezenas de anos que morava em um paiol, dividido por algumas paredes. Passavam por toda espécie de incômodos. Esse modo de viver domina tão fortemente a essência das pessoas, que acaba por ser suportado sem queixas, pois, do contrário, o coronel já teria se transferido para uma casa distante cem passos do paiol e toleravelmente arranjada, que ele próprio construíra anos atrás, para hospedar o conde da Palma, na sua passagem de Goiás para Minas Gerais. Nessa é que fomos alojados.

Alegava o coronel, para não se mudar, que do paiol podia acompanhar melhor os seus negócios.

Atrás da casa onde paramos havia uma grande e espaçosa horta, iniciada, mas nunca acabada. Querendo construir um eliseu no deserto, começara com muito entusiasmo, projetando as fundações para edifícios, rasgando alamedas de laranjeiras e cafeeiros, bem como outras vias, tudo isso em apenas um ano. No

ano seguinte, esmoreceu – uma das características da população da nação –, deixando tudo no ponto em que parara. As pilastras e as fundações lá se encontram, a apodrecer. As formigas comeram as plantações, e as geadas, que são muito fortes na zona, acabaram com o que restava. Apenas umas poucas árvores foram conservadas por acaso.

Antigamente, a fazenda destinava-se principalmente à criação de gado e de alguns cavalos; mas na época em que a visitei tudo estava na miséria, pois a seca, que durara muito tempo, queimara as pastagens. Centenas de vacas magras amamentavam as crias, e muitas estavam tão enfraquecidas que tombavam e morriam dentro do curral.

O coronel informou-me que a bovinocultura estava sujeita a tais desastres em todos os períodos de seca prolongada, motivo por que era muito difícil incrementá-la, infortúnio que qualquer agricultor alemão saberia remediar em pouco tempo.

20 de agosto

Separei-me do meu companheiro, viajando sozinho para o arraial de Bambuí, que ficava a três léguas e um quarto da fazenda do coronel.

Nada havia a notar em ambas as margens do caminho que levava para oeste, cobertas de capim seco, onde rareavam até as codornizes, cuja caça oferece ao viajante prazeres que o fazem esquecer a monotonia da jornada.

A rocha primitiva, nesse trecho, consta de argilita não compacta, com inclusões de minério de ferro, e que me parecia em transição. Seus extratos são horizontais. Dois desmoronamentos em forma de funil chamam a atenção: um deles, uma légua além de Bambuí, à esquerda do caminho; o outro, perto do arraial, a leste, com um diâmetro de 250 passos e profundidade que alcança o nível das águas, de 30 pés. Não consegui medir a profundidade da água. Fui informado, porém, que é de 14 braças. Ela é cristalina e habitada por numerosos jabutis.

Bambuí é um pequeno lugar, paupérrimo, de 40 fogos, aproximadamente. Algumas moradias têm cobertura de telhas; as outras, de sapé. Dispõem-se irregularmente e apenas algumas delas possuem uma horta. Estão sempre desabitadas, pois apenas em dias de festa é que os donos as utilizam, já que moram durante o resto do ano nas fazendas. É no arraial que se acha a matriz da

região. Provavelmente, foi erigida antes da maioria das moradias. Como estas foram colocadas em função da disponibilidade de água, ocorreu o inconveniente de o templo dar as costas para o arraial.

Hospedamo-nos em uma casinha miserável, onde tudo faltava, exceto a boa vontade de donos. A comida foi preparada em outra moradia, após a compra – que fizemos a preços elevadíssimos – do necessário, o que faz entender que poucas são as ocasiões de se fazer dinheiro na localidade.

21 de agosto

Senti viva satisfação quando dei as costas àquele lugar deserto, no qual nada se fizera para tornar atraente a vida comunitária. Entristeço-me ao conhecer locais em que as casas parecem apenas coladas ao solo nu, inculto, sem uma árvore sequer, plantada pelos moços, que possa recordar aos velhos a sua mocidade perdida, sem uma praça enfeitada que os faça amar o torrão natal. Daí a ausência de sentimentos, o pouco relacionamento entre as famílias, as emigrações contínuas que lembram os nômades. Nada os liga à terra natal, a não ser os interesses materiais. Tão logo estes não possam mais ser satisfeitos de maneira fácil, abandonam os lares em ruínas, para recomeçarem a vida em outras bandas.

A partir de Bambuí o caminho passou a seguir para o norte, pela encosta de uma grande serra, que leva o nome geral de serra da Mata da Corda. Com um nome diferente, ela tem início bem no interior da província de São Paulo, à margem esquerda do rio Grande; muda de nome, após o rio Grande, passando a denominar-se serra do Desemboque. Acompanha a margem esquerda do São Francisco, passando então a chamar-se serra da Canastra e, sucessivamente, serra do Urubu, da Marcela, de Indaiá e do Abaeté, sendo que o conjunto destas cinco últimas é que chamamos de serra da Mata da Corda. Vai além do São Francisco, pelos bancos de *grauwacke*, que formam a grande cachoeira de Pirapora, continua até Minas Novas, formando grandes contrafortes de calcário em transição, tipo formiga, para se unir ao maciço do Espinhaço, que, no rumo norte-sul, corta uma porção importante do Brasil.[16]

[16] A essa cadeia dei o nome de serra do Espinhaço, porque é a mais alta e ininterrupta cadeia, com extensão de centenas de léguas.

No flanco oriental da mata da Corda têm origem apenas pequenos cursos, que deságuam no São Francisco. Na vertente noroeste, que dá origem a uma chapada bem alta, brotam o Indaiá, o Abaeté, o Santo Antônio, o Sono e o Prata, todos eles diamantinos, que, cortando os flancos da serra em vales profundos, correm para o São Francisco.

Até a altura da serra do Urubu, parecem predominar, como rochas primitivas, o xisto argiloso e o itacolomito. A partir da serra da Marcela, em direção norte, aparecem as rochas de transição: xisto argiloso, *grauwacke* e calcário compacto, com elevações avulsas de arenito recente. Na serra do Urubu, de acordo com os habitantes e a aparência de algumas amostras, existe uma grande ocorrência de hematita compacta.

A vertente oriental da serra, a partir da serra do Urubu até a pirâmide formada pelo morro do Capacete, no Indaiá, está recoberta de mata virgem, na orla da qual eu caminhava. Os cursos mais importantes que atravessei naquele dia são o Bambuí e o da Perdição; aquele, por correr em zona baixa, quase ao nível das águas do São Francisco, é cercado de numerosos brejais, habitados por sucuris e jacarés. A região é insalubre: febres malignas grassam o ano inteiro, e é pouco povoada. As fazendas, ainda por formar, são de pequena monta.

Naquele dia, depois de caminhar quatro léguas, chegamos à fazenda do Córrego da Anta, em tão boa hora que pude aproveitar o resto do dia na caça às codornizes, muito abundantes. Estivemos, e conosco dois perdigueiros bons, bem ocupados. Não se cansa muito, porém, pois os caçadores vão montados.

A região, se bem que habitada em determinados lugares, tem o nome de "sertão". Encontrei um conhecido, ex-soldado do meu regimento de cavalaria, que me prestou ótimos serviços naqueles caminhos que até então eu jamais percorrera.

Os demais habitantes da região eram soldados, pois, desde a descoberta do diamante nos rios já mencionados, ela foi ocupada por vários destacamentos de cavalaria. Os soldados é que escolhem o lugar em que gostariam de ficar, pois, possuindo algum dinheiro por ocasião da baixa, ali se estabelecem e contraem casamento.

22 de agosto

À distância de pouca centenas de passos da nossa pousada, uma das mulas inquietou-se, sem que se notasse a causa, acabando por parecer descadeirada. Precisava logo ficar livre da carga. Se o arrieiro, por descuido, deixa de fazer isto, o animal tomba logo e fratura o dorso. Com pronta ajuda, o mal pode ser curado. Para tanto, dizem, é indispensável colocar um emplasto de breu na anca do animal. Quando uma mula é vitimada pelo mal – os machos quase sempre não estão a ele sujeitos –, parece que a aproximação de um garanhão pode ajudar decisivamente. Nós, porém, tivemos que abandonar a mula no mesmo lugar em que caíra.*

O caminho acompanhava mais de perto a vertente esquerda da serra, que aqui se apelida de Marcela, cortando por algumas fazendas pequenas e vários riachos.

Ao pé da serra sobressaem-se, isolados, dois morros elevados, que emergem de uma planície pontilhada de colunas e coberta de floresta fechada. Já de longe, parecem assinalar a entrada do boqueirão que desemboca em outra planície. Chamam-se Baú e Palhano.

Não longe do morro do Baú fica a fazenda do Martins, onde fomos pernoitar.

Seu proprietário, que tem fama de habilidoso por entender de vários ofícios, estava ausente havia já nove meses, ignorando-se o seu paradeiro. Também ninguém se importava, pois não raras vezes é comum deixar um pai de família os seus, abandonando o seu negócio principal em favor de outros, secundários, apenas por entretenimento. Tal acontecera no caso presente. Um engenho de açúcar, recém-construído, sob as intempéries, ameaçava ruir. As casas de moradia estavam esburacadas, e foi em uma delas que fomos alojados. Continha numerosos cestos de algodão em rama.

A rocha predominante pareceu-me xisto argiloso em transição.**

* O autor menciona mais claramente a natureza do mal – "Que as mulas de pernas altas, fogosas, mais as fêmeas do que os machos estão sujeitos à doença, que se atribui à inflamação e com isso grande fadiga na anca" (...) "quando se trata de égua, verifica-se que nesse estado mais rapidamente se restabelece quando dela se faz aproximar um garanhão". Veja-se *Diário de uma viagem do Rio de Janeiro a Vila Rica, na capitania de Minas Gerais, no ano de 1811*. Trad. de Lúcia F. Lamejer. 1936 (N.T.).

** O termo transição talvez tenha sido empregado pelo autor com o sentido de metamorfismo (N.T.).

23 de agosto

A região que percorremos neste dia está parcialmente coberta de matas ou de vegetação arbustiva. Os morros isolados, Baú e Palhano, ficaram à nossa esquerda. Dos pequenos cursos d'água, o mais importante é o ribeirão do Jorge Grande. As águas de todos os riachos da região são branco-leitosas, provavelmente devido à terra argilosa em solução. Muitas vezes, por causa dela, há surtos de febre fria, que causa temíveis devastações entre os habitantes, mormente na mudança das estações. Todos os habitantes da região têm aspecto doentio, são pálidos, como se tivessem passado por graves doenças. Até os viajantes que por ali passam estão sujeitos ao mal. Basta tomar uma pequena porção daquela água quando se sentir acalorado. Maior perigo oferece um banho ou um pernoite ao ar livre, nas vizinhanças dos rios.

Quando, em fins de setembro, tornei a atravessar a região, pretendia pernoitar na fazenda do capitão Albino, mas este havia falecido no mesmo dia de minha chegada, vitimado pela febre maligna. Poucos dias antes, um filho e uma filha, além de três escravos, haviam tido o mesmo destino. Ameaçados de morte estavam a viúva, o filho restante e vários escravos. A doença invadira a fazenda como uma peste. Apressei-me, portanto, a sair da fazenda, sugerindo a transferência dos doentes para local mais elevado, com o fim de salvar o resto da família. Mais tarde, fiquei sabendo que o meu conselho fora seguido, o que evitou novas mortes.

Provavelmente, os cursos d'agua da região transportam, ano mais, ano menos, os germes causadores da febre maligna até o São Francisco. A essa febre dá-se o nome de *maleita*. Ela começa com febre fria e transforma-se, depois, em febre tifóide.

Ao fim de um percurso de seis léguas, atingimos, na boca da noite, o arraial das Dores, que se formara anos atrás e contava com 40 fogos. Fica numa chapada elevada, que oferece vista quase ilimitada para as estepes cobertas de capim, às margens do São Francisco. A rua principal é retilínea e bem larga e, no centro, em uma praça cercada de casas, fica a matriz.

Deve-se ao cultivo do algodão o crescimento do arraial. Mas o que mais favoreceu o povoamento foi o estabelecimento de destacamentos de milícia nas redondezas.

Fui informado de que são freqüentes as tempestades e que, durante os

poucos anos decorridos desde a sua fundação, o arraial perdeu várias casas atingidas pelos raios, embora não causassem mortes. Nunca, porém, soube de raios que, no Brasil, tivessem provocado incêndios.

Na estação quente faz muito calor. Na estação fria é rigoroso o frio e não são raras as geadas.

24 de agosto

O caminho do arraial das Dores para o Quartel-Geral do destacamento do Indaiá é bom, já que corta pelos campos altos, levemente ondulados e cobertos de gramíneas ou arbustos baixos. Essa cobertura fica inteiramente queimada durante o estio, ocasião em que têm início as queimadas. A cinza aduba a terra e incentiva o surgimento do capim tão logo caem as primeiras chuvas. Até que isso aconteça, a região, onde poucas vacas magras mal conseguem algum alimento, parece nua, infértil. Por toda a parte são comuns os turbilhões de poeira. Nuvens dela erguem-se em colunas, que vão rodopiando sob a ação de correntes opostas, subindo sempre em forma de funil e, estreitando-se na extremidade inferior, desligam-se do solo, pouco a pouco, até se desfazerem no alto.

Ermas e tristes durante a estiagem, essas regiões, durante o período das águas, tornam-se de um belo verde, pontilhado de ervas aromáticas e flores.

As poucas fazendas que se vêem nem merecem esse nome, pois constam apenas de choças miseráveis e imensas áreas incultas onde se avista, de distância em distância, uma rara cabeça de gado.

Após minha chegada ao Quartel-Geral do Indaiá, o que ocorreu ao meio-dia, ali permaneci para tratar de assuntos administrativos com o comandante. No dia seguinte é que devia partir em direção à Usina de Chumbo do Abaeté, distante quatro dias de marcha.

Tanto o caminho que leva à Usina quanto as jazidas de galena merecem descrição à parte, motivo por que só mais adiante a farei.

26 de setembro

Permaneci na Usina até o dia 20 de setembro. Em seguida, abreviei a minha volta a Vila Rica, a fim de organizar os serviços de minha mineração de ouro; porém, ao chegar de novo ao Quartel-Geral, encontrei uma ordem do

governador, para que visitasse imediatamente os distritos de Araxá e Desemboque e definisse os limites entre Minas e Goiás. Assim, tive de renunciar ao desejo de retornar logo a Vila Rica, para empreender uma viagem de algumas centenas de léguas.

29 de setembro

A minha volta, durante alguns dias, se fez pelo mesmo caminho até o arraial das Dores. No dia 27, após um desvio de léguas, mal suportando o calor – o termômetro, às 4 horas, indicava 84 graus Fahrenheit –, pernoitamos na fazenda de d. Custódia e, no dia 28, na do padre Manoel. Desse ponto em diante segui por um caminho que tem origem no lado direito da estrada, levando ao Quartel de Cachoeirinha, por onde, até aquele tempo, passava a divisa entre Minas e Goiás.

Na fazenda do padre Manoel, à beira do caminho, encontramos, por acaso, a mula desastrada que havíamos abandonado em Córrego da Anta. Um soldado, que deveria ter conduzido o animal para o Quartel-Geral, achou exagerado esse cuidado e deixou-o, sem mais nada, ali entregue ao seu próprio destino. A mula ficaria perdida se eu não tivesse passado pela fazenda.

Menciono o fato como prova de quão displicentes são os soldados e de que pouco respeitam os superiores. Devo lembrar, ainda, que, em Minas, não querem saber de subordinação alguma.

Saindo da fazenda do padre Manoel, fomos levados, através de campos, apenas uma légua distante, à orla da mata virgem, que cobre a comprida serra da Mata da Corda. Uma boiada de pelo menos mil cabeças, procedente de Araxá e Paracatu, com destino ao Rio de Janeiro, descansava ao lado do caminho. Essas regiões são as que possuem mais intensa criação em Minas Gerais.

Dirigindo-nos no rumo do ocidente, subimos a aludida serra, cujos flancos são desfiladeiros íngremes, escuros e selvosos. Depois da subida, que durou três horas e meia, chegamos ao topo e jamais lamentei tanto a perda do barômetro. Considero a serra, que serve de divisor das águas do Prata, São Francisco e Tocantins, uma das mais altas do arraial, formada por uma chapada elevada de muitas léguas de extensão. Uma ramificação dessa chapada divide as águas que correm para o Prata e as que se dirigem para o Tocantins e se prolonga Goiás a dentro até Mato Grosso.

Os rios que se originam na Mata da Corda são os seguintes: o mais importante, o São Francisco, que nasce propriamente nas serras do Desemboque e da Canastra. Entre os vários pequenos cursos da vertente oriental os maiores são o Bambuí, ao qual se une o da Perdição, o Jorge Grande e o Marmelada, ambos desembocando no São Francisco. Ao norte, o Indaiá, o segundo em importância depois do São Francisco, e que inicia a série de rios diamantíferos na região.

Ao noroeste encontra-se o Borrachudo, pequeno e de pouca importância, que deságua, assim como o Indaiá, no São Francisco. Algumas léguas mais adiante, transpõe-se o ribeirão dos Tiros, o Werra e, uma légua além, o Fulda,* que se reúnem para a formação do Abaeté, importante como seu tributário Tiros.

Fazem barra no Fulda o Areado e o do Chumbo, pequenos. Mais a jusante, o Andrada – platinífero – e o São Gonçalo, ambos afluentes do Abaeté.

Desse ponto é que se galga a cumeeira principal da grande lombada, para se chegar ao rio Santo Antônio, que faz barra no do Sono, maior, e goza da fama de possuir os diamantes mais finos e puros. Por tal razão, é visitado constantemente pelos garimpeiros. Nas proximidades, corre o Catinga, ambos desaguando no importante Paracatu. Suas cabeceiras principais, dentre as quais o da Prata e o Escuro, encontram-se a noroeste da aludida lombada. Mais para oeste encontram-se as cabeceiras do Urucuia e, mais além, ainda na mesma direção e já em Goiás, as do Tocantins, que começam com o rio das Palmas.

Entre essas e aquelas águas que correm para os rios Grande e Paraná, a lombada prossegue Goiás a dentro, profundamente.

As águas das vertentes sul e sudoeste são o rio das Velhas, que, depois de receber os rios Quebra Anzol e o Santa Juliana, lança-se no Paranaíba. Dizem que esse rio, como o Grande, é também diamantífero, porém o governo ainda não mandou averiguar. Considerando que esses dois rios, ditos diamantíferos, nascem na mesma lombada, que é constituída, em ambas as vertentes, das mesmas rochas, a existência de diamantes de acordo com as observações geognósticas parece não dever ser posta em dúvida.

O chapadão, que deve possuir cerca de 100 léguas quadradas, dá origem a 25 rios, entre grandes e pequenos, os quais fluem para regiões as mais diversas

* Werra e Fulda são dois rios do Hessen, região da Alemanha onde nasceu Eschwege. Os dois rios se encontram e formam o Weser, que deságua no Mar do Norte. Os rios mineiros aos quais Eschwege dá esses nomes são considerados hoje parte dos próprios rios Abaeté e Areado, respectivamente (N.R.).

e em ambos os sentidos, razão por que deve ser um dos pontos mais elevados do Brasil. Sua altitude, porém, não posso avaliá-la em mais de 7 mil pés, no entanto.

A rocha principal na serra, nos pontos por onde passei, é xisto argiloso primitivo, com elevações de arenito recente, que muitas vezes tem aparência argilosa e carcomida. Apenas nas encostas da serra é que se observam matas cerradas. O platô é coberto de pastagens, intercaladas de formações arbustivas.

Na região encontram-se veados brasileiros em grandes manadas, porém, ultimamente, tornaram-se mais ariscos, agora que o povoamento se adensou e a caça se intensificou, por causa das peles. A carne não é utilizada senão como alimento para os cães.

No percurso para o Quartel da Cachoeirinha não se encontra água alguma, devido à seca que já durava meses. As queimadas, que nessa época do ano lavram sem interrupção, tinham queimado toda a vegetação ressequida, e a atmosfera estava carregada de uma fumaça espessa, que, dificultando a orientação, muito contribuiu para tornar penosa a marcha.

Após uma jornada de cinco léguas, alcançamos o Quartel da Cachoeirinha, representado por uma tapera situada nas últimas cachoeiras do Indaiá. Ali, dois soldados do regimento da cavalaria de Vila Rica mantêm-se em guarda com a finalidade não só de impedir o acesso dos garimpeiros ao rio diamantífero, mas de, correndo por aqui a divisa com Goiás, cobrar tributos pelo transporte de mercadorias entre as duas províncias.

Por arroba de mercadoria seca cobra-se 1$125; uma carga de mula, (toucinho, açúcar e cachaça), $375; um potro, 4$200.

É desnecessário dizer o quanto é contraproducente e nocivo esse tributo ao comércio interno e aos interesses e bem-estar das províncias. Nos quartéis, como nas passagens de rio, reinam a fraude e a opressão sobre o povo.

A alfândega da Cachoeirinha rende 100$000 por ano. Como, em geral, os destacamentos se compõem de dois soldados, que oneram a Coroa em mais de 200$000, vê-se que o prejuízo desta é de mais de 100$000, anualmente.

O resto do dia foi por mim dedicado à caça de codornizes e a meditações filosóficas acerca de um preto débil e surdo-mudo, de 13 anos, hidrocéfalo, que apenas se impressionava com o canto de um galo, que imitava com perfeição. Da mesma maneira que aprendem os surdos-mudos a falar, aquele homem, ser entre o homem e o bicho, por meio da observação dos movimentos do pescoço e da língua do galo e da imitação dos seus movimentos, aprendera, pouco a pouco, a

cantar feito galo. A imitação parecia ser, além da satisfação das necessidades vitais, a única diversão de que dispunha. Ficava deitado o dia inteiro, inteiramente nu, no chão aquecido pelo sol, e cantava à porfia com o galo.

30 de setembro

O chapadão aludido possui extensos campos cortados por vales selvosos. O caminho vai serpenteando pelos pontos mais altos, constituídos de arenitos ferruginosos cobertos de seixos decompostos. O *bed-rock** pareceu-me ser constituído de xisto argiloso.

Nas baixadas levemente côncavas – o solo é úmido e de aspecto gorduroso –, vêem-se boas pastagens, cheias, porém, de formigueiros.

À direita, pouco distantes, vemos espessas florestas, totalmente incendiadas, emitindo fumaça tão forte que o sol, ofuscado, mostrava uma luz amarela, fraca. O ar, parado de todo, tornou-se opressivo, insuportável. À noite, a queimada, de tão vasta, espelhou-se no céu com um reflexo vermelho comparável à aurora boreal das zonas polares fúlgidas.

Ao meio-dia, percorridas três léguas, chegamos à fazenda de João Correia, que é a derradeira nos limites de Minas. Não longe dali, a serra divide-se e emite uma grande ramificação, na qual se encontram as cabeceiras do Tocantins.

Após passar pelo Quartel dos Ferreiros, tal ramificação dirige-se a Paracatu e daí à província de Goiás.

1º de outubro

A duas léguas da fazenda de João Correia, atravessei a antiga fronteira de Minas e entrei no distrito de Araxá, ultimamente incorporado à província de Minas Gerais. A região, embora elevada, é menos acidentada, e o caminho, baixando imperceptivelmente, leva ao ponto em que as águas fluem para o rio Grande. Também ali são freqüentes os campos desnudos, parcialmente cobertos de vegetação arbustiva. As elevações mais acentuadas têm aparência de sáfaras. As baixadas, antes valiosas, caíram de valor sob a influência dos formigueiros.

* Domício Murta usa a expressão inglesa, enquanto no original se lê *Grundgebirge* (alicerce rochoso) (N.R.).

Geralmente, os caminhos não são maus, devido ao quase nenhum tráfego nessa área desabitada. Desse modo, faz-se, em passo regular, uma légua por hora.

Tínhamos que percorrer quatro léguas e meia até o pouso mais próximo, a fazenda de João Gonçalves. Ali chegamos ao meio-dia. O ribeirão das Guritas precipita-se pela região, para unir-se, a cinco léguas daqui, ao rio da Misericórdia, recebendo então o nome de Quebra Anzol, que desemboca no rio das Velhas. Apenas este contém ouro; contudo, como já anotei, todos esses rios têm fama de diamantíferos. A principal rocha regional é o xisto argiloso, em cuja superfície se vê extraordinária quantidade de seixos de quartzo.

A mais importante atividade da fazenda dos Gonçalves é a pecuária, e ao cair da tarde o proprietário mandou campear uma porção de éguas, dentre as quais alguns belos exemplares, que ali são vendidos pelo bem baixo preço de 4$000, a cabeça. Na fazenda, passa a estrada principal que, procedente de Formiga e Bambuí, leva a Paracatu e Goiás.

O Quartel de Santa Teresa, situado no trecho que vai a Bambuí, em uma lacuna da serra, era, como o da Cachoeirinha, a alfândega desse caminho.

Para descanso dos animais, permaneci um dia na aludida fazenda, nada me sendo cobrado pela hospedagem. Saboreei as melhores laranjas que jamais vira em Minas Gerais, verdadeira delícia, em um lugar onde há tão poucas.

Se bem que as casas da região sejam cobertas apenas com capim, e as paredes, com sopapo, encontra-se aqui mais limpeza do que em outras.

Não longe da casa, na beira da rua, achava-se um acampamento de um negociante de toucinho, que pretendia transportar a mercadoria para Minas sem pagar as direitos alfandegários. Estava no local já fazia semanas, à espera da abolição do imposto devido e do afastamento dos soldados. Como isso parecesse remoto, já que dependia de minha volta e da aprovação da nova divisa, resolveu ele dar início às negociações com o soldado da Cachoeirinha, que me acompanhava, esperando assim atravessar a divisa com o toucinho, lucrando ambos à custa da Coroa.

3 de outubro

Seguimos viagem através de campos verdejantes, bons e belos, inteiramente despovoados, nada assinalando qualquer atividade humana. Diz Humboldt das planícies hispano-americanas: "Nada recorda aqui a presença de

habitantes antigos, nem um oásis, nem uma pedra trabalhada, nem uma fronteira, mesmo decadente, que testemunhassem o cuidado de gerações desaparecidas. Esse recanto ali está alheio ao destino da humanidade, ligado apenas ao presente, que é a própria selva, entregue aos bichos e plantas selvagens."

A mesma coisa se pode dizer dos sertões planos do Brasil, talvez mais tristes ainda, pois até as próprias feras deles parecem fugir em busca da companhia dos homens.

Anos atrás, ali onde se encontra a fazenda do Quilombo, formara-se uma pequena república de negros, escravos fugitivos. Ali passaram algum tempo em paz e felicidade, até que, descobertos, foram perseguidos de maneira cruel. Poucos escaparam vivos.

Ao que tudo indica, a rocha regional principal é o xisto micáceo, parcialmente em transição, e as elevações mais importantes apresentam-se cobertas de seixos de quartzo.

Em virtude do bom caminho, percorremos em pouco tempo as seis léguas que nos separavam do arraial de São Pedro de Alcântara, não obstante o calor abrasador – à tarde o termômetro indicou, à sombra, a temperatura de 92° Fahrenheit.

Pousamos em uma fazenda que fica além do arraial e do rio da Misericórdia.

Os habitantes locais cuidam apenas de uma pequena criação de cavalos, segundo me informaram. Em geral, são colonos recentes e pobres, que fugiram de Minas em conseqüência de crimes ou de dívidas contraídas. Nosso hospedeiro, natural da vila de Queluz, de lá saíra com a intenção de melhorar de vida; porém, arrependera-se.

Na região há, também, abundância de codornizes. As de menor tamanho eram tão mansas que chegaram até a porta, à procura de alimento.

O arraial de São Pedro, que é também paróquia da região, possui apenas 12 casas, as quais, exceto a do pároco, permanecem quase sempre desabitadas, com exceção dos dias de festa.

O rio da Misericórdia, após a confluência do Guritas, penetra na região, para, uma légua mais adiante, desaguar no Quebra Anzol, este maior, que, por sua vez, lança-se no rio das Velhas.

Desse ponto em diante, a topografia torna-se mais plana. As terras aluvionárias são mais férteis e têm boas pastagens. Num percurso de sete léguas

encontrei apenas três fazendas. Mais não se podia esperar, pois a área média de cada uma delas é de três léguas quadradas. Nelas se cria gado com mais intensidade do que em outras zonas. Os bois passam por ser os melhores e alcançam bons preços, o que pode resultar não só das boas pastagens, mas ainda pelo trato melhor que se dispensa aos animais, os quais, uma ou duas vezes por mês, são levados em manadas para as nascentes salinífera (bebedouros), a cujas águas se atribui a boa condição das boiadas.

No Brasil, quando os bovinos, ovinos, cavalos e muares não recebem, de quando em quando, sal suficiente, emagrecem e ficam suscetíveis a muitas doenças. Por isso, várias fazendas de criação são obrigadas a adquirir anualmente grandes partidas do produto. Como é baixo, em geral, o preço do boi gordo, após longas caminhadas, atingindo, quando muito, 7$000, o lucro do fazendeiro fica bem reduzido.

Mais vantagens possuem as fazendas em formações calcárias, onde o sal se nitrifica em muitos pontos, chamados *barreiras*, pontos procurados não só pelos animais de criação, como pelas feras, que ali vão lamber o sal, provocando fundas escavações, de onde o caçador espreita a presa com toda a segurança.

Mais valiosas, ainda, as fazendas de onde brotam fontes salinífera, mais freqüentes nos distritos de Araxá e Desemboque do que em outras regiões.

Sobre os rios Misericórdia e Quebra Anzol há pontes de madeira, altas e perigosas, jamais reparadas e prestes a ruírem. As já referidas três fazendas – do Machado, Bento Carneiro e Alferes Tomás – pelas quais passamos, têm fama de boas. Na primeira, descansamos ao meio-dia, tomamos um leite magnífico. Cerca de cem bezerros estavam deitados junto à sede. É costume manterem-se esses animais nas vizinhanças da casa até que o umbigo, no qual as varejeiras desovam, produzindo larvas, se feche, ou, então, até que não precisem mais do leite da matriz.

Nas proximidades da fazenda de Bento Carneiro, encontrei um morro de xisto micáceo vermelho, argiloso, ou, antes, de verdadeiro xisto argiloso, com extraordinária quantidade de lâminas de mica.

Ao cair da tarde chegamos à fazenda do Córrego Fundo: Antes, porém, de prosseguir no relato da viagem, tenho de dizer algo sobre os distritos de Araxá e Desemboque. Esses distritos ou julgados abrangem uma área igual à de Portugal, pelo menos, estendendo-se entre o rio Grande e o Paranaíba, até a sua confluência, zona até agora desconhecida por causa dos selvagens caiapós.

Ambos pertenciam à província de Goiás; como se achassem, porém, a grande distância da capital goiana, Vila Boa, foram, por Carta Régia, desmembrados dessa província e incorporados à de Minas Gerais, a requerimento dos habitantes, que enviaram, como já disse, um plenipotenciário ao Rio de Janeiro.

Posteriormente, recebi ordem de ocupar a área, determinar as novas divisas entre as duas províncias e fazer um relatório pormenorizado do estado em que se encontravam os julgados.

Antônio da Costa, proprietário da fazenda do Córrego Fundo, era um dos que mais lutaram pela modificação conseguida. Por isso, demorei-me vários dias em sua companhia, para esclarecer-me do necessário ao bom cumprimento da tarefa que me fora dada. Também ele, com toda a família, morava em um paiol muito mal disposto e parecia ter se esquecido do antigo projeto de construir uma casa adequada, embora, para tal, tivesse empilhado o material necessário.

6 de outubro

Visitei o arraial de São Domingos de Araxá, distante três léguas do Córrego Fundo e situado em meio a campos cobertos de capim, numa região parte plana, parte montanhosa. Não se observa, todavia, nenhuma elevação importante. Só ao sul é que se encontram algumas mais altas.

Um pequeno córrego irriga a região, e o lugar é de aparência convidativa.

Meia hora antes da minha chegada, topei com os principais do clero e da magistratura, que me receberam e me acompanhariam, todos cavalgando belos animais. O séquito dirigiu-se para a igreja, onde fui recepcionado com água benta pelo vigário. Após a missa, tive de assistir a um casamento e de acompanhar o casal até a casa, em frente da qual os acompanhantes tiraram os chapéus, enquanto os recém-casados, na soleira da porta, cumprimentavam em silêncio todos os presentes. A comitiva afastou-se em seguida, murmurando chacotas.

Até o almoço, providenciado pelo juiz em minha homenagem, permaneci na hospedaria, onde fui obrigado a receber numerosas visitas importunas, justamente na hora da canícula e sem que pudesse dispor de tempo para repousar.

Era domingo e o lugar estava repleto de pessoas que desejavam transmitir-me a satisfação pela sua libertação do domínio goiano, como se tratasse de indivíduos que, por longo tempo, houvessem sofrido o jugo estrangeiro e, finalmente, voltassem ao soberano de direito.

O arraial consta apenas de 75 fogos e possui ruas longas e retilíneas. Suas origens datam de doze anos atrás. Se continua a crescer como até então, em breve será um dos maiores de Minas Gerais. Para tanto, existem os elementos indispensáveis, exceto um policiamento mais severo, capaz de reprimir a delinqüência diária, impune. A população, na maior parte, é de malfeitores, fugitivos de outras partes de Minas e de Goiás. Além disso, a moralidade da juventude devia ser baseada na influência de um clero digno e em boas escolas.

Os bebedouros, fontes de águas minerais, que brotam na serra dos Agudos, distante uma légua de Araxá, já fazia tempo que haviam despertado a minha curiosidade.

Fui ao local onde existiam, em companhia das notabilidades do arraial. Atravessamos, de início, campos planos, cobertos de pastagens. Nas proximidades das fontes, o solo tornou-se ondulado e revestido de árvores. Um grande depósito ou lombada de quartzito, de superfície decomposta em seixos quase cúbicos, torna incômodo o caminho que leva, com pequena declividade, a outro vale florestado, no qual se encontram as fontes. Dessas, dez brotam em uma área de alguns milhares de passos quadrados.

Essa área está fechada por um muro cujas entradas encontram-se sempre cerradas, e é tão vasta que 1.500 reses podem ser levadas ao mesmo tempo aos bebedouros. Cerca de 60 fazendeiros mantêm essa estância hidromineral bovina. Morando alguns a distâncias que vão de 8 a 12 léguas, combinaram, para evitar atropelos, que cada um disporia de um dia no mês, para que o seu gado pudesse dessedentar nos bebedores. Normalmente, a boiada permanece ali durante um dia, tempo suficiente para beber à vontade.

As fontes brotam de um conglomerado de quartzito cinza, que forma uma crosta, e de um estrato de anfibolitos extremamente compacto, cortado por veias de quartzo. O anfibolito está parcialmente cristalizado; na maior parte, porém, apresenta inclusões de pirita. Nas vizinhanças, encontra-se minério de ferro compacto como hematita, que, segundo dizem, cobre uma grande extensão.

Mais adiante tratarei das propriedades da água. Por exemplo, basta dizer que ela poderá ser empregada com êxito na cura de várias doenças, como a sarna. No local, dizem mesmo que um leproso foi curado por ela completamente.

A respeito do minério de ferro, já mencionado, o mesmo poderia ser utilizado no local com grande vantagem, já que não falta nem queda d'água, nem lenha. A arroba de ferro, na região, está a 7$200 (aproximadamente 12 Rthlr.).

Na mencionada serra dos Agudos, vê-se, encaixada no quartzito, um possante veio de barita estriada. A rocha regional é o micaxisto, parcialmente em conglomerado com seixos de quartzo branco e mica fibrosa prateada, mas na maior parte, ferruginoso e argiloso, de maneira a parecer em transição para xisto argiloso contendo ferro, no qual ocorrem lâminas de mica cor de prata, como que esmagadas. A direção predominante da rocha é indicada pela 3ª hora e seu mergulho, de 20°, de norte para oeste.

As rochas aqui mencionadas podem estender-se Goiás a dentro, pois fontes minerais são encontradas no trecho que vai até Santa Cruz, onde, segundo dizem, algumas delas atingem a temperatura de água fervente.

O distrito de Araxá, em virtude da fertilidade de seus solos, poderia transformar-se em uma das mais florescentes regiões do Brasil, se ali fosse introduzida uma agricultura racional. A criação de gado, embora em estado semi-selvagem, já rende lucro, sem muito trabalho. O gado é apascentado em campos abertos, em plena liberdade. O serviço de dois a três homens, nessas condições, é o bastante para o manejo e a condução do rebanho aos bebedouros.

Durante o período que vai de agosto a janeiro, porém, requer-se mais trabalho humano, pois é tempo de parição. Ao darem cria, as vacas são levadas para as proximidades da sede da fazenda, onde ficam encerradas no curral, durante a noite.

De manhã e à tarde, as vacas deixam espontaneamente o pasto para alimentarem os bezerros e é nessas ocasiões que são ordenhadas. Para tanto, espera-se que a cria mame um pouco, para, logo em seguida, ser afastada à força e atada rente às pernas dianteiras da mãe, com corda curta, a fim de que ambas se mantenham quietas. É o momento em que se inicia a ordenha. Sem tais precauções, dizem, a vaca não solta o leite.

Os bezerros mamam a ponto de esgotar a mãe, até que ela novamente fique prenha ou perca inteiramente o leite em virtude da seca. Portanto, durante todo o ano. Aliás, as vacas da região não são boas leiteiras, não ultrapassando a maioria delas mais de três litros diários. O leite tem baixo conteúdo em gorduras. As melhores são alimentadas com canjica molhada. Depois da parição, os vaqueiros procuram evitar as varejeiras, para que não penetrem na vagina nem no umbigo da cria, pois dos ovos delas nascem em poucos dias milhões de vermes, que consomem a carne e acabam com o animal, caso não eliminados a tempo. O remédio empregado é, em geral, caldo de tabaco, embora produzisse

melhor resultado o uso do mercúrio. A ferida em que fervilham os germes é chamada de bicheira.

Logo que as crias atingem alguns meses de vida e o fazendeiro não tem maior necessidade de leite – na maioria das fazendas não se fabricam queijos nem manteiga, atividade considerada cansativa –, tanto as vacas como as crias são enxotadas para o pasto. Os machos são castrados aos 2 anos e, dois anos após, vendidos para o corte. Os compradores, no distrito, pagam 4$800 por rês e, após um transporte de 200 léguas, aproximadamente, isto é, até o Rio de Janeiro, obtêm, nessa cidade, 6$400 a 7$000 por cabeça (cerca de 10 a 11 Rthlr.)

Aqui, como em toda parte do Brasil, a despeito da terra fértil em meio a campos, cultiva-se exclusivamente em terras de matas. Para esse fim, derrubam-se ou queimam-se as florestas às margens de rios e córregos. Dentro de poucos anos, a madeira desaparecerá de tal maneira, que casa alguma poderá ser edificada. Ainda existe a aroeira, dura como ferro, imperecível, que não pode ser confundida com a portuguesa – *pistacia lentiscus* – provavelmente não descrita ainda. O tronco retilíneo atinge até 80 pés de altura e 3 de diâmetro.

De Araxá voltamos à fazenda do Córrego Fundo, onde permanecemos até o dia 10 de outubro, para prepararmos o reconhecimento de todo o distrito de Araxá e Desemboque. Para apressar os preparativos de viagem, conservamos apenas um animal de carga, enviando a bagagem pesada, por via direta, para o arraial de Desemboque, distante dez léguas.

10 de outubro

Durante esta jornada de dez léguas compridas, nada vimos digno de relato. Atravessamos campos queimados, ermos desabitados e uma única fazenda. Deixamos, à direita, duas outras. Na proximidade da fazenda de Manuel Teixeira, observei o granito de granulação grossa, parcialmente coberto de xisto micáceo argiloso.

Fortes tempestades ameaçaram-nos o dia inteiro; mas não chovia, apesar de trovoadas ininterruptas. Isso é comum no Brasil.

Pelas 4 horas chegamos ao pouso, fazenda do Morro Alto, à margem do Pirapetinga, pequeno rio. Fomos acolhidos cordialmente por dois irmãos que ali moravam em boa inteligência – raridade no Brasil. Dedicavam-se especialmente

ao comércio de gado. Compram bois de um ano e vendem-nos para o Rio de Janeiro, aos quatro anos. Em qualquer país, nenhum negócio desse tipo prosperaria, pois os agricultores criam eles próprios o seu gado, ficando com o lucro todo. Aqui, porém, onde os fazendeiros nada entendem de economia, o negócio dá certo. Aliás, vendem qualquer coisa à vista. Por outro lado, são capazes de abrir crédito a prazo dilatados e juros de 100%. Vencido o prazo da dívida, é comum a penhora dos bens do devedor. Não havendo bens a penhorar ou seqüestrar, perdem-se o principal e o juros. Assim terminam os negócios geralmente no Brasil, já que raramente o comprador-devedor pode ou deseja saldar o compromisso, resultando disso inúmeros processos judiciais em que ambas as partes de comprometem. Não raramente, o caso acaba em assassinato. Para explicar quanto o crédito fácil aumenta o preço da mercadoria, sirvo-me do seguinte exemplo: um escravo novo – moleque, como é chamado – custa 150$000 à vista e, a prazo de quatro anos, até 280$000. Como é fácil calcular, o comprador, geralmente, esgotado o prazo, está mais impossibilitado de efetuar o pagamento do escravo do que no momento da compra, especialmente se, nesse ínterim, teve a desgraça de perdê-lo. Esse é um dos principais motivos que impedem a prosperidade dos que se dedicam à fabricação do ferro.

11 de outubro

Prosseguimos viagem às 8 horas da manhã, num percurso que nos oferecia mais variedades. Havia planícies e elevações e um caminho sempre bom. Nas baixadas, parecia haver bons solos de vazantes. Nas elevações, uma capa de seixo anguloso de quartzo. Freqüentemente, aflorava um xisto arenoso, com forte mistura de quartzo, sobre um de xisto argiloso, em transição. Os afloramentos deste podem ser claramente vistos nas margens do Quebra Anzol e do Córrego da Cachoeira.

O Quebra Anzol, que transpusemos depois de percorrida uma légua e três quartos, é de tamanho médio, não possui corrente impetuosa e nem margens elevadas.

Atravessamos o rio em uma canoa grande, enquanto os animais o faziam a nado, pois só havia um menino para dirigir a embarcação.

Durante uma marcha de seis léguas e meia, apenas encontramos uma casa e a fazenda da Boa Vista, que avulta entre muitas da região por causa de uma boa

horta e uma boa cultura de algodão. Nela descansamos uma meia hora, bebendo um leite muito bom. Nas proximidades, atravessamos o ribeirão do Salitre e galgamos lentamente a serra do Salitre, que é formada de lombas articuladas entre si no rumo leste-oeste ao longo do Quebra Anzol e cortada pelo ribeirão de mesmo nome. A rocha local é parecida com a já descrita, pertencente à formação de transição, denotando, porém, a particularidade de um número maior de camadas de quartzo em alternância com o xisto argiloso, rochas responsáveis pelo solo sáfaro e aspecto desnudo da região. Mergulham para o sul em ângulo de 45 a 60°.

As cordonizes são mais freqüentes nessas zonas. Por causa delas, chegamos atrasados à fazenda do Salitre, situada além da serra, à margem do ribeirão de mesmo nome.

O xisto argiloso que, como já foi dito, parece ser a principal rocha regional, está no alto da serra, em transição para um quartzito argiloso, de fina granulação, que fornece, muitas vezes, belíssimas lâminas. Nas alturas em que se salienta, é ferruginoso, mas falta-lhe o componente micáceo.

A fazenda do Salitre pertence a um dos mais nobres e ricos fazendeiros, que é também juiz e dedica-se à criação do gado. Seu proprietário prospera bastante, graças às fontes minerais e aos bebedouros, distantes da sede apenas um quarto de hora.

Mais uma vez, observei a criticada indiferença dos fazendeiros com relação aos preceitos de higiene doméstica e às exigências do conforto. As paredes da moradia, pequena e baixa, feitas de barro, estavam inteiramente esburacadas. A porta estava semi-obstruída por varas, que impediam a entrada dos porcos; no entanto, a mesa vergava sob o peso dos pratos e baixelas de prata, cheios até a borda. A horta contígua à casa era bem cuidada e possuía muitas hortaliças e frutas magníficas, especialmente laranjas muito boas. Achei muito bom o hábito local de incluí-las nas refeições, à guisa de legumes ou de pão, hábito que conheci aqui pela primeira vez.

Quando chegamos, os filhos do casal ocupavam-se em castrar novilhos, serviço que executavam com grande habilidade e rapidez. Amarravam o animal em uma estaca, seguravam os testículos firme e apertadamente, de modo que o novilho, de tanta dor, nem se movia. Em seguida, os testículos, um atrás do outro, eram pressionados de modo a penetrarem entre os músculos do ventre. Afinal, o escroto era fechado por uma laçada. Segundo fui informado, esse procedimento

não acarreta nenhum perigo. Condena-se o corte dos testículos na região, sob a alegação de que a ferida resultante requer muitas precauções quanto aos vermes, que facilmente arruinariam tudo.

12 de outubro

As fontes minerais encontram-se à distância de um quarto de hora da sede em um vale arborizado, cercado de rochedos ao lado de um córrego de água doce. A fonte principal jorra em um tanque de alvenaria, a partir do qual a água é distribuída em vários cochos longos de madeira, onde o gado se desaltera. A água parece ser mais forte do que a de Araxá e seu odor sulfuroso se espalha pelas adjacências. De sabor podre, um pouco sulfuroso no início, um pouco picante em seguida, mostra-se, no fim, amargo.

As mãos lavadas nela escorregam como se ensaboadas. Quando secas, pegajosas. Quando fiz evaporar cerça de 50 litros da água, fervendo-a ao fogo, obtive meia libra de sal de sabor picante e amargo.

No local, observa-se também a presença de rochas anfibolíticas, capeadas pelo conglomerado acinzentado, quartzo, contendo blocos de minério de ferro. A rocha mais importante é o arenito, de granulação fina, que geralmente está em transição para o quartzo e, como nos bebedouros de Araxá, se espalha em fragmentos soltos.

Ao redor das fontes concentravam-se muitas aves de todo o tipo, principalmente papagaios, que enchem o ar com seus gritos.

Outros importantes bebedouros podem ser vistos em serra Negra, distante seis léguas, e ainda na fazenda das Marrecas.

Após minha volta a Vila Rica, enviei o sal por mim obtido ao ministro, conde da Barca, o qual o entregou a frei Leandro do Sacramento, monge erudito, excelente botânico e bom químico, para que o examinasse. Frei Leandro comunicou-me o seguinte:

"Eu dilui uma parte do sal em água corrente; a solução adquiriu uma cor amarelada um pouco turva; em seguida, filtrei-a em papel-filtro, sobre o qual permaneceu uma substância cinza-escura, foliácea, a qual, depois de ter sido lavada para eliminação de todo o sal, tão logo novamente se procedeu à secagem em fogo a carvão, produziu uma fumaça escura, permanecendo, porém, combustível. Exposta ao calor de uma chama até arder, assemelha-se, depois de

resfriada, a uma argila endurecida ao fogo, pois sua aparência anterior era a de argila molhada.

O teor dessa argila era aproximadamente de uma centésima parte do sal em solução. Associados à argila havia alguns pequenos grãos de areia, cuja presença se fazia sentir quando pressionada entre os dentes.

A fumaça mencionada deve provir, provavelmente, de algumas substâncias vegetais. O líquido filtrado, que ficou depositado em um recipiente durante cinco dias, deixou alguns sedimentos, era também proporcionalmente mais claro e, provavelmente, se maior fosse o tempo de precipitação, produziria mais sedimentos. A cor permaneceu sempre amarelada e o sabor era alcalino, um pouco amargo.

Uma parte da solução sem precipitação acrescida de ácido nítrico, posta em pequenas quantidades ao fogo, borbulhou fortemente, com desprendimento de gás carbônico até a saturação e, nesse estado, achava-se o nitrato de potássio, que se podia reconhecer pelo gosto. O papel-filtro molhado com esse líquido e posto a seco inflamou-se ao fogo, produzindo detonações, e consumiu-se rapidamente, como se tratasse de salitre.

Uma quantidade igual da aludida solução adicionada de algumas pequenas gotas de ácido sulfúrico borbulhou igualmente estrepitosamente, enquanto, à superfície, levantava-se espessa espuma, que em curto tempo enegreceu na parte superior. O gás que se desenvolveu estava impregnado de enxofre. A espuma diminuiu em seguida, deixando, porém, vestígios no recipiente, e da mistura desprenderam-se vapores menos escuros do que a espuma; mais tarde, após completa saturação, precipitou-se no fundo do recipiente, sem, contudo, aderir-se a ele.

O fluido, ali, tornou-se mais claro e sabia a sulfato neutro de potássio.

Disso, concluo que o sal, que primeiro analisei, é carbonato de potássio, contendo, na verdade, pequenas quantidades de argila, enxofre e substâncias vegetais. A estas atribui-se a cor amarela, assim como as borbulhas escuras quando se carbonizam sob a ação do ácido sulfúrico. As nuvens de condensação que se assentam no fundo do recipiente provavelmente são as citadas substâncias vegetais, ou, então, substâncias minerais que permanecem menos sensíveis após serem submetidas à ação do carbonato de potássio.

Esse carbonato de potássio ou existe nesse estado, e torna a água em que é lançado salgada, ou forma, em combinação com o enxofre, um sulfureto de

potássio, através da ação do qual, por meio do ácido carbônico da atmosfera, provém todo o carbonato de potássio.

O restante só pode ser esclarecido por meio de observações no local, como, por exemplo, as observações sobre a natureza do gás, nas adjacências das fontes, do estado em que se encontra o enxofre, etc.

No caso de presença deste último, as águas são sulfurosas, adequadas para o tratamento de doenças hepáticas; caso contrário, são apenas salinas."

Fr. Leandro do Sacramento

As minhas pesquisas nas fontes, já relatadas, bem como essa análise, levam à conclusão de que as águas são hepáticas e poderão servir tanto à medicina como à fabricação de sal.

Como na zona sertaneja não há bebedouros, seria bom negócio a venda do sal extraído dessas águas, já que o saco de sal estrangeiro (66 libras) custa 6$000. Para extraí-lo, bastaria colocar a água em recipientes rasos, para, com o auxílio do sol escaldante, obter em pouco tempo grande quantidade de sal. Eu próprio dei explicações a respeito, *in loco*, porém o brasileiro pouco se interessa por tais coisas.

13 de outubro

Como o brasileiro – normalmente o sertanejo – aproveita qualquer ensejo para organizar uma festa, ou assistir a uma comemoração qualquer, que aqui se chama *função*, uma multidão de cavaleiros de Araxá chegou às vésperas da partida, para dar mais importância à minha entrada em Patrocínio. Se bem que fique esse arraial distante daqui quatro léguas e meia, a minha chegada coincidiu ser em um domingo, dia de missa no arraial, e a comitiva foi acrescida de 30 cavaleiros.

O caminho ia por uma das mais belas regiões que já percorri. Subia ao longo do ribeirão do Salitre e seus vales, suavemente emoldurados pelas pastagens verdes, entre morros baixos e cobertos de matos, eram novidade para mim. Os habitantes, parece-me, também amavam essa magnífica região, pois sua densidade demográfica era maior, como o indicava a existência de quatro fazendas, pelo menos, no trecho de quatro léguas e meia.

Logo após minha chegada ao arraial, que possui cerca de 20 casebres situados em um alto, ao redor da igreja, só usada aos domingos, começou o serviço religioso. O juiz mandou preparar um almoço simples em uma venda.

Aqui, mais do que em Araxá, notei que os habitantes eram descontentes e desconfiados. A maioria mantinha-se à distância. Fiquei sabendo, então, que, dada a posição de isolamento do distrito, vários criminosos, bem como devedores da Real Fazenda, fugitivos de Minas Gerais, radicaram-se na zona. Temiam, com a minha chegada, ser presos e punidos; no entanto, após a minha volta a Vila Rica, entreguei às autoridades um pedido a respeito, em atenção ao qual, por meio de uma procuração, garantiu o governador, àqueles habitantes do arraial, a posse pacífica de seus bens.

Após o almoço, prosseguimos por duas léguas e meia, até a fazenda de Bom Jardim, numa região montanhosa. O caminho levava através do alto do Morro de Patrocínio, constituído de quartzito comum, recoberto de seixos angulosos de quartzo.

Vários córregos, a que já aludimos linhas atrás, lançam-se à margem esquerda do Santo Antônio, que, a cinco léguas de Bom Jardim, se lança no Quebra Anzol. À direita, na distância de algumas léguas, alonga-se uma cordilheira em direção ocidental, chamada serra dos Dourados, no sopé da qual corre o rio dos Dourados, afluente do Paranaíba.

No percurso de hoje, paramos ao pé de uma cruz de madeira, a respeito da qual o juiz me relatou o seguinte: no ano anterior, em uma fazenda das vizinhanças, cujo nome ele mencionou, um escravo agredira o filho do fazendeiro, fugindo em seguida. Dias depois fora aprisionado e, após ser cruelmente castigado, conduziram-no ao local da cruz, onde lhe deceparam a cabeça, que foi dependurada em uma vara, e o corpo sepultado sob a mesma, como costuma a Justiça fazer. Perguntei ao juiz qual a providência que tomara em relação ao fato; confessou-me que nada poderia fazer, já que o enfurecido pai o ameaçara de igual castigo. Este exemplo mostra como anda a Justiça por aqui.

14 de outubro

A fazenda de Bom Jardim pertence a um homem abastado, que estava particularmente interessado em libertar-se da jurisdição de Goiás. Por esse motivo entregou ao meu acompanhante Antônio da Costa uma soma suficiente

para que custeasse o processo que intentara, nesse sentido, no Rio. As despesas não se resumiam apenas nas custas do processo, mas ainda na perda de tempo e nos juros do capital investido no projeto.

Depois das 9 horas da manhã, seguimos viagem. Atravessamos algumas vezes uma região aprazível e frondosos vales cobertos de magníficas palmeiras. Particularmente belo era o vale do Olho d'Água, do qual jorrava uma explêndida fonte de águas cristalinas. As águas da região fluem para o Dourado.

As fazendas da Rancharia do Isidoro, como as da Castilhana e da Maria Lorenza, pertencentes a pobres fazendeiras, foram as únicas que encontrei no percurso de oito léguas e meia. A primeira fora uma importante propriedade do afamado garimpeiro que, chefe de uma malta de vadios, ali os congregara para a garimpagem nos rios diamantíferos, granjeando o respeito geral, inclusive dos soldados.

Em nenhum ponto pude observar a rocha regional, exceto na fazenda de Maria Lorenza, onde aflora o granito.

Ali permanecemos alguns dias, antes de prosseguirmos viagem. Alcançamos a fazenda de Monte Carmelo às 6 horas. Ela pertencera outrora a uma velha senhora, que a legara a Nossa Senhora do Carmo, em cuja homenagem se erigira uma capela.

Nessa fazenda, de poucos casebres, morava um cirurgião, ou passava a sê-lo pela simples razão de possuir alguns livros de medicina e alguns remédios.

15 de outubro

Excluídos alguns vales frondosos, a região, nesta jornada, compõe-se de vales verdejantes e serras escalvadas, vastas chapadas cobertas de vegetação arbustiva. O solo, na sua quase totalidade, é sáfaro e quase sempre pedregoso. Encontrei exposições de granito no córrego da Cava.

O único local habitado que observei foi a fazenda de São Félix, à margem do córrego do mesmo nome, que, unido ao das Perdizes, flui para o Dourados.

Mais adiante, à esquerda do caminho, vê-se o engenho de açúcar do Elias.

Após uma marcha de aproximadamente sete léguas, alcançamos a fazenda dos Troncos, onde pernoitamos. Sua sede dista apenas duas léguas do porto de São Camilo, no Paranaíba.

Não raro, nas fazendas do interior brasileiro, vêem-se moinhos de milho,

sempre mais bem construídos que as casas de moradia, que são esburacadas, barreadas, cobertas de palha, enquanto os moinhos são de tijolos e argamassa com cal.

Acontecia o mesmo na fazenda dos Troncos, em que o local mais asseado era também o moinho, afastado da sede, e que nos foi dado para moradia. Ali já habitava o preceptor – do tipo que anda descalço, entenda-se –, que ensinava, além das crianças da vizinhança, alguns índios.

O chefe da família encontrava-se ausente na ocasião e, como as mulheres, segundo o costume, se mantivessem invisíveis, as honras da casa foram feitas pelo professor.

Para que o jantar não chegasse frio à nossa mesa, a dona da casa e as filhas, sempre às escondidas, aproximaram-se dos fundos do moinho para entregarem, através de um furo na parede, as panelas. Pela mesma via recebemos, no dia seguinte, o desjejum.

16 de outubro

A região, à medida que nos aproximávamos do Paranaíba, tornava-se mais acidentada, pedregosa e coberta de matas, e pioravam os caminhos.

Como durante a noite chovera copiosamente, foi bastante perigosa a travessia do rio Bagagem, o que se realizou logo abaixo de uma importante cachoeira, não menos perigosa. A torrente era impetuosa e o leito coberto de pedregulhos; devemos a feliz travessia a um guia, perito e corajoso. Alcançamos a margem oposta com água à altura da sela e penetramos, assim, no distrito dos bororos.

Antes de atingirmos o Bagagem, observamos, como rocha mais conspícua, o sienito. O pedregulho do leito do rio compunha-se de micaxisto. Mais além, numa elevação junto do caminho de Goiás, no trecho que leva ao Porto Real do Paranaíba, aflora o granito. Desse ponto em diante, apenas vimos alguns casebres indígenas dispersos.

Às 13 horas chegamos à aldeia das Pedras, onde nos alojamos com o capitão Leopoldo, índio que desfrutava de grande prestígio na região. A aldeia toda possui apenas pequenos casebres miseráveis, cobertos de palha e dispostos irregularmente. Neles moram 37 famílias, compreendendo 127 pessoas, dentre elas mulatos e negros, de tal maneira misturados com os índios, que muito pouco

sobrou de seus costumes originais. Esqueceram-se da própria língua, para falarem apenas o português ou o dialeto dos paulistas.

A terra dos bororos, propriamente, pertence à província do Mato Grosso, não longe de Cuiabá. Dividem-se em várias tribos, de línguas diferentes: bororos, parecis e cabixis.

Como o caminho direto de São Paulo a Goiás, há setenta ou oitenta anos, foi construído por um homem de iniciativa chamado Bartolomeu Bueno da Câmara Lemos, Anhangüera, foi-lhe concedido e à sua família, a título de recompensa, o direito de pedágio no Rio Grande e outros na região entre esse rio e o Paranaíba.

O caminho entre São Paulo e Goiás encontra-se abandonado. Está muito exposto às investidas dos caiapós bravios. Por essa razão, o governo transferiu grande cópia dos bororos para essa região, já que se entendiam amigavelmente com os portugueses. Assim a Mesopotâmia Grande – Paranaíba, légua e meia de largura em ambos os lados do caminho, foi a área de recepção dos deslocados, os quais receberam moradias e a missão de defender a região e o caminho contra a ameaça caiapó.

Esses bororos eram administrados por um diretor, que residia na aldeia de Santana, não longe do rio das Velhas, e onde se erigiu uma capela dirigida por um vigário.

Até poucos anos atrás, ali morava um ferreiro remunerado, com o encargo de manter em bom estado as ferramentas utilizadas pelos índios. Um vigário cuidava da igreja.

A colônia, porém, por culpa e descaso dos diretores, geralmente soldados ignorantes, vindos de Goiás, nunca progrediu. Além disso, acresce ainda a escolha inadequada dos clérigos, incumbidos da educação e formação dos índios. Numerosos selvícolas foram vitimados pelas doenças, de maneira que o governo de Goiás se viu obrigado a reforçar a colônia com a introdução de outros novos. Há cinqüenta anos, por exemplo, foram transferidos para ali grandes contingentes procedentes do Araguaia,* das tribos dos xarais e taperapés.

Esses deslocados se mesclaram de tal forma, que hoje em dia é impossível distingui-los.

Há mais de dez anos, outros selvícolas, da tribo xicriabá,** procedentes

* Von Eschwege denomina o Araguaia *Urugai* e *Aragai*. Aqui, por exemplo, o original alemão menciona Uruguai em lugar de Araguaia (N.T.).

** Do grupo gê ou tapuia (N.T.).

dos sertões baianos, foram também trazidos para a área e deles muitos conservam ainda os costumes e língua originais. A maioria habita na aldeia de Santana, onde encontrei uma anciã que viera com as primeiras levas baianas. Nada entendia da língua portuguesa. Mantinha-se sempre assentada, inteiramente nua, junto a uma fogueira.

17 de outubro

Afim de conhecer mais pormenorizadamente o Porto e o rio Paranaíba, destinado a formar a nova divisa entre Minas Gerais e Goiás, fui até lá, no dia de hoje.

À medida que me aproximava do aludido rio, comecei a perceber o adensamento do mato no alto dos morros, onde aflora o gnaisse, recoberto pelo sienito. O gnaisse mergulha oito horas para o sul. O rio é caudaloso e seu leito apresenta-se revestido de blocos de gnaisse.

Para a travessia desse rio, utiliza-se uma embarcação formada de duas canoas ajoujadas. O canoeiro mora à margem direita, nas vizinhanças de uma fazendola. É obrigado a devolver ao fisco um terço do preço cobrado pela passagem, o que depende exclusivamente da sua boa vontade, já que ninguém poderia impedi-lo de agir como bem lhe parecesse.

A maioria dos fazendeiros da vizinhança pediu-me que estendesse a nova divisa entre as duas províncias ao Rio Catalão, que, à distância de seis léguas a jusante, deságua no Paranaíba, a fim de que não ficasse sob a jurisdição de Goiás.

Como a lei que definia as divisas mencionasse apenas as paróquias de julgado do Araxá e Desemboque, e pertencesse à região de Catalão a capela de Santa Cruz, não vi como atender ao pedido. Assim procedendo, no entanto, caberia a Minas um arredondamento mais vantajoso e melhor.

Depois de informar-me de tudo que pudesse interessar à minha missão, voltei à aldeia das Pedras, onde se havia reunido um grande número de indígenas para me ver. Estranhei a ausência de jovens de 14 a 20 anos. Indagando o motivo, foi-me dito que, vinte anos atrás, a maioria dos homens havia sido enviada contra os índios do Araguaia, tendo retornado apenas um pequeno número deles.

Desejando conhecer as danças indígenas locais, roguei ao meu hospedeiro que organizasse uma função à noite. Todos concordaram com prazer, graças talvez a um pipote de cachaça que lhes ofereci.

Em uma casa vizinha, onde se realizou a festa, moças e moços empenharam-se apaixonadamente a noite inteira na dança, sem que ninguém, por bebedeira, armasse briga ou praticasse inconveniências.

Dentre outras, distinguem-se quatro modalidades de dança. Uma delas – cururu* – parece-me tipicamente indígena. Todos os participantes da festa, mesmo quando são centenas – o que ocorre geralmente –, formam uma roda, os homens de um lado e de mulheres do outro, ao som de uma música de ritmo acelerado, no compasso ternário, 3x4.

A grande ciranda gira lentamente, os homens separados; as mulheres movem-se devagar, colocando o braço esquerdo no ombro da vizinha, de modo que o corpo fica de lado, a fim de encobrir as partes pudendas das índias nuas, participantes da roda.

Alternando-se de duas a duas, as mulheres entram em seguida no centro da roda, cantando estrofes em louvor de uma pessoa presente, repetidas por todas as outras. A orquestra compreende guitarras, tamborins e maracas. A guitarra deve ser considerada elemento advindo da civilização.

Outra dança – chamada taiá – é dançada por nove pessoas apenas, as quais formam três fileiras; seis delas permanecem sempre em movimento. Dançam um em frente do outro, dão-se as mãos e trocam de lugar, tudo muito depressa. As três restantes tocam os instrumentos já mencionados enquanto cantam alguns versos, que os outros acompanham com o bater de palmas.

Essa dança é artística e bonita e poderia ser introduzida em sociedades civilizadas. Tanto o cururu como o taiá são inteiramente indiano-brasileiras; as outras parecem-me já modificadas, em parte pelos negros, em parte pelas danças portuguesas e espanholas; como exemplos, o recortado, que é uma espécie de grande roda, acompanhada de cantigas; além dos bailes, que pouco se diferenciam uns dos outros: duas filas de homens e mulheres colocam-se um em frente do outro, fazem evoluções, dão-se as mãos, para formarem a roda. A música é viva e seguida de cantigas variadas; os homens cantam primeiramente, e toda vez que evoluem frente a frente, as mulheres entram em seguida, com suas vozes penetrantes.

* Dança religiosa, como o catereté, dos tupis (N.T.).

18 de outubro

Por ocasião de minha chegada à aldeia das Pedras, observei a timidez dos homens, tristes e solitários, coisa que me era estranha. Finalmente fiquei sabendo, do capitão Leopoldo, que haviam dito a eles que perderiam os direitos que até então lhes haviam sido assegurados, passando a ser tratados como escravos. Foi inacreditável a alegria dos pobres indígenas quando os esclareci sobre o assunto; eles não sabiam como me agradecer bastante.

À minha partida, agruparam-se todos para as despedidas. As mulheres formaram um grupo em uma colina, enquanto os homens, armados de velhas espingardas, se postaram no lado oposto. Assim que montei, eles deram uma salva e as mulheres cantaram em minha honra; a maioria dos mais abastados acompanhou-me a cavalo. Durante umas quatro horas de caminho duraram os cantos e os tiros.

De um ponto alto do caminho, enviei-lhes meu adeus, acenando com o lenço. As mulheres responderam-me com os seus. Na verdade, nunca mais veria esse povinho, a quem dera nova vida.

Seus agradecimentos me enterneceram e mantiveram-me, durante horas, muito triste, principalmente porque a região não era nada alegre.

Em ambas as encostas do vale onde nasce o rio das Pedras (um pequeno ribeiro, propriamente), cabeças de arenito vermelho comum acompanharam-nos até as proximidades do magnífico vale da aldeia da Estiva com suas águas cristalinas e uma série de belas palmeiras.

Quando se tem a alma envolta em pesar, este desaparece à vista dos campos verdes desta aldeia indiana.

Essa aldeia, pela limpeza e indústria de índios já abastados, merecia toda a preferência se comparada com a das Pedras, onde se distinguia apenas a pequena fazenda do capitão Leopoldo, um tanto afastada, com o seu engenho de açúcar e a fábrica de aguardente.

Visitei, de passagem, os moradores, constituídos de poucas famílias, a maioria das quais, na ocasião, estava nas plantações. Ali deparei-me com os restos de uma grande festa. No centro de um belo prado fora levantado um grande caramanchão, onde uma centena de pares dançara o cururu.

Assim, os habitantes antigos da América aproveitam qualquer ensejo para se divertirem, o que não acontece com os europeus, que nada entendem disso, e

por isso mesmo procuram oprimir os índios, invejam-lhes as poucas distrações e gostariam mesmo de tirar-lhes até isso.

Saindo da aldeia da Estiva, atravessamos quase sempre belíssimas planícies, de boa extensão, que não seriam melhor irrigadas mesmo se adotassem processos artificiais. Acredito que elas se acham a mil pés acima do nível do mar, já que não só a temperatura é bem moderada, como também os rios próximos correm diretamente, por entre margens abruptas, para o rio da Prata.

Particularmente distintas são as regiões das aldeias do Piçarrão e de Boa Vista, por sua beleza e fertilidade.

Perto das 4 horas, alcançamos a fazenda das Furnas, que pertence a um português casado com índia, gozando, com isso, os privilégios do índio. Não longe dali há uma importante cachoeira, formada pelo grande ribeirão das Furnas, que se lança, através dos lajedos de arenito, a uma profundidade de 80 pés. A principal rocha subjacente parece ser xisto silicoso, pois pelo menos ele se encontra em grande quantidade nos seixos nos altos das encostas.

Permanecemos algumas horas na fazenda das Furnas. Enviei, porém, meu soldado para a aldeia de Santana, com o fito de preparar acomodações, já que lá iríamos chegar em plena escuridão noturna. Felizmente, ele encontrou algumas índias compassivas e gentis, que nos providenciaram o mínimo indispensável. Em toda a aldeia não havia um único homem, pois todos se encontravam nas plantações. O diretor de índios, um velho soldado de Goiás, não morava na aldeia, mas no registro do rio das Velhas, distante três quartos de légua.

Nós nos alojamos, assim, na casa desse diretor, bastante esburacada, e as bonitas índias prepararam-nos a refeição. Não obstante termos viajado naquele dia umas nove léguas e meia – mais de doze horas –, estávamos, graças ao caminho desembaraçado, menos cansados do que homens e animais após metade desse tempo em percurso por regiões montanhosas e pedregosas.

19 de outubro

De manhã cedo percorremos a aldeia – que consta de 25 casas baixas e em ruínas, habitadas por 36 famílias –, com o objetivo de colher informações sobre as condições dos índios, na maioria pertencentes à tribo dos xicriabás. As informações colhidas, porém, eram incompletas, porque os homens se encontravam nas roças.

A colônia está bem situada, e a aldeia está implantada em uma elevação dispondo de boa água. O ar deve ser saudável. A igreja tem bom tamanho e está na iminência de desabar, assim como a maioria das moradias. Observa-se que era uso começar tudo com dedicação, embora, com o tempo, conforme costume brasileiro, se abandonasse o que se iniciara sob tão bons augúrios.

O vigário mora um tanto afastado da aldeia e possui uma boa roça; mas, como já fazia anos que não recebia mais remuneração (o rei paga a cada vigário, anualmente, 200$000), descuidava dos seus confessados. Naquele dia, por exemplo, estava em alguns distritos da província de Goiás em missão de confissão, o que lhe rendia 8 vinténs por pessoa.[17]

No centro da aldeia há um grande monjolo, que bate o milho para toda a comunidade e mantém-se, portanto, em atividade permanente.

Ao meio-dia chegou o fiel ou administrador da alfândega do registro do rio das Velhas, em companhia de um oficial da junta da Fazenda, de Vila Rica – incumbido, dentre outras coisas, da organização dos livros do registro. Desejava visitar-me e acompanhar-me na viagem de volta.

A alfândega, solitária, fica à distância de três, quatro léguas da aldeia, à beira do rio das Velhas.

Para termos alguma distração, convidamos as jovens índias para uma visita, à noite, a fim de dançarem o cururu, o que elas prometeram fazer.

O fiel, homem agradável e atencioso, informou-me perfeitamente de tudo que eu desejava saber. O diretor dos índios, ao contrário, recusou-se a tal, pretextando que recebia ordens do governador de Goiás e não do de Minas Gerais – que não mandava nada. A Carta Régia, em virtude da qual aqueles distritos haviam sido desmembrados de Goiás, não existia para ele, pois não lhe havia sido encaminhada.

De início, não se compreende por que a alfândega se encontra a 20 léguas da fronteira; mas aqui se paga, por todas as mercadorias importadas de São Paulo, uma taxa idêntica à da alfândega em Matias Barbosa, como se vê no meu *Journal von Brasilien* [*Diário do Brasil*], segunda parte. A alegação de que as margens do rio Grande, onde ficava inicialmente a alfândega, eram insalubres, motivo da transferência, pareceu-me improcedente, já que no córrego da Posse,

[17] Como os homens nas regiões do interior do Brasil moram muito distanciados uns dos outros, mormente nos sertões, onde se deve viajar muitas vezes 12 a 20 léguas antes de encontar alguma igreja, os padres costumam visitar as fazendas, para celebrar a missa e ouvir em confissão.

a poucas léguas desse rio, o ar e a água são saudáveis. Parece-me provável, ao contrário, que a transferência obedeceu a interesses particulares, pois a maioria das mercadorias vendidas na região que se estende do rio Grande ao das Velhas, não sofria nenhuma taxação, e os vendedores aumentavam ou diminuíam as taxas a seu talante. Já que o sistema, tão prejudicial ao mercado interno, fora adotado, não havendo nenhuma esperança de modificá-lo, sugeri que a casa da alfândega fosse transferida para o córrego da Posse. Até a hora de minha partida do Brasil, porém, nada fora feito.

A referida alfândega rendia para Goiás 11.000 cruzados, anualmente. Minas apenas recebia 2.000 desse total, pois a maior parte das mercadorias apenas transita na região pertencente ao seu território. Com a mudança, como Goiás se queixasse da diminuição da receita que lhe cabia, foi resolvido que os distritos a que nos referimos continuassem a pertencer a Minas, embora os resultados da taxação fossem atribuídos a Goiás. Este pleiteou também a administração da alfândega, o que acarreta mil inconveniências, até que, finalmente, um aviso real promoveu a volta da administração a Minas Gerais, mantendo, porém, a entrega da renda a Goiás.

Além do administrador, ali morava um comandante, um soldado do regimento de cavalaria goiana e dois pedestres.[18]

Não se preocupando com a chuva persistente, todas as índias convidadas compareceram ao cair da noite. É possível que a ausência de homens na aldeia as tivesse trazido. Tornaram-se bem ousadas, o que serviu justamente de proteção contra a sedução. Dançaram o seu *cururu* até depois da meia-noite e, como tivessem bebido bastante entrementes, passaram o resto da noite em qualquer lugar que oferecesse abrigo contra a chuva.

O rio das Velhas é de tamanho médio, assim como o Paraibuna, porém muito mais piscoso. Cinco léguas acima do Registro, recebe o Quebra Anzol, que, por sua vez, a jusante da embocadura, se une ao Santa Juliana. Acima da barra do Quebra Anzol, recebe ainda o rio Claro. Longe, abaixo do Registo, encontra-se a embocadura do Uberaba. A confluência do rio das Velhas com o Paraibuna ainda não foi localizada corretamente.

[18] Pedestres são os que são pagos como os soldados rasos e empregados, em Minas, como carteiros ou mensageiros. No distrito Diamantino há todo um destacamento deles, destinado ainda à defesa dos rios diamantinos contra os garimpeiros.

Só após o meio-dia é que partimos, acompanhados do administrador da alfândega, conhecedor do caminho. Se bem que quase não se pudesse errar, graças à inexistência de desvios praticáveis, um guia desses representa folga, tranqüilidade e sossego, particularmente num sertão como aquele, através do qual percorremos nove léguas sem encontrar vivalma, e isto por longo tempo, em meio à escuridão da noite. O caminho, bom e plano, ajudou-nos bastante, ao longo de um percurso por prados viçosos. A extensa planície era interrompida apenas por colinas e córregos além do rio Uberaba. Os únicos habitantes da região são duas famílias indígenas, domiciliadas junto ao córrego da Rocinha. Eram invejadas pelos portugueses da vizinhança, por causa das fontes de água minerais próximas.

A única ocorrência de interesse mineralógico que avistei foi um morrete coberto de seixos de pederneira, que devem provir de uma jazida. A rocha regional principal parece ser xisto argiloso, de transição.

Cerca de 8 horas chegamos à Tijuca, na casa onde deveríamos pernoitar. Ali se havia fixado um português casado com uma índia. Ele e seu filho pequeno foram as únicas pessoas que encontramos no local. A pobreza e a sobriedade pareciam imperar na casa; contudo, a boa vontade do homem tornou gostosa a comida frugal. E, como ainda chovia cada vez mais forte, ficamos satisfeitíssimos de coração com o bom alojamento, o paiol de palha. Parecia-me jamais ter passado noite melhor. Sirva isto de prova de que o homem com bem poucos recursos pode ficar contente e até feliz. Nesses casos, um bem-estar indiscutível, desconhecido daqueles que vivem no luxo e no conforto, corresponde às necessidades do corpo e da mente na razão inversa dos incômodos sofridos.

Quantas vezes eu mesmo me sentia perfeitamente feliz quando, durante a campanha de libertação de Portugal, conseguia, para abrigar-me do frio e da chuva interminável, descansar sob um canhão e comer o meu pão em lugar enxuto![19]

[19] Eu comandava a 2ª Brigada de Artilharia. O exército bivacava durante a marcha e sofria falta de tudo, até que a capitulação de Sintra pôs fim à campanha.

21 de outubro

Alguns vales cobertos de árvores, morros areníticos e prados em forma de gamela úmidos, com belas palmeiras em leque, tornaram o caminho mais interessante do que o do dia anterior, se bem continuasse ainda desabitado.

O único lugar em que topamos com seres humanos foi a aldeia do Lanhoso, quatro famílias, totalizando 27 pessoas. Também lá há fontes minerais, subutilizadas porque o índio tem pouco interesse pela criação de gado.

A aldeia de Uberaba fica à distância de duas léguas e meia, à direita da estrada que leva a São Paulo, e que nós havíamos deixado.

Nessas regiões, em um ou outro ponto, são encontrados seixos de calcedônia. A rocha regional principal, porém, parece ser *grauwacke* e xisto de *grauwacke*, que afloram em camadas horizontais junto do ribeirão Uberaba Falso.[20]

Após um percurso de cinco léguas e meia, atingimos o arraial da Capelinha, lugar que se está construindo há pouco e onde nos hospedamos na casa de um jovem sacerdote. Para convencer-me, por observação própria, se era adequado para a ereção da casa da Alfandega ao córrego da Posse, ali fui no dia seguinte em companhia do administrador. Achei tudo conforme. O local dista quatro léguas de Capelinha.

Baixa, uma pequena aldeia indígena de 14 pessoas, é o único local habitado nessa região, à qual nada se compara em amenidades, beleza e fertilidade.

Estou mesmo convencido de que, futuramente, dentro, talvez, de séculos, ali brotarão as cidades importantes do interior brasileiro.

Que a população aumentou, serve de prova o fato de terem sido estabelecidas 80 fazendas, nos três ou quatro últimos anos, e construídas 26 casas no arraial da Capelinha. Até os índios de Uberaba gozam a fertilidade das terras da região e pagam não só o dízimo pontualmente à Coroa, como ainda mantêm e sustentam o vigário com seus próprios recursos.

A despeito dos assaltos, ainda a recear, dos caiapós bravios que vagueiam entre o Paranaíba e o Grande, seres humanos, em quantidade crescente, vão se fixando para lá da divisa meridional dos índios da defesa local, de maneira que já conseguiram avançar 20 léguas, rio Grande abaixo até o São Francisco.

[20] Esse ribeirão deságua no rio Grande, 12 léguas abaixo do porto de mesmo nome.

Os moradores do distrito de Capelinha têm suas atividades concentradas na pecuária, animados, para tanto, pelas fontes de água mineral das cercanias.

Nas regiões afastadas das capitais das capitanias, particularmente os sertões, encontram-se quase sempre alguns súditos que, por sua inteligência ou por sua riqueza, são superiores aos vizinhos e, de certo modo, conseguem sujeitá-los, embora poucas vezes em benefício da própria comunidade. Também nessa região, um desses tais instituíra-se em soba, cujas ordens valiam, em geral, mais do que as do governador, e cujo chicote se exercia mais e mais sobre os pobres índios. Ele comunicou-me o projeto que tinha em mente, de tomar pouco a pouco aos índios o seu distrito, para distribuí-lo entre os portugueses, sob o pretexto de que o rei deles não auferia lucro. Como encontrasse na minha pessoa, porém, um defensor dos índios, já que lhe afirmava que tudo faria para que continuassem na posse tranqüila de suas propriedades e de seus direitos, mostrou-se muito descontente.

Como devo me afastar agora da vizinhança dos selvícolas, incluo aqui a tabela demográfica da suas aldeias, além de um vocabulário da língua dos xicriabás. Consegui esse vocabulário de uma mulher após insistentes pedidos, porque aquela gente sente vergonha de falar a língua materna na presença de estranhos, conforme tenho observado, aliás, em várias nações.

	Aldeias	Fogos	Famílias	Pessoas
	Pedras	24	37	127
	Estiva	6	6	47
	Piçarrão	5	6	30
	Boa Vista	4	5	15
	Santana	29	36	118
	Córrego da Rocinha	2	2	10
	Lanhoso	4	4	27
	Uberaba	8	9	47
	Baixa	3	4	14
Total:	9 aldeias	85	109	435

A tabela seguinte, do ano de 1821, e referente aos índios que habitam as margens da estrada São Paulo – Goiás, acompanhada de uma queixa que eles apresentaram contra a invasão de portugueses em suas terras, chefiados pelo indivíduo citado linhas atrás, fornece os seguintes números:

Aldeia entre o rio das Velhas e o Paranaíba	Paranaíba	S.Domingos	Rio das Pedras	Estiva	Piçarrão	Boa Vista	Furnas	S. Ana	Total
Homens	4	27	33	20	11	11	14	84	
Mulheres	3	14	31	23	10	14	9	90	
Crianças	6	13	38	31	21	30	12	88	
Total	13	54	102	74	42	55	35	262	637

Aldeia entre o rio das Velhas e o Grande, invadidas pelos portugueses	Rio das Velhas	Rocinha	Uberaba	Tijuco	Lanhoso	Uberaba Falsa	Joídas	Baixa	Posse	Espinhos	Rio Grande	
Homens	7	3	2	8	5	13	5	-	2	5	3	
Mulheres	5	3	3	8	8	15	7	-	2	9	3	
Crianças	8	5	3	7	17	38	11	-	4	21	4	
Total	20	11	8	23	30	66	23	-	8	35	10	234
Total Geral												871

Mamang.....Pai
Nchatakï.....Mãe
Angrata.....Avô/Avó
Ingrá.....Filho
Bacotong ou Bicong.....Filha
Inschiutú.....Neto
Aitó dadamá.....Olho
D'aipogrï.....Ouvido
D'asigrï.....Nariz
D'ahaschï.....Cabelo
D'agrang.....Cabeça
D'aputù.....Pescoço
D'anhocutù.....Peito
D'atomong.....Barriga
D'atéà.....Perna
D'aprá.....Pé
D'atohá.....Boca
D'aschipigrá.....Mão, dedo
D'apahng.....O membro masculino
D'agrï.....O sexo feminino
Hemerotong.....Um (1)
Prané.....2
Escumtatong.....3
Moropõè.....4
Comekané.....Arco
Etiké.....Flecha
Kûkusé.....Cachaça
Kû.....Água

Kupaschû.....Farinha
Amiotsché.....Banana
Notsché.....Milho
Oté.....Árvore
Schikitong.....Cesto
Kutsché.....Fogo
Schiká.....Galinha
Teorá.....Galo
Goabsang.....Cão
Sumschari.....Cavalo
Kuptakû.....Gado vacum
Ukû.....Onça
Grí.....Casa
Tagrá.....Faca
Nitschá.....Pote
Tacuraté.....Saiote de mulher
Tacuschá.....Camisa
Schigrangecusupischi.....Lenço de pescoço
Scraipahng.....Chapéu
Acoâ.....Céu
Estagró.....Sol
Oaitomorim.....Estrela
Oá.....Lua
Kuteté.....Vento
Tonigrï.....Cantar
Intsché.....É bom
Uï.....Dê-me
Uiktú.....Vem aqui
Intuschaimûrim.....Saia fora
Impâ.....Sim
Aainschâ.....Não

23 de outubro

Como avisáramos ao nosso atencioso anfitrião que gostaríamos de tomar o desjejum bem cedo, já na véspera mandou ele que se preparasse o café – uma infusão de cor castanha, de milho torrado, pois café propriamente dito ainda não se cultiva aqui. A bebida, por descuido, passou a noite em um bule de cobre. Na manhã seguinte, logo após termos sorvido algumas xícaras daquilo, principiamos a vomitar fortemente, antes mesmo de nos levantarmos da mesa. Ao esvaziamento rápido do estomago deve-se atribuir o fato de não ter o veneno causado conseqüências mais sérias, permitindo-nos continuar a viagem.

Inicialmente, a região apresentava-se bastante plana, com bonitos prados em alternância com bosques ao longo dos cursos d'água e, ainda, campos alagados, pontilhados de palmeiras em leque.

Cerca de uma milha mais adiante, o solo passou a estéril. À esquerda, elevava-se uma cadeia de montanhas pouco extensa, ao pé da qual o caminho se estendia por algumas léguas. Uma rocha semelhante a *wacke*, argilosa e muito fraturada (pertencente a formação de transição) aflora aqui e ali, bem como um bloco de minério de ferro arenoso.

A nossa marcha de hoje foi de sete léguas e meia. Passamos pela fazenda do Basílio, único local habitado do percurso, servido pelo ribeirão da Farinha Podre, em cujas margens pernoitamos. Legiões de mosquitos torturaram-nos em virtude de a casa ser toda aberta, recentemente construída. Com suas picadas, penetraram através dos cobertores e da roupa, de modo que não havia nenhum recurso contra eles, a não ser enfardelar-se completamente e correr o perigo de morrer asfixiado.

O dono da propriedade, que morava com a esposa, ainda nova, em uma casa pequena, feita de pau-a-pique, ofereceu-nos o que tinha com a maior hospitalidade. Dentro de pouco, já conhecíamos toda a sua vida. Casara-se havia pouco com a filha de um homem abastado, mediante promessa de dote vultoso, o que lhe foi negado após o casamento. Por isso, informou-nos, resolveu devolver a mulher, com quem vivia, aliás, muito bem. Contou-nos tudo isto com tranqüilidade, como se a barganha se referisse a uma vaca ou bezerro.

24 de outubro

Naquelas regiões, como os rios Grande e das Velhas distam apenas umas quatro léguas um do outro, correndo por entre morros alcantilados, formando vales profundamente rasgados, a região intermediária, onde brotam numerosos riachos, deveria ser montanhosa. Todavia, vimos, às vezes, planaltos cobertos de capim e de vegetação arbustiva, de onde se faziam ouvir os pios melancólicos das codornizes.

O dia estava muito abafado e ameaçava tempestade. Em tais circunstâncias, os planaltos têm a vantagem de permitir que se observe a borrasca que vem de longe, a tempo ainda de evitá-la. Nesse dia, tal observação nos serviu muito.

As nuvens carregadas vinham do sudeste, em direção ao nosso caminho. Bastou estacionar durante meia hora para que a tempestade passasse. Assim, alcançamos o pouso sem ficar encharcados, apesar de verificarmos que por toda a parte a chuvarada tinha sido muito forte.

Nos pontos mais altos, vê-se o arenito comum de formação recente; porém, a rocha principal é o itacolomito, que constitui a serra que acompanha a margem esquerda do rio Grande, denominada no local, se não me engano, de serra de Franca, continuação da cordilheira da Mata da Corda, decepada pelo rio Grande na região da serra do Desemboque.

Abandonamos o caminho principal, à esquerda, para nos dirigirmos à fazenda da Jaguara, afastada meia légua do aludido rio. Seu proprietário para ali se transferira havia apenas um ano, vindo de Congonhas do Campo, onde deixara casa e uma grande fazenda, já inteiramente desprovida de matas. Esperava, com a mudança, melhorar de vida, mas acabou por arrepender-se, já que aqui a produção rural não tem valor, além de nunca nos acostumarmos com a ausência de uma vida agradável, comum nas zonas habitadas.

25 de outubro

Prosseguimos a viagem, já agora em companhia do nosso hospedeiro, até o arraial do Desemboque, distante seis léguas da fazenda do Jaguara. No percurso nada vimos que merecesse atenção especial. A rocha principal parece

ser o itacolomito, com camadas orientadas para a sétima hora.

Ao se afastar do rio Grande, chega-se às proximidades do rio das Velhas, em cujas margens está situado o arraial, cabeça de julgado. As margens deste último rio são auríferas e aqui e ali podem ser vistas algumas escavações. Os autores delas, porém, por falta de meios, logo desistiram da empresa.

Desemboque é mais antigo que Araxá. Entre as duas localidades prevalece um certo ciúme, ambas desejando ser elevadas à categoria de vila. A primeira delas, Desemboque, conta com 65 casas e, em todo o julgado, existem 181 fazendas, segundo se informa. Calculando-se em 20 pessoas, no máximo, os moradores de cada uma delas e dois por casa no arraial, chega-se a uma população total de apenas 3.945 habitantes (estimativa antes alta do que baixa) numa área de 500 léguas quadradas.

Nesse dia procedemos a uma curiosa experiência, qual a de sermos perseguidos por milhões de cupins, que nos teriam molestado muito mais não fosse o vento contrário os impedir de atingir os nossos rostos. Fugindo do vento, concentraram-se em tal quantidade em nossas costas, que homens e animais ficaram deles cobertos na espessura de um dedo. Fervilharam ali até que, perdidas as asas, caíram enrolados, mas perseguiram-nos, mesmo assim, durante um quatro de hora, findo o qual diminuíram e desapareceram aos poucos.

Permaneci em Desemboque até o dia 28 de outubro, pois era minha intenção conhecer a situação de todo o julgado, assim como o fizera em Araxá. Como o resultado de minhas observações é destituído de interesse para o leitor, não me alongarei no assunto.

Ali, no julgado, também as mercadorias procedentes da província de Minas e de São Paulo pagam direitos alfandegários. A alfândega, como a do rio das Velhas, era dirigida por um administrador, um comandante e dois soldados de Goiás. Como, mais tarde, fossem abolidas as taxas sobre as mercadorias minerais, a receita da alfândega, como era de se esperar, reduziu-se substancialmente.

O vigário da paróquia, moço atencioso, tratou-me muito bem e apresentou-me, na igreja, dois velhos, dos quais um tinha 115 anos e outro 108, ambos fortes e sadios.

28 de outubro

Encontrei minha bagagem, que viera por via direta de Araxá, em muito bom estado. Os animais, aproveitada a folga, estavam descansados. Assim, podia agora continuar a viagem de volta a Vila Rica.

Separei-me dos meus companheiros e, conforme o costume da terra, uma multidão de cavaleiros acompanhou-me durante um percurso de meia hora. Sozinho, então, galguei os morros desnudos e alcantilados de itacolomito, contrafortes da serra do Desemboque. As camadas formadoras da serra orientam-se de leste para oeste e, às vezes, mergulham verticalmente, formando paredões muitas vezes bizarros, com patamares cobertos de belas flores azuis das velosiáceas. Dos morros fluem numerosos córregos que se unem e, já com o nome de Santo Antônio, deságuam no rio Grande.

No vale, onde se acha a fazenda de Inácio Coelho, vê-se o itacolomito em alternância com o xisto argiloso, o que confirma as minhas observações e minha opinião de que essas duas rochas são de origem etária idêntica, devendo ser classificadas como pertencentes às formações primitivas, como expliquei, também, na minha geognósia.[21]

Até aqui – Fazenda do Inácio – percorridas seis léguas e meia, não encontrei vivalma.

29 de outubro

As regiões que percorri neste dia eram mais habitadas, montanhosas, embora se mantivessem incultas, como as desabitadas. Nessas montanhas brotam as nascentes do grande rio São Francisco, nome que recebe, ainda, pequeno córrego nas proximidades da fazenda de José Francisco. Pela linha de cumeada corria a antiga divisa entre Minas e Goiás.

Pernoitamos na aludida fazenda, cujo dono, já idoso, era daqueles que muito tentam e nada conseguem. Dentre outros assuntos, tive de ministrar-lhe lições sobre a fundição do ferro. Nas vizinhanças, dissera-me, havia muito minério de ferro e ele próprio tinha tentado fundir ferro em pequenos fornos, sem êxito.

[21] Sob o título *Instrução para os mineiros do Brasil*, deixei no Rio de Janeiro, para impressão, uma obra cuja primeira parte se refere à geognosia, no correr da qual fiz uma exposição sobre as rochas brasileiras que considero novidade.

30 de outubro

Quem viaja pelo planalto brasileiro pode estar certo de encontrar dificuldades não pequenas quando transpõe um vale para outro. Isso é devido à existência de cumes de várias altitudes, dando origem a contrafortes e vales transversais cortados por córregos grandes e pequenos, freqüentemente pantanosos, desprovidos de pontes e, por isso, intransponíveis mesmo nas águas baixas. Assim, muitas vezes é preciso acampar a céu aberto, até que o nível das águas baixem suficientemente. A passagem da bacia do rio Grande para a do São Francisco é muito difícil e incômoda. Montes e vales, rochedos e riachos amontoam-se em todas as direções e impedem o progresso do viajante por todos os meios.

Nas cercanias da fazenda de Casca d'Anta, observa-se um paredão perpendicular, através do qual se lança por um corte profundo uma das principais fontes do São Francisco e forma uma cachoeira digna de ser vista.

A serra da Canastra, que faz, assim como a do Desemboque, parte da cordilheira principal de Mata da Corda, provavelmente de formação secundária, recebeu seu nome da aparência curiosa que possui: vista do lado oriental, assemelha-se à mala de viagem brasileira, a canastra. Avalio sua altitude em 5 mil pés acima do nível do mar.

31 de outubro

Tão logo se galga a cordilheira principal e se alcança o vale do São Francisco, aparecem novamente os campos, onde se alternam as campinas pouco acidentadas, cortadas por fossas profundas com vegetação arbustiva e raras árvores nos vales úmidos e selvosos.

Fortes tempestades, vindas do sul, cruzavam rapidamente os campos antes de se chocarem com as espessas nuvens elétricas da serra da Canastra, onde caíam, poupando as baixadas.

Como a tropa, após seis léguas, estivesse fatigada, pernoitei na casa da Alfândega e da Guarda de Pium-í, a qual seria pouco tempo depois fechada, e que até então jamais dera para cobrir as despesas.

1º de novembro

Quem vai do Registro (alfândega) para o arraial de Pium-í, a três léguas, localizado ao pé de uma serra e formado de 30 casas, passa por uma região das mais belas, plana e aberta.

Ali, o São Francisco ruma para a esquerda, na direção norte; as águas da região, inclusive do Pium-í, de pequeno volume, fluem para o rio Grande, distante umas cinco léguas. A serra de Pium-í, que se estende do sul para o norte e parece isolada, é aurífera, como o são também os pequenos córregos e rios vizinhos, sobretudo o Pium-í, cujas margens foram muito revolvidas.

Hospedei-me na casa do vigário, meu antigo companheiro de viagem. Um dos soldados da alfândega acompanhara-me também até ali. Faço questão de mencionar essa circunstância por causa de uma anedota que vou repetir. O aludido soldado fora escolhido para genro de um fazendeiro da vizinhança, que desejava casar a filha o mais depressa possível, prometendo ao escolhido um bom dote, caso este abandonasse o serviço militar e casasse com a filha. O soldado declinou do convite por estar já comprometido com outra jovem; acabou, porém, acedendo às exortações reunidas do fazendeiro e do vigário, este rendido às razões do primeiro. Agora, o vigário pedia-me auxílio para a obtenção da baixa do militar, coisa que não era fácil naquele tempo. Como não houvesse motivo suficiente para tal, narrei-lhe as dificuldades do caso. A isto respondeu-me ele que os obstáculos poderiam ser facilmente contornados: mandou chamar um cirurgião, e este, se bem que fosse o soldado inteiramente sadio e jovem, mediante a paga de três patacas, atestou, sob invocação dos santos Evangelhos, que ele sofria do peito, estando incapacitado, portanto, para continuar a servir.

Acostumado já a tais procedimentos, não estranhei; contudo, não pude deixar de indagar ao digno sacerdote como era possível induzir alguém ao perjúrio sem cair em pecado. Como a maior seriedade, respondeu-me que era pecado, sim, mas este seria perdoado através da confissão.

2 de novembro

Partindo da bela região de Pium-í, atravessei o rio das Araras, para, em seguida, transpor a serra de Pium-í, escarpada, constituída de itacolomito e xisto argiloso, cujas camadas se orientam para a 11ª hora, formando, portanto, um

ângulo quase reto com as mesmas rochas da serra do Desemboque, determinando, as camadas da serra de Pium-í, a direção geral de toda a serra. O itacolomito é geralmente muito quartzoso.

Essa serra oferece um dos panoramas mais abrangentes, incluindo os morros de calcário que perlongam o Alto São Francisco e se ligam à mesma serra por colinas cobertas de matas.

Logo ao pé da vertente oposta, encontra-se a fazenda São Miguel, uma das maiores da região, onde se vê um importante engenho de açúcar. Não pousei ali, mas na grande fazenda de Capetinga, cuja principal atividade é a criação, principalmente de cavalos. Ali vi os mais belos dos 50 potros de 3 anos serem vendidos ao preço baixíssimo de 10$000.

Após uma marcha de cinco léguas e meia, na fazenda do Quilombo, concluí o itinerário. Tenho apenas a relatar a existência de um trecho calcário, a partir de um solo barrento. Mais adiante, nas vizinhanças da fazenda do Córrego Fundo, aflora o gnaisse, no qual se apóia o xisto argiloso. Partindo de Quilombo, com exceção de alguns desvios, percorri o mesmo caminho da vinda, retornando a Vila Rica.

Notícia sobre a descoberta de diamantes no distrito de Serro do Frio e nos sertões dos rios Indaiá e Abaeté. Administração e receita da lavagem dos diamantes. Regimento da Administração Diamantina. Observações acerca das ocorrências diamantíferas

A verdadeira descoberta do diamante no distrito do Serro do Frio, província brasileira de Minas Gerais, ocorreu propriamente no chamado córrego de Morrinhos, afluente do rio Pinheiro, no governo de D. Lourenço de Almeida.

Muito tempo antes, todavia, os negros e brancos, ocupados na garimpagem do ouro, casualmente já encontravam e usavam pedrinhas brilhantes como tentos no jogo.

Um tal Bernardo da Silva Lobo usava-as assim e já no ano de 1728 levou-as para Lisboa, onde elas foram reconhecidas, se não me engano, pelo residente consular holandês, do que resultou uma considerável recompensa a Lobo pela sua descoberta.

O governador de Minas, que até então ignorava completamente tudo, soube do acontecimento e recebeu, através de uma Carta Régia, datada de 8 de fevereiro de 1730, ordem de tirar proveito do descoberto e, nesse sentido, empregar todos os meios que julgasse necessários.

Já antes de receber essa Carta Régia, ele havia, através de uma portaria (determinação em nome do rei), datada de 2 de dezembro de 1729, anulado todas as datas de ouro concedidas pelos guardas-mores nos córregos e rios diamantíferos.

Determinou ele, em nova portaria, datada de 24 de junho de 1730, o sistema a ser seguido na extração dos diamantes e fixou em 5$000 a taxa per capita a ser paga pelo trabalho escravo empregado – equivalente ao Quinto Real – assim como uma multa de 20$000 para impedir o trabalho clandestino nos córregos diamantíferos.

Essas determinações, todavia, não corresponderam às esperanças, motivo por que ordenou, no ano de 1731, a suspensão dos trabalhos de garimpagem e a expulsão de todos os garimpeiros daquele distrito.

Como, porém, o ouvidor e numerosas pessoas se manifestassem contrários à medida, resolveu o governador, depois de muitos projetos contraditórios, permitir o prosseguimento dos trabalhos por mais um ano, desde que, porém, fossem pagos 20$000 por escravo empregado na garimpagem e multa de 300$000, cobrada de quem fosse surpreendido em atividade de lavra clandestina.

Esse ônus, não obstante, deu causa a que afluísse uma multidão de pessoas; mais de 40.000 (cálculo exagerado) devem ter se aglomerado e trabalhado na garimpagem e foi achada tal quantidade de diamantes que eles quase perderam todo o valor na Europa. Para reprimir tal coisa, o governador baixou a Portaria de 8 de Janeiro de 1732, através do qual todos os negros seriam, sob pena dos castigos mais pesados, expulsos da comarca do Serro do Frio, encargo que competia ao ouvidor da comarca e ao oficial-comandante dos destacamentos militares, conforme as Instruções de 28 de janeiro e 4 de fevereiro do mesmo ano.

Através de um bando de 16 de abril de 1733, mudou o governador conde de Galveas o imposto de capitação de 20$000 para 25$600, vigorante até o fim do mesmo ano.

A compra e venda de diamantes fora dos limites do arraial de Tijuco foi totalmente proibida, sendo formalmente vedado o comércio de pedras pelos escravos. Foi proibida, igualmente, a presença de vagabundos e mendigos no distrito, e todas as tabernas em que se vendia cachaça deviam cerrar as portas ao cair da noite.

Nesse mesmo ano foi também nomeado um intendente-geral dos Diamantes.

Um bando de 2 de dezembro de 1733 elevou a taxa por escravo empregado para 40$000. As multas que incidiam sobre todos aqueles que comerciassem com diamantes fora do Tijuco, assim como sobre os escravos que assim procedessem, foram igualmente aumentadas. As armas de fogo foram também proibidas e as prostitutas expulsas da comarca.

O bando de 19 de julho de 1734 elevou novamente a taxa, além de suspender todas as pesquisas de diamantes e respectivos trabalhos fora do distrito diamantífero; porém, os casos de infração fortuita, se resultassem em descobertas, deveriam ser levados ao conhecimento do intendente-geral.

Todas as concessões de datas, para ouro, que tivessem sido outorgadas após o ano de 1730, nesse distrito, seriam consideradas nulas. Quanto às

concessões mais antigas, as disposições gerais do intendente-geral foram mantidas.

Toda lavagem de ouro nos limites do distrito era formalmente proibida, e nenhum habitante podia manter em sua casa qualquer ferramenta que se costumava usar na aludida lavagem.

Finalmente, determinava-se a propriedade da Coroa sobre todo diamante acima de 20 quilates.

Por meio de uma portaria do governo, de 8 de novembro de 1734, aplicava-se uma contribuição anual de 50 oitavas de ouro a todo proprietário de loja, pagando cada taverna 30 oitavas, dinheiro esse que seria utilizado no pagamento das forças militares e de pedestres. Também foi proibido a todo oficial de justiça permanecer no Tijuco e, mediante uma determinação especial, que a Vila do Príncipe seria a sede do ouvidor da comarca, só lhe sendo permitido ir ao Tijuco por ocasião das correições. Na hipótese, porém, de se tornar necessária uma correição fora dessa ocasião, a permissão para o seu requerimento deveria ser requerida, em cada caso, ao intendente-geral.

Por intermédio do bando de 26 de agosto de 1739, do governador Gomes Freire de Andrada, foram demarcados os lugares onde os faiscadores do Tijuco podiam proceder a lavagens do ouro, assim como se nomeavam as pessoas que não podiam residir nos limites do distrito. Esses limites distritais foram claramente indicados em um bando especial.

Gomes Freire perfilhou, na totalidade, o projeto de seu antecessor, embora elevasse o imposto per capita na mineração para 230$000. Como ninguém mais se dispusesse a trabalhar, ele arrendou os trabalhos a um certo João Fernandes de Oliveira por quatro anos, sob a condição de não empregar mais de 600 escravos. Como ele, sob diversos pretextos, trabalhasse com o dobro desse número, o governador, não se sabe por que razão, fechou os olhos ao fato; pelo menos foram inúteis todas as representações que lhe dirigiu o intendente sobre o assunto.

A 1º de janeiro de 1744, o contrato de arrendamento, sob as mesmas condições, foi renovado por mais quatro anos e, pelo Aviso de 3 de abril de 1743, foi assegurado ao arrendatário um adiantamento de 150.000 cruzados.

Como o Ministério, finalmente, percebesse os numerosos abusos e as irregularidades administrativas, foi o contrato suspenso e concedido a um certo Felisberto Caldeira Brant, a 1º de janeiro de 1749, mantido em quatro anos o prazo de sua vigência. Foram incluídas todas as condições do anterior, apenas

com a diferença de que era facultado ao contratante enviar para Goiás, a fim de ali trabalharem 200 escravos dos 600 a que nos referimos linhas atrás.

Brant não administrou melhor que o seu antecessor e acabou por dever ao rei 63 milhões de réis. Em 1753, novamente, Oliveira obteve o contrato até 1759, quando, através da Carta Régia de 28 de junho do mesmo ano, foi este concedido a uma sociedade de que faziam parte o mesmo Oliveira, Antônio dos Santos Pinto e Domingos Bastos Viana, devendo vigorar até fins de 1771. Nesse ano o contrato foi novamente renovado, estabelecendo, porém, a Carta Régia de 26 de fevereiro de 1765, um anual de 200 contos.

No ano de 1771 decidiu a Coroa assumir os trabalhos de exploração por conta própria, através de uma organização intitulada Real Administração dos Diamantes.

Os contratos de arrendamento, que se sucederam de 1740 a 1771, renderam à Coroa os seguintes valores:

I

Produção e venda de diamantes no período de 1740 a 1771

	Quilates	Vendas-Réis	Parte da Coroa
1º Contrato	134.071	1.606.272.037	575.864.438
2º Contrato	177.200	1.807.472.837	755.875.726
3º Contrato	154.579	1.438.015.987	609.526.464
4º Contrato	390.094	3.625.586.888	914.921.424
5º Contrato	106.416	929.476.750	329.329.972
6º Contrato	704.209	6.108.579.163	1.458.663.563
Soma	1.666.569	15.515.403.662	4.644.181.587

O preço de venda, nesse período, oscilou bastante por quilate, conforme se verifica abaixo.

1743 - 11.900 réis

De 1743 a 1745 - 13.400 réis (apenas 200 quilates se venderam por este preço.)

1750
- 22.000 réis
- 9.750 réis
- 8.800 réis
- 5.500 réis (apenas 283 quilates vendidos a este preço.)

1751	10.250 réis 10.200 réis 10.050 réis 5.500 réis (apenas 803 vendidos a esse preço.)
De 1753 a 1760	9.200 réis
1761	8.600 réis
1762	8.000 réis
1763	8.600 réis 8.000 réis
De 1764 a 1766	8.600 réis

Esta cotação se manteve firme até o fim dos contratos.

II

Resumo dos diamantes produzidos sob a Administração Diamantina de 1772 a 1785, inclusive as respectivas despesas

	Quilates	Despesas-Réis
1772	33.493	433.117.329
1773	50.342	360.714.233
1774	37.083	256.320.163
1775	36.877	264.140.916
1776	37.411	295.607.092
1777	40.517	260.584.173
1778	39.068	248.066.219
1779	39.479	214.766.652
1780	31.947	335.490.467
1781	38.605	239.662.086
1782	51.262	279.816.394
1783	48.117	268.515.714
1784	62.038	266.950.282
1785	37.528	269.676.202
Soma	583.767	3.993.427.922

III

Resumo dos diamantes vendidos entre 1775 e 1788, por conta da Coroa

No ano de 1775	venderam-se	21.654	quilates por	186.224.400 réis
1776	venderam-se	65.794	quilates por	155.828.400 réis
1777	venderam-se	63.969	quilates por	569.328.550 réis
1778	venderam-se	65.763	quilates por	585.290.700 réis
1779	venderam-se	40.387	quilates por	391.444.200 réis
1780	venderam-se	37.000	quilates por	340.400.000 réis
1781	venderam-se	20.000	quilates por	184.000.000 réis
1782	venderam-se	20.000	quilates por	183.000.000 réis
1783	venderam-se	-	quilates por	-
1784	venderam-se	37.652	quilates por	366.000.000 réis
1785	venderam-se	12.500	quilates por	115.000.000 réis
1786	venderam-se	40.567	quilates por	360.216.400 réis
1787	venderam-se	13.091	quilates por	95.400.400 réis
1788	venderam-se	29.666	quilates por	262.127.200 réis
Soma	venderam-se	468.043	quilates =	3.794.260.250 réis

Estoque permanente – 115.724 quilates = 925.792.000 réis

142

Valor total de 583.767 quilates = 4.720.052.250 réis
que, deduzidas as despesas precedentes, atingem a 3.993.427.922 réis
ou um lucro líquido de ou 15% 726.624.328 réis

Observação – O ouro que se extraiu juntamente com os diamantes não foi computado na tabela, mas, para o período considerado, pode ser avaliado em 60 mil cruzados anuais, em média.

Das tabelas acima, pode-se concluir que, no período de 1740 a 1785, foram extraídos 2.250.336 quilates, que renderam à Coroa 5.370.805.915 réis, ou seja, 13.937.876 cruzados. De 1785 em diante, faltam-me dados exatos, razão por que só posso dar os totais referentes à produção nos períodos abaixo:

De 1786 a 1795	foram extraídos	293.162 quilates
De 1796 a 1801	foram extraídos	66.794 quilates
De 1802 a 1806	foram extraídos	115.689 quilates
Soma	foram extraídos	475.645 quilates

Esse valor, considerando-se o quilate a 8.780 réis, em média, equivale a 4.176.163.100 réis, soma que poderia ser considerada insuficiente para cobrir as despesas, estimadas, a partir do ano de 1772, em mais de 200 milhões de réis, como se pode ver dos dados acima. A Administração, na sua totalidade, teve de restringir-se aos recursos orçamentários, razão por que foram reduzidos também à metade os escravos empregados.

Isso pude verificar nos documentos da Junta da Real Fazenda em Vila Rica. Mais tarde vieram-me às mãos ainda outras estimativas, que eu, em virtude de não se confirmarem os dados acima, igualmente incluo em seguida, para que se adicionem, aos diamantes extraídos, o ouro porventura produzido e as despesas feitas com a sua extração.

IV

Resumo da Receita e Despesa da Real Administração Diamantina de 1772 a 1795

Ano	Despesa anual Réis	Diamantes produzidos		Ouro produzido Réis
		Oitavas[22]	Vinténs	
1772	447.825.112½	1915½	2	16.333.650
1773	374.212.275	2.897	-	12.743.775
1774	278.976.611½	2.120	1	12.671.025
1775	286.059.285½	2.109½	2½	21.260.587½
1776	317.113.303½	2.138½	½	21.506.212½
1777	294.213.161	2.315¼	3½	33.628.987½
1778	278.778.682	2.332¾	-	30.712.462½
1779	244.895.014½	2.255½	7½	30.128.362½
1780	265.403.430	1.825½	2	30.158.362½
1781	280.213.611½	2.206	1	40.551.525
1782	313.773.394½	2.929¼	3	33.957.000
1783	297.530.626½	2.750¾	1	29.014.912½
1784	296.863.732	3.549½	1	29.913.450
1785	291.557.752	2.144¾	2	21.881.550
1786	283.469.650½	1.743	6	21.337.275
1787	275.107.133	1.623¼	-	14.116.275

[22] Na vida diária, o ouro e os diamantes são medidos em oitavas na província de Minas Gerais. 128 oitavas correspondem a 1 libra de peso comum e cada oitava tem 32 vinténs ou 18 quilates; 1 quilate tem quatro grãos.

1788	297.152.435	1.635	5	18.887.025
1789	263.256.139	1.688¾	7	18.664.312½
1790	251.387.272	1882¼	-	15.365.550
1791	266.284.830½	1.621¼	1	16.276.800
1792	265.717.900½	1.496¾	7	20.227.800
1793	268.311.244	1.692½	4	18.159.562½
1794	272.250.474	1.902½	6	32.838.000
1795	201.448.792½	1.477½	7	25.640.100
Soma	6.911.801.865	50.253	5	565.954.562½

Deduzida a importância do ouro extraído, chega-se a uma despesa, para os 24 anos, de 6.345.847.302½ réis, isto é, à média anual de 264.410.304 réis. Os diamantes produzidos no mesmo período alcançaram 50.253 oitavas e 5 vinténs, portanto, 2.093 5/4 oitavas e 4 vinténs anualmente, ou 37.689 7/8 quilates; conseqüentemente, à Coroa custou cada oitava de diamantes acima de 126.477 réis, ou 7.026½ réis o quilate.

V

Receita e Despesa da Administração Diamantina nos anos de 1796 a 1801

Ano	Despesa anual	Produção de diamantes		Produção de ouro
	Réis	Oitavas	Vinténs	Réis
1796	98.757.764½	845½	7	23.648.400
1797	101.220.492	629	3	10.150.500
1798	98.933.656	634¼	2	20.360.700
1799	97.215.444	684	4	24.267.900
1800	102.971.868½	687	4	15.112.425
1801 (1º semestre)	60.254.524	342	5	387.750
Soma	559.353.749	3.822½	1	93.927.675

A despesa média anual, deduzido o ouro produzido, atingiu 84.622.922 réis, enquanto a produção média de diamantes alcançou 695 oitavas, ou seja, 121.759 réis, ou ainda 12.510 quilates a 6.764 réis.

VI

Despesa e Receita da Administração Diamantina nos anos de 1801 a 1806

Ano	Despesa anual	Produção de diamantes		Produção de ouro
	Réis	Oitavas	Vinténs	Réis
1801 (1º semestre)	62.664.183	556	4	7.356.862½
1802	125.465.956½	1.672¼	6	10.056.750
1803	137.110.582½	1.625	-	10.818.000
1804	140.564.631½	850	-	14.298.262½
1805	137.957.414	874	6½	9.830.400
1806	130.000.000	1.033	3	9.999.600
Soma	733.762.767½	6.610¾	3½	62.359.875

Isto vem demonstrar, descontado o ouro produzido, uma despesa média anual de 122.073.253 réis e uma produção média anual de diamantes de 1.202 oitavas a 101.558½ réis, ou seja, 21.636 quilates, a 5.642 réis.

Os 1.092.357 quilates produzidos de 1772 a 1806 exigiram uma despesa total de 7.842.676.268 réis, o que permite deduzir o custo do quilate, em média, equivalente a 6.850 réis.

Até agora foi-me impossível receber as estimativas referentes a todos os anos da série até os tempos de hoje, razão por que sou obrigado a limitar-me provisoriamente aos dados dos anos de 1811, 1814 e 1815 a 1818, apenas, com base na entrada de diamantes no Rio de Janeiro.

Resumo dos diamantes que a Administração Diamantina remeteu, em 1811, para o Real Erário, no Rio de Janeiro.

Partidas[23]	N. de diamantes	Peso quilate	Peso grama	Quilate	Grãos
1º	47	1	36	–	414	–
		1	26	1 3/4		
		1	21	3 3/4		
		1	15	3/4		
		1	14	3/4		
		1	11	1		
		1	11	1		
		1	10	2 3/4		
		1	10	2 3/4		
		1	9	2 3/4		
		1	9	–		
		1	9	–		
		1	9	–		
		34	219	3 1/4		
2º	639 de 2 a 7 quilates		1822			2
3º	Diamantes de menos de 2 quilates[24]		1122			3
4º			2925			-
5º			4005			-
6º			2189			1
7º			1894			2
8º			2274			3
9º			967			2
10º			301			2
11º			196			3 1/2
12º			169			3 1/2
	109 diamantes para o Gabinete de Mineralogia		153			2 1/4
			18.437			1/4

O ouro em pó produzido alcançou o valor de 9.434.500 réis.

[23] Classificam-se os diamantes de acordo com os seus vários tamanhos e, para separá-los com pouco trabalho uns dos outros, usa-se passá-los por uma série de 11 crivos metálicos, colocados uns sobre os outros. Os crivos de cima, percebe-se facilmente, possuem malhas mais abertas que os inferiores. Através desse procedimento, obtêm-se pedras de 12 tamanhos diferentes, o que, na linguagem local, se denomina lote.

[24] Os diamantes da 4ª partida em diante, por pesarem menos de 2 quilates, não foram incluídos.

Resumo das remessas de diamante da Administração Diamantina para o Erário da Coroa no Rio de Janeiro, no ano de 1814

Tamanhos	Nº dos diamantes	Peso Quilates	Quilates	Grãos
1º	18 de mais de	8	180	1
2º	4 de mais de	7 a 8	947	2
	11 de mais de	6 a 7		
	25 de mais de	5 a 6		
	67 de mais de	4 a 5		
	130 de mais de	3 a 4		
3º	568 de mais de	2 a 3	1.285	"
4º	-	de 1 a 2	3.690	"
5º	-	de menos de 1	12.456	"
6º		idem		
7º		idem		
8º		idem		
9º		idem		
10º		idem		
11º		idem		
12º		idem		
			18.558	3

No ano de 1815, o peso total dos diamantes remetidos ao Real Erário atingia 27.756 quilates.

Resumo dos diamantes remetidos pela Administração Diamantina
ao Real Erário do Rio de Janeiro, no ano de 1818

Tamanhos	N. dos diamantes	Peso em quilates	Quilates	Grãos
1º	11	de mais de 8	178	3
2º	4	de 7 a 8	545	"
	6	de 6 a 7		
	9	de 5 a 6		
	38	de 4 a 5		
	80	de 3 a 4		
3º	507 de 2 a 3		595	"
4º	de 1 a 2		1872	"
5º	de menos de 1		2971	"
6º	idem		1219	"
7º	idem		791	"
8º	"		756	"
9º	"		282	"
10º	"		86	
11º	"		56	"
12º	"		44	1
				2
			9.396	2

Indico aqui, novamente, o peso dos diamantes produzidos nos diversos períodos:

De 1730 a 1740 o número e o peso dos diamantes produzidos é totalmente ignorado; todavia, comparando-se a renda auferida nos anos abaixo que, estimada por baixo, pode ser avaliada em 20.000 quilates, ter-se-ão, para os dez anos, 200.000 quilates.

De 1740 a 1772	1.666.569 quilates
De 1772 a 1806	910.511½ "

Nos anos de 1811, 1814, 1815 e 1818, de acordo com as últimas tabelas – 74.147 ¼ quilates.

Nos anos restantes até 1822, nos quais a produção diminui extraordinariamente, poder-se-ia admitir uma média anual de não mais de 12.000 quilates.

Logo, 132.000 quilates.

Deve ser acrescentado a esse total, nos anos de 1806 a 1808, a produção obtida por uma Administração Especial nos rios Indaiá e Abaeté – 464 quilates, incluídas uma pedra de 55 quilates, uma outra de 19 e cinco peças de 10 quilates, no total de 850 pedras.....464 quilates

Produção total de 1730 a 1822 em todo o Brasil.....2.983.691¾ quilates

Ao preço médio de 8.000 réis o quilate, obtém-se o valor total de 23.869.534.000 réis, ou 59.673.835 cruzados, que, transformados em *groschen*, pequena moeda alemã, 16 das quais equivalentes a um cruzado, perfazem a soma de 39.782.556 2/5 de Rthlr*.

Até o ano de 1772, a Coroa teve um lucro líquido (tabela I) de.....4.644.181.588 réis, excluídos os anos de 1730 a 1740, sobre os quais não se dispõem de informações.

Lucro líquido de 1772 a 1785 (tabela II) .....1.130.629.328 réis

Até 1806, ano a respeito do qual nada se
sabe a respeito da venda de diamantes,
mas que se pode comparar a produção
com o valor dos diamantes produzidos
(tabelas IV, V e VI) – 8.000 réis o quilate –,
deduz-se que o lucro de 1/8; por conseguinte,
um total de .....475.645.000 réis

Total .....6.250.455.916 réis

* *Reichtsthaler* (Táler imperial), moeda oficial alemã na época de Eschwege (N.R.).

Para os anos de 1806 a 1822, estima-se o valor dos diamantes produzidos em 100 contos, e em um milhão de cruzados a despesa feita pela Administração, o que perfaz um prejuízo de 37.112.000 réis.

Em suma: o lucro líquido verificado nos aludidos 93 anos teria sido de 6.213.343.916 réis, ou seja, 15.533.360 cruzados, ou, ainda, 10.355.573 1/5 Rthler, o que de modo algum poderia motivar a grande fama que, freqüentemente, tem corrido sobre o assunto.

Além disso, reduziu-se a grande renda dos primeiros tempos; sabe-se que mais tarde, se não houve prejuízos para a Administração, não houve, em compensação, lucro.

Deveria ser feito um estudo sobre o contrabando das pedras, que de ano para ano se tornou mais intenso, bem como sobre a queda dos preços do diamante na Europa.

Até o ano de 1808, data da vinda da Família Real para o Brasil, acreditou-se que o montante dos diamantes secretamente trazidos por ela seria equivalente ao das pedras que até então lhe haviam sido remetidas pela Real Administração.

A partir dessa época, porém, quando os portos brasileiros foram abertos ao comércio das nações amigas, devem ter dobrado as remessas contrabandeadas para fora do País.

Descoberta dos distritos diamantinos nos sertões do Abaeté e do Indaiá. De passagem, retificação das indicações de Mawe sobre os grandes diamantes ali descobertos

A descoberta dos distritos diamantíferos do Abaeté e Indaiá deve-se ao aparecimento de um velho roteiro, provavelmente deixado por alguns aventureiros que andaram pelos sertões do Indaiá e do Abaeté, dentre outros um certo Manoel de Assunção Sarmento e Manoel Gomes Batista, que descobriram na ocasião, no ribeirão da Galena (origem da atual mineração), um veeiro de galena plumbífera.

Assunção atribuiu-se as funções de guarda (intendente) da mina de chumbo, junto à qual morou vários anos.

Como o sertão, porém, fosse inóspito e o aprovisionamento de víveres muito difícil, a notícia da descoberta de numerosos diamantes na serra de Itacambiruçu, divulgada na mesma ocasião, deu causa a que os garimpeiros partissem para aquela região, de onde voltariam logo em seguida, em virtude de ter o governador-geral, D. Rodrigo José de Menezes, mandado ocupar a área pelos soldados.

Esse retorno foi logo levado ao conhecimento da mesma autoridade, que enviou ao comandante de Paracatu ordens severas no sentido de desimpedir a área.

As ordens, porém, não foram cumpridas e os garimpeiros permaneceram tão livres quanto antes.*

Para pôr fim às desordens, o governador seguinte, visconde de Barbacena, ordenou a ocupação do rio Santo Antônio do Abaeté por uma guarda, cujos soldados fizeram, entretanto, causa comum com os garimpeiros.

Entre eles, celebrizou-se o soldado João Duarte Camargo, que, depois de permitir que o garimpeiro Jerônimo Nogueira** trabalhasse na extração da pedra, auxiliado por alguns de seus colegas, saqueou-o e a muitos outros, praticando assaltos violentos e fugindo em seguida com o produto do roubo.

O comandante do destacamento, alferes, provavelmente por fraqueza ou

* Von Eschwege emprega a palavra *grimpeiro*, etimologicamente mais correta. De fato, o termo era aplicado aos que subiam as encostas, as *grimpas* das serras, à procura da gema (N.T.).

** Von Eschwege, no *Pluto Brasiliensis*, fala em Rogueiro e não em Nogueira (N.T.).

consciência pesada, limitou-se a pedir a sua remoção. Obtida esta, no início de julho de 1791, foi substituído pelo cadete Diogo Lopes Couro. Este moveu-se com seus poucos soldados para expulsar um novo grupo de garimpeiros, que, sob a chefia do afamado Isidoro do Amorim, invadira a região.* A 25 do mesmo mês, quando enfrentou de armas na mão esse atrevido garimpeiro, atacando o bando com mais coragem que precaução, teve a infelicidade de, juntamente com dois milicianos, ser ferido à bala.** Sete foram os soldados feridos, contra apenas dois garimpeiros.

Dessa maneira, como o destacamento se tornasse incapacitado para missão, o furriel, hoje major aposentado, João de Deus Lopes foi enviado ao local com um pequeno reforço. Os garimpeiros, porém, já haviam abandonado a região e se dirigido para o alto Abaeté.

Lopes, que lhes foi ao encalço, encontrou-se com o grupo do furriel, o mencionado Assunção e Manoel Gomes Batista e vários outros, que jubilosos lhe trouxeram um grande e inestimável diamante, dentre outros, avaliado em 7¾ oitavas e um vintém, equivalentes a 138½ quilates.*** Pediram ao furriel que o fizesse chegar ao rei, que lhes daria uma recompensa. Lopes, ao invés, deu-lhes uma escolta até Vila Rica[25], enquanto continuava com o restante da sua gente na perseguição dos garimpeiros até o Indaiá. Ali, na corredeira dos Pintores, surpreendeu os garimpeiros em plena atividade. Conseguiu dispersá-los e queimar-lhes as choças.

Como, porém, continuassem a aparecer seguidamente em outros pontos do rio, foi também criada no Indaiá uma guarda, que tão eficientemente coibiu o abuso, que o sertão acabou por ficar limpo de contrabandistas. Só bem mais tarde é que a área foi visitada por alguns poucos garimpeiros, que de tempo em tempo, com a

* Ver, sobre essa passagem, *Memória do Distrito do Serro do Frio*, de Felício dos Santos (N.T.).

** Em *Pluto Brasiliensis*: "Foram mortos à bala" (N.T.).

*** Parece que o achado se deu no ano de 1796. O prêmio concedido montou em Cr$ 10.400,00. Esse diamante equivalia ao "Grão-Duque de Toscana", avaliado, na época, em Cr$ 417.333,60 atuais (N.T.).

[25] Não se conhece o local onde foi encontrada a preciosidade. Assunção asseverou que, trabalhando no Abaeté com o bando e remexendo com o seu cajado o cascalho (seixos e areia levados para a margem), apareceu logo o diamante, tendo ele logo exclamado: "Viva El-Rei Nosso Senhor!", grito que foi respondido por todos os garimpeiros. Outros afirmam que Assunção possuía o mencionado diamante desde muitos anos e que, não podendo afastar-se do sertão sem ser pressentido, inventara a história. A recompensa pelo achado traduziu-se em alguns títulos honoríficos, que lhe renderam 800.000 réis anuais, e eram transmissíveis aos descendentes. Manoel Gomes Batista vive ainda em Sabará. Não se tratava, pois, como escreve Mawe, de criminosos perdoados em recompensa pelo achado. [Mawe não deixa de ter razão de certo modo, pelo menos no que respeita a Domingos de Andrade, desbaratado na demarcação. (N.T.)].

aquiescência dos guardas, exploravam os rios do Sono e de Santo Antônio.

Isidoro, o afamado garimpeiro e bandido, que nenhum obstáculo encontrava nos seus assaltos, solicitou então ao governador sua nomeação para guia daqueles que fossem executar pesquisas naqueles sertões. Visava, por esse modo, descobrir o ribeirão do Areado ou Andrade.*

Para a realização das aludidas pesquisas foram nomeados o intendente do ouro em Sabará, hoje marechal Antônio Dias Coelho, e o naturalista dr. Couto, que fizeram provas nos rios já citados, encontrando diamantes. Nada mais de especial acharam, porém. Couto, na oportunidade, examinou o veeiro de chumbo do ribeirão da Galena.

Animado pelo relatório dos dois pesquisadores, decidiu o governo, finalmente, mandar explorar os aludidos rios, o que se faria sob a fiscalização do dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, que nada entendia de garimpagem e lavagem dos diamantes.

Assim, foram enviados para o local 300 negros, administradores e feitores das lavras diamantinas do Serro do Frio. A má administração e o descontentamento dos administradores e mesmo dos negros, deslocados no sertão, assim como as intrigas da junta de Vila Rica contra o governador, levaram ao abandono dos rios Indaiá e Abaeté em menos de três anos, logo após a chegada da Família Real, em 1808.

O cascalho, que com tanto trabalho havia sido extraído, foi de novo lançado ao rio, sem que tivesse sido lavado. Grandes milharais, cultivados para o sustento dos negros, foram abandonados aos animais selvagens. Assim, por simples espírito de oposição ao governador, foram abandonados aqueles rios que, aliás, ainda não se haviam tornado famosos. O cascalho diamantífero, entretanto, se encontrava à flor das águas, livre de camadas de areia ou terra, como no Serro do Frio, o que tornava o trabalho de extração menos penoso. A mais, podia o trabalho ser executado mais regularmente, pois a meu ver oferece mais vantagens que no Serro do Frio.

Os dados anexos mostram o número e o peso dos diamantes extraídos pela Administração nos rios Abaeté e Indaiá.

* O Dr. Couto, na sua *Memória sobre as Minas...*, assim descreve o célebre garimpeiro: "homem pardo, maior de 50 anos, de muito poucas palavras e estas muito atenciosas, macias e corteses; mas, de gênio retrincado e safaz" (N.T.).

Peso das pedras			Total dos pesos	
N. de peças	Oitavas	Vinténs	Oitavas	Vinténs
1	3	2	3	2
1	1	4	1	4
1	1/2	6	1/2	6
1	1/2	5	1/2	5
1	1/2	2	1/2	2
1	1/2	1	1/2	1
1	1/2	1	1/2	1
1	1/4	7	1/4	7
1	1/4	4	1/4	4
1	1/4	1	1/4	1
2	1/4	1	1/2	1
1	-	7	-	7
3	-	6	1/2	2
5	-	5	3/4	1
12	-	4	1 1/2	1
8	-	3	3/4	1
21	-	2	1 1/4	2

62 de galerim[26]	13 3/4	4
787 não galerim	11 1/2	1
849	25 1/4	5 ou 457 5/15 quilates

Os rios desse sertão, tidos como diamantíferos, são:

1. rio São Francisco;
2. rio Santa Fé, nas proximidades de São Romão;
3. rio do Sono, a jusante da foz de Santo Antônio;
4. rio Santo Antônio, até as nascentes;
5. rio Abaeté e seus dois afluentes, Werra e Fulda;

[26] Diamantes de galerim são os que possuem peso que pode ser elevado ao quadrado, isto é, acima de 2 quilates.

6. rio Mandacaru, ex-Vargem Bonita, em suas grupiaras;
7. rio de Janeiro ou Ataíde, à margem direita do rio do Serro do Frio;*
8. rio Indaiá;
9. ribeirão do Borrachudo;
10. rio da Prata.

Todos os outros rios que nascem nesse sertão devem ser ainda pesquisados, pois, esgotado o cascalho dos rios diamantíferos do Serro do Frio, eles é que poderão garantir uma boa produção durante centenas de anos.

Nada pude saber a respeito do descoberto do diamante nas províncias de São Paulo, Goiás e Mato Grosso, senão que ali os garimpeiros estão em intensa atividade.

O governo permitiu que particulares trabalhassem por algum tempo nos rios mato-grossenses e comprou diamantes a preços fixos. Como faltasse, porém, dinheiro, os trabalhos foram logo encerrados.

Eu vi, no Erário do Rio de Janeiro, várias partidas de pedras daquela província, todas, porém, de tamanho insignificante, geralmente coloridas, embora especialmente faiscantes.

* Von Eschwege em *Pluto Brasiliensis*, escreve "... à margem direita do São Francisco" (N.T.).

Resumo dos 54 artigos de que se compõe a Lei de 2 de agosto de 1771, cujo título é:

Regimento para a Real Extração dos Diamantes no Arraial do Tijuco do Serro do Frio*

1º

"Mando que na comarca do Serro do Frio, ou em outros pontos no interior da demarcação das serras diamantinas em que for conveniente, haja três caixas administradores nomeados pelos diretores desta cidade, com as graduações de Primeiro, Segundo e Terceiro, os quais servirão enquanto achar que bem cumprem com as obrigações de que forem encarregados; sucedendo o Segundo ao Primeiro e o Terceiro ao Segundo, nos tempos e com os ordenados que pelos diretores lhe forem determinados. Todos farão sua residência no Arraial do Tijuco, ou em qualquer outro lugar da Demarcação das Terras Diamantinas que for conveniente; repartindo os seus diversos empregos, observando em todos os particulares do governo econômico e mercantil da sua Administração as ordens que lhes forem expedidas pelos referidos diretores; sendo aprovadas pelo sobredito marquês-inspetor."

2º

"Os ditos três administradores determinarão anualmente, com intervenção e aprovação do desembargador intendente-geral dos diamantes, os serviços que se devem praticar, assim nos tempos das águas como nos da seca, reservando-se com uma prudente economia os lugares próprios para se trabalhar no tempo das águas e tendo nessa matéria um voto atendível o administrador-geral do Serviço. Achando-se os ditos lugares na maior parte já trabalhados, convém que aqueles que o não estiverem, sejam conservados e guardados com a maior atenção. A mesma reserva se observará (enquanto for possível) a respeito dos dois rios Pardos, e suas vertentes, que até agora ainda não se concederam aos Contratos; e que contudo se considerem próprios para servirem nos tempos futuros de se

* Von Eschwege resume o Regimento. Para melhor entendimento, transcrevemos a lei (N.T.).
[o tradutor não cita a fonte de onde transcreve. Sua transcrição difere em alguns pontos daquela feita por João Camilo de Oliveira Torres em *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Difusão Pan-Americana do Livro, sd. v. I., embora apenas na redação, sem modificações do conteúdo (N.R.)].

recuperarem mais facilmente as despesas que os maus sucessos de outros serviços fizeram ou inúteis ou mais onerosas do que interessantes.

3º

A determinação dos serviços, assim do tempo da seca, como do tempo das águas, deve ser fundada sobre o cálculo da quantidade de diamantes que na conformidade das ordens antecipadas dos administradores desta cidade, se deve procurar extrair cada ano; combinadas com as necessárias despesas da mineração; e com o preço de 360 mil cruzados anuais que devem particularmente pagar-se no meu Real Erário, do mesmo modo que até agora praticaram os contratadores.

4º

Assim no rio Jequitinhonha, como no rio Pardo, e em outro qualquer rio, córrego ou ribeirão se observará enquanto for possível o método de lavrar rio acima, ou seja, no veio da água, ou nas suas vertentes, cuja observância sou servido encarregar positivamente ao desembargador intendente-geral dos diamantes. E se os caixas-administradores cobrarem alguma coisa em contrário desta minha determinação, me dará conta o sobredito intendente para eu mandar proceder contra eles com o castigo que merecer a sua transgressão.

5º

O mesmo intendente-geral mandará descrever, em um livro destinado para esse efeito, o número de escravos que se acham no Distrito da Demarcação das Terras Diamantinas, com os seus nomes, sinais e idades, debaixo do título de cada um dos senhores. E quando alguns desses escravos passarem, por venda ou por outro motivo, para outros possuidores, estes serão obrigados a vir manifestar na Intendência o seu novo domínio, para dele se fazer assento no referido livro, e se porem por verbas escritas nas margens dos assentos dos antecedentes donos as sobreditas vendas, ou passagens; e isto debaixo das penas estabelecidas contra os escravos, que entrarem sem licença.

6º

Depois de haver sido feita a sobredita matrícula, não poderão entrar negros alguns de novo dentro da Demarcação das Terras Diamantinas sem

precederem licenças por escrito do intendente-geral. E ordeno que este as não conceda, sem que as causas delas sejam copulativamente justas e necessárias. E que logo imediatamente faça abrir assentos do Livro de Registros dos Escravos, que de novo entrarem, e isto debaixo da mesma pena acima declarada.

7º

Tendo mostrado a experiência que contra as minhas leis, ordens e bandos, a que elas se acham referidas para proibirem a introdução de negros não matriculados nas Terras Diamantinas; e para se castigarem os matriculados, que nelas ou cometem descaminhos, ou vão minerar sem licença, se têm inventado muitas e muito nocivas fraudes, sou servido declarar, ampliar e retingir as sobreditas leis, ordens e bandos da maneira seguinte:

8º

Todos os escravos que forem achados dentro da Demarcação das Terras Diamantinas, além daqueles cujos nomes se acharem escritos no Livro da Matrícula, não só pagarão os seus respectivos donos a tomadia deles a favor de quem
158 os descobrir, mas também serem condenados pela primeira vez em três anos de galés, para nelas servir irremissivelmente. Pela segunda vez, sendo escravo do mesmo senhor, além da tomadia, servirá nas galés por tempo de dez anos.

9º

Sendo porém os sobreditos escravos achados com diamantes ou em ato de mineração deles, ou ainda com instrumentos de minerar somente, além das tomadias, que os seus respectivos senhores têm de pagar na sobredita forma, serão condenados a galés por tempo de dez anos, também irremissíveis.

10º

Às pessoas residentes no Serro do Frio e terras demarcadas, que neles têm casa, roças, lavras, ofícios ou negócios, ordeno: que no tempo de quinze dias contínuos, contados da publicação deste Regimento, se apresentem ao intendente-geral: que este, ouvindo os administradores e o fiscal, depois de haver procedido a um rigoroso exame, pelo qual conste que são pessoas ocupadas com boa-fé nos sobreditos ministérios, lhes conceda licença por bilhetes, por ele assinados, para se conservarem nos lugares das suas respectivas residências,

registrando-se em um separado – Livro de Matrícula – todos os sobreditos com a declaração dos seus respectivos empregos e exercícios, para assim poder constar a todo tempo quais são os que de novo se pretenderam introduzir por modo clandestino; que as outras pessoas, que se não puderem legitimar na sobredita forma, sejam notificadas para saírem das referidas terras no termo de quinze dias contínuos e contados daqueles em que as notificações lhes foram feitas, debaixo das penas de serem presos e remetidos a sua custa ao Rio de Janeiro, para ficarem reclusos nas cadeiras daquela relação por tempo de seis meses: que, voltando sem licença às referidas terras, sejam presos e remetidos às mesmas cadeias para delas serem transportados ao Reino de Angola pelo tempo de seis anos; e a respeito daqueles que se quiserem legitimar para se irem estabelecer de novo no Tijuco, ou qualquer outro dos arraiais vizinhos ao serviço, se examine na sobredita forma: *primo*: qual é a justa causa com que foram estabelecer-se na sobredita terra; *secundo*: quais são os seus teres e haveres; *tertio*: qual é o negócio que manejaram para que, pela combinação dos referidos fatos, se conclua, ou se vêm com justa causa para se admitirem, ou se contrariamente são traficantes, e de tais suspeitos, para serem logo notificados a saírem das referidas terras, debaixo das penas acima ordenadas, não sendo achados em culpas que mereçam outro maior castigo.

11º

Por que nos ditos arraiais se costumam introduzir traficantes e contrabandistas, umas vezes a título de passageiros, outras a titulo de cobradores de dívidas, ou de comissários dos credores delas, outras a título de *comboieiros* de poucos negros, que à imitação dos[27] comissários volantes, vão ao Rio de Janeiro e Bahia uma vez no ano: ordeno quanto aos primeiros que, dilatando-se mais de 24 horas em cada um dos lugares da demarcação, onde entrarem, sejam presos pela justiça deles, mandados à presença do intendente-geral; e por eles remetidos a sua própria custa às cadeias da Relação do Rio de Janeiro, para nela ficarem por tempo de seis meses. Ordeno, quanto aos segundos, que apresentando ao intendente-geral em junta com os administradores e fiscal: *primo*: os créditos originais e os poderes que levarem; *secundo*:

[27] As principais transações de compra e venda no Brasil se realizam na base de crédito por um ano: os negociantes, por isso, possuem sempre agentes viajantes, encarregados da cobrança das dívidas. São os chamados cobradores, geralmente mal-afamados.

a importância deles; *tertio*: as causas, de que procederam as dívidas, que intentarem cobrar; *quarto*: os meios que os devedores tiverem ou não tiverem para pagar as ditas dívidas.

À vista de tudo o referido; ou se lhes concedam licença para prosseguirem os seus negócios, se as dívidas forem verdadeiras, as causas delas justas e os devedores exigíveis; ou, nos casos contrários, sejam notificados para saírem das Terras Diamantinas dentro do termo de três dias, debaixo das penas acima declaradas. E ordeno, quando aos terceiros: que sejam logo expulsos os que forem achados nas sobreditas terras e notificados por editais públicos para a elas não voltarem com os ditos comboios, debaixo da pena de confiscação de escravos, e efeitos, que lhes forem achados; e de dez anos de degredo para o Reino de Angola.

12º

Mando que na conformidade do Capítulo II do Regimento do governador Dom Lourenço de Almeida, do bando do outro governador Gomes Freire de Andrada, publicado em 26 de agosto de 1739; e das penas assim estabelecidas fiquem proibidas, em todos os arraiais diamantinos, assim as negras de tabuleiro, como no Tijuco as vendas por casas das negras; e os negros dentro das vendas, e lojas, ou a comprar ou a vender.

13º

Havendo mostrado a experiência que os despejos para fora das Terras Diamantinas somente se têm muitas vezes iludido pelos despejados, de forma que eram muito mais nocivos nas vizinhanças dos lugares, donde foram expulsos, do que o tinham sido na residência deles, determino que todos os despejos, que daqui em diante se fizerem, sejam determinados pelo menos para fora da comarca onde os mesmos despejados residirem, quando o caso não merecer que a expulsão seja para maior distância.

14º

Por haver tido informação de que entre os notificados, para despejarem, têm havido alguns que, porfiando obstinadamente em estarem presos por não assinarem o Auto de Despejo, fizeram da mesma prisão os maiores contrabandos, do que faziam antes quando estavam soltos: determino que todas e quaisquer pessoas, de qualquer Estado, qualidade e condição que seja, que no preciso e

peremptório termo que se lhes determinar, não assinarem o Auto de Despejo que se lhes intimar, sejam autuadas por desobediência aos meus Reais Mandados, sejam remetidas às cadeias do Rio de Janeiro; e sejam delas transportadas ao Reino de Angola, para nele me servirem; ou nele ficarem por tempo de dez anos.

15º

Sendo certo que o intendente-geral e os administradores, que presenciam ocularmente os fatos que constituem as causas do despejo, são os que delas podem julgar mais competentemente: determino que a jurisdição do mesmo intendente seja, nestes casos de despejos, privativa e exclusiva de toda e qualquer outra jurisdição: e que tudo que ele a estes respeitos decidir em junta com os sobreditos administradores, se execute sem apelação, agravo ou recurso algum que não seja para minha Real Pessoa imediatamente.

16º

Os caixas-administradores entre os escravos, que se hão de comprar ao presente contrato e passar para a nova Administração, empregarão no serviço de mineração somente aqueles dos quais não houver suspeita de serem extraviadores de diamantes, vendendo para fora das terras da demarcação ou outros que forem indiciados deste crime. E para o serviço de Administração se não poderá comprar mais escravo algum por conta da minha Real Fazenda.

17º

Os outros escravos, que no princípio da Administração forem necessários para os diversos empregos da mineração e suas dependências, assim como também todos os que no futuro forem precisos para o mesmo efeito, serão alugados pelos meses de cada ano, em que efetivamente houverem de trabalhar; e despedidos logo que não tiverem exercício. Para o que os administradores regularão a quantidade de escravos, que acharem que poderão ser bastantes, assim para o tempo da seca como para o das águas, conforme as circunstâncias o pedirem e virem que é mais conveniente aos interesses da minha Real Fazenda, os quais devem prevalecer à cobiça dos particulares, que até aqui alugavam negros sem regra nem limites.[28]

[28] A este artigo devem ser atribuídas as enormes despesas da Administração, pois facilmente se percebe que, ao invés de simplificar os trabalhos, procurava estabelecer que fossem admitidos muitos funcionários e contratados numerosos criados.

18º

Os sobreditos pretos alugados devem ser capazes de todos os serviços, isto é, nem velhos, nem rapazes. A inspeção sobre os seus procedimentos deve competir aos administradores, que com eles trabalharem, debaixo da sujeição da Administração-Geral dos Serviços. Todos os sobreditos pretos serão vigiados e se tomarão com eles as mais assíduas e exatas cautelas, dando-se-lhes as mais repetidas e rigorosas buscas. Os que forem achados com balanças, com venda ou com quaisquer outros sinais de traficância serão condenados a galés pelo tempo proporcionado aos indícios que contra eles resultarem; e não serão mais admitidos a entrarem nos serviços. Achando-se negros, que pareçam fugidos, serão entregues aos seus donos; fazendo-se-lhes pagar todas as tomadias deles e assinar o termo de os vender para fora da comarca, debaixo da pena de despejo. Sendo os ditos negros forros ou escravos, dos que andam a ganho serão em todo o caso obrigados a despejarem da comarca, e com eles os donos, se os tiverem, por esse meio mais ordinário de que se costumam servir os desencaminhadores de diamantes.

— 162 —

19º

A escolha dos escravos que for necessário alugar, conforme a referida determinação, e igualmente a preferência, que devem ter os seus respectivos senhores, serão reguladas com uma prudente igualdade, pelo desembargador-intendente dos diamantes e pelos três caixas-administradores; preferindo-se os escravos de maior habilidade e experiência, dos quais não houver indicio de serem desencaminhadores de diamantes. Em segundo lugar, se alugarão os escravos daquelas pessoas que se distinguirem no serviço da Administração, concedendo a cada uma delas, conforme o seu préstimo, zelo e fidelidade, o aluguel de maior ou menor número de escravos. Em terceiro lugar, serão alugados os negros dos moradores do distrito da demarcação das Terras Diamantinas conforme a maior ou menor quantidade de escravos que tiverem empregados nas suas lavras, lavouras ou outros exercícios, e se não atenderão àqueles que houverem acumulado escravos só com o fim de os alugarem para os serviços de extração com um abuso o qual mando que seja inteiramente abolido, com os absurdos que o acompanharam

20º

Depois de haver sido determinado o número de escravos que se hão de alugar e de haver sido feita a referida regulação da escolha pelo desembargador-intendente, e pelos caixas-administradores, não será licito a pessoa alguma, de qualquer qualidade ou condição que seja, formar pretensão ou alegar direito de preferência para que lhe admitam seus escravos: debaixo das penas de ser havido por perturbador de sossego público, como tal desterrado para fora da comarca e castigado com as mais penas que merecer. Permito, porém, que as pessoas, que forem preteridas nesta distribuição dos aluguéis dos escravos, possam requerer à Mesa da Inspeção e Administração de Lisboa com a justiça que considerarem, para que, ouvido o desembargador-intendente, e mandando-se informar, me dê conta para Eu dar toda necessária providência; ou para fazer justiça aos gravados, ou para castigar os acusadores, se reconhecer que as queixas são injustas e nascidas de um espírito sedicioso ou da desordenada cobiça.

21º

Nenhumas pessoas, que não sejam moradores no distrito da Demarcação dos Diamantes, poderão ter neles negros em cabeças de outras pessoas para os alugarem ao Contrato. E provando-se que os têm, depois de haverem os senhores deles pago a tomadia, serão obrigados a servir nas galés por tempo de três anos; de seis pela segunda, e de dez pela terceira vez, sendo os escravos do mesmo dono compreendidos na primeira transgressão desse artigo.

22º

A admissão ou exclusão dos administradores subalternos, feitores e mais empregados no serviço da Administração pertencerão privativamente ao inspetor-geral, e aos caixas da Administração de Lisboa, os quais, com aprovação do dito inspetor, despedirão todos aqueles que bem e fielmente não cumprirem com as suas obrigações; sem que estes possam formar pretensões depois de despedidos para serem admitidos por qualquer causa ou pretexto que seja.

23º

Todas as pessoas que houverem sido empregadas no serviço da Administração e dela se despedirem, ou forem despedidas pelos administradores,

serão logo mandadas sair não só das Terras Diamantinas, mas de toda a comarca, por ordem do desembargador-intendente; à imitação do que está determinado para os soldados da Companhia de Dragões, a que se dão baixas, quando são expulsos do serviço. Essa ordem será executada sem suspensão pelo dito desembargador-intendente, e sem outro recurso, que não seja para a minha Real Pessoa imediatamente acima ordenada.

24º

Proíbo aos caixas-administradores que daqui em diante possam comprar diamantes extraviados por conta da minha Real Fazenda, como sou informado de que até agora se praticava por conta dos contratadores, com o fim de lhe não fazerem prejuízos com a venda dos do Contrato. E mando que todas as pessoas, de qualquer estado, qualidade, ou condição que sejam empregadas, ou não empregadas no serviço da Administração, que comprarem ou venderem; ou constar por denúncia provada, que compram ou vendem diamantes, que os extraem furtivamente ou que concorrem para a venda ou extração deles, sejam irremissivelmente castigados, na conformidade das minhas leis e especialmente do meu Alvará de 11 de agosto de 1753[29] o qual ordeno que a esse respeito se observe literal e inteiramente com a mais exata vigilância, para que assim venha a cessar de uma vez o escandaloso e prejudicial extravio de diamantes, que nestes últimos tempos se tem renovado, principalmente no distrito das Terras Diamantinas.

— 164

25º

Tive certa informação dos grandes abusos que se tem feito do § 9 da Minha Lei de 11 de agosto de 1753, no qual, proibindo toda espécie de faisqueira, só permiti que à gente que costumava viver desse trabalho se concedessem mais algumas daquelas lavras que estavam proibidas, contanto que primeiro fossem examinadas pelo intendente e contratador, para verificarem que nelas não se achavam diamantes; tomando-se para os sobreditos abusos as reprovadas liberdades de se suscitarem e decidirem dúvidas, para se darem preferências aos que tinham títulos anteriores, e de se permitirem maiores extensões de terra, assim aos referidos titulados como às outras pessoas que entrarem de novo, violentando-se assim não só o espírito e

[29] Esta lei ainda não me veio às mãos.

o genuíno sentido, mas até a literal disposição da mesma lei, e causando-se com as sobreditas reprovadas extensões dela prejuízos tão grandes como forem: primeiro, servirem as mesmas extensões de pretextos para a introdução de muitas pessoas, que vieram de fora estabelecer-se nas Terras Diamantinas; segundo, a outra introdução de muitos escravos supérfluos e prejudiciais; terceiro, a exorbitante carestia dos mantimentos; quarto, o estrago das mesmas terras minerais, que sempre se tinham dificultado aos contratadores; quinto, o entulho dos rios para os quais vertem as referidas lavras; sexto, o descaminho dos mesmos diamantes, que depois daquelas mal-entendidas extensões se fez inevitável, porque conhecendo os negros pela qualidade da pedra e dos esmeris as lavagens que podem ter os ditos diamantes, as aproveitam para furtarem os que acham; a fim de os extraditarem com a fácil convenção, que neles é sempre natural. Obviando a todas as sobreditas transgressões, absurdos e danos que delas se seguiram, ordeno que as lavras que forem permitidas pelo governador Gomes Freire de Andrada no Morro do Tijuco, no Rio São Francisco e nas Bicas, fiquem no seu vigor. Que todas as outras lavras abusiva e prejudicialmente concedidas no córrego do Chiqueiro, que verte para o Paraúna; no de Sambambaia, que verte para o Jequitinhonha; no da Chapada, que verte para o rio Pardo Grande; nas três lavras de Cristais, que vertem para o Pinheiro; e outros diferentes rios ou córregos; na Pedreira, que verte para o córrego de São João; nos de Gaspar Carvalho, Lagens, Pombeiros, Molucã, que vertem para o ribeirão do Inferno; na Toca, que verte para o rio das Pedras; no Palmito, e em todas e quaisquer outras lavras vertentes para os rios Pardos, fiquem inteiramente abolidas, posto que sejam em morros, para nelas não se minerar mais da publicação deste em diante, debaixo da pena estabelecida contra os que trabalham furtivamente em Terras Diamantinas. Ordeno, outrossim, que a mesma proibição se observe no rio Paraúna e suas cabeceiras, como em todas as outras lavras concedidas dentro da demarcação das Terras Diamantinas, ou nas vertentes dos rios destinados para a mineração dos diamantes. E ordeno, finalmente, que em nenhum dos sobreditos lugares ou quaisquer outros que são compreendidos dentro na primeira Demarcação Diamantina do governador Gomes Freire de Andrada, se possam conceder lavras sem preceder imediata aprovação minha sobre as prévias informações do intendente-geral e dos caixas-administradores, debaixo das penas de privação dos ofícios dos que as concederem e das mais que reservo a meu Real Arbítrio.

26º

Nenhuma pessoa, de qualquer estado, qualidade, ou condição que seja, poderá alegar privilégio algum, ou para se isentar das buscas, e outras diligências, que se houverem de fazer a respeito de extravio de diamantes; ou para se escusar de sair das Terras Diamantinas, quando por esse motivo lhe for mandado; ou pelo meu governador e capitão-general das Minas, ou pelo desembargador-intendente dos Diamantes.

27º

Porquanto pelo novo sistema, que mando observar, fica abolida a conta das sobras e falhas dos jornais dos negros que faziam os soldados do destacamento dos Dragões empregados na comarca de Serro do Frio; serão estes daqui em diante somente empregados na vigia dos extravios dos diamantes e nas mais diligências necessárias a esse respeito; assim como em tudo o mais que lhes for ordenado pelo governador e capitão-general, e pelo desembargador-intendente-geral para a observância das minhas Reais Ordens e utilidade na minha Real Fazenda.

28º

A companhia de 40 soldados do mato, chamados pedestres, que até agora foi do Contrato, será conservada pela nova Administração, com os soldados, sustentos e fardamentos que anualmente vencem. E os caixas-administradores poderão aceitar e despedir esses pedestres conforme o seu merecimento, sem dependência alguma dos cabos militares, na forma que sempre praticaram os administradores dos Contratos.

Bem entendido, porém, que em todos os casos em que forem precisos para diligências extraordinárias do meu Real Serviço, poderão ser empregados pelo desembargador-intendente, ou pelo comandante das tropas militares, sem prejuízo do serviço da Administração. O mesmo se praticará a respeito desta com os pedestres da Intendência.

29º

Tendo os administradores notícia de se acharem diamantes em poder de alguma pessoa particular, pedirão ao desembargador-intendente a ordem necessária para mandarem fazer apreensão neles, ou por soldados ou pelo capitão-mor e pedestres. Porém se o mesmo desembargador-intendente o julgar

mais útil mandará fazer essa diligência como entender que mais convém. E neste, e semelhantes casos, assim este, como quaisquer outros ministros, oficiais, ou justiças, em qualquer parte que seja serão obrigados a dar os socorros e auxílio que lhes forem pedidos pelos administradores e executarem as ordens do dito intendente-geral passadas no meu Real Nome, com pena de suspensão dos seus cargos, na qual ficarão incursos pelo mero fato de resistência.

30º

Sucedendo que os soldados do destacamento de Dragões, assim como os pedestres da Intendência, ou da Administração, vejam que é necessário dar repentina busca a qualquer pessoa, ou em qualquer casa, porque com a demora não conseguiria o fim da diligência, o poderão assim executar conduzindo porém imediatamente a tomadia e o reu à presença do desembargador-intendente.

E não achando o corpo de delito, sempre serão obrigados a dar parte, ao mesmo ministro, da razão que tiveram para aquele procedimento.

E isto para que no caso de se conhecer que ele foi intentado por paixão particular, ou algum outro vício, sejam os ditos soldados ou pedestres despedidos dos serviços, e castigados conforme a qualidade da culpa em que forem achados.

31º

Mando que, das denúncias de extravio que forem dadas em segredo, não se lavre Auto, como até agora se praticou.

Que o denunciante escreva a denúncia em um papel, sem ser nele nomeado; que o dito papel seja por ele pessoalmente apresentado ao desembargador-intendente ou algum dos caixas-administradores, assinando o mesmo papel naquele que receber a denúncia, com a declaração do dia, mês e ano em que lhe foi dada; e que este documento seja o título, com o qual o denunciante, por si ou interposta pessoa, haja de requerer o pagamento da parte que lhe tocar na tomadia; sendo satisfeita pelos caixas-administradores, com despacho do desembargador-intendente.

32º

Os caixas-administradores pagarão pontualmente e sem demora a parte que tocar aos denunciantes, ou às pessoas que fizerem tomadias, na forma determinada pela minha Lei, de 11 de agosto de 1753; as pedras que tiverem até

o peso de 18 grãos serão avaliadas à razão de 4$000 cada uma. As pedras que passarem de uma oitava exclusivamente, à razão de 8$000 cada uma. As pedras que pesarem de uma oitava para cima, se regularão à razão de 6$000 por quilate, (contando dezessete quilates e meio em oitava) não tendo essas pedras defeito considerável. No caso de os terem, lhes farão os caixas-administradores o abastecimento que lhes parecer justo.

33º

Sendo informado que no arraial de Tijuco, na Vila do Príncipe, e em vários outros lugares das Terras de Demarcação dos Diamantes, se tem aumentado a um número excessivo as lojas de fazendas secas, armazéns de molhados e vendas, ou tavernas, tendo na maior parte delas por principal objeto muitos dos seus interessados comprarem diamantes extraviados, debaixo do motivo ou pretexto da venda de seus gêneros, sou servido a ordenar que o desembargador-intendente faça logo reduzir ao menor número que for possível, assim no arraial do Tijuco, como em todos os mais lugares das Terras de Demarcação as sobreditas lojas, armazéns, vendas, mandando fechar as que não forem necessárias. E conservando entre os vendedores somente aqueles dos quais não houver notícia, ou suspeita de haverem concorrido para extravio de diamantes. Nessa averiguação, entrarão logo os caixas-administradores, para darem do desembargador-intendente todas as notícias que adquirirem sobre esta matéria. E para o futuro não poderão estabelecer-se mais lojas das referidas nas Terras de Demarcação, nem na distância das seis léguas ao redor delas, debaixo das penas impostas aos desencaminhadores de diamantes.

34º

Das sobreditas proibições, serão com tudo excetuados todos os lavradores e criadores, os quais poderão vender os seus frutos e criações nas suas próprias casas, com licença do desembargador-intendente, depois de serem ouvidos os caixas-administradores. Não poderão, porém, os mesmos lavradores e criadores, comprar alguns dos ditos gêneros, ou quaisquer outros para os tornar a vender, pena de incorrerem no crime dos que têm lojas proibidas.

35º

Nas mesmas penas incorrerão os caixas-administradores, quaisquer

outras pessoas pertencentes à Administração, ou com ofício nela, que por si ou interpostas pessoas tiverem por sua conta lojas, quitandas, ou quaisquer casas de negócio, ou venda, em que sejam interessados. O mesmo ordeno que se observe debaixo da pena de despejo contra todas as pessoas eclesiásticas ou seculares que contra as disposições do direito canônico se interessarem nas referidas lojas, e casas, posto que seja a benefício de qualquer causa pia, por mais privilegiada que seja. E ordeno, finalmente, que todas as referidas penas, e as mais por direito estabelecidas contra os que fizerem monopólio, se executem nos seus respectivos casos em todos, e cada um dos sobreditos que atravessarem fazendas secas ou gêneros molhados, para os revenderem dentro dos arraiais, a que chegarem. Para obviar aos prejuízos que resultam dos absurdos por este parágrafo vedados, o fará logo transladar o intendente-geral; e estabelecendo nele o corpo de delito, procederá por ele a devassa, a qual conservará sempre aberta sem determinado tempo, nem limitado número de testemunhas: procedendo contra os culpados sumária, verbalmente e de plano pela verdade sabida, separando-se para esse efeito dos Autos as respectivas culpas, logo que neles houver prova bastante para se proceder.

36º

Para suavizar o incômodo e prejuízo que poderão seguir-se aos donos das lojas que se mandem fechar: sou servido permitir que os gêneros que nelas se acharem possam incorporar-se com os outros das lojas que ficarem existindo. Para que sejam obrigados os mercadores, vendilhões, taverneiros existentes a receberem, repartirem igualmente os efeitos das lojas extintas pelos preços em que ajustarem com os seus respectivos donos. Nos casos de dúvida se procederá por avaliação feita por louvados nomeados pelo desembargador-intendente com um termo racionavelmente determinado para os pagamentos. E quando as partes interessadas nem assim se acomodem à venda de seus gêneros, os poderão livremente transportar para fora dos limites da demarcação, como bem lhes parecer.

37º

Nenhuma pessoa, de qualquer estado, qualidade ou condição que seja, poderá entrar nas Terras de Demarcação sem licença do desembargador-intendente, a qual requererá por petição, antes de entrar no distrito demarcado;

fazendo certo por bilhete da polícia, ou da justiça do lugar donde houver sabido o negócio a que vem, e a que lugar se dirige, a distância e a diligência, que deve fazer, para que o desembargador-intendente, ouvidos os caixas-administradores, lhes possa conceder, ou negar licença, limitando-lhe o tempo da demora e prorrogando-o depois por uma só vez, se entender que para isso concorre causa urgente, na forma assim ordenada.

38º

Havendo proibido que nas Terras da Demarcação possa entrar pessoa alguma a título de trazer fazendas para vender, de qualquer qualidade que sejam, determino que os mercadores de fazendas secas e de molhados hajam de prover às suas lojas, pedindo os sortimentos, que lhes forem necessários aos negociantes estabelecidos no Rio de Janeiro, na Bahia, ou em qualquer outro porto do Brasil. O mesmo poderão fazer os particulares a benefício dos provimentos das suas casas, para que assim acabem de cessar os comissários volantes, que até agora grassavam nas Terras Demarcadas, assim como também toda a sorte de mascates volantes, que ainda nelas sejam moradores. Todos os

que se acharem vendendo contra esta proibição, serão presos, remetidos para fora da comarca, e as mercadorias, que lhes acharem, confiscadas para a minha Real Fazenda, dando-se aos denunciantes a terça parte do seu justo valor.

39º

Para que a geral proibição de entrar nas Terras Demarcadas não embarace a circulação dos mantimentos, concederá o desembargador-intendente licenças anuais para os introduzirem a todos os roceiros, criadores e condutores, que lha requererem; constando-lhe que deles não há, nem os caixas têm noticia alguma de serem traficantes ou de descaminharem diamantes.

40º

Todos os homens brancos, pardos ou pretos forros que não tiverem estabelecimento conhecido; isto é, de roças, lavras, ofícios fabris, comércio ou outro emprego permitido; ou que não forem feitores, caixeiros, ou servidores dos referidos, de sorte que, por não terem modo conhecido de manterem a vida, possa haver deles suspeita de que vivem de algum tráfico oculto, serão desde logo expulsos do distrito da Demarcação.

E se nela tornarem a entrar, pela primeira vez sendo remetidos à custa sua ao Rio de Janeiro, ou Bahia, e presos nas cadeias daquelas Relações por tempo de seis meses pagando 50 oitavas de ouro para os que os denunciarem; e pela segunda vez pagarão também do mesmo modo cem oitavas de ouro e serão degredados para Angola por tempo de dez anos.

41º

Tendo os caixas-administradores alguns bem fundados indícios de alguma pessoa, de qualquer estado, qualidade, ou condição que seja, concorre por si, ou outrem, para o extravio de diamantes, o deverão declarar ao desembargador-intendente, apontando-lhe as pessoas que podem ter notícia do delito. E o dito ministro mandará logo devassar ocultamente, e perguntando assim às pessoas apontadas, como as mais que lhe aparecer. Achando duas ou três testemunhas conformes na presunção do delito, fará logo despejar o indiciado das terras da comarca, e assinar por ele termo de não entrar mais nelas debaixo das penas acima estabelecidas, sem que seja atendido qualquer requerimento contrário. Tudo o que pertencer a essas devassas será guardado pelo escrivão no mais inviolável segredo, sob pena de privação do seu ofício, e de ser severamente castigado com as mais penas impostas contra os que prevaricar nos ofícios públicos que servem.

42º

Porque fui, com desprazer meu, informado de que tem havido homens tão temerários, que em público e em particular ameaçaram com tiros e outros insultos os que entenderam que lhes embaraçavam os seus ilícitos interesses, por lhes não alugarem sem necessidade os seus escravos; ou porque não lhe os alugavam em todo o número que eles pretendiam; ou porque em observância das minhas Reais Ordens, concorreram para descobrirem os extravios de pedras, e para a exclusão dos traficantes e vadios: e porque semelhantes homens facinorosos como indignos da honra de se denominarem meus vassalos, e como inimigos comuns do bem da sua pátria, e do sossego público dela, que consistem na exata observância das leis, devem ser inteiramente apartados dos meus leais domínios, punidos com a severidade que se faz indispensável para cessarem os escândalos resultantes de tão inauditos atentados, sou servido ordenar: que o desembargador-intendente geral faça logo trasladar esse artigo para que sirva de auto de corpo de delito: que

por ele proceda a uma exata devassa contra os que depois da publicação deste Regimento incorrerem nos sobreditos crimes; que a mesma devassa deles se conserve sempre aberta sem limitação de tempo, e sem determinado número de testemunhas: que logo que por estas ou por qualquer outro modo legítimo lhes constar pela prova de direito natural, que há réus destes enormes crimes, proceda contra eles a pronúncia e prisão. Que aqueles que forem presos por qualquer dos referidos crimes sejam transportados imediatamente com os Autos das suas culpas pelo mesmo intendente-geral para a cadeia da cabeça da comarca: que aqui sejam sentenciados sumária, verbalmente e de plano, conforme a verdade sabida pela 'Junta de Justiça', que em benefício do sossego público tenho mandado estabelecer presidindo nela o governador e capitão-general; sendo sempre nestes casos indispensável relator o mesmo intendente-geral.

43º

Quando os ministros empregados em outras comarcas mandarem por bem do meu Real Serviço e da Justiça praticar algumas diligências em Terras Diamantinas, não poderão estas se executar sem primeiro serem participadas ao

desembargador-intendente; o qual as mandará praticar de modo que delas se não sigam inconvenientes ou a respeito do extravio dos diamantes, ou do governo econômico da Administração, e não de outra sorte.

44º

A Casa da Administração do Serro do Frio, onde se recolhem os diamantes e ouro, será guardada com sentinelas dos soldados-pedestres da Administração, assim de noite, como de dia, com as armas de que usam ordinariamente os mesmos pedestres quando se acham empregados em ações do meu Real Serviço.

45º

As partidas de diamantes, sendo remetidas pelos caixas-administradores para a cidade de Lisboa por via do Rio de Janeiro na forma até agora praticada, virão sempre em cofres fechados e lacrados na presença do desembargador-intendente, fazendo o escrivão da Intendência um termo de cada remessa em o livro destinado para esse efeito com especificação do peso e sortimento dos mesmos diamantes; e extraindo a certidão do referido termo em três duplicados: um deles para ser remetido pelos administradores juntamente com os diamantes

aos diretores da cidade de Lisboa; outro pelo desembargador-intendente ao inspetor-geral do meu Real Erário; e o terceiro ficará em poder dos administradores para a sua descarga.

46º

Os correios que pelo contrato se estabeleceram ultimamente do arraial do Tijuco para Vila Rica, e para o Rio de Janeiro (os quais são os mesmos soldados pedestres) só poderão ser expedidos nos casos urgentes, em que houver perigo na mora de esperar as ocasiões das remessas dos diamantes. E nesses casos não poderão os governadores, nem outros quaisquer magistrados, suspender os seus caminhos, ainda com os motivos de outras diligências do meu Real Serviço; porque para elas, nos casos extraordinários, há os recursos das paradas e dos expressos, como sempre se praticou em semelhantes ocasiões.

47º

Os administradores-gerais poderão mandar prender os negros e mulatos cativos ocupados nos serviços da Administração, e usar com eles do castigo de açoites e galés, quando os merecerem, como foi permitido até agora aos contratadores. O mesmo poderão praticar os administradores particulares dos respectivos serviços com os escravos, que neles acharem culpas, ou com indícios, que a elas sejam próximas. Sendo, porém, os culpados homens livres ou forros, os remeterá presos ao intendente-geral, com as culpas em que foram achados, escritas pelo mesmo administrador, com as declarações das testemunhas, que lhe servirem de provas, as quais, ainda sendo escravos, mando que sejam atendidas nestes casos em que não pode ordinariamente haver alguma outra prova.

48º

Quando algum dos caixas-administradores for a alguma jornada, lhe será dado um soldado do destacamento de Dragões para o acompanhar; e dois quando a jornada for mais dilatada, como sempre foi concedido aos administradores dos Contratos.

49º

Enquanto os mesmos caixas-administradores estiverem ocupados na Administração, não poderão ser presos sem expressa Ordem Minha, salvo em

flagrante delito dos que têm pena capital, ou a ela imediata, e gozarão da homenagem concedida aos deputados da Companhia de Pernambuco.

50º

Todas as pessoas empregadas no serviço da Administração terão o privilégio de aposentadoria ativa e passiva[30] e requerendo-a aos magistrados competentes. E não serão constrangidas a servir os cargos dos conselhos ou das milícias; exceto aqueles de que pelas leis destes Meus Reinos e Senhorios nenhuma pessoa é isenta.

51º

Também poderão as ditas pessoas empregadas no serviço da Administração assim dentro do distrito demarcado das Terras Diamantinas, como fora dele, nas jornadas que fizerem a outros lugares em serviço da mesma Administração, usar, a pé ou a cavalo, de armas ofensivas, e ainda das que são proibidas; e lhes não serão tomadas, salvo se constar que delas usam como não devem.

52º

Sucedendo falecer intestado na comarca do Serro do Frio alguns dos caixas-administradores, não poderá o juiz dos Defuntos e Ausentes[31] ou outro qualquer fazer arrecadação dos seus bens; e o caixa, ou caixas, que ficarem na Administração tomarão conta de todos os bens do defunto, de qualquer qualidade que forem, e em qualquer lugar que existirem; e de todos eles farão um exato inventário perante o desembargador-intendente, o qual nomeará louvados para as necessárias avaliações; e feita a venda pública ou particular de todos os efeitos que se acharem existentes, será o produto da herança remetido com o seu inventário à Direção-geral desta cidade, a qual dará conta com entrega aos

[30] O privilégio da aposentadoria ativa e passiva consiste na permissão a alguém de alugar qualquer casa não habitada pelo proprietário ou outra pessoa que tenha o mesmo privilégio, e de nunca poder dela ser despejado senão pelo proprietário, desde que seja o pretendente à ocupação da mesma.

[31] Em cada província existe um tribunal próprio que trata dos bens dos órfãos e dos ausentes. Se morre o pai de família, deixando filhos menores, ou outra pessoa que não tenha herdeiros legítimos, e não deixa testamento, o tribunal toma posse imediatamente dos bens, que são transformados em dinheiro, a ser depositado na Caixa-Geral. Os órfãos são mantidos com esses recursos. A herança dos intestados, porém, é recolhida anualmente ao Erário Real, onde os herdeiros legítimos a recebem. O pior é que os tribunais cobram emolumentos tão excessivos, que, em geral, pouco resta da herança no fim, já que cada busca é cobrada à razão de 10%.

legítimos herdeiros, depois de satisfeita a Minha Real Fazenda, no caso de ser devedor o Administrador falecido, em razão da sua administração.

53º

O desembargador-intendente-geral dos Diamantes será juiz conservador da Administração e de todos que acharem atualmente nela empregados, e como privativo de todas as suas causas poderá avocá-las ao seu juízo, não obstante quaisquer exceções, declinatórias, ou privilégios que encontrarem possam alegar as partes interessadas. O mesmo privilégio será extensivo a todas as pessoas que se ocuparem na Administração e nelas tiverem incumbências ou fizerem serviços.

54º

Tudo o que tenho ordenado por este Regimento será executado literal e exatamente na mesma forma, em que fica escrito, sem interpretação ou inteligência alguma, qualquer que ela seja. Porque nos casos em que venham parecer necessárias, se deve recorrer a mim, a quem só toca entender e interpretar as minhas leis, proibindo a todas as pessoas ainda de qualquer grau e dignidade, debaixo das penas de privação de seus cargos, de pagarem pelos seus bens os danos que desta causa se seguirem, de nulidade de tudo que pela suas ordens se obrar: e de suspensão de todos os magistrados que cumprirem ordens contrárias ao que acima deixo determinado.

E este se cumprirá tão inteiramente como nele se contém, sem dúvida ou embargo algum, qualquer que ele seja, não obstante quaisquer leis, regimentos, alvarás, provisões, resoluções, ordens, bandos ou disposições de direito que sejam em contrário, porque todos e todas derrogo para este efeito somente de meu moto-próprio, certa ciência, poder real pleno e supremo como se cada uma, ou cada um deles, e delas fizesse especial menção. Pelo que mando ao inspetor-geral do meu Real Erário, vice-rei do Estado do Brasil, governadores e capitães-generais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e de Goiás, intendente-geral dos Diamantes, ouvidores e Justiças e de todas as comarcas das sobreditas capitanias, que cumpram e guardem tudo o referido e façam cumprir e guardar, cada um no que lhe pertencer como se fosse carta passada pela Chancelaria, e ainda que o seu efeito haja de durar mais de um e muitos anos, não obstante as ordenações que o contrário determinam, as quais derrogo para este efeito

somente, ficando elas sempre em vigor. Dado no Palácio de Nossa Senhora da Ajuda a 2 de agosto de 1771.

O rei

Marquês de Pombal

Abstenho-me de mais extensos comentários sobre esta lei, mais digna de brilhar no Império Turco do que em um estado cristão. Ela saiu, porém, das mãos de Pombal, que gostosamente conduziam um cetro de ferro. Abrindo caminho à delação e à calúnia, oferecia centenas de vítimas ao ódio e à vingança dos intendentes e administradores. Como era de esperar, a nova legislação pôs cobro a esta indignidade, como a muitas outras, comuns nas colônias.

Lei e Regimento para o fiscal da Administração dos Diamantes[32]

Eu, el-rei, faço saber aos que este alvará virem, que havendo dado nova forma para administrar a extração dos diamantes do Serro do Frio pelo outro

alvará e regimento de 2 de agosto de 1771, por mim ordenado no fim de fazer cessar perniciosos e escandalosos abusos, que alguns dos administradores deste Contrato introduziram no decurso do tempo, com grande prejuízo da utilidade pública, e dos importantes interesses, que fazem o principal objeto deste ramo de comércio, determinando nos 24 capítulos que se compreendem no dito alvará, assim a extinção, a reforma daqueles injustos e desordenados procedimentos, como o estabelecimento, o verdadeiro sistema, pelo qual se hão de reger desde o 1º de janeiro do presente ano em diante o desembargador-intendente-geral, e os três caixas-administradores dela, e todas as mais pessoas empregadas nestes serviços. E por me haverem representado os diretores da referida extração a utilidade, que nelas se seguiria, se Eu fosse servido criar o lugar de fiscal em um ministro de letras, que requerendo a observância de minhas leis, e ordem fizessem compatíveis as utilidades da referida extração com a causa pública, considerando que não pode caber nas forças de um só ministro o pronto expediente recomendado pelo sobredito regimento, houve por bem determinar por decreto de 17 de fevereiro próximo pretérito, que o dito fiscal dos Diamantes

[32] Esta lei contém ainda alguns artigos que dizem respeito à Administração.

no Arraial de Tijuco e comarca do Serro do Frio, que até agora foi exercitado por pessoas leigas da nomeação dos governadores de Minas Gerais, se haja de servir daqui em diante por ministros de letras da minha imediata nomeação, com os predicamentos que lhes competirem conforme os lugares a que estiverem a caber, vencendo dois contos de réis de ordenado anual pagos na Junta de minha fazenda de Vila Rica, sem outro algum emolumento da mesma Real Fazenda, nem das partes, servindo sempre o dito fiscal letrado de substituto necessário de um intendente-geral dos Diamantes em todos os casos de doenças, ausência, morte, ou de quaisquer outros justos impedimentos do intendente proprietário; e porque havendo sido criação do referido lugar de fiscal letrado posterior ao mencionado alvará de 2 de agosto de 1771, não foi nele contemplado neste lugar e para regular o exercício dele se faz necessário que tenha especial e próprio regimento. Sou servido ordenar o seguinte:

§ 1º Pertencerão ao dito fiscal, no que são aplicáveis a respeito da Administração dos Diamantes do Serro do Frio, todas as obrigações que são inerentes ao procurador da Minha Real Fazenda, como dispõe a Ord. Liv. 1, Art. 13, e como praticam todos os outros fiscais régios nas suas respectivas incumbências.[33]

§ 2º Declarando e ampliando todos os capítulos do referido regimento que tratam das conferências do intendente-geral com os três caixas-administradores concorrerá nas mesmas conferências o sobredito fiscal, lendo nelas voto e sendo informado dos negócios que se tratarem, e das decisões que sobretudo se tomarem para a seu respeito requerer o que lhe parecer que convém mais ao meu Real Serviço, à utilidade pública e à melhor economia da dita Administração.

§ 3º De todos os requerimentos e de todos os negócios de qualquer qualidade que sejam, dará o intendente vista ao fiscal, havendo sobre as suas respostas a necessária consideração, deferirá como for de justiça e se executará depois tudo que pelo mesmo intendente for determinado.

§ 4º Todas as ordens serão participadas ao fiscal, e todos os livros assim das matrículas, como da escrituração da Caixa-Geral, e todas as mais feitorias

[33] Em todas as províncias do Brasil em que há uma Junta Real da Fazenda, há também um procurador-fiscal da Real Fazenda, o qual tem a seu cargo os interesses reais. O lugar, ocupado por juristas, é geralmente ligado ao de juiz de fora, sendo exercido por três anos. Como, então, as atribuições do mesmo se estendiam a todos os setores do serviço público, geralmente dirigidos por homens que nada entendiam de direito, não é de admirar que, por sua ignorância, deixassem de praticar o bem e dessem causa a muitos males.

lhe serão patentes em ato de conferência sempre que os pedir para de tudo ser instruído, e poder requerer o que lhe convier, devendo-lhe dar em termos hábeis as cópias de que necessitar; sempre contudo haverá respeito ao fiscal dos casos e papéis de maior segredo, segundo do intendente-geral em junta com o dito fiscal e administradores.

§ 5º Não haverá entre eles reserva alguma de segredos, pelo que pertence a todas as dependências desta Administração, antes nela se deve tratar zelosa e honradamente em conferência, com a maior lisura e sinceridade, o que praticará debaixo das exceções seguintes.

§ 6º Os negócios cujas decisão competir somente ao intendente lhos deverá requerer o fiscal, como entender que é sua obrigação, chegando-se sempre à verdade sabida, à boa razão, ao estilo do comércio, à economia da Administração, e suas utilidades ao bem dos povos em tudo o que não for incompatível e evitando o quanto for possível os termos forenses, e as delongas judiciárias, que, servindo de aterrar os ânimos mais inocentes, introduzem e fazem grassar a intriga, a desordem, e a perturbação de todos os que útil e louvavelmente devem aplicar as suas laboriosas fadigas e responder pelos empregos, que se lhes tem confiado.[34]

§ 7º O referido intendente deferirá por escrito as partes, e representação do fiscal como lhe parecer que é justo, ficando a um e a outro o regresso de se tratarem a benefício da minha Real Fazenda, e o público e participando-lhe juntamente as decisões dele pelo marquês-inspetor do meu Real Erário, como em outros casos de igual circunstância está estabelecido no referido alvará, e regimento de 2 de agosto.

§ 8º Semelhantemente deverá o mesmo fiscal requerer, em junta, tudo o mais cuja decisão for competente à mesma junta, assim a respeito de todos os casos expressos no dito regimento, como dos mais em que o decurso do tempo fizer necessário nalguma nova providência. A mesma junta deferirá sempre por escrito, e das decisões dela me poderá o intendente e o fiscal darem conta na maneira acima declarada.

§ 9º Haverá também na junta um livro rubricado pelo intendente, no qual se escrevem todos os negócios mais importantes, que nela se tratarem, lançando-se o escrivão da Intendência, em forma de digesta, e preceptível com as suas

[34] Por ser este parágrafo, sob vários aspectos, muito curioso, transcrevo-o literalmente. Com efeito, percebem-se, através dele, não só o gérmen das desavenças permanentes entre o intendente-geral e o fiscal, como o pouco crédito em que era tida a conduta dos juízes, mesmo junto ao Ministério.

respectivas resoluções pela ordem cronológica dos tempos, para que sempre se conheça a exatidão e utilidade com que há zelosamente tratado a sobredita Administração.

§ 10. Nos casos adversos, em que aconteceram nos serviços alguns sucessos não cogitados no tempo em que se ordenaram, e nelas acontecidos depois por vício da fortuna, poderão livremente escrever os seus votos aquele ou aqueles que ficarem vencidos; sempre, contudo se praticará nas referidas juntas e conferências a necessária moderação, desterrando-se delas toda a animosidade, e fugindo-o dos antigos abusos dos protestos e contraprotestos, que nunca servirão de mais, que a inquietar os ânimos e destruir o sossego público, a boa-fé, a união, e verdade sabida, que fazem o principal objeto desta Administração e dos seus vantajosos progressos. Por cujos respeitos: sou servido proibir que dentro do distrito das Terras Diamantinas possa residir bacharel algum formado, debaixo das penas de ser remetido à sua custa ao Rio de Janeiro, e de seis meses de cadeia debaixo de chave nas prisões daquela relação. Excetuo, porém, os que forem naturais das referidas terras, contanto que nelas não executem advocacia, porque executando-a incorrerão nas penas acima declaradas.

§ 11. Em observância do que:

Sou servido ampliar o § 53 do referido Regimento de 2 de agosto de 1771 a todos os habitantes das referidas Terras Diamantinas, para que as questões que entre eles houverem sejam sentenciadas pelo intendente sumária e verbalmente, de plano, pela verdade sabida, sem figura alguma de juízo, sendo ouvido o fiscal nas causas do valor de 100 mil-réis, e dali para cima, para cujos efeitos somente derrogo, e hei por derrogadas todas as leis, ordenações e disposições de direito em contrário, como se todas e de cada uma delas se fizesse especial menção.

§ 12. E poderá o sobredito fiscal requerer todas as conferências que lhe parecerem necessárias, para propor o que fizer a bem da minha Real Fazenda, além das que vão determinadas nos capítulos do regimento de 2 de agosto de 1771; e o dito intendente e administradores concorrerão sempre nas conferências extraordinárias.

§ 13. Quando o fiscal for a alguma jornada, lhe serão dados dois soldados do destacamento de Dragões para o acompanharem, na conformidade que serão concedidos aos caixas-administradores pelo § 48 do citado Regimento. Além destes lhe facultará o intendente extraordinariamente todos os mais que vir lhe

são necessários conforme a ocorrência dos casos, qualidade das diligências do serviço e distâncias das mesmas jornadas.

§ 14. O mesmo fiscal deverá ser auxiliado pelos ministros, oficiais de justiça, pelos soldados do destacamento e ainda por quaisquer pessoas empregadas no serviço da Intendência, a exemplo dos três caixas-administradores, como está disposto no capítulo 28 e 30 do Regimento, havendo-se contudo o mesmo fiscal com a devida circunspeção no uso desta faculdade, que lhes serão permitidas.

§ 15. Pela sobredita maneira lhe ficarão sendo sujeitas todas as referidas pessoas, especialmente os oficiais da Intendência, e em tudo o que não encontrar as ordens do intendente, que deverão executar sempre em primeiro lugar.

§ 16. Nos casos de servir o fiscal de intendente, se deverá nomear a pessoa que bem parecer ao intendente servir de fiscal. Quando o intendente não possa fazer nomeação, a fará o fiscal que subir ao cargo de intendente, praticando-se a referida nomeação em pessoa hábil, de probidade, inteligência e desinteressada.

§ 17. Porque os casos ocorrentes excedem sempre todas as providências que se podem cogitar para se precaver e não permitir a distância dar-lhes remédio, que logo se lhes deve aplicar, determino que em todos os casos da natureza dos que são do conhecimento da junta, e nos outros que somente tocarem ao intendente, ouvido em todos o fiscal, se tome logo a necessária deliberação interna, e que esta se execute, dando-se-me imediatamente conta, pela via que tenho determinado, para que tendo informação dos referidos fatos, e do remédio que se lhes tiver aplicado, possa eu sobretudo resolver o que me parecer mais conveniente ao serviço de Deus e meu.

E este se cumprirá tão inteiramente como nele se contém sem dúvida ou embargo, alguém, qualquer que ela seja, não obstante quaisquer leis, regimentos, alvarás, provisões, resoluções, ordens, bandos ou disposições de direito que sejam em contrário, porque todos, e todas derrogo para este efeito somente de meu moto-próprio, certa ciência, poder real, pleno e supremo, como se cada um ou se de cada uma delas fizesse especial menção.

Pelo que mando ao inspetor do meu Real Erário, vice-rei do Estado do Brasil, governadores e capitães-generais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás intendente-geral e fiscal dos Diamantes, ouvidores, Justiças de todas as comarcas das sobreditas capitanias, que cumpram e guardem todo o referido e façam cumprir e guardar cada um no que lhe pertencer, como se fosse Carta

passada pela Chancelaria, ainda que o seu efeito haja de durar mais de um ano, e não obstante às ordenações que ao contrário determinam, as quais derrogo, para esse efeito somente.

Dado no Palácio de Nossa Senhora da Ajuda a 23 de maio de 1772.

O rei

Marquês de Pombal

Uma lei de 13 de maio de 1803, que devia extinguir a Administração Diamantina e instaurar uma nova organização, em conseqüência de numerosos defeitos, até hoje não foi executada. Assim, apenas dou os preços[35] estabelecidos para os diamantes, para dar uma idéia aproximada de seus valores.

[35] Os trabalhos de extração dos diamantes por conta da Real Fazenda deveriam, com essa lei, ser inteiramente extintos e distribuídas as áreas diamantíferas a entidades especiais.

TABELA

Estimativa dos valores dos diamantes que podem ser adquiridos dos lavadores

Partida		Qualidade	Preços réis		Valor da pedra-réis
			Oitava	Quilate	
4ª	10ª	16 a 25 pedras por quilate	31.000	1.800	
	9ª	9 15 "	41.000	2.400	
	8ª	7 a 8 "	65.000	3.800	
3ª	7ª	5 a 6 "	96.000	5.600	
	6ª	4 a 5 "	110.000	6.400	
	5ª	de 1 – grão	120.000	7.000	
2ª	4ª	" 2 a 3 "	130.000	7.600	
	3ª	" 4 a 6 "	140.000	8.200	
1ª	2ª	" 2 a 3 quilates	155.000	9.100	
	1ª	" 3 a 5 "	174.000	9.900	
		de 6 a 7 "		10.500	68.250
		" 8 a 9 "		14.000	119.000
		" 10 a 11 "		18.300	194.500
		" 12 "		22.000	264.000
		" 13 "		27.000	351.000
		" 14 "		29.000	406.000
		" 15 "		32.000	480.000
		" 16 "		35.000	560.000
		" 17"		40.000	680.000
		" 18 "		45.000	810.000
		" 19 "		50.000	950.000
		" 20 "		55.000	1.100.000
		" 21 "		57.000	1.197.000
		" 22 "		61.000	1.342.000
		" 23 "		65.000	1.495.000
		" 24 "		70.000	1.680.000
		" 25 "		72.000	1.800.000
		" 26 "		78.000	2.028.000
		" 27 "		86.000	2.322.000
		" 28 "		92.000	2.576.000
		" 29 "		100.000	2.900.000
		" 30 "		110.000	3.300.000

Ocorrência dos Diamantes[35]

A descoberta do diamante no Brasil, como já mencionei no início, ocorreu no ano de 1727. Em Portugal, naquele tempo, não existiam homens tecnicamente preparados a quem se pudesse confiar a direção da atividade de extração diamantífera, e, se acaso existiam, era inútil consultá-los, e o assunto era tratado como negócio inteiramente comercial. A Administração permaneceu até 1772 nas mãos de empreendedores privados.

Em conseqüência, ela exerceu sua missão por conta do rei; o único administrador de tudo, ainda por cima, era apenas um mero jurista, substituído no cargo de três em três anos. Além disso, os funcionários da Administração haviam se formado apenas na escola dos escravos por ela utilizados. Dessa maneira, absolutamente nada sabemos de certo a respeito das ocorrências diamantíferas. Sabia-se apenas quais rios eram diamantíferos sem pesquisar de onde e como se originavam os diamantes. Foram pesquisados apenas os rios e deixadas de lado as montanhas. Apenas nos rios que descem das encostas ocidentais da grande serra (pertencente à cadeia do Espinhaço) e convergem, parte para o rio Jequitinhonha e parte para o São Francisco, acreditava-se existirem diamantes, limitando-se sua extração ao chamado Distrito Diamantino do Serro do Frio, cujas fronteiras eram guarnecidas militarmente. Todas as outras regiões do Brasil, enquanto isso, eram relegadas ao abandono.

Como, porém, há sempre espíritos empreendedores em atividade em outras terras, cujas empresas audaciosas são levadas a cabo graças à ambição ou ao interesse material, as recém-descobertas riquezas em diamantes e ouro no Brasil movimentaram centenas de aventureiros, que rumaram para regiões desertas e impenetráveis, tendo apenas como guia o sol, desprovidos de todo e qualquer recurso e se alimentando apenas de frutas silvestres e do incerto produto das caçadas. Deve-se a eles a descoberta da riqueza diamantífera da serra de Santo Antônio, em Minas Gerais, onde o diamante ocorre no cascalho misturado com terra. Os afluentes da margem esquerda do São Francisco, Indaiá, Abaeté, Sono, Prata, Paracatu e Santo Antônio, são riquíssimos. O rio Claro e outros, na província de Goiás, são igualmente ricos, enquanto dos rios de Mato

[35] O que digo aqui sobre as ocorrências de diamantes já o disse em minhas *Geognostische Gemälde von Brasilien* (Weimar, 1822); todavia, como a maioria dos leitores não conhece essa obra, não lhes deverá ser desagradável ver repetido aqui o que ali foi escrito.

Grosso, até as fronteiras espanholas, se contam maravilhas, não maiores do que as de alguns rios da província de São Paulo, afluentes do Paraná.

O governo estava agora embaraçado com a necessidade de resguardar esses tesouros e de coibir os abusos do contrabando. Guardas cercaram a serra de Santo Antônio e os tributários ocidentais do São Francisco. Foram proibidas lavouras ou colônias naquelas regiões e estabelecidas inspeções severas nas fronteiras da província. Porém, o espírito humano seria escasso de entendimento se não encontrasse meio e caminho para subtrair aos olhos observadores dos homens encarregados de sua vigilância um tesouro tão grande, mas cujas pequenas dimensões tornam fácil ocultar. Daí o continuado comércio clandestino, tão considerável que o avalio em 2/5 dos diamantes extraídos.

Com a descoberta dos diamantes na mais importante parte do Brasil, devia-se esperar para a ciência a indicação de certas formações a que eles deviam pertencer.

Ninguém, porém, se utilizava dessas indicações. Mesmo o sábio Câmara, ex-intendente da Administração Diamantina, muito pouco se importou com isso, manifestando-se contra a minha opinião de que a formação que dava origem aos diamantes não mais existia, provavelmente. Durante minhas longas viagens, tive não só a oportunidade de pesquisar o já conhecido distrito, mas ainda, através de conclusões geológicas, resultantes de minhas observações de campo, consegui com facilidade achar diamantes onde a Administração não pesquisava, embora o local não fosse desconhecido dos contrabandistas, como nos rios Guritas, Quebra Anzol, São Marcos e Paranaíba, na fronteira atual entre Minas e Goiás.

Apoiado em minhas variadas observações, não me restou nenhuma dúvida de que os diamantes devem sua origem à segunda formação primitiva. Não se pode, porém, determinar com segurança se no itacolomito, no xisto argiloso, no xisto micáceo ferruginoso ou no itabirito, o que dependeria da continuação das pesquisas. As razões que me levam a aceitar uma dessas rochas como matriz dos diamantes, procurarei examiná-las separadamente.

No distrito do Serro do Frio, no qual nascem os cursos ricos em diamantes que dão origem ao grande rio Jequitinhonha, e alguns que correm para o São Francisco, predomina o itacolomito. Desprovidos de diamantes são os rios da outra vertente, que deriva para o rio Doce. Ali, o xisto argiloso* e as rochas da

* Von Eschwege se refere aos xistos micáceos, de Claussen (1841), caracterizados por von Freyberg (1931) como horizonte de xisto inferior [*Formação piracicaba*, de Harder e Chamberlin (1915)? (N.T.)].

primeira formação primitiva predominam. Além disso, o diamante está ausente em todas as áreas em que predominou o xisto argiloso e o xisto micáceo ferruginoso, como, por exemplo, nas de Vila Rica e vila de São João del-Rei, além da área do rio São Francisco.

A famosa serra de Santo Antônio, cujas encostas ocorrem diamantes, é geralmente constituída de itacolomito. As nascentes dos rios diamantíferos Indaiá, Abaeté, Sono, Prata, Santo Antônio e Paracatu, assim como as dos rios das Balsas, Quebra Anzol, Paranaíba e São Marcos na outra vertente, constituem-se, em geral, do itacolomito das serras da Canastra e da Marcela (ambas formam a cadeia conhecida pelo nome de serra de Mata da Corda), dos Pilões, Pireneus e Cristais, que em conjunto são contrafortes da serra da Vertentes.

O senhor Pohl participou-me verbalmente que os rios diamantíferos goianos têm suas nascentes em formações itacolomíticas e por isso se inclina a procurar a origem dessa pedra preciosa na mesma formação. Todavia, constitui contraste frisante com a raridade da ocorrência de diamantes a extraordinária espessura e distribuição dessa rocha. Além disso, não há exemplo de ocorrência da pedra incrustada na própria rocha.

Relativamente aos diamantes de Mato Grosso e Goiás, não tive ainda informação alguma sobre as rochas regionais; entretanto, como a mesma cordilheira, formada pelas serras da Canastra e Marcela, ultrapassa o rio Grande e perlonga a sua margem esquerda e torna a direção daquelas regiões, é possível que se estenda até lá a mesma formação de rochas primitivas.

A opinião de Câmara, segundo a qual não existiria propriamente uma matriz do diamante, é verossímil, se se considera que a pedra só ocorre na superfície das serras, no leito dos rios e, quando muito, em um conglomerado, em que se apresenta como que incrustada. Não é possível, todavia, aceitar essa teoria, pois permanece de pé, pelo menos, a natureza da rocha-matriz, que, para Câmara, não mais existe. Mesmo que as jazidas primárias tenham desaparecido, é possível encontrar-se ainda os restos delas. O exame dos seixos fluviais, conseqüentemente, permite, um indício certo não só da natureza das rochas existentes, como das que não mais existem.

Os rios diamantíferos do distrito de Serro do Frio e os afluentes da margem esquerda do São Francisco, bem como os da margem direita do rio Grande, além da serra da Mata da Corda, foram o campo de minhas pesquisas. O cascalho dos

rios do Distrito, extraído o mais perto possível das serras próximas, em todos os barrancos e covas possíveis, compõe-se sobretudo de seixos rolados de quartzo e itacolomito,* alguns de xisto argiloso e de talco-xisto, hematita, limonita, especularita e, mais raramente, jaspe, calcedônia, cianita, crisoberilo, anatásio, ouro, ferro nativo em palhetas e pouca platina. Esses seixos estão sempre soltos.

Se observarmos o conglomerado compacto que ocorre na maioria dos vales do Distrito, veremos a predominância dos seixos de quartzo com cimento limonítico, tanto arredondados como argilosos, às vezes acompanhados de jaspe e calcedônia e, mais raramente, diamantes e ouro (embora Mawe fale de uma importante produção diamantífera nesse conglomerado, não tenho nenhuma informação a respeito. Se ele viu algum trabalho de extração nessa rocha, sem dúvida alguma o objetivo da exploração não seria o diamante. O desconhecimento da língua portuguesa deve tê-lo traído).

Os diamantes, tanto dos leitos antigos como dos mais recentes, do Distrito se distribuem quase que igualmente, de modo que, com alguma prática, se pode estimar com segurança quantas gemas podem ser extraídas em determinada área.

Diversos feitores experimentados asseguraram-me, porém, que o leito de um rio é mais rico em alguns pontos do que em outros, conforme as circunstâncias. Por exemplo, o diamante deve ser procurado no lado em que as águas formam remanso. Um bom indício, também, seria a freqüência de seixos de minério de ferro.

Os seixos dos afluentes diamantíferos da margem esquerda do São Francisco provêm de ponto localizado muito longe e percorrem grande extensão, através de rochas pertencentes à formação de transição. Compõem-se geralmente de quartzo, algum quartzito, xisto argiloso, xisto silicoso, *grauwacke*, jaspe, limonita, certa quantidade de pedrinhas microscópicas, de cores variegadas, e de platina em maior quantidade. O ouro, porém, não é encontrado.

Os diamantes não se distribuem igualmente nesses rios, como acontece nos do Serro do Frio; enormes extensões do leito são completamente desprovidas de gemas, ao contrário de outras, em que há concentração delas. Há nesses rios um jaspe passando a limonita, que deve ser considerado um bom sinal da presença da pedra.

* Von Eschwege parece referir-se ao quartzito (N.T.).

Os rios que nascem na outra vertente dessa cordilheira contêm quantidade maior de seixos de quartzo e de quartzito-itacolomi.

Os rios diamantíferos da província de Goiás, e principalmente de Mato Grosso, contêm extraordinária quantidade de seixos, sobretudo de jaspe passando a limonita.

De tudo o que foi dito, resulta o seguinte:

1. os diamantes se distribuem, ora regularmente, ora irregularmente, nos leitos antigos dos rios ou nos mais recentes;

2. são mais freqüentes quando associados a seixos de limonita e de jaspe;

3. ocorrem incrustados, às vezes, na massa de seixos de cimento limonítico.

Desde há muitos anos só se conhecia apenas um único exemplo desse último tipo de ocorrência, o qual pertencia à coleção do marquês de Angeja em Lisboa, pela primeira vez, se não me engano, descrito pelo professor Zincken. A pedra, assim como outra semelhante, é de propriedade do senhor Heuland, de Londres, em cuja residência pude examiná-la. Parece-me que ambas se encontravam, porém, em massa limonítica.

Outro exemplar de um conglomerado finamente granulado, no qual se encontram dois diamantes microscópicos, custou 900 florins e se encontra no gabinete de mineralogia em Viena.

Não encontrei nenhum exemplar desse tipo nas importantes coleções de Londres, Paris e Rio de Janeiro. Desconheço se existe algum em mãos de particulares.

Por um feliz acaso, chegaram-me às mãos três exemplares. Um morador do sertão do Abaeté, que vivera durante anos entre contrabandistas, deu-me um grande pedaço de conglomerado de grã grosseira, no qual se via incrustado um pequeno diamante. Como o bloco era grande, resolvi fragmentá-lo e fui tão feliz que o parti em três pedaços, um dos quais continha três diamantes, dois o segundo e um o terceiro, todos de tamanho bem visível. Este último pedaço se encontra na coleção de pedras preciosas do Grão-Ducado de Weimar, enquanto os dois outros iam ter às mãos do senhor Heuland.

Da maior importância, porém, é a existência de dois exemplares, em que os diamantes se apresentam realmente incrustados como em sua rocha matriz.

Isto nos leva a dar grande valor aos exemplares a que me referi linhas acima. Um deles foi recebido pelo senhor Schüch, bibliotecário da rainha de Portugal, examinado por mim e o Dr. Pohl. Verificamos que a rocha é realmente limonita. O outro exemplar, que esteve em minhas mãos, foi examinado pelo professor Lenz e vários outros mineralogistas. A rocha é igualmente limonita e o diamante se encontra um uma pequena drusa de um material verde, irreconhecível por ser muito miúdo. Provavelmente, trata-se de arseniato de ferro.*

Ambos os exemplares – o da Imperatriz e o meu – procedem do sertão do rio São Francisco, na província de Minas Gerais. Ignoro, porém, o local em que foram encontrados.

Em conseqüência dessa ocorrência, baseado sobretudo no que disse na obra *Geognostische Gemälde*, quisera poder afirmar com segurança que a matriz do diamante não pode ser senão a limonita relacionada com a formação dos xistos argilosos, ou com os itabiritos, como parece mais provável. Os afloramentos destes últimos em cabeças e corcovas, e a friabilidade e frouxidão, observadas em várias regiões, apóiam esse ponto de vista e dão certo fundamento à opinião de Câmara.

Os cabeços e corcovas apresentam-se erodidos pela água, permanecendo, porém, os diamantes. Quando a erosão atuou simultaneamente em todas as corcovas do itabirito, como ocorreu no distrito do Serro do Frio, a distribuição dos diamantes foi uniforme. Quando limitada a corcovas isoladas, essa distribuição se fez irregularmente nos leitos dos rios, como acontece no distrito diamantino do Abaeté.

A continuação das pesquisas em todas as regiões deste interessante país deverá, com o tempo, levar a resultados definitivos.

* A ocorrência de diamantes nessa rocha é detrítica e não primária, como ficou provado em pesquisas posteriores (N.T.).

Extraordinário fenômeno observado em algumas regiões por ocasião da maré montante

Notícia sobre a pororoca do rio Guamá, na província do Grão-Pará, por dr. Alexandre Roiz Ferreira, no ano de 1792[37]

O importante fenômeno, que aqui tentarei descrever, recebeu dos índios o nome de *pororoca*, uma palavra de origem tupinambá, que significa explodir, fazer barulho ou estrondo. *Paraná – pororoca* significa mar ou, antes, ressaca; *Tupan-pororoca*, o bramido do trovão; *Huaté-pororoca*, o rebentar do milho (quando é lançado ao fogo).

A mesma expressão *pororoca* é usada de maneira figurada quando se trata de uma voz humana forte e alta.

João de Barros descreve a *pororoca* sob o nome de *macaréu*, na cidade de Cambaiete, na baía de Cambaia, onde é tão forte que mesmo muitos navios de guerra naufragam ali.

Esse *macaréu*, ou afluxo da maré, avança com tal rapidez que nem o mais rápido cavalo poderia ultrapassá-lo em velocidade, quando ele penetra nas planícies da cidade de Cambaia; por isso, os navios que descem o rio Carcari expõem-se a grandes perigos. Para evitar essa infelicidade, colocam-se vigias em um outeiro à foz do rio, os quais, tão logo avistam de longe o *macaréu* ou a maré montante, tocam numa trombeta, advertindo a todos para fujam e não se aproximem do rio.*

Diz Diogo do Couto sobre o aludido *macaréu*:[38]

"E quem está na cidade de Cambaiete, em começando a vazar a maré, em um livre espaço vê tudo quanto a vista alcança, seco e espraiado, somente um pequeno canal, em que ficam os navios escorados de ambos os lados, com vigas que para isso trazem; e depois, quando a maré torna a encher, vem com tanta soberba fazendo um *macaréu* tão medonho, que parece que quer encapelar toda a cidade; e traz consigo tamanho terremoto que, estando eu naquela cidade, a

[37] Esse trabalho, assim como outros velhos manuscritos sobre o Brasil, devo ao meu respeitável amigo, José Bonifácio de Andrada. Embora nele não se possa encontrar propriamente muita erudição, em compensação possui muito discernimento e observação correta do fenômeno, o que lhe confere a importância real para os cientistas em geral, para os naturalistas principalmente, estatísticos e geógrafos.

* Transcrição literal de parte do Cap. 3, das *Décadas* de Diogo do Couto (N.T.).

[38] BARROS. *Década* 4ta, Liv. 5°., Cap. 1.

primeira noite que o ouvimos nos pôs muito grande medo, porque parecia que se sovertia a cidade; e em muito pequeno espaço torna tudo a ficar um mar de água, que parece que não há causa que o seque. E querendo eu por curiosidade experimentar a ligeireza deste *macaréu*, me pus na praia em um bom ligeiro cavalo árabe (em parte a que só aquela pequena onda da ressaca podia chegar). E em vendo vir o *macaréu* com grande terremoto numa grande distância, lhe pus as pernas; mas antes de um tiro de pedra passou por mim como num raio, deixando-me bem molhado. E quem bem notar Plínio, e Areano, autor grego, falando da cidade de Bagariza (que sem dúvida é a de Cambaiete, pois situa-se do mesmo modo abaixo do 17º grau) verá que claramente falam desse *macaréu*."[39]

Navegantes portugueses dão notícia de vários outros *macaréus* nas costas asiáticas. No reino de Pegu, escreve João de Barros (*Década* 3ª, Livro 3º, Cap. 4) os principais rios possuem fortes *macaréus*, que põem a perder muitos navios. Também a África os tem.

Bernardo Pereira Barrado descreve assim a *pororoca* do rio Mearim:

"A corrente desse conhecido rio é tão violenta que, quando a mais de vinte léguas da foz se choca com a maré montante, esta recua e se alça como uma torre e ao cabo de algum tempo se torna vitoriosa. Do encontro das águas originam-se altas e temíveis ondas (*pororocas*, para os indígenas da região), que de 15 em 15 minutos inundam a região e levam nove horas para regredirem, para novamente submergi-la. Durante três horas prosseguem elas com a mesma velocidade em sua transgressão, e o choque das águas produz um pavoroso estrondo, ouvido a uma distância de cinco léguas.

Apesar dessa violência, raramente são danificados os navios, porque eles, enquanto dura a *pororoca*, se refugiam em pequenas enseadas, à procura de proteção" (BARRADO – *Anais históricos do Estado do Maranhão*. Livro 1, §§ 30 e 31).

O mesmo fenômeno, mais perigoso ainda, pode ser observado no Araguari,* no qual se derramam as águas do Amazonas, ao norte da província do Grão-Pará. Condamine mencionou-o, e o religioso José Monteiro Noronha dele nos dá a seguinte descrição:

"No Cabo Norte o Amazonas recebe as águas do rio Araguari, célebre pela temível *pororoca*, as quais avançam rio acima e cobrem as suas margens. Ocorre

[39] COUTO. *Década* 6ta. Liv. 4º., Cap. 3.
* Rio Araguari (N.T.).

por ocasião da maré montante, especialmente forte, variando, entretanto, de acordo com as fases da lua.

O estreitamento do leito do rio, geralmente pouco profundo, dando origem a forte corrente, parece ser a causa principal dos maiores obstáculos que se opõem à maré montante, tornando temível o fenômeno.

Três, às vezes quatro montanhas de água de 20 palmos de altura e mesmo mais rolam, uma atrás da outra (produzindo um estrondo que se ouve a várias milhas de distância), deixando atrás de si as águas em forte vazante.

Nos pontos em que o rio é muito pouco profundo, os morros ficam submersos, parecendo menores; quando fora dela, parecem proporcionalmente mais elevados. Nenhuma embarcação consegue manter seu curso, grandes árvores são arrancadas pelas raízes e muitos outros danos ocorrem" (NORONHA. *Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias portuguesas em os rios Amazonas e Negro*).

Além do chamado rio Araguari, ao norte da província do Pará, há ainda outros que também apresentam *pororoca*, por exemplo, o Unaiurá-pecu e, ao sul, os rios Marapani, Guamá, Capeni, Moji, etc., na mesma província.

O ajudante Pedro de Figueiredo de Vasconcelos escreve o seguinte sobre o fenômeno:

"O fenômeno que os indígenas chamam de *pororoca* é uma enorme coluna de água, formada pela maré. É como, por assim dizer, um turbilhão enorme que caminha rapidamente, produzindo temível estrondo rio acima, tudo destruindo no seu caminho.

A maioria dos indígenas atribui o fenômeno às forças do mal. Em seguida, descreverei o que observei não só no Guamá, como no Moji. O fenômeno ocorre principalmente nos períodos de lua cheia e nova, quando as marés crescem mais, sobretudo nos rios que não apenas têm forte correnteza, mas também são pouco profundos, transportando areia e lama que se acumulam na foz. O fluxo das águas nesses rios dura, em alguns, oito horas e meia; em outros, nove e mesmo dez horas. Quanto mais longo for esse tempo, tanto mais forte será a *pororoca*. O tempo normal da maré oceânica é de cinco horas, sendo de sete o refluxo.

Nos locais em que a *pororoca* constitui uma exceção a essa lei, deve existir uma grande energia que se opõe à maré montante e favorece a vazante das águas do rio. Isto se observa muito acima da foz com o afluxo da maré e dá origem a um afluxo crescente das águas; como a maré montante, porém, é mais forte, precipita-

se em vagas sobre a água dos rios em grandes massas e avança leito acima."[40]

A *pororoca* do Rio Guamá foi observada pelo autor a dez léguas da cidade de Belém; na foz do Capim:

"A cerca de uma hora da madrugada, ouviu-se a distância uma grande estrondo, semelhante ao do mar quando se choca contra a costa rochosa, e que durou vinte minutos, até que, no lugar em que me encontrava, revelou-se a *pororoca*. Uma onda de seguramente duas braças de altura, que em alguns lugares tomou toda a largura do rio, rolou por este acima, desaparecendo, às vezes, onde o rio adquiria maior profundidade, para elevar-se novamente nos pontos em que o leito era mais raso. Isto ocorreu até a confluência do Guamá e o Capim, onde as águas se separam e uma parte do Guamá arrasta a outra, do Capim, enquanto, durante trinta minutos, como se tratasse de um temporal, as águas agitadas, abaixo, eram deixadas para trás. Todas as pequenas embarcações, enquanto isso, permanecem nos pontos de águas profundas do rio, onde a *pororoca* como que mergulha, acalmada, e permanece em leve movimento à frente da proa da embarcação."

Além dessas informações, encontrei outras na *Corografia Brasílica*:*

"Entre Macapá e Cabo do Norte, onde as ilhas lhe estreitam o canal, nota-se um fenômeno raro, denominado *pororoca*, durante os três dias mais próximos aos novilúnios e plenilúnios, tempos das maiores marés: um rolo d'água de praia a praia, de 12 a 15 pés de altura, seguido de segundo e terceiro, e às vezes quarto, iguais, com pouco intervalo e prodigiosa rapidez, despedaçando tudo que se lhe opõe: a maré, em vez de empregar seis horas ou quase, chega num ou dois minutos à sua maior altura, com um ruído que se ouve duas léguas distante."

Mais adiante, falando sobre a província do Maranhão, escreve o mesmo autor:[41]

[40] O mesmo fenômeno ocorre em ponto pequeno, em todo litoral rochoso de pouca profundidade. O mar, nesses pontos, encontra-se em permanente movimento de avanço e recuo, que foi comparado, não sei por quem, à aspiração e respiração humana. Quando recuam, escorrem as águas do terreno escarpado para baixo; ao longe, já se movimenta em direção ao litoral, numa segunda vaga, tanto mais alto quanto mais plano for o leito, para chocar-se, finalmente, com as águas vazantes e sobre estas se lança em elevados arcos, como se as engolisse. A seguir começa mais uma vez o espetáculo. Onde há rochas, explodem as ondas com um estrondo medonho e ergue-se a espuma como torres no ar. Esse fenômeno freqüentemente prende minha atenção durante horas, especialmente na praia da Glória, no Rio.

* Transcrição literal da obra de Aires de Casal, p. 300 e 314. Ed. Itatiaia, 1976 (N.T.).

[41] Este tipo de pororoca já foi descrito acima; como, porém, a descrição afastou-se um pouco da outra, aqui a incluo.

"Cerca de seis léguas a leste da baía de São Marcos, e mais longe ainda da cidade, corre o grande Mearim (Meari), que se forma também na parte meridional da Província, através da qual descreve numerosos torcicolos, engrossando sensivelmente com vários outros, que se lhe incorporam, entre os quais se nota o rio Grajaú. Seu leito é profundo e largo, e sua corrente tão rápida, que suspende a enchente da maré por largo tempo; resultando dessa oposição ondas encapeladas, chamadas pororocas, que depois de vencidas, tudo quanto vazou em quase nove horas, enche em menos de um quarto; ficando a maré caminhando para cima três horas completas com uma rapidez semelhante à calha de um moinho. Esse fenômeno ocupa o espaço de cinco léguas com grande ruído. Há sítios, denominados *esperas*, onde as canoas esperam a decisão do combate, para continuar a viagem sem perigo.

Continuação da descrição do fenômeno:

1. a *pororoca* só tem lugar nos rios em que há comunicação direta com a maré alta e a vazante marítimas;

2. sempre ocorre ao tempo da maré montante e nunca na vazante;

3. ocorre sempre ao tempo de mudança das fases da lua, nunca diariamente;

4. as *pororocas* são mais fortes nos equinócios, sobretudo por volta do primeiro equinócio;

5. conseqüentemente, em março, quando os rios adquirem as maiores cheias, é que se observam as *pororocas* mais importantes, o mesmo acontecendo em abril, com a entrada da estação de fortes chuvas;

6. quanto maior a vazante, tanto mais forte a *pororoca*;

7. quando a vazante dura sete, oito ou nove horas, não dura a maré cheia mais de três, quatro ou cinco horas;

8. a *pororoca* desaparece sob as águas nos pontos de maior profundidade, subindo tanto mais alto, quanto mais rasos forem os rios."

Altitudes de nível do mar e tipos de rochas desse país

A carta hipsométrica, anexa a este livro,* se bem que abranja umas poucas províncias, dá uma idéia das principais regiões elevadas do Brasil, bem como dos tipos de suas rochas. O mapa deveria ser incorporado às minhas *Geognostischen Gemälde von Brasilien* (Weimar, 1822), porém o tempo disponível não o permitiu.

Para que se torne inteligível a aludida carta, é necessário repetir aqui algumas de suas partes, de maneira que os leitores que não possuem aquela pequena obra, a entendam.

Inicialmente, devo tentar apresentar um quadro geral do Brasil, tão amplo quanto o permitirem as informações que colhi através de observação própria, nas províncias do Rio de Janeiro, São Paulo, parte de Goiás e toda a de Minas Gerais, que forma a parte mais elevada do oriente continental sul-americano, portanto, a região sobre a qual se estende o grande divisor de águas que alimenta os rios mais importantes: o do Prata e o Amazonas.

O Brasil tem a forma aproximada de um coração, de maior dimensão na direção de leste para oeste, do cabo de São Roque à fronteira do Peru, onde o Amazonas, deixando terras espanholas, penetra nas de Portugal, linha que se estende por 35 graus de latitude. Uma linha reta, do cabo de São Roque à foz do rio do Prata, abrange 30 graus de latitude, forma o lado oriental do coração, ao longo dos rios do Prata, Paraguai e parte do Madeira até o rio Amazonas e rio acima.

A linha do cabo de São Roque à foz do rio Madeira, no Amazonas, poderia ser considerada divisa das principais planícies setentrionais do Brasil, nas quais se vão perdendo os planaltos, serras e ramificações que se estendem do sul para norte. A linha do cabo de São Roque à extremidade meridional é acompanhada, a distâncias variadas do litoral, por uma cordilheira, cuja altitude – calculo, com apoio em diversas observações – é superior a 3 mil pés. Seus pontos mais altos atingem 4 mil pés. Trata-se da serra do Mar, denominação acertada, que deveria ser estendida a toda aquela cadeia de montanhas).

Atravessando a serra litorânea, entra-se no planalto montanhoso, que se prolonga de leste para oeste pelo Brasil inteiro, e cuja altitude média, de acordo com centenas e observações minhas, é de 2.500 pés. Em suas seções ocidentais, à medida que se aproxima dos rios Paraguai e Madeira, vai declinando, acabando

* Conforme foi observado na nota de rodapé da página 72, esse mapa não foi localizado.

por perder-se em baixadas, muitas vezes pantanosas, povoadas pelos guaicurus, criadores de cavalos.

A maioria dos geógrafos, erradamente, esposa a opinião de que a província de Mato Grosso deve ter montanhas mais elevadas, em ligação com a cordilheira andina, nos segmentos peruano e chileno. Isto não é verdade, pois há planícies extensas de permeio. As nascentes do Madeira, que corre no rumo norte, para desaguar no Amazonas, bem as do Paraguai, que desce para o Prata, ao sul, distam umas das outras por um percurso de apenas meia hora, sendo de pouca monta o divisor de águas das duas bacias. Também isto serve para convencer aqueles que desconhecem o local, já que esses dois rios são navegáveis a embarcações de pequeno porte, desde as nascentes. Assim, ao tempo do Ministério do conde da Barca, ninguém duvidava da possibilidade de ligação, por canal, dos dois sistemas.

No alto planalto central brasileiro, elevam-se montanhas mais altas, cujas lombadas chegam a atingir 6 mil pés, dirigindo-se preferencialmente de norte para o sul, rumo para o qual se inclinam seus extratos. As mesmas cordilheiras principais, às vezes, se encontram umas com as outras em ângulos tais que, com isso, dão origem a um conjunto de cumes, que se estende, em geral, de leste para oeste. Esse conjunto tem origem na serra do Mar e se alonga em sinuosidades através das províncias de Minas, Goiás e Mato Grosso, onde se perde, por assim dizer, no Planalto Central, depois de formar o principal divisor entre o norte e o sul, uma vez que a serra litorânea fecha aos demais rios o caminho mais curto para o mar.*

Uma dessas cadeias, chamada em algumas regiões serra da Mantiqueira, sustenta na sua linha de cumeada os pontos mais altos do Brasil: o alto Itacolomi, junto de Vila Rica, a serra do Caraça, perto de Catas Altas, e o Itambé, junto da Vila do Príncipe e que se prolonga através da província de Minas Gerais em direção ao norte, através da Bahia e de Pernambuco, e em direção sul, através de São Paulo e o Rio Grande do Sul. Dei a essa cadeia o nome de serra do Espinhaço, não apenas por constituir a lombada mais elevada, mas por ser extremamente interessante para os naturalistas, pois é sumamente importante sob os aspectos geológicos, botânicos e zoológicos.

* O autor, habituado com o que observara nas serras do Mar e do Espinhaço, e no Alto São Francisco, imaginou repetições generalizadas de sistemas orográficos. Daí a criação de uma serra fantástica, dividindo o vale do São Francisco das Águas vertentes do Tocantins e outras em Mato Grosso, separando as bacias do Prata e Amazonas, linhas de cumeadas abstratas, mais tarde substituídas pela realidade dos grandes chapadões, conforme assinalou Vicente Licínio Cardoso. O próprio Euclides da Cunha caiu no mesmo erro (N.T.).

A leste dessa cadeia encontram-se as formações primárias,* predominando granitos, gnaisses, micaxistos e sienitos. No lado ocidental, encontra-se a formação secundária,** encerrando rochas das espécies xistosa e granulada xistosa, minério de ferro, jazidas de ouro e diamantes e as formações de transição: argila, calcário compacto, *grauwacke*, etc.

As regiões a leste da mesma cadeia são cobertas de densas matas virgens, que se prolongam até a orla marítima. Já as ocidentais mostram um terreno acidentado, morros desnudos, por vezes apenas cobertos de capim e vegetação arbusteira atrofiada, ou então campos, em cujos vales emergem, às vezes, florestas. O botânico encontra nas matas virgens espécies bem diferentes das que se notam nos campos, enquanto o zoólogo descobre uma fauna de todo nova logo que, saindo da mata virgem, atravessa a serra do Espinhaço e penetra na região dos campos.

A outra lombada, grande e sinuosa, origem do divisor das águas setentrionais e meridionais, que não constitui propriamente uma montanha, e sim, como já expliquei, é formada pelos encontros das serras longitudinais, em ângulos diferentes, foi chamada por mim serra das Vertentes, cujos segmentos mais elevados e também mais interessantes são as serras da Canastra e Marcela. Ali é que nascem o São Francisco e, do outro lado, os tributários mais importantes do rio Grande. Mais além, há a serra dos Pirineus, já na província de Goiás, onde se acham os grandes divisores entre o Tocantins, de um lado, os afluentes do Paraná, do outro. Em Mato Grosso, a serra onde brotam as nascentes do Xingu e as do Cuiabá, ao sul.

Esse quadro, reduzido a um mínimo da superfície do Brasil, poderá oferecer uma visão global dela. Passo, agora, a fazer o resumo dos elementos componentes da estrutura orográfica, iniciando com a do Grande Planalto. Quanto ao litoral baixo, que pela regressão marinha foi posto a seco, só posso dizer, por enquanto, que nele a formação primária, principalmente o granito e o gnaisse, predomina, constituída, em geral, de camadas relativamente novas, oriundas da erosão das rochas primitivas. Raramente se encontram estratos formados mais recentemente, o que ocorre sempre em pequenas extensões. Dignos de nota são o granito de Cabo Frio, o calcário da Bahia (no qual se encontra linhito betumi-

* Von Eschwege parece referir-se às rochas do proterozóico (N.T.).
** Cambriano (N.T.).

noso), a serra da Pedra do Porco no Ceará, onde há muitos fósseis de peixe, e o quartzito das proximidades de São João de Ipanema, na província de São Paulo.

As rochas primitivas e primárias brasileiras constituem-se de granito, gnaisse, micaxisto, sienito e *trappe*. O granito se encontra não só no litoral baixo, senão também na altitude de 3.500 pés. Geralmente, vêem-se gnaisse e micaxisto aflorantes apenas nos lugares mais baixos do planalto. No Velho Mundo, é comum formar o granito os cumes mais elevados e ao seu redor as rochas apresentam-se como um manto, mas tal não acontece no Brasil. As três rochas acima mencionadas se acham dissociadas em grandes extensões, em camadas alternadas, cada qual com pequena extensão e em transições perfeitas (veja-se *Journal von Brasilien*, 2ª parte, p. 13-14). O sienito, porém, não alterna com nenhuma delas no sentido da largura, mas no do comprimento dos extratos e camadas. No Brasil, os morros gnáissicos, que se elevam até 3.800 pés, distinguem-se pelos cumes altos, cônicos e piramidais, os quais, vistos à distância, assemelham-se a morros de basalto; isto ocorre principalmente no litoral. Toda essa formação primitiva não contém ouro, nem qualquer outra riqueza em metais; pois o grande depósito de magnetita perto de Sorocaba, na província de São Paulo, deve ser tido como exceção a esta regra. O granito daquele trecho litorâneo contém, por vezes, magnetita (veja-se *Journal von Brasilien*, viagem à Ilha Grande): a solução de ferro foi-se depositando, até dar lugar àquele depósito de magnetita.

A formação secundária das regiões auríferas do Brasil, que geralmente cobre a primária, compõe-se principalmente de quartzo, xisto argiloso, talco, sob várias formas, ferro e algum calcário.*

Por intermédio da associação do quartzo com o talco e a clorita, formou-se uma espécie de rocha, nova para o Velho Mundo, que denominei itacolomito. Igualmente tiveram origem o xisto argiloso, que alterna com ele vez por outra, o talco-xisto, o cloritaxisto e a pedra-sabão (*Topfstein*).

Do quartzo e da especularita provém o xisto hematítico,** por vezes tão rico em ouro, o qual se associa ao itacolomito, assim como o sienito ao gnaisse. Durante a primeira formação deste, a solução anfibolítica ascendeu fortemente, enquanto outra, fortemente ferrosa, atuou na segunda (itacolomito). Assim se formaram, como nas formações de *trappe* primitivas, altos cabeços e cumes de

* Provavelmente, a referência de von Eschwege à ocorrência de talco no itacolomito pode ser traduzida como sericita, pois esta é um dos componentes habituais na rocha (N.T.).

** O autor se refere certamente ao itabirito (N.T.).

hematita compacta, magnetita e especularita, que descreverei com o nome geral de *itabirito*. Também o talco, o cloritaxisto e a pedra-sabão, aflorando na superfície através do xisto argiloso de preferência, ali formaram não somente depósitos, senão também verdadeiros cabeços montanhosos.

Nesse amplo quadro, não devia ser incluído o calcário primitivo granulado, por causa de sua pequena importância, se bem ocorra.

As mais importantes cordilheiras brasileiras são constituídas dessa formação secundária. O itabirito sobressai-se entre todas as outras rochas; alcançando altitude de 6 mil pés e formando, muitas vezes, rochedos escarpados desnudos, bizarros. A argila e o xisto especular, ao que tudo indica, não ultrapassam 5 mil pés de altura; o talco e o clorito-xisto mostram-se, na maioria das vezes, apenas nos vales e encostas, enquanto o itabirito não ultrapassa a cota de 5.500 pés, apresentando encostas detríticas. O calcário primitivo é visto apenas em depressões, bem próximo da formação primária.

Parece que ele, como uma matéria inerte, desenvolveu-se e foi carregado rapidamente e, enquanto aqueles tipos de rocha amontoaram-se em altas montanhas, ficou para trás, formando, em conseqüência, os vales mais profundos.

Originou-se então uma terceira formação no Brasil, a de transição: xisto argiloso, xisto silicoso*, *grauwacke* e *grauwacke* com pedaços de xistos argilosos e calcário compacto. Essas se encontram apenas além da serra do Espinhaço. O xisto argiloso e o xisto silicoso elevam-se até 3 mil pés e, como são horizontais seus estratos, formam, nos sertões mineiros e goianos, belos e extensos chapadões.

Só encontrei *grauwacke* nos vales profundos cortados pelos principais rios, até a altitude de 1.800 pés, enquanto o calcário, de muita importância para o País, em virtude de suas grutas muito ricas em salitre, se eleva a 2.845 pés. A não ser que se queria considerar alguns cabeços de arenito, não se encontra formação sedimentária no interior do Brasil, ou nos platôs em geral; no entanto, ao contrário, as rochas aluvionárias, ora frouxas, ora firmes, que tanto cobrem as montanhas como entulham os vales fundos, desempenham importante papel em virtude de sua riqueza aurífera e de suas características específicas. Inclui-se na formação inicialmente mencionada o conglomerado ferrífero, do qual conservei o nome

* Von Eschwege parece referir-se aos arenitos silurianos ou devonianos de Derby (1881-1887 e 1906), isto é, às séries Bambuí e Lavras (cambriano) e formações Lapa e Macaúbas, de Djalma Guimarães e L. J. de Morais (1929 e 1930). Quanto ao termo *transição*, emprega-o von Eschwege, provavelmente, no sentido de metamorfismo (N.T.)

original de *tapanhoacanga** e também a *piçarra*** argilosa, firme, aurífera, misturada com pedaços de minério de ferro e de quartzo argiloso, encontradiça em algumas regiões montanhosas.

À última formação pertencem os conglomerados de quartzo compactos, cimentados de limonita vermelha, contendo, por vezes, ouro e diamantes, e que aparecem exclusivamente nos vales – e ainda todos os sedimentos, remotos ou recentes, mecanicamente depositados pelas enchentes, os quais contêm, em muitas regiões, grande riqueza em ouro e diamantes. É o que se denomina *cascalho*.

Passo agora a descrever as próprias rochas que podem ser consideradas novidade, deixando de mencionar as já conhecidas no Velho Mundo e a cujos jazigos já aludi.

Com relação à formação primária, mencionarei apenas aquelas rochas friáveis, amontoadas em grandes depósitos e até mesmo sob a forma de morros. Ali, o quartzo, o feldspato, a mica, raras vezes hornblendas e cristais de turmalina estão em tal associação, que bastaria apenas coesão para se transformarem em determinada rocha, como o granito ou o gnaisse. Camadas verticais, inclinadas, bem como horizontais, podem ser observadas em alguns lugares; em outros não. Elas contêm pequenos depósitos de quartzo e lentes de feldspato puro. Em muitos pontos possuem inclusões de argila ferrosa e são cortadas de fossas tetônicas, imensas, das quais brotam numerosas fontes.

Na província de Minas, vêem-se esses depósitos primitivos friáveis em grandes extensões, nas proximidades do granito e do gnaisse, como se observa em Cachoeira,*** perto de Vila Rica.

Observação – Creio que até hoje tem sido superestimada a influência do clima nas formações rochosas. É verdade que nos climas setentrionais, onde o frio e o calor variam muito, essa influência deve ser muito maior do que nos trópicos; contudo, o frio, o calor e a umidade podem influir apenas até uma determinada profundidade. Mais provável, parece-me, que tais rochas e minerais se encontram menos em estado de decomposição que em fase de formação incompleta ou, por assim dizer, de imaturidade.

* Denominação da qual se originou o termo canga (N.T.).

** Termo usado para indicar, às vezes, o estado de decomposição de certas rochas, no qual elas se acham semi-agregadas: areia grosseira. Outras vezes, segundo Antônio Teixeira Guerra, para o cascalho, ou para as concreções ferruginosas. Para os garimpeiros, são os afloramentos rochosos do fundo dos rios, onde deixa de aparecer o cascalho (N.T.).

*** O autor se refere a Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto (N.T.).

A – Itacolomito

Componentes

Os componentes essenciais desta rocha, que descrevo aqui em primeiro lugar, são o quartzo e o talco ou clorita em uma estrutura xistosa, em parte de granulação grosseira, em parte finamente granulada, à medida que o talco ou a clorita (esses dois minerais não podem ser rigidamente diferenciados, como já o dissemos) predominam, encaixando-se em folhetas, à maneira da mica no micaxisto.

Geralmente, o componente principal é o quartzo branco granulado, e sua cor determina a do conjunto. Quando predominam o talco e a clorita, o conjunto assume uma cor azulada para esverdeada.

Observação – Muitos mineralogistas, que conhecem essa rocha apenas através de amostras, especialmente quartzito flexível, que faz parte dessa espé- — 200
cie, classificam-na como micaxisto, pois tomam o talco e a clorita por mica. Como se sabe, não se pode traçar uma linha rígida entre o talco,* a clorita e a mica, existindo entre eles tantos intermediários, que só podem ser classificados seguramente através de observação direta de seus vários depósitos. A rocha descrita diferencia-se do micaxisto em virtude de características geológicas, e eu próprio jamais observei transição de uma para outra. Ao contrário, são freqüentes as transições para talco e clorita, e quem observa cuidadosamente como estes dois componentes entram na rocha em questão, chega à conclusão de que as escamas de brilho sedoso, cuja natureza nem a vista mais aguçada consegue determinar, mesmo quando se encontram distribuídas difusamente na rocha, quartzosa, são constituídas, não de mica, mas de talco ou clorita. A mica pode apresentar-se ocasionalmente; porém, deles se diferencia por um brilho mais metálico.

* Mais uma vez alertamos o leitor para o fato de que a referência do autor à presença de talco no itacolomito deve ser entendida como uma referência à sericita (N.T.).

Textura

Mostra uma estrutura xistosa, de estratos distintos, bem visíveis, parte retos, parte ondulados, ora grossos, ora finos.

No primeiro caso, formam grandes e poderosas massas, observadas no alto Itacolomi, ou grandes chapas de até um pé de espessura; no segundo, as chapas podem apresentar-se fendilhadas e em lâminas tão finas, que não ultrapassa a sua espessura meia linha. As palhetas de talco ou clorita encaixam-se umas nas outras, encerrando grãos de quartzo, que dão origem ao quartzito flexível.

Elementos ocasionais

Pequenos octaedros de oligisto especular, quase sempre decomposto, pirita, especularita, mica e – elemento mais notável – cimento sulfuroso, que às vezes se acha como um manto nos planos de estratificação, como se vê junto à Real Fábrica de Ferro do Morro do Pilar, na província de Minas Gerais.

Estratificação

O itacolomito ocorre simultaneamente, como já foi mencionado no decorrer da descrição de sua formação, com xisto argiloso primitivo, xisto especular, talco e clorita xisto, itabirito e calcário primitivo. Ele alterna com o xisto argiloso em grande possança e por longas extensões, com direção predominante de norte para sul, inclinação geralmente para leste, com um ângulo de mergulho superior a 45°. O xisto argiloso parece sempre mais aparentado à formação primitiva, constituindo a primeira camada, conforme numerosos perfis, fundamentados em observações acuradas.

Transições

O itacolomito apresenta transição para xisto argiloso, talco e clorita-xisto, xisto especular e hematita compacta. Está ainda por averiguar se há transição para o micaxisto da formação primitiva.

Estratos heterogêneos

O talco e o clorita-xisto, assim como o quartzo, este último geralmente contendo inclusões de arseno-pirita e *schörl* (turmalina verde).

Ocorrências subordinadas

Há, tanto no interior do itacolomito quanto nos planos de estratificação deste e do xisto argiloso, um leito aurífero, constituído de quartzo e turmalina negra, freqüentemente em mistura com arseno-pirita, chamado pelos mineradores brasileiros de *carvoeira*. Esse material negro apresenta-se, algumas vezes, friável; outras, compacto. Quando friável, endurece sob a ação do vento. Na parte compacta reconhece-se a concentração de cristais de *schörl*, idêntica à que se observa nas galerias das minas de estanho da Saxônia.

Essa ocorrência possui espessura que vai de uma polegada até uma braça e constitui o mais importante depósito aurífero em Vila Rica e Mariana.

Observações – O itacolomito é também cortado por veios de quartzo aurífero, como se vê no Morro das Lajes, nas cercanias de Vila Rica, e contém igualmente arseno-pirita, pirita sulfurosa e antimônio. Outros veios contêm apenas cianita e quartzo, como ocorre em Congonhas do Campo, na província de Minas Gerais.

Forma das montanhas

Cadeias de montanhas ásperas, escarpadas, áridas e, às vezes, picos elevados.

Ocorrências

O itacolomito forma as serras mais extensas e mais elevadas do Brasil, especialmente a serra do Espinhaço e a das Vertentes, que penetra em Mato Grosso. Os pontos mais altos são o Itacolomi, em Vila Rica, a serra do Caraça, em Inficionado, o Itambé, em Vila do Príncipe, as serras da Canastra e Marcela, em Bambuí, os Pirineus e serra dos Cristais, na região do Paracatu.

Denominação

Adotei para essa rocha o nome da serra mais alta do Brasil, o alto Itacolomi, em Vila Rica, o qual é constituído pela aludida rocha. Não encontrei nome mais significativo, pois o de arenito clorítico, como já a havia chamado, deve ser desprezado.

Observação – Itacolomi é termo indígena, formado de *Ita*, pedra, e *colomi*, filho. Justifica-o a existência, do lado do rochedo mais elevado, um outro, menor, também isolado, que poderia ser tido como filho do primeiro.

A segunda rocha, própria do Brasil, também extensa, porém menos possante, é o:

B. Xisto especular

Composição

Os elementos essenciais dessa rocha são mica especularita e quartzo, ligados a uma textura de grãos de xisto, na maioria das vezes em estado livre. Existem depósitos extraordinariamente compactos dessa rocha. A especularita é o seu componente prevalente e dá ao conjunto a cor mais ou menos escura do ferro. Por vezes, ela ocorre em lâminas muito finas, e tanto ela quanto o quartzo podem ficar isolados, de modo que o conjunto apresenta-se ligamentoso, com faixas claras e escuras. O quartzo, nesse caso, é friável e solto, dando à superfície da rocha o aspecto carcomido e esburacado que apresenta. Outras vezes, o quartzo se apresenta difundido no xisto, de maneira que a massa parece manchada e com aspecto tigrado.

Nesse estado, o xisto hematítico mostra um brilho muito forte. As lâminas muito finas de especularita podem ser flexíveis. As vezes, a rocha, quando fendida em lâminas muito finas, também o é.

Elementos ocasionais

Octaedros de especularita, ora aglomerados ocasionalmente, ora firmemente associados a piritas sulfurosas ou arsenicais e, principalmente, ouro, raro talco, actinoto e cianita.

Concentração

Nas minhas observações anteriores, disse que essa rocha é contemporânea do xisto argiloso; porém, não são comuns as alternâncias entre elas, e seus depósitos são menos possantes. Ela geralmente aparece em contato com o itacolomito, sendo, então, aurífera. Não o é, no entanto, quando em contato com o xisto argiloso.

Observação – Resta saber se essa rocha, a julgar pela inclinação das camadas, que penetram fundo até as massas originais da formação primitiva, deve a sua formação a uma difusão dos elementos ferrosos que teria ocorrido nos membros superiores, o que só poderia ser esclarecido mediante a abertura de galerias, como as que estou abrindo.

Mesmo depois da conclusão desse trabalho, alguns geólogos poderiam duvidar da formação simultânea dessa rocha e das que ocorrem nas suas vizinhanças, embora tal dúvida possa ser dirimida se eles observarem que os veios das rochas inferiores não afloram nestas. Também esse assunto, segundo a minha teoria da formação das rochas, deve ser esclarecido, sobretudo no que se relaciona com o papel exercido pelas forças da atração e das afinidades químicas.

Transições

O xisto especular passa, de um lado, a itacolomito muito quartzoso, e, de outro, a especularita e hematita, assim como dessa a cloritaxisto negro e xisto argiloso.

A transição em cloritaxisto é especialmente bonita, especialmente a observada nas cercanias da Fábrica de Ferro do Morro do Pilar.

Ocorrências heterogêneas

Nos veeiros de quartzo contendo ouro, encontram-se especularita e magnetita, assim como xisto hematítico, cloritaxisto, talco-xisto e a escorodita, nova espécie de barita descrita pelo conselheiro Zincken (veja-se o meu *Nachrichten über Portugal und dessen Kolonien*, von Zincken); mais ainda: um fóssil encontrado em grande quantidade, ainda não descrito, mas estudado pelo professor Doebereiner. São desconhecidas ainda as conclusões a que ele chegou.

Encontram-se também, nessa ocorrência, hematita pardo-avermelhada, formas luzentes de extrema beleza, mostrando desenhos em círculos concêntricos e, talvez, também o diamante!

Forma das montanhas

Esse tipo de rocha forma jazigos de a seis a dez braças de possança, que se estendem por algumas léguas, sem que se distinga por alguma feição especial, a não ser quando trabalhada intensamente pelos mineiros, em virtude do seu teor aurífero. Em várias regiões mostra uma superfície fendilhada, devastada, como se observa nas cercanias de Vila Rica, Mariana e Cocais, na província de Minas.

Usos

Lavado e separado o quartzo do oligisto especular, a rocha fornece um bom minério de ferro. O xisto hematítico compacto e de textura fina facilmente desplacável é usado na cobertura de casas e na cantaria, permitindo a construção de bons muros impermeáveis à chuva.

Ocorrências no Brasil

A rocha é encontrada em vários locais na cordilheira do Espinhaço e outras cadeias, a ela paralelas, até a província de Goiás e, provavelmente, em Mato Grosso, de onde me chegaram algumas amostras. Digo provavelmente porque ela segue, geralmente, a formação aurífera e está muitas vezes acompanhada de um manto de conglomerado ferrífero.

Denominação

Os elementos essenciais e a textura xistosa e granulada serviram-me de base para dar-lhe o nome de xisto hematítico.

C – Xisto argiloso

Essa rocha é tão conhecida que dispensa descrição. Já mencionei as características de sua deposição quando tratei do itacolomito. Resta-me apenas falar das relações existentes entre ela e outras que com ela se acham nos seus depósitos, tais como o itacolomito, o cloritaxisto, o *grünstein** da formação secundária e a pedra sabão. O xisto argiloso ocorre ora como rocha pura e compacta, de coloração cinzenta mais ou menos clara, podendo separar-se em lâminas de maior ou menor espessura, ora como rocha pouco consistente, tão solta que se deixa triturar entre os dedos, em transição para talco-xisto, cloritaxisto, *grünstein* e pedra-sabão.

Assim como nas outras formações primitivas, as soluções de *hornblenda* e de ferro avançaram para o andar superior e ali se cristalizaram. Da mesma maneira, as soluções talcosas na formação do xisto argiloso avançaram para as suas partes superiores, para dar origem às transições mencionadas. O mesmo processo teve lugar também ali, como expliquei na formação da sienita, isto é: as transformações, se se observam os seus depósitos, não acompanharam a largura das camadas; desenvolveram-se paralelamente na direção delas, mas sempre acompanhando o rumo das camadas, de modo que dá lugar a uma camada ininterrupta na transição de uma rocha para outra.

A separação do talco era mais ou menos observável em vários lugares, originando depósitos maiores ou menores. Além disso, vêem-se grandes trechos montanhosos, constituídos de talco e cloritaxisto e pedra-sabão, principalmente nos vales e encostas de altas cadeias de montanha.

Mencionei mais acima que o xisto argiloso constitui o andar inferior da formação secundária. Nesses casos, ele é frouxo e de coloração avermelhada em virtude do ferro, como se vê claramente na serra da Boa Morte e na Barra da Passagem, em Mariana, província de Minas. Em outras regiões, perto de Congonhas do Campo, por exemplo, e principalmente na Vila da Campanha, também em Minas, esse xisto hematítico frouxo, ferrífero, é cortado por veios de quartzo aurífero e seixos da mesma rocha. Curiosas, nessas regiões, são as transições nidiformes em *grünstein*.

* Esse termo corresponde ao inglês *greenstone*, designação geral das rochas verdes de origem eruptiva, tais como anfibolitos e anfibolitos diabasóides (N.T.).

No começo dessas transições ocorrem apenas feldspato e hornblenda, dispersos aqui e ali.

Em direção a um determinado ponto dali, a formação torna-se cada vez mais extensa e pouco a pouco adquire maior consistência para formar, finalmente, uma massa compacta de *grünstein*, que nela se aglutina em núcleos. Todavia, essas massas não possuem mais de algumas braças de diâmetro.

Tanto no xisto argiloso compacto como no friável observa-se cobalto terroso nas fraturas. Só o compacto mostra aqui e acolá vestígios de ouro.

Importante material de estudo encontram os mineralogistas nas ocorrências de talco, cloritaxisto e pedra-sabão, vinculadas ao xisto argiloso. Nem sempre é possível distinguir essas rochas uma das outras. Só raramente são encontradas, aqui e ali, completamente dissociadas e, portanto, inconfundíveis. Talco e cloritaxisto* parecem, contudo, de todo inseparáveis. Quando decomposto completamente, ocorrem ninhos e vênulas de belíssimos topázios amarelos brasileiros na massa circunvizinha da lito-marga inconsistente, ou, mais raramente, euclásio e freqüentemente óxido de ferro cristalizado em hexaedros no talco cristalizado. Cristais de rocha com inclusões de topázio, ou também cristais de topázio com inclusões de cristais de rocha e ainda cianita, tornam esses depósitos ainda mais interessantes e deles a região de Vila Rica, no lugar de nome Capão** oferece uma visão clara. Em outros lugares, o mineralogista pode fazer uma rica colheita de turmalinas, piritas, octaedros de óxido de ferro, arseno-pirita aurífera e cianita.

Uma rocha da região de Congonhas do Campo, que resulta da transição da pedra-sabão em xisto argiloso, contém minério de chumbo vermelho, muito bonito***, cuja descoberta devo a um acaso feliz.

Como se encontra o minério de ferro no Brasil em tão grande quantidade e de modo tão singular, julgo-me no direito de denominar esse mineral de modo especial, como segue.

* O autor se refere provavelmente, nesse trecho, a talcitos e a talco ferroso. Acrescente-se que, mais tarde, Gorceix demonstraria tratar-se de filitos sericíticos, cuja untuosidade leva a confundi-los com as rochas talcosas (N.T.).

** Von Eschwege refere-se, provavelmente, ao Capão do Lana, junto de Ouro Preto (N.T.).

*** Trata-se de crocoita (*Rotbleierz*, em alemão, $PbCrO_4$) (N.T.).

D – Itabirito

Elementos componentes

Especularita, hematita – às vezes compacta, às vezes em lâminas –, mais raramente magnetita e pouco quartzo, apresentando-se ora com grande possança, ora com textura xistosa.

Elementos ocasionais

Às vezes, algum ouro, talco, clorita e actinoto.

Transições

Em oligisto especular, itacolomito e limonita; raramente no jaspe.

Ocorrência

Encontrado (o itabirito) de preferência assentado no itacolomito e também no xisto argiloso.

Quando de textura xistosa, sua estratificação é bastante distinta, correndo paralelamente à rocha principal. Quando compacto, forma importantes massas rochosas informes, assim como o *trapp* da formação primitiva.

Propriedade magnética das massas rochosas

Todas essas massas rochosas mostram maior ou menor influência sobre a agulha magnética, e o que mais chama a atenção é a polarização e as oscilações em toda a sua superfície, como, por exemplo, as grandes oscilações em distâncias de três em três e quatro em quatro polegadas, tanto no sentido vertical como no horizontal.

Daí se vê que esses cubos rochosos de itabirito são comparáveis a um imã de numerosos cubos, cada um dos quais, logicamente, possuindo de duas a quatro polegadas de diâmetro; contudo, é de estranhar que a força magnética não se estenda além da distância de um quadrado do diâmetro do cubo rochoso mais

próximo da agulha magnética. Cada cubo atua, pois, separadamente, produzindo seu próprio efeito, e a combinação natural, que propriamente deveria ser considerada uma combinação magnética artificialmente formada, não produz efeito maior nem reforça o poder magnético. Isso vale para os cubos rochosos de forma aproximadamente regular. Nos casos em que os grandes cubos rochosos apresentam várias faces e são irregulares, observa-se a peculiaridade, não menos estranha, de os pólos e a polaridade, assim como nos precedentes, variarem e bem assim a declinação, e que, portanto, o número de eixos de polarização aumenta proporcionalmente ao número de faces da massa, interseccionando uns aos outros em ângulos os mais diversos. Esse fato foi observado pelo sr. conselheiro Zincken nas amostras que lhe enviei.

Ocorrências

O itabirito forma altos cabeços montanhosos, de aspecto grotesco e lombadas altas, cobertas de rochas de aspecto ruiniforme. Entre as primeiras, destaca-se o pico de Itabira – com altitude de 4.895 pés acima do nível do mar – e a serra da Piedade, nas cercanias de Sabará, com 5.460 pés. Nesta altura, a rocha tem possança de mil pés.

Observação – Da existência dessas enormes reservas de minério de ferro concluiu-se com segurança que o mundo, enquanto existir, poderá ser abastecido por elas.

Denominação

A denominação itabirito, eu a tirei do pico de Itabira, situado não longe de Sabará; é notável também pela riqueza aurífera, a forma que apresenta, a altitude e a grandeza. É um rochedo alto, parecendo – quando visto de longe – com uma torre e pode ser visto à distância de cerca de dez léguas. O brilho metálico de sua superfície resplandece em muitos lugares, motivo por que foi chamado de Itabira, nome indígena que significa: *ita*, pedra; *bira*, branco, claro.

Entre as rochas da formação de transição nenhuma se encontra que mereça menção. Dentre elas figura em primeiro plano o conglomerado ferrífero, cujo nome conhecido no Brasil eu conservei, isto é:

E – Tapanhoacanga

Componentes

Esta rocha compõe-se de seixos facetados, raramente arredondados, de oligisto especular, hematita e magnetita, aglomerados por um cimento vermelho ou amarelo de limonita. Os seixos têm tamanho de algumas linhas, até oito polegadas de diâmetro.

Componentes ocasionais

Freqüentemente muito rico em ouro, contém, às vezes, escamas de talco e clorita.

Transições

O conglomerado apresenta-se, às vezes, em tão grande quantidade, que os seixos desaparecem na massa, apresentando o conjunto um minério de ferro de existência independente, de coloração vermelha, finamente estratificado, cortado geralmente por numerosas lâminas de mica.

Ocorrência

A deposição singular torna esse conglomerado notável. Encontra-se não apenas em vales e encostas das montanhas, mas ainda cobre, à guisa de crosta ou manto, o cimo das mais altas montanhas, com espessura entre meia e até uma braça e meia. Assenta-se de preferência sobre o oligisto especular e o xisto argiloso.

Ocorrência original

Os elementos mais notáveis são: hematita e wavellita, que ocorre em grandes ninhos em Vila Rica.

Propriedades magnéticas

Como essa rocha se compõe de fragmentos de itabirito puro, deve ser naturalmente magnética – os seixos polares de cada fragmento, assim como os da massa, formam os mais diversos ângulos opostos uns aos outros.

Ocorrência

A serra de Tapanhoacanga, em Congonhas do Campos (província de Minas), cujos picos se elevam até 4 mil pés acima do nível do mar, apresenta-se, na extensão de várias milhas, coberta por essa rocha. Também ocorre nas encostas das serras onde se situa Vila Rica. O fronteiro Campo de Saramenha é, como uma eira pedregosa, coberto por ela. Na estrada de Vila Rica para o Serro do Frio, vê-se a rocha em grande abundância e em grandes extensões. Também na província de Goiás não deve ser rara.

Denominação

Tapanhoacanga é uma palavra da língua africana que quer dizer *cabeça de negro*. Devido à semelhança que, quando incrustada de hematita, a superfície corcovada dessa rocha tem com a cabeça lanosa do negro, foi-lhe atribuído esse nome pelos mineiros. E porque esse nome é significativamente apropriado, eu o conservei.

Observação – Para esclarecer a origem desse conglomerado, subsiste sempre uma difícil questão. Os fragmentos angulares, a irregularidade com que jazem uns sobre os outros, formando como que um manto que cobre o dorso e as encostas das montanhas, não apenas demonstram uma precedente decomposição do depósito ferrífero vizinho, que forma os mais altos pontos, e dos quais o pico de Itabira, por exemplo, a serra da Piedade e outras ainda são remanescentes, como também um extremo e rápido dessecamento das águas que existiam nessas serras e que tinham transportado anteriormente os fragmentos para cá, de modo que nem sequer precisaram de muito tempo para deslizar do alto das montanhas para os vales, mas muitas vezes permanecem, com uma lava resfriada, à meia encosta. Que essa precipitação mecânica não poderia ter tido lugar pouco a pouco, é prova suficiente a irregularidade com que os fragmentos se acumulam uns sobre os outros.

A origem da terra argilosa, aurífera, freqüentemente de possança de várias braças, com blocos de quartzo angular e de minério de ferro, que também cobre toda a montanha, e que contém isoladas pequenas pepitas, particularmente belas, permanece, assim como a circunstância de que elas, no morro por assim dizer, puderam permanecer cimentadas, igualmente difícil de esclarecer.

Com base em todos os pontos referidos, teria eu podido esclarecer o tipo de rocha; como, porém, tinha apenas o propósito de apresentar em quais altitudes ocorrem os principais tipos de montanhas principais do Brasil, creio eu que observar o mapa já é o suficiente.

Nas minhas observações, utilizei o melhor barômetro inglês de viagem, cujas posições da coluna de mercúrio eu tinha achado através de amplas observações no Rio de Janeiro e sobre elas reduzi todos os cálculos. A carta hipsométrica, por isso mesmo, foi feita à base de pés ingleses.

Receita e despesa do Brasil

O importante tema estatístico, do qual eu dou aqui um completo resumo, chegou ao meu conhecimento como segredo de Estado, para sobre ele eu emitir meu parecer.

Em tenho até agora mantido fielmente o segredo; como, porém, o aludido assunto, ainda que truncado, aparece impresso em um jornal público, creio eu, a esse respeito, estar desobrigado do segredo e poder, nesse sentido, dispensar-me de respeitá-lo, tanto mais, como agora, que se acha em meu poder uma nova lei, sobre toda receita e despesa do Brasil, dada à publicação.

O artigo tem como título:

"Exposição sobre o atual estado da receita e despesa públicas do Real Erário no Rio de Janeiro, e a condição e o modo de ordená-las para que todos os pagamentos em determinado período possam ser feitos em moeda corrente, de Escrivão do Real Erário, em 5 de janeiro de 1812, apresentado ao rei."

"Considerem-se os grandes pagamentos atrasados do pessoal civil, militar, naval e religioso; veja-se, no tempo assinalado, os juros dos empréstimos, ou o câmbio que devem ser pagos: observem-se os empréstimos que o Erário fez ao Banco Nacional do Brasil para assim fazer seu crédito: como ele mesmo sob a proteção da lei deposita dinheiro estrangeiro, e o bem dos órfãos e ausentes não isentos; como ele sempre faz novos empréstimos, não obstante as queixas do serviço público, cujas famílias freqüentemente devem mendigar para não morrerem de fome; assim deve-se crer que o estado das finanças do Brasil é o mais triste e uma difamante bancarrota. Todavia, se se abandona o caminho sinuoso por que têm se conduzido as finanças, e o estado contrapõe a sua solidez, atividade, pontualidade e imparcialidade, assim será restabelecido o crédito perdido, sem aumento dos impostos, sem prévio levantamento da receita e sem recurso de papel-moeda."

O autor divide sua memória em quatro partes:

Na primeira, trata ele das várias receitas diretas do Real Erário, que devem ser consideradas como receitas da província do Rio de Janeiro, e das receitas das províncias restantes.

Na segunda, trata ele das usuais despesas do Real Erário no Rio de Janeiro nos anos de 1810 e 1811.

Na terceira, compara ele essas despesas com o conjunto de receitas do Brasil, e mostra que ainda existe um considerável saldo a favor.

Na quarta, dá ele o plano (segundo seu conhecimento o único possível) para o custeio mensal das despesas.

1ª seção

Receita usual do Real Erário no Rio de Janeiro nos anos de 1810 e 1811.

	1810 Em réis[42]	1811
Receita alfandegária	927.150.288	852.690.571
Renda do tabaco	18.266.350	24.339.079
Direitos de destilação de cachaça	8.460.352	8.820.109
Sal, 8 réis por medida	9.945.950	13.290.520
Salários das três ordens militares	16.119.579	8.262.455
Novos impostos e salários dos funcionários	38.776.741	29.226.322
Dízimo de casas, segundo orçamento de 1809	58.307.782	58.307.782
Imposto sobre carne verde	54.723.767	55.509.10
Sisa (compra e venda)	51.960.035	64.637.271
Meia sisa (de venda de escravos negros)	8.854.037	6.916.366
Selagem de documentos	25.521.725	34.387.820
Contribuições voluntárias dos funcionários	8.651.786	5.093.958
Autorização p/ escravos levados para o interior	15.700.500	17.608.500
Impostos de licença por escravo levado para o interior	4.242.960	4.639.920
Meio soldo de patentes militares	18.481.838	13.893.092
Imposto de farmácias e tabernas	12.761.835	11.808.155
Imposto de passagem nos rios Paraíba e Paraibuna	17.208.330	24.644.746
Imposto sobre a estrada da serra	4.979.750	5.814.900
Décimo de todos os frutos	95.282.865	103.868.750
Ancoragem de navios	7.504.000	8.773.000
Contribuições literárias	41.843.784	50.083.320
Correios	11.030.362	10.236.630
Cunhagem de moedas	262.900.437	138.094.448
Receitas diversas	45.575.102	53.333.140
Soma	1.764.250.155	1.604.279.954

[42] Todos os cálculos foram estimados em "réis"; 600 aproximadamente valem 1 Rthr, corrente na Prússia.

Receita da província da Bahia no ano de 1810

Receita alfandegária	428.795.014
Impostos de tabaco, açúcar e algodão	167.398.718
Dízimo do tabaco e outros produtos da terra	41.797.045
Dízimo de frutos	123.613.988
Dízimo de salários	1.807.207
Impostos e terça dos funcionários	4.511.437
Impostos da meação dos funcionários	3.673.979
Direitos de caixas de açúcar e rolos de tabaco	10.579.180
Das possessões reais	4.516.646
Pela venda de sal	712.562
Contribuições literárias	14.044.778
Renda da ancoragem	5.220.000
Moeda (cunhagem)	10.000.000
Sisa de casas	37.805.914
Da carne verde	35.140.095
Selagem de documentos	8.566.398
Impostos e meio imposto	19.541.029
Das ilhas de São Tomé e Príncipe	5.357.481
De confisco de bens dos jesuítas	2.277.229
De capelas	2.916.850
De correio	1.600.000
Vendas diversas	2.760.220
Receitas diversas	8.778.113
Venda de pólvora	6.722.692
Soma	948.145.575
A transportar do ano de 1809	299.724.724
Soma	1.242.870.299

Despesas do Erário na província da Bahia no ano de 1810

Militares		239.976.340
Civis		60.982.683
Clero		23.224.765
Para o ensino público		12.721.747
Juros de capitais		13.822.445
Compra de tabaco para Goa		11.389.870
Inspeção de colégios		10.000.000
Dízimo de frutos reais		2.560.022
Forte de Ajuda		4.188.333
Ilhas de São Tomé e Príncipe		15.640.220
Capelas		7.499.585
Navios de guerra	99.687.620	
Armazéns	70.261.010	184.729.778
Madeira	14.781.148	
Compra de pólvora		33.652.960
Despesas diversas		6.184.048
No Real Erário		341.311.103
A transportar para o ano de 1811		274.986.400
Soma		1.242.870.299

Destas tabelas da receita e despesa na província da Bahia conclui-se que no ano de 1810 houve um saldo a favor de 616.297.503 réis e se pode estimar, de um ano a outro, em 600 contos,[43] que podem ser arrecadados pelo Erário do Rio de Janeiro.

Este saldo, não obstante as despesas com a Marinha, e o encargo de 24 contos, que se envia para Portugal anualmente, poderia ser ainda mais alto, se o Colégio de Finanças fosse mais sério com a melhoria da arrecadação e a diminuição das despesas desnecessárias.

[43] A palavra *conto* é usada em lugar de 1 milhão quando se calcula em réis. Usa-se milhão, em língua portuguesa, quando se trata de cruzados.

Receitas do Erário na província de Pernambuco no ano de 1810

Receita da alfândega	262.223.228
Impostos sobre o algodão	151.871.361
Imposto sobre carne verde	53.537.256
Dízimo de frutos reais	89.271.344
Pensões de engenho de açúcar	313.435
Estabelecimentos	5.713.578
Emolumentos para munição	3.544.636
Venda de pólvora	5.768.850
Imposto sobre o açúcar	28.151.867
Imposto sobre o tabaco	330.315
Novo imposto sobre o tabaco fabricado	15.450.000
30 réis de cada quartilho de cachaça	3.600.000
Impostos sobre exportação de açúcar	1.586.250
Imposto sobre aguardente	1.099.250
Venda de pescado	920.750
De garapa	320.000
Imposto sobre cartas de segurança	1.199.880
Passagem de rios	684.000
Das casas sobre a ponte	4.090.222
Impostos sobre o sal	2.493.140
Contribuição predial	617.588
Guardas de armazém	2.000.000
Dízimo de casas	12.747.464
5 réis de cada libra de carne verde	32.468.543
Sisa	7.317.110
Meia sisa	1.876.653
Selagem de documentos	4.587.534
Correio	558.697
Impostos sobre ofícios	2.043.222
Emolumentos de pólvora	230.000
Emolumentos para crianças enjeitadas em Lisboa	50.000
Saldo da Provedoria do Rio Grande	75.000
Idem da Bahia	3.765.090
Receitas diversas	6.590.719
A transportar do ano de 1809	137.657.682
Soma	844.754.664

Despesas do Erário na província de Pernambuco no ano de 1810

Militares		108.588.560
Civis		35.098.469
Clero		12.869.326
Ilha de Fernando		3.149.488
Despesas extraordinárias com tropas para o Pará		6.660.590
Fortalezas		4.232.380
Décima real		16.200.000
Sal		3.015.400
Pau-brasil		20.903.620
Pólvora		12.738.746
Fábricas estatais de fundição		5.874.329
Despesas diversas		6.005.326
Chalupas canhoneiras		522.300
Juros		4.725.230
Galeras e mensageiros		2.194.710
Navios reais	24.379.714	
Armazéns da marinha	35.605.767	67.911.958
Madeira	7.926.477	
No Real Erário		339.540.196
Resto a pagar para o ano de 1811		194.524.036
Soma		844.754.664

Destas tabelas se conclui que o Erário do Rio de Janeiro, no ano de 1810, teve um saldo de 537.064.232 réis. Vêem-se ainda algumas despesas, por exemplo, com a Marinha, assim como a consignação de 16 contos, enviados para Portugal (para ajudar as aldeias e cidades arruinadas pela guerra). Assim, pode-se estimar o saldo líquido em 480 contos.

Com certeza, diz o autor, não foi indicado o saldo da província do Maranhão, pois não se encontra uma simples estimativa de suas despesas e receitas no Erário;[44] sem errar, pode-se aceitar, anualmente, um saldo de 300 contos. Como no que toca as províncias de Minas Gerais, Ceará e Angola, na

[44] Pode-se daí concluir da bela correção da administração financeira.

África (todas as demais províncias exigem suprimentos), pode-se aceitar, por conseguinte, 150 contos para essas três províncias. Caso Minas recebesse isso no ano passado, e por pobre seria considerada, o saldo atingiria 113.668.058 réis[45] e, segundo estimativa de Lourenço do Nascimento, o saldo anual de Angola devia ser de 80 contos.[46] A receita geral do Erário no Rio de Janeiro poderia ser a seguinte:

Receitas arrecadadas pelo próprio Erário	1.604.000.000
Saldo da província da Bahia	600.000.000
Saldo da província de Pernambuco	480.000.000
Saldo da província do Maranhão	300.000.000
Saldo das províncias de Minas, Ceará e Angola	150.000.000
Soma	3.134.000.000 réis

2ª Seção

As despesas do Real Erário, segundo a média dos anos de 1810 e 1811, atingiram anualmente:

A Casa Real	954.699.711
Lista civil e religiosa	381.246.943
O exército	617.215.428
A marinha	809.582.683
Soma	2.762.744.765 réis

Na suposição de que fossem falsas essas usuais despesas anuais, caso fossem comparadas com as receitas, ter-se-ia um saldo anual de 371.255.235 réis, o qual seria empregado em extraordinárias e imprevistas despesas.

[45] Denomina-se isto de saldo, mas com o atraso do pagamento do funcionalismo na província, que em 1814 alcançou 200 contos.

[46] É de admirar que o autor fundasse seus cálculos em hipóteses, naquilo que respeita ao conhecimento matemático.

Específicas despesas anuais

1. Despesas com a Corte

(Calculadas segundo o último trimestre de 1811)

Dependentes da Corte	72.000.000
Pagamento real mensal	57.616.792
Prataria e linhos da Câmara	72.000.000
Cozinha	192.000.000
Casa das obras e paços reais	60.000.000
Salário dos criados de libré	75.895.340
Salário aos criados chegados mais tarde de Lisboa	7.492.600
Salário dos alfandegários e serventes	6.968.640
Salário de intendentes e mestres de obras	2.662.920
Cavalariças, inclusive forragem	210.000.000
Milho e cevada	43.200.000
Quinta da Boa Vista	24.000.000
Botica	6.462.882
Velas	11.264.000
Hospital para os servidores da corte	2.847.775
Salário da Capela Real	43.562.536
Guarda Real	3.001.920
Guarda-roupa Real	880.920
Despesas extraordinárias	72.000.000
Soma	963.856.325

2. Lista Civil

Salário do desembargo do Paço e Mesa da Consciência	22.750.000
Salário do Colégio de Finanças	22.790.000
Salário da Casa de Suplicação	33.850.200
Salário do clero	16.692.780
Salário do Erário	42.060.000
Pensões	109.797.816
Professores e mestres-escolas	9.490.000

Alfândega	6.120.400
Casa da Moeda	18.183.400
Aluguéis	16.368.425
Secretariado de Estado	15.315.200
Secretariado da Guerra e Negócios Estrangeiros	19.200.000
Secretariado da Marinha e das colônias	12.605.400
Arquivo dos jardins	550.000
Intendente-geral do ouro	1.300.000
Correio-geral	2.382.000
Colégio dos negócios da marinha	1.196.400
Pensões da Ordem	2.715.099
Chancelaria superior das três ordens militares	5.280.000
Despesas especiais	5.299.999
Despesas extraordinárias	11.052.881
Soma	375.000.000

3. Lista militar

Exército, segundo avaliação aproximada dos anos 1810 e 1811	666.000.000
Suprimento anual	8.000.000
	674.000.000
Soma total	2.012.856.325

4. Lista da Marinha

Marinha, segundo avaliação aproximada dos anos 1810 e 1811	
Suprimento anual	840.000.000
	8.000.000
	848.000.000

5. Despesas extraordinárias com o Ministério
e outros estabelecimentos do Estado, segundo as contas de 1810 e 1811

Secretariado do Estado	4.678.216
Ministério da Guerra e Negócios Estrangeiros	10.294.285

Ministério da Marinha e das Colônias	3.184.769
Casa da Moeda	5.616.429
Departamento da Alfândega	16.235.662
Câmara do Erário	4.691.276
Arrecadações de várias receitas	6.528.840
Soma	51.229.477

6. Gastos extraordinários com construção, encargos e provisão para a frota inglesa

Para o canal do Maracanã	19.200.000
Melhorias do abastecimento de água carioca	7.200.000
Provisões de boca para a frota inglesa	11.950.275
Pagamento do capital e juros do empréstimo	19.000.000
Despesas diversas e custo de construção da Casa da Moeda	44.662.023
	102.012.298
Soma total	3.014.098.100

3ª seção

Segundo o orçamento da receita anual de 3.134.000.000 réis, que equivale a 5.223.333 Rthler prussianos atuais, comparada com a despesa anual de cerca de 3.014.000.000 réis (5.023.333 Rthler), resta um saldo anual de 120.000.000 reis, que equivale a 200.000 Rthler, que se pode esperar com a melhoria da administração financeira, para a amortização da dívida pública.

Despesas com a Caixa-Geral de Guerra no ano de 1810

Estado Maior-Geral	51.003.268
Tesouraria de Guerra	5.103.866
3 Regimentos de infantaria de linha	89.626.911
1 regimento de artilharia montada e uma bateria de artilharia a cavalo	41.331.488
Um regimento de cavalaria	31.045.593
Despesas extraordinárias do regimento	11.569.068
Oficiais dos fortes, intendências e bandas	11.549.911

Corpo de engenharia	27.734.906
Oficiais e telégrafos	63.714.189
Destacamentos de fronteira	3.141.211
Prisioneiros do Estado	609.930
Milícia, infantaria	20.324.528
Milícia, cavalaria	6.362.790
Corpo de inválidos	390.300
Oficiais reformados	24.973.848
Praças falecidos	778.800
Hospital militar	74.853.169
Colégio Superior de Guerra	4.349.947
Pensões	10.348.110
Caixa das viúvas	6.140.477
Excedentes de Portugal	6.413.448
Brigada da Marinha	74.103.406
Oficiais-do-mar	77.426.075
Companhia de cadetes-do-mar	3.291.995
Guarda policial	12.066.934
Soma	658.254.168

"Vê-se desta soma que o destinado ao total de oficiais e telégrafos, assim como para os cinco últimos artigos do total de Portugal, a brigada da Marinha, os oficiais-do-mar, os cadetes-do-mar e a guarda policial lançados com o total de 237.016.047 réis, resta propriamente para o exército uma importância de 421.238.121 réis; e estima-se ainda a soma de 110.200.000 réis, que ele poderia custar a mais. Assim, o total a arranjar seria de 531.438.121 réis e conseqüentemente o saldo acima suposto de 666.000.000 réis ainda daria um saldo de 134.561.879 réis, que serviria para o pagamento do total com farinha, milho, rações, melhoria das casernas e fortes, e aquisição de armas".[47]

[47] A imperfeição deste cálculo específico apresenta-se em todas as partes. As despesas com os artigos apresentados no fim não se encontram em nenhum lugar no cálculo. Também não existem em nenhum lugar as que favorecem as províncias de São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro. Verdade é que permanece a maioria delas carregada de dívidas e o funcionalismo deve estar enfraquecido; apenas o autor não deve se esquecer pelo menos da província do Rio Grande, onde devem ser mantidas muitas tropas por causa da inimizade aos espanhóis. Ele não menciona a província do Pará.

"Além do total aludido acima de 666.000.000 réis, restam ainda disponíveis 8 contos, que em caso de necessidade, casualmente, podem ser utilizados. É assim demonstrado que com um encargo mensal de 55.500.000 réis e a possibilidade de dispor de mais 100.000.000 réis para os casos imprevistos anualmente, poder-se-ia pagar a lista militar da província do Rio de Janeiro."

"As despesas com a Marinha não poderiam ser estimadas com a precisão dada, como as precedentes, contudo são elas custeadas com 2.100.000 cruzados anualmente; poderiam também, além disso, ser indicados mais 250.000 cruzados; além disso, é também de esperar, de contado, uma diminuição das despesas."

"De tudo que até aqui foi dito é fácil concluir que se tem em mente que os saldos das províncias entram normalmente, e que as despesas não aumentaram; o estado das finanças no Brasil não é assim tão mau, como se acreditava no primeiro momento; sem novos impostos, sem papel-moeda e sem empréstimos, ele pode pagar suas despesas.

4ª seção

Não é bastante que uma boa administração financeira apresente renda para cobertura de suas despesas e ainda tenha saldo; ela deve também ser tão regular que o dinheiro exista primeiro em caixa, para custear as despesas; e a negligência nesse ponto é uma razão principal pela qual logo Portugal perdesse seu crédito, o que agora aconteceu com o Erário do Rio de Janeiro. Segue-se daí:

1. como as despesas regulares de fim de cada mês, principalmente de fim de cada trimestre, se repetem, as receitas, como uma grande parte das mesmas, que provêm de províncias distantes, nem sempre podem chegar no tempo adequado; assim, vê-se a administração muitas vezes obrigada a tomar dinheiro emprestado de particulares a curto prazo e a altos juros;

2. a falta de exato pagamento no dia de vencimento, assim como o pagamento dos juros dos capitais tomados de empréstimo e a cessão do pagamento dos assalariados;

3. inevitáveis favorecimentos pessoais no pagamento ao funcionalismo e credores que dão lugar a milhares de males e incriminações."

O autor mostra então como todos esses males serão removidos de maneira

fácil, e os pagamentos mensais poderiam ser atualizados, caso as indispensáveis somas pudessem ser fornecidas pelo Banco Nacional contra cerca de 2% de juros, e tabeladas as despesas mensais, bem como os meios para cobri-las. Para o mês de janeiro, dá ele a despesa total de 339.404.180 réis e estima os tributos para pagá-la em dinheiro a soma de 6.578.783 réis. Para o mês de fevereiro são necessários 202.541.082 réis, e o dinheiro necessário para cobri-los, segundo a mesma estimativa, provém de uma arrecadação de 3.924.087 réis.

"E assim, segundo este plano de despesa, para poder fazer face a essas despesas anuais totais de 2.997.028.000 réis, são necessários em dinheiro 58.095.009 réis para pagamento dos juros e, conseqüentemente, ao fim do ano, ainda restará um saldo de 78.876.090 réis."[48]

Observação 1 – O autor desse manuscrito, que foi a terceira pessoa depois do grão-mestre do Erário, era considerado o principal financista do Rio de Janeiro. Do que foi por ele fornecido, pode-se concluir como devem ter sido feitos os outros. Suas estimativas são todas vacilantes e a maioria se funda em palavras, como o que foi dito nas três primeiras seções: se eu apresento três e falo em duas, resta uma, e na última seção: se eu apresento duas e devo falar em três, assim vendo uma fiado, até que eu possa em seguida pagar. Será pois no Brasil tão difícil, se a receita ultrapassar de fato a despesa, ordená-las, para que elas em determinado tempo estejam em caixa e fora da caixa?

v. E.

Observação 2 – A receita oficial do Brasil é, segundo dado acima e alguns outros que eu possuo,

Da província do Rio de Janeiro	1.684.285.075
Da província da Bahia	1.242.870.299
Da província de Pernambuco	844.754.824
Da província do Maranhão	600.000.000
Da província de Minas Gerais	600.000.000
Da província de São Paulo	300.000.000
Soma	5.271.890.198

acima de 8.786.484 Rthl prussianos correntes.

[48] Pode-se certamente estimar em 25% a 30% o desconto concedido por aqueles que têm a receber algum pagamento a alguns senhores do Erário, ou a seus parentes e amigos. Tal comércio vergonhoso é feito abertamente.

Das outras províncias não pude receber nenhuma tabela financeira; todavia, devo acreditar que o Pará e Ceará deram saldo, enquanto não há dúvida de que o Rio Grande, Goiás e Mato Grosso precisaram de auxílio. Não acredito errar dizendo que a receita de cada província vai além de 1.000.000 de *thaler* e que, conseqüentemente, a receita oficial total do Brasil atinge a mais de 10 milhões de Rthl prussianos correntes.

v. E.

Depois que foram apresentadas as antigas receitas e despesas oficiais, que àquele tempo foram tratadas como segredo de Estado, poderemos oferecer uma vista d'olhos sobre as importâncias que depois da revolução no Brasil chegaram ao conhecimento geral; aos estatísticos não será inoportuno conhecê-las. Começam nos dias da revolução e vêm até os dias do embarque da família real.

Arrecadação e despesas do Real Erário do Rio de Janeiro
de 26 de janeiro a 26 de abril de 1821

Receita	De 26 de fevereiro a 21 de março	De 1 a 26 de abril
Alfândega	194.292.932	122.784.727
Chancelaria do selo e superior das três ordens militares	8.581.580	14.301.195
Dízimo do açúcar e dos frutos	31.243.272	34.851.583
Dízimo de casas	14.282.158	5.315.847
Receita de ancoragem de navios estrangeiros	1.219.000	1.043.000
Correios	2.691.780	
Moeda, braceagem de ouro	7.135.725	
Idem de prata e novas moedas de cobre	37.163.000	18.000.000
Sisa e meia-sisa	20.055.120	
Contrato do tabaco	5.500.000	
Emolumentos de contratos	3.982.549	
Depósitos de milho		208.400
Contrato de fumo em corda		5.833.333
Contrato de cartas de jogo		2.500.000
Contrato de 5 réis sobre cada libra de peixe fresco		28.047.414

Passagem de rios e montes		8.683.626
Receita de registros	8.375.405	
Várias receitas:		
Saldos do Ceará, Angola e Pernambuco	4.000.000	15.595.285
Restos de conta da Administração	1.000.000	
Donativo do visconde do Rio Seco	30.000.000	
Pagamento do dinheiro emprestado	200.000	
Receita para o canal de pedra de Lisboa	400.000	
Dinheiro de deposições da Provedoria Sanitária	30.000.000	
Suprimento do Banco	230.000.000	70.000.000
Saldo do dinheiro que estava à disposição da cavalariça de São Cristóvão		430.000
	630.122.521	327.594.410
	957.716.931	
A 26 de fevereiro estavam depositados no Tesouro		32.270.626
Soma		989.987.557

Despesa	De 6 de fevereiro a 31 de março	De 4 a 26 de abril
Corte		
Pessoal e mensalidade real	29.570.932	1.040.000
Cozinha	44.000.000	22.000.000
Cavalariças	32.048.859	11.000.000
Pertencente à administração do visconde do Rio Seco	56.519.958	50.600.587
Continuações sob a administração do visconde a Vila Nova	2.000.000	
Hospital da criadagem	3.085.660	
Vestuário da criadagem	8.000.000	
Guarda de arqueiros reais	1.497.840	
Farmácia	3.997.350	3.411.050
Cera	6.449.100	1.695.370
Salários de criadagem da rainha	17.000.000	
Oratório do palácio e operários ingleses na Quinta da Boa Vista	268.140	125.855
Despesas do grão-esmoler	1.226.200	
	205.664.039	89.872.862

Saldo e rações	86.762.750	65.277.000
Hospital militar	5.600.000	5.600.000
Arsenal do exército e couros curtidos	15.731.687	9.260.000
Forragem para o 1º regimento de cavalaria	1.377.540	1.496.580
Construções nas casernas e fortes	5.060.000	1.720.000
Câmbio de Montevidéu e alimentos	248.400	45.000
Aos oficiais da artilharia montada	114.780.377	83.398.580
Total das despesas	320.444.416	173.271.442

Despesas diversas	De 26 de fevereiro a 31 de março	De 1 a 26 de abril
Transporte do total anterior	320.444.416	173.271.442
Marinha	72.000.000	32.200.000
Salários e pensões	57.689.758	34.503.691
Despesas com o secretariado de Estado	23.958.802	24.467.280
Canalização do Maracanã e outra obras	10.829.440	
Pagamento do empréstimo de Robert Finnie	80.000.000	
Despesas diplomáticas	3.318.679	
Madeira, sal, telégrafos e outras miudezas	1.613.175	371.840
Alimentos e adiantamentos de salários de pessoas deslocadas para outras terras	2.080.000	4.832.500
Reembolso do dízimo sobre frutos e sisa	5.880.049	418.589
Pagamento dos móveis e da casa pertencentes ao Conde da Barca	21.735.120	48.532.104
Porto de peixe de Ericeira, Museu e pagamento a ausentes		6.507.801
Pagamento de câmbio de Santa Catarina		14.000.000
Aos dependentes do chefe do secretariado do Estado		5.500.000
Compra de taleres espanhóis, que foram fornecidos à Casa da Moeda		8.691.160
Despesas com os funerais do Núncio Papal		2.389.705
	599.549.439	355.686.112
		955.235.551
Provimento de caixa a 26 de abril	34.752.006	
Soma	989.987.557	

Tesoureiro-mor
José Caetano Gomes

Observação – As contas particulares das autoridades, etc., não são inteiramente conhecidas. Ao administrador e ao governador da caixa das mesmas, porém, pelo menos com aparente legitimidade, foi feita a censura de infidelidade; pois, com pequenos salários e sem ter faculdade própria, fizeram eles enormes gastos e chegaram a ser pessoas ricas. A essa classe pertence o tesoureiro-mor, senhor Tarjini, visconde de S. Lourenço. Antes da chegada do rei ao Brasil, ocupava ele um lugar na Junta da Real Fazenda no Ceará (ou no Maranhão, não estou certo). Já anteriormente era culpado de infidelidade, todavia ele conseguiu manter em suas mãos o Erário do Brasil e soube tão bem administrá-lo que, após alguns anos depois de sua nomeação como tesoureiro-mor, podia construir um palácio. Dois comerciantes ingleses, William Young e Samuel Philips, eram seus sócios. Todo mundo gritava contra Tarjini, mas ele permaneceu inabalável. O rei fê-lo barão e depois visconde; seu peito era coberto de condecorações. Contudo, quando rompeu a revolução, foi o primeiro a ser deposto. Foi até mesmo aprisionado e, em virtude de sua administração financeira, severamente inquerido, mas em vão. Os livros estavam corretos; ele foi libertado e recebeu permissão de partir para o estrangeiro, conservando a metade de seu salário como pensão e vive agora na França, sossegado sobre seus louros.

O segundo, que alguns acreditavam ter um pacto com o diabo, era o senhor Azevedo, depois barão e visconde do Rio Seco. A um homem de baixo nascimento e sem fortuna, foi dado de mão beijada o dom de multiplicar em um especial alto grau. Antes da viagem da Família Real, tinha ele o posto de almoxarife na construção do novo Palácio de Ajuda. Essa foi a primeira fonte de sua posterior riqueza. Ele acompanhou o rei ao Brasil e, como almoxarife de todas as casas reais, teve à sua disposição significativas somas (aproximadamente 2 milhões de Rthler. anualmente) com tantas oportunidades de aproveitar, que ele agora possui fortuna de muitos milhões. Contudo, tem ele espírito tão pouco mesquinho, que seus bens permanentemente estão à disposição do serviço do Estado. Se muitas vezes faltou dinheiro, ele ajudou com o seu; mesmo significativos presentes e sacrifícios fez ele ao Estado, especialmente ao tempo da primeira revolução em Pernambuco e nos últimos tempos, como particularmente se vê na conta precedente, na qual se encontra um voluntário donativo de 30 contos, ou 50.000 Rthlr. Por ações dessa espécie, assim como também por adiantamentos em dinheiro a muitas pessoas privadas importantes, adquiriu ele poderosas amizades; tornou-se indispensável e conservou-se assim. Para sua completa justificativa, apresentou, para o ano de 1820, a seguinte prestação de contas, que foi publicada.

Prestação de contas do visconde do Rio Seco à junta da Real Fazenda sobre os vários bens reais no ano de 1820.

Receita		
Destino das compras para a corte e tesourarias	38.400.000	
Para as capelas reais		38.400.000
Resto do ano de 1819	3.181.289	
Para o ano de 1820	83.030.537	
Para a Casa Real		86.211.826
Resto do ano de 1819	669.992.735	
Para o ano de 1820	327.131.029	997.123.764
Para construções	77.293.480	77.293.480
Para a Quinta Real e o Castelo da Boa Vista[49]	91.901.786	91.901.786
Soma		1.290.930.856
Destas foram utilizadas as somas que pertencem ao ano de 1819:		
Das capelas	3.181.289	
Para a manutenção da Corte	669.992.735	735.174.024
Total da receita para o ano de 1820		617.756.832

As despesas no ano de 1820 ultrapassam, nas seguintes rubricas, a receita:

Com administração dos domínios	169.849.591	
Com as construções	285.491.701	
	455.341.292	

Em compensação, foram despendidos a menos:

Com a Capela Real	2.605.375	
Com a manutenção da Corte	202.346.512	
Com a Quinta da Boa Vista	11.339.559	
	216.291.446	
Restante, a cargo do visconde do Rio Seco, do ano de 1820		239.049.846
Soma da despesa		856.806.678

[49] Castelo de campo e jardins, a uma hora do Rio de Janeiro, onde o rei, os dois príncipes e a princesa viúva vivem (v. E.).

Despesa		
Compras para a Coroa e a Administração		
Excedentes de despesas do ano de 1819	112.780.698	
Para a Coroa	55.334.413	
Para a Administração	40.134.480	
		208.249.591
Tesouraria da Capela Real		
Salários dos eclesiásticos	57.542.333	
Tocheiros	7.952.950	
Oratório de Sua Majestade	4.044.260	
Melhoramentos na Capela Real	11.658.944	
Adiantamentos de salários de monsenhor Perdigão	750.000	
Artigos diversos	1.657.964	
		83.606.451
Pagamento de salário da corte	291.856.042	
Pagamento de salários da criadagem	86.649.996	
Librés para 47 cozinheiros	418.825	
Para aluguéis e armazéns	5.110.080	
Compra de livros para Sua Majestade	34.080	
Compra de talheres	10.321.961	
Para a biblioteca real	7.413.537	
Para a Quinta da Boa Vista, inclusive a conclusão do picadeiro	7.200.000	
A José Caetano Marques, pelo desembolso que fez, nos anos de 1814-1817, para pagamento à estrebaria	126.982.213	
Ao administrador dos bens reais de Santa Cruz, João Fernandes de Sá, pelos adiantamentos referentes aos anos de 1817 a 1819	494.357.024	
O mesmo, pelo ano de 1820	56.289.536	794.777.252
Administração de obras		
Despesas excedentes do ano de 1819	216.965.394	
No ano de 1920		
Para diárias	42.996.440	
Compra de materiais	83.857.880	

Transportes	2.320.780	
Salários dos arquitetos e mestres de obras	4.186.887	
Salários do aguadeiro, varredores e serventes	12.457.800	362.785.181
		1.449.418.475
Quinta Real e Castelo de Boa Vista		
Excedente de despesa do ano de 1819	5.760.986	
Manutenção da música dos escravos na Quinta[50]	4.353.120	
Salários e custo de vários funcionários da mesma	8.069.189	
Manutenção dos escravos da mesma	9.838.710	
Diários das pessoas que trabalham na Quinta	7.598.450	
Materiais e transporte	44.941.772	80.562.227
Soma das despesas		1.529.980.702
Disso deve ser retirado o que pertence ao ano de 1819		
Com a tesouraria	112.780.698	
Com as cavalariças reais	126.982.213	
Com os bens reais de Santa Cruz	494.357.024	
Com a administração de obras	216.965.394	
Com a Quinta da Boa Vista	5.760.986	956.846.315
Total da despesas para o ano de 1820		573.134.387
Incluindo o resto de 1814		283.672.261
Soma		856.806.678

A terceira pessoa odiosa aos olhos do povo e a quem também se atribuíam iniqüidades, era João Fernandes Viana, posteriormente barão de São Simão, intendente-general da polícia do Império. Na revolução foi ele afastado e denunciado. Uma apoplexia livrou-o de toda e qualquer investigação. Contudo, arranjou antes a seguinte conta, que aproveito a oportunidade de apresentar com o fim de se fazerem observações interessantes. O que não se poderia fazer com tão significativos recursos, e quão pouco se empreendeu!

[50] O príncipe herdeiro, um grande amador de música, mantinha uma capela própria, que consistia principalmente de escravos, que tocavam muito bem.

Receita e despesa da Intendência de Polícia do Império do Brasil
de 1º de janeiro a 25 de fevereiro de 1821

Receita	
Impostos dos vários escravos enviados para os portos do sul	4.420.800
Para passaportes[51]	401.500
Do contrato de contribuições literárias e de aguardente	902.222
Renda de Pernambuco	3.089.856
Idem da Bahia	2.836.130
Receita alfandegária da introdução de escravos no Rio de Janeiro	8.287.300
Licenças para casas de jogo	1.300.000
Licenças para tavernas	6.660.800
Licenças para armazéns	5.158.400
Licenças para seges, carruagens e bagageiros	1.643.200
Licenças para vendedores ambulantes	1.670.400
Licenças para hospedarias, estalagens e bares	819.200
Licenças para cavalos e azêmolas	185.600
Licenças para galeras e barcas de transporte	1.212.000
Licenças para a fabricação de queima de fogos de artifício	48.000
Licenças para festas da Páscoa	12.800
Por levantamento de embargos	96.000
Por portarias	4.000
Resto da conta precedente	3.638
	38.751.846

Despesa	
Iluminação da cidade[52]	7.150.956
Melhoria do calçamento da subida do Valongo	4.527.890
Reparação, etc., de várias ruas e pontes[53]	11.797.597
Custo de manutenção de animais para o transporte de tonéis de água, reparações destes últimos e as carretas das quintas da Boa Vista, Macaco e Mata Porcos	713.375
Plantio de roseiras, amoreiras e cáctus no Campo de Santa'Ana[54]	980.080
Casa de campo no mesmo Campo	500.320

[51] Quando não se paga bem aos servidores da polícia, deve-se esperar por muitos dias os passaportes. Disso tenho eu experiência própria (v. E.).
[52] É de observar que apenas as principais ruas são iluminadas.
[53] Este item é particularmente escandaloso, pois os caminhos e as pontes de madeira nos subúrbios não davam passagem mesmo durante pequenas chuvas.
[54] Logo depois da partida do rei, o príncipe herdeiro mandou destruir esta altamente inútil plantação, uma mera fantasia do intendente.

Pagamento de empréstimo da caixa e de câmbio do Banco	1.208.000
Melhoramentos das casernas policiais e do armazém pertencente a elas	1.461.810
Conservação do forno de cal de Cabo Frio	1.115.215
Trabalhos diversos da polícia, salários do Inspetor, etc.	1.069.608
Conservação dos chafarizes	1.764.055
Mesadas que por ordem do rei foram dadas a vários prisioneiros do Estado	1.489.440
Despesas imediatas do intendente-general, conveniência da policia secreta	3.672.000
Festejos da aclamação	892.420
Despesas mensais do secretariado, inclusive miudezas	406.080
Soma	38.751.846

Observação – De tempo em tempo, o intendente de Polícia tornava conhecido nos jornais como através dele a cidade se embelezara e as mais belas ruas e pontes foram construídas. Dentre outros, foi muito gabado o grande caminho para Minas, sobre o qual muitas seges podiam galopar uma ao lado da outra. Tudo, porém, era mentira e ninguém tinha coragem de dizer isso publicamente.

O lugar do deposto tesoureiro-mor Tarjini foi preenchido por um honesto homem, José Caetano Gomes, conhecido por um pequeno tratado que ele, no ano de 1800, tinha apresentado sobre a elevação do dízimo no Brasil. Seu plano era de não mais arrendar o dízimo, porque não somente os arrendatários oneravam muito as massas produtoras, mas antecipadamente davam origem a uma receita mínima. O agricultor queria, ao invés do dízimo, vender toda sua produção 10% mais barato, e os compradores, nas exportações, devolver nos portos ao governo esses 10%. Pelos produtos do interior, por causa do custo do transporte, seriam pagos apenas 8%. O autor verificou que, desse modo, teria origem um grande ganho, e porque, em seus cálculos, é oferecida uma vista geral da exportação de algumas províncias, anexo-a igualmente.

Estimativa da exportação das províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande de São Pedro no ano de 1820, de que se fala.

Rio de Janeiro

Foram exportadas, no ano de 1820, 491.118 arrobas de café, e para se julgar o progresso que a sua cultura fez nos anos de 1821 a 1823, para o qual o arrendamento já estava feito, e que foi levantado, observa-se que 500.000 arrobas são produzidas anualmente, as quais, calculadas a 6.000 réis, em três anos atingiram a soma de 9.000.000.000

O dízimo relativo a 8%, em vez de 10%, por causa das dificuldades de transporte, alcançou		720.000.000
No triênio passado foi alugado por	196.650.000	357.630.000
Nisto, o aluguel elevou-se a	161.080.000	
Diferença		362.370.000

Obtidos do dízimo

sobre 160.000 arrobas que vieram de Minas e São Paulo	76.800.000
Seria a receita real, somente neste artigo, elevada para	285.570.000

Minas Gerais

70.407 arrobas de algodão bruto no valor de	360.225.200
20.000 arrobas de café, a	120.000.000
54.281 arrobas de tabaco em rolo, a	243.092.000
	723.317.220
O dízimo relativo, a 8%, como acima	57.865.377
30.000 bois, encaminhados aos matadouros a 40 réis	12.000.000
o dízimo real teria sido assim	69.865.377

No ano de 1807 contribuiu o mesmo com apenas 47.587.892 réis e como a cultura tinha progredido, assim o ganho nesta produção deveria ter aparecido...

No ano de 1816, 368.909 couros de boi a 200 réis a peça	73.781.800
279.621 alqueires de trigo a 160 réis	44.739.360
	118.521.160
No ano de 1817, 238.979 couros de boi a 200 réis a peça	47.795.800
133.359 alqueires de trigo a 200 réis	26.671.800
	74.467.600
No ano de 1818, 290.950 couros de boi a 200 réis a peça	58.190.000
76.395 alqueires de trigo a 272 réis	20.779.440
	78.969.440
	271.958.200

Ambos os artigos (couros de boi e trigo) foram arrendados nesse triênio por 100.400.000 réis, e se se considera a exportação de cavalos e animais de carga que foram enviados para o País, perderam-se através dessa Administração real acima de 400.000 cruzados. Nos anos de arrendamento de 1819 a 1824, que cobrem ambos os triênios, não poderia ser menor a exportação, e o principal arrendatário arrendou as várias paróquias e muitos sublocatários por 981.300.000 réis, tendo de pagar ao rei apenas 250.000.000 réis.[55]

José Caetano Gomes

Se o aludido plano realmente foi posto em execução, não sei. Nas províncias do interior, a totalidade dos funcionários foi contrária, porque a arrecadação principal foi diminuída, apesar do aumento dos impostos sobre o sal importado, depois que a junta da Fazenda foi transferida para o Rio de Janeiro e habituara-se o considerá-la má pagadora. As províncias setentrionais da Bahia, Pernambuco, etc., diziam-se já desligadas da comunidade com o Rio de Janeiro, e não enviavam nenhum dinheiro mais. A junta da Fazenda achou-se assim em grande embaraço e, segundo as mais recentes notícias, nada melhorou, apesar das limitações que o excelente príncipe impôs a sua corte.

[55] Tais fraudes ocorriam em todas as províncias do Brasil.

Notícias sobre as várias tribos selvagens do Brasil

O homem, no estado natural, desperta na imaginação um interesse particular. Deve-se acreditar que, onde a lei ou a conveniência não regula as paixões dos homens, logo se originam entre eles geralmente embaraços e mesmo vínculos familiares se rompem. E contudo não é bem assim. As famílias vivem em concórdia, pacífica e sossegadamente e ninguém parece comandar; cada um obedece igualmente apenas à voz interna e misteriosa que lhe recomenda a manutenção da convivência e do bem-estar familiar. O verdadeiro orgulho nacional apóia-se nesses princípios e parece se encontrar mais entre as nações selvagens que nas civilizadas. Nenhum domínio inimigo tem o poder de roubar-lhes esse orgulho. Raças inteiras entregam-se a guerras de extermínio em que se mata o último membro, mas nunca um coroado se tornou puri ou um puri, botocudo, assim como muitos alemães se converteram em franceses ou muitos portugueses em ingleses. Em tais disposições, que invencível império poderiam esses homens construir se fosse possível unir as inúmeras e variadas raças sob um interesse comum!

Com regozijo penso muitas vezes em minhas diferentes permanências entre esses homens primitivos, que fazem o que bem lhes parece e ninguém critica o que o outro faz ou deixa de fazer. Nunca vi disputa em uma família, nunca ouvi levantar-se uma voz de comando. Esses homens não são felizes? É direito impor-lhes nossa civilização?

Séculos seriam precisos provavelmente para transformá-los em cidadãos, se é que isso fosse possível, do que duvido, pois na própria imutabilidade jaz o fundamento do seu extermínio. Já há dois séculos trabalha-se nesse sentido no Brasil: com meios apropriados? Isso resta saber. O que é certo é que numerosas nações, mesmo em conseqüência da civilização, desapareceram completamente, como, por exemplo, os goitacás, os paraíbas e numerosos habitantes do litoral.

Onde, por assim dizer, cada membro de uma nação procede livremente, não nascem poderosas nações; o interesse de cada família é divergente, apesar de os homens serem limitados pela existência. Uns amam essas regiões, outros a caça; estes vivem quase exclusivamente de raízes e frutos, aqueles de carnes, outros dão preferência à pesca, e a água é o seu elemento. Por isso, compreende-se facilmente, nas tribos principais, a existência de tantos costumes, usos e

línguas que isolam as tribos do Brasil entre si, como acontece na América do Sul. Tudo o que pode contribuir para o conhecimento dessas tribos deve ser bem recebido. Das que vivem nas províncias de Minas Gerais eu tratei em meu *Diário*.[56] Agora transcrevo algumas informações de um manuscrito do ano de 1759,[57] especialmente relacionado a tribos indígenas do litoral do Brasil.

Modo de vida e costumes dos pitaguaras

Habitam estes índios a região entre o rio Grande e o rio Paraíba do Norte. Eles confrontam ao norte com os caetés, com os quais vivem em constantes guerras sangüinárias, que ainda hoje são comuns e atiraram essa tribo para o interior dos sertões. Ao sul do rio Grande toparam com os tapuias, um povo pacífico, com os quais, porém, estiveram em guerra. Em tempos de paz, aliaram-se eles contra os tabajaras, aos quais levaram a guerra nos sertões ocidentais.

Aos inimigos cuidavam de nunca dar-lhes quartel, e os prisioneiros eram logo mortos e devorados.[58]

Eles são de constituição pouco vigorosa e, assim como as outras raças indígenas, de cor branca manchada. Além da cabeleira, não permitem em todo o corpo o crescimento de pêlos, arrancando-os tão logo nascem.

Eles falam a língua dos tupinambás e caetés, são muito belicosos e audazes e foram amigos dos franceses (isto lá pelo ano de 1612, quando os franceses estavam de posse da ilha do Maranhão) e inimigos dos portugueses. Sua ocupação preferida é a caça, razão por que são excelentes frecheiros; igualmente, possuem grande habilidade na pesca e anzol, tanto nos rios como no mar.

Cantos e danças, modo de beber e comer, assim como os restantes hábitos e costumes são idênticos aos dos tupinambás.

[56] *Journal von Brasilien* [*Diário do Brasil*], 1ª parte.

[57] Aditamento extraído da *Crônica dos Jesuítas do Pará e Maranhão*, composta ou coordenada pelo padre José de Morais da Fonseca Pinto, em 1759.

[58] A exasperação com que estes homens se batem uns contra os outros é quase inacreditável; porém, cada um não luta por ouro, mas por sua própria existência, por sua vida; e a escassez dos alimentos, que torna os nossos exércitos sem ânimo, torna os guerreiros indígenas mais audaciosos, pois quanto mais eles observam o inimigo, mais precioso se tornam o seu jantar, sendo o sangue quente do morto o seu refrigério.

Os caetés do litoral pernambucano

Sempre estes selvagens, que habitam o litoral entre a margem direita do rio São Francisco e esquerda do Paraíba, viveram em dissensão com os portugueses. Também travaram uma constante e cruel guerra, em terra e no mar, contra os pitaguaras, degolando-se e devorando-se mutuamente. Suas canoas eram fabricadas de uma espécie de junco, semelhante ao de que se faz esteira de palha em Santarém (Portugal), e que ali é chamado de *tabica*. O junco é tornado mais forte por um vime flexível, que se chama timbó, ligado um ao outro de modo habilidoso, formando canoas que podem conter comodamente de 10 a 12 remeiros, além dos homens armados. Também contra os tupinambás, que habitam a margem esquerda do São Francisco, fizeram guerras arrasadoras. Apenas estes, em união com os tapuias e apoiados pelo governador da Bahia, Duarte de Albuquerque, atacaram-nos de todos os lados; a superioridade foi tão grande, que a maioria foi morta, muitos foram vendidos como escravos na Bahia e em Pernambuco, e apenas alguns poucos, que fugiram para as matas virgens, continuaram a viver. Eles são grandes amantes da música, cantos e danças, muito bons pescadores e nadadores, mas insensíveis e cruéis mesmo em relação aos pais e crianças.

Os aimorés[59]

Também estes têm sempre causado muitos prejuízos às plantações dos portugueses, principalmente no litoral da capitania de Ilhéus, habitada pelos tupiniquins, que a abandonaram com receio desses selvagens e internaram-se no sertão, onde acamparam em dois sítios da usina de açúcar de Henrique Reis.

Os aimorés são descendentes dos tapuias.[60] Muitos casais devem há muito ter se separado deles e se retirado para inóspitas regiões, onde constituíram uma terrível nação, esquecendo sua língua e formando outra, incompreensível para todas as nações que habitam o Brasil. Eles são tão indômitos e selvagens, que são respeitados pelos outros selvagens como ferozes animais. Alguns, aprisionados em Porto Seguro e Ilhéus, recusaram todo alimento quando presos e morreram, como numerosos animais selvagens em cativeiro.

[59] Os aimorés são provavelmente os atuais botocudos. Veja-se meu *Diário do Brasil*, 1ª parte.
[60] Quem fez essa descoberta? De onde vem essa tradição? Provavelmente são fábulas dos sertanejos.

Eles primeiramente apareceram no rio Caravelas, nas proximidades de Porto Seguro e estenderam-se até o rio Camamu.

A estatura é mais elevada, vigorosa e mais forte do que a de outros índios. Arrancam todos os pêlos do corpo, exceto a cabeleira. Suas armas são grandes arcos e flechas, que manejam com segurança. Na corrida, ninguém deles se aproxima. Eles não têm casas nem aldeias, vivem permanentemente nas matas e dormem no chão sobre folhas de palmeira estendidas, quase o único meio de proteção contra o vento e o tempo, pois uma pele de animal selvagem é um artigo de luxo entre eles. Eles também estão privados de todas as outras comodidades da vida, vivem apenas da caça e de frutos selvagens; sua maior gulodice é, porém, a carne humana.[61] Homens e mulheres aparam seus cabelos por meio de canudos afiados, que cortam como faca.[62]

Vivem em guerra com todas as tribos com que eles toparam, contudo, não se vêem mais de 30 a 50 frecheiros juntos. Evitam a luta aberta; pelo contrário, preferem a emboscada entre os arbustos e atrás das árvores, de onde eles raramente dão um golpe errado. Acometidos valentemente, dispersam-se e empreendem a fuga; se vêem porém o inimigo tornar-se tímido e indeciso no curso do combate, voltam atrás e são mais destemidos.

Seus gritos são cortantes e são tão fortemente comprimidos na garganta, que muitas vezes espantam os medrosos. Eles não sabem nadar e são melhor guerreados nas proximidades dos grandes e profundos rios.

As capitanias de Porto Seguro e Ilhéus são na maior parte despovoadas e assoladas por esses bárbaros. No período de cinco anos caíram eles sobre 300 homens livres e mataram mais de 3 mil escravos, e perseguiram mesmo os homens até a estrada que foi aberta ao longo da costa.

Os tupiniquins

Já acima foi mencionado que os tupiniquins ocuparam o litoral do Brasil, entre os rios Camamu e Cricaré, de onde foram expulsos pelos tupinambás e aimorés. E, porque haviam suportado muitos sofrimentos dos brancos, abandona-

[61] O horrível alimento, despojo ainda fresco, que eu vi uma vez, era constituído de mãos, braços e pernas, apenas tostados e não assados.
[62] Provavelmente utilizam-se do bambu, de que eles também preparam pontas de flecha.

ram a região e refugiaram-se no interior. Apenas poucos, que aceitaram a religião cristã, permaneceram.

Os primeiros habitantes europeus das capitanias de Ilhéus e Porto Seguro tinham, no princípio, mantido guerra constante contra esses selvagens. Depois de estabelecida a paz, porém, eles sempre foram fiéis aos portugueses.

Os tupiniquins e os aimorés constituem propriamente uma só tribo e habitam uma mesma terra, se bem que tivessem, uns contra os outros, muitas contendas e mesmo guerras. São dos tupinambás a língua, o modo de vida e os usos, embora eles sejam considerados de melhores costumes que os tupinambás. Eles são os mais leais de todas as nações indígenas, laboriosos e diligentes, são fiéis aliados dos portugueses contra os aimorés, tapuias e tupinambás. Destemidos e industriosos na guerra, são principalmente bons pescadores e marinheiros.

Os goitacás

Esta tribo limita-se ao sul do litoral marítimo (provavelmente compreendido o Cabo Frio) com a tribo tamajó; ao norte, com os tupanazes e tupiniquins, com os quais vivem em contínuas guerras; finalmente, foram repelidos da costa para o interior.

Eles causaram, no princípio, grandes prejuízos aos portugueses, e o próprio Pedro de Góis, donatário dessas regiões, foi por eles expulso.

São de cor mais branca do que as demais tribos e usam uma língua completamente diferente e rude. Plantam apenas alguns alimentos, e o restante obtêm da caça, na qual mostram-se muito hábeis, e dormem sobre palmas estendidas no chão. Eles não fazem guerra na floresta, mas em campo aberto. Raramente comem carne humana. São hábeis nadadores e, como tais, vencem muitas vezes os tubarões (o pequeno cação) e matam-no com uma lança afiada com a qual atingem a cabeça com grande força e o retiram para a terra. Os dentes do cação servem-lhes de pontas de flechas. No restante, possuem todos os usos e costumes dos tupinambás. As cabeleiras, eles conservam, raspam porém os pêlos restantes e pintam o corpo com frutos coloridos.

Os tupanazes

A moradia desta tribo era ao longo da costa entre as capitanias de Porto Seguro e Espírito Santo, de onde foram repelidos para o interior pelos tupiniquins e goitacás. A língua dos tupanazes era mal compreendida por outras tribos amigas. Eles vivem como os goitacás, cultivam apenas alguns frutos e têm os principais costumes em comum com outros índios.

Quando um deles mata em combate ou por acaso alguém de sua própria tribo, os parentes do assassino conduzem-no aos parentes do morto, que o matam e o enterram no local na presença da família que, na oportunidade, manifesta sua dor. Ambas as famílias alimentam-se em comum durante vários dias; o acontecimento é celebrado, e a boa harmonia não é interrompida. Se o assassino foge, o seu filho ou irmão e, na falta destes, um dos mais próximos parentes deve pagar por ele.

Os tamajós

No tempo da descoberta do Brasil, esta tribo habitava o litoral do cabo de São Tomé até Angra dos Reis (hoje vila) e em São Vicente limitava-se com os goitacás. Eram grandes amigos dos franceses, quando estes se apossaram do porto do Rio de Janeiro e também o foram no Cabo Frio, São Vicente e Rio de Janeiro, onde se fortificaram e viveram amigavelmente.[63]

Mais tarde foram expulsos da região pelos portugueses e encaminharam-se para os sertões.

São de estatura elevada, muito robustos, fortes e belicosos, hostis a todas as outras tribos, exceto aos tupinambás, que eles consideram aparentados, e cuja língua falam e cujos costumes adotam. Odeiam principalmente os goitacás e ambas as tribos devoram seus prisioneiros. Arco e flecha são suas armas. São bons pescadores e hábeis mergulhadores. Atiram flechas nos peixes e agarram-nos nadando no mar.

Suas moradias são melhores e mais duradouras do que as dos tupinambás. Suas aldeias são fortificadas com cercas.

São considerados grandes músicos e compositores de canções improvisadas e

[63] Com relação à tribo pitaguara, foi igualmente observado que a mesma vive em amizade com os franceses. Por que não procuram os portugueses o meio de ganhar essa tribo, ao invés de afugentá-la?

bons dançarinos, de modo que, por causa de sua alegria, são sempre bem-vindos aos tupinambás. Têm lábio perfurado e, no furo, usam um bastonete de ferro. Em suas festas comparecem vestidos com uma mantilha e um barrete de penas variegadas.

Os goianazes

Os goianazes possuem o litoral de Angra dos Reis até o Rio Cananéia, onde são vizinhos dos carijós.

São de caráter malicioso[64] e, durante as guerras, ficam de um lado com os tamajós e de outro com os carijós.

Alimentam-se de frutos, da caça e da pesca. Abominam a carne humana, razão por que não matam os prisioneiros, para servirem-se deles como escravos.

Aos brancos que se aproximam deles mostram-se hospitaleiros e vivem principalmente, segundo seus costumes, em festiva ociosidade, não tendo muita aptidão para o trabalho.

Lutam contra o inimigo em campo aberto, detestam toda astúcia e defendem-se com esforço e habilidade.

Moram em escavações que abrem no chão, e nas quais mantêm fogo dia e noite para, nele, sobre folhas, colocarem a carne. Sua língua é diferente da língua das tribos acima mencionadas e facilmente aprendem a compreender o português. No restante têm tudo em comum com os restantes indígenas.

Os carijós

Vivem ao sul do rio Cananéia, ao longo da costa (até onde não se sabe) e em constantes guerras com os goianazes, se bem que eles não sejam nenhuma nação guerreira e estimem mais a vida caseira e em paz. Lutam em campo aberto, empreendem a fuga tão logo reconhecem que o inimigo vencerá, e escondem-se na floresta onde se consideram seguros. Detestam a carne humana e não matam nenhum branco, sobretudo quando ele está em comércio com eles. Vivem da caça, da pesca e das plantações. Suas casas são protegidas contra o frio, que nessas regiões é desagradável, bem cuidadas e escondidas nos arbustos. São de estatura média e falam uma língua própria.

[64] Do que abaixo será dito, deve-se concluir, ao contrário, que eles possuíam um caráter franco e nunca que fossem maliciosos.

Por mais que se estenda essa descrição, ela não contém nada de notável, embora cuide de oferecer mera visão geral do estado dos antigos habitantes do litoral.

Hoje em dia é completamente diferente; a maioria das mencionadas tribos não existe absolutamente mais, algumas mudaram provavelmente de nome e outras finalmente mesclaram-se com negros e brancos, perdendo tudo que tinham de regional. Este foi o caso particular daquelas que habitavam as proximidades do Rio de Janeiro a Angra dos Reis e Cananéia. A preparação de cerâmica grosseira, que principalmente resiste ao fogo, é agora a sua principal ocupação. Eles fazem o vaso sem torno, à mão livre, e abastecem as cozinhas do Rio de Janeiro e das vizinhanças.

Escrevo agora, à base de um resumo do manuscrito do Dr. Alexandre Roiz Ferreira, sobre as várias nações que habitam a região do rio Negro, ao norte do Amazonas.[65]

Ele transportou-se primeiramente para as suas diversas tabas nos principais tributários do rio Negro e dá apenas algumas notícias circunstanciadas de outras tribos que habitam as margens dos rios Solimões, Japurá, Içaná, Irá e Paraguai.

No lado norte do rio Negro habitam:

1. no rio Anauiné ou Americano e Panaperi ou Jaguaperi, os aruaques;
2. no rio Coquene ou rio Branco, os parauanas, uahrus, aruaques, chaperus, paranás, uapiranas, acuraís, sucuris, paurianás, paricunas, guaiuamarás, garapés, tapicarés, uaiacás, macuchus, arinos, garipunas, guioás, amaribás, pericotos e alguns macus dispersos;
3. no rio Arauquá, os parauanas;
4. no rio Irerê, os garaiaís;
5. no rio Padaviri, os mauáos e uauanás;
6. no rio Cauaburi, os demacurés, madanacas e alguns outros.

[65] Extrato das memórias do Dr. Alexandre Ruiz Ferreira sobre os gentios do rio Negro. Ano de 1790.

No lado sul do rio Negro habitam:

1. no rio Uaibá, os mauaos. Eles tinham habitado anteriormente ambas as margens do rio Negro e os afluentes, até a extremidade inferior da ilha Timoti, em frente à embocadura do rio Chinará;

2. no rio Mariá ou Marié, os mepurés e macus;

3. no rio Curicuriati, os maiapeuás;

4. no rio Goiaré, ou Uapés, os goianás, uapés, guenacãs, uauanás, arapaçus, cequanás, mueinós, guererus, paicoenás, cucuanás, araras, burenarés, pauarás, cuduiarés, banibas, mamangás, ucaiarés, panenuás;

5. no rio Içana, os banibas, dicanás, tumaiarés, puotanás, turimarés, irequenas e outros;

6. no rio Irié, os manibas, chapuenas, irequenás, mendós e outros.

A todas essas nações do rio Negro pertencem muitas tribos, por exemplo, os jurés, passés, catavirés, marás, etc., nos sertões do rio Purus, que corre para o Japurá, no Puris, que derrama no Solimões, e mesmo no Solimões e Madeira abaixo, razão por que no mesmo lugar ouvem-se muitas línguas completamente diferentes.[66]

Os miranhas, seu modo de vida e costumes

Esta nação é uma das mais numerosas que habitam a margem setentrional do rio Solimões, entre os rios Japurá e Içá.

São muitos mais claros do que em geral os de outras nações e têm ambas as narinas perfuradas.

Para se darem um aspecto aguerrido, para espantar e pôr em fuga o inimigo, introduzem, durante suas expedições guerreiras, penas nesses orifícios, as quais se inclinam para baixo, de modo que parecem bigodes.

Vivem em constante inimizade com todas as tribos das proximidades e mesmo as distantes, principalmente com as dos tabocas, mauás, curaus, pamás,

[66] O autor enumera aqui 59 nomes diferentes de tribos. É lamentável apenas que ele não diga nada sobre o parentesco delas entre si, pois, provavelmente, perfazem muitas delas juntas somente uma tribo e falam a mesma língua, como, por exemplo, os coroados e puris. Ver meu *Journal von Brasilien*, 1ª parte.

passés, curetés, macunaás, amenuiarás, etc., em ambas as margens dos rios acima mencionados. São temidos por todos e ainda nenhum deles arriscou-se a vir até o centro de sua região, que se localiza no rio Carauiné e se estende no lado ocidental do Japurá, a alguns dias de viagem, a montante da cachoeira de Cupati.

Os rios de seu domínio são pouco piscosos, razão por que suas necessidades em peixes secos devem ser satisfeitas a jusante da cachoeira. Eles não têm sal suficiente para salgar o peixe, pois o pouco e ruim que obtêm pela queima e lixívia de várias plantas (provavelmente soda) é apenas suficiente para o uso diário. Defumam e secam os peixes em trempes de madeira; após cortar-lhes a cabeça, salgam-nos e escamam-nos. Assim preparados, são eles então dispostos em bolas, de uma centena de libras e mais, e envoltos na casca capsular da pacova sororoca;[67] destas se encarregam as mulheres, que são consideradas quase como animais de carga.

Os outros costumes são semelhantes aos de outras tribos. Suas armas são o arco e a flecha, mas alguns deles se servem também de um pau claviforme muito forte (zarabatana).*

Os mauás

Habitam tanto as margens do rio Cumiaré, que deságua na margem leste do rio Japurá, como também as dos rios que para ele correm, sobretudo o Cunharé e o Messaí.

Andam constantemente, como agora as nossas damas, fortemente apertados, pelo que se distinguem de outras tribos. Em vez dos cordões no peitilho, eles usam umas delgadas e flexíveis tabuinhas de uma madeira vermelha, compridas como tiras, que enrolam no abdome três vezes.

Curtas, fortes varinhas fazem as vezes de barbatana. Eles as colocam ao redor do peito em faixas, que, com variegadas bandas coloridas, de fibra da palmeira tucum, são amarradas fortemente, com os nós voltados para a frente. Essa forte pressão dá-lhes um surpreendente dorso ereto e impele os ombros para trás. Para cobertura das partes pudendas, usam um pequeno avental, que é

[67] Eu não sei dizer o que seja; provavelmente é uma comprida e cilíndrica cápsula encurvada de uma espécie de palmeira.

* A palavra *zarabatana* designa mais propriamente um tubo, pelo qual, soprando, se impelem setas. O autor se refere sem dúvida ao tacape (N.R.).

seguro por uma cinta, tão curto, porém, que não cobre quase nada.

A cinta não é despida senão quando apodrece, e então é substituída por outra.

Os principais enfeites dos mauás consistem em uma grande quantidade de colares, que são cruzados no pescoço e que eles adquirem dos espanhóis em troca de cera branca, amarela e negra, que colhem no mato.

Os catauiris

Esta tribo habita as margens do Purus, que deságua na margem meridional do Solimões. São notáveis neles as numerosas manchas brancas da pele em várias partes do corpo, principalmente nas mãos, pés, peito, pescoço e rosto. Nos recém-nascidos não se vêem essas manchas. Em breve elas aparecem, porém. Apenas em alguns aparecem elas na puberdade e mesmo aos 20 anos. Raras são as exceções daqueles que se conservam livres delas.

Segundo os muitos costumes supersticiosos, observam principalmente um rigoroso jejum. Eles são tão escrupulosos na observação da abstinência, que, na doença, preferem morrer de fraqueza a infringir a lei e comer alguma coisa.

Os caripunas

Habitam a oeste da margem do rio Jatapá, a cerca de catorze dias de viagem da foz. A única coisa que merece ser mencionada sobre eles é que raspam os cabelos da fronte.

Os cambebas

Ao tempo da viagem de um certo capitão Pedro Teixeira pelo rio Amazonas,[68] esta nação habitava as margens e ilhas, numa extensão de mais de 200 léguas, e, a dizer verdade, nas partes altas das províncias espanholas.

O costume antigo, por força do qual comprimiam na cabeça dos recém-nascidos, para alargar o crânio, duas rodelas de madeira, das quais uma na testa e a outra na parte de trás, foi abandonado hoje em dia; contudo, não deixam as

[68] Foi uma viagem para a descoberta da nascente do Amazonas. Quando ele a empreendeu não é sabido; mas ela ocorreu no século XVI.

mães de alargar a cabeça deles com as mãos. Dizem que, como os europeus castigavam com a escravidão todas as tribos indígenas que comiam carne humana, essa tribo, não tendo esse cruel costume, encontrou essa maneira para ser reconhecida pelos europeus.

Na guerra os cambebas são cruéis e, entre seus inimigos, principalmente os tucunas e os maiurunas, eram temidos. Suas únicas armas são as flechas, que não arremessam com o arco, mas por meio de uma espécie de mola de 2,5 palmos de comprimento, o que fazem com grande habilidade a grandes distâncias.

Os cambebas são indubitavelmente a mais bem formada e prudente tribo do Brasil. A própria cor é mais clara do que a dos restantes selvagens e possuem feições agradáveis. Andam constantemente vestidos, o que raramente se vê nas outras tribos, ainda que seus vestidos se constituam apenas de um saco com três aberturas para a cabeça e os braços. Eles fazem esses vestidos de algodão, plantado e tecido pelas mulheres. Estas são também hábeis na preparação de cobertores, tecidos artisticamente, e de outros utensílios domésticos, com os quais comerciam.

A preparação da chamada goma elástica, os índios do Rio Negro e do Pará a aprenderam com os cambebas.[69]

Os jurupixunas

Habitam as margens do rio do Porcos e outros, do lado ocidental do rio Purus.

Esse nome lhes foi dado pelos índios pacíficos; *juru* significa boca e *pixuna* negro; assim, boca negra, porque eles transpassam a pele do rosto com os espinhos da palmeira chamada pupunha e com as cinzas das folhas desta esfregam as feridas, obtendo uma aparência completamente negra, que nunca desaparece. Esse adorno causa-lhes não apenas muito trabalho, como ainda grandes dores, de modo que muitas vezes ocorrem inflamações e mesmo numerosos morrem disso. Alguns pintam quadrados nas faces, outros nos rostos, entre as sobrancelhas; outros, ainda, transpassam o lábio inferior e, no orifício, põem uma concha. Os velhos é que fazem esses adornos nos jovens e, para evitar que os pais fiquem

[69] Além disso, preparam destas resina muitas coisas para fins imorais de homens e mulheres e têm dela confeccionado mantas que são as melhores que existem contra a chuva e o frio.

penalizados pelos gritos de seus meninos durante essa operação dolorosa, fazem-na na ausência deles.

Essa tribo mostra muita submissão e afeição aos brancos. Entre outros índios, envergonham-se de ter um semelhante tão desfigurado e dão-se muitas vezes ao trabalho de apagar as manchas; também conservam-se o mais possível afastados deles, de modo que, nas viagens pelos rios, onde as canoas são equipadas com eles e outros índios, os jurupixunas ficam sempre afastados e comem sozinhos.

As armas de que se servem são zarabatanas, murucus, braçangas e cuidarus.[70]

Os uerequenas

Estes índios habitam as margens dos rios Içana e Iça, que se lançam na parte ocidental do curso superior do rio Negro.

Eles perfuram os lóbulos das orelhas e colocam inicialmente um pedaço pequeno de madeira dentro, que eles pouco a pouco trocam por outro maior, para finalmente alargar o orifício de modo a poder trazer, dentro, um feixe de palha, de modo que, entre alguns, os lóbulos se assentam sobre os ombros.[71]

É um povo forte, atrevido e guerreiro, mas infelizmente antropófago. Toda a crueldade que outras tribos mostram na guerra, decorrente de ódios, eles a praticam a sangue frio, principalmente contra os prisioneiros após terminada a guerra. Eles os encerram em prisão e engordam-nos, como reses, para o que os alimentam por longo tempo. Mesmo aqueles que, ainda crianças, são aprisionados e criados pelos brancos, consideram permanentemente a carne humana como um petisco.

Velhos que não podem mais se alimentar, considerados doentes incuráveis, são mortos por seus parentes mais próximos, seja para livrarem-se do trabalho de cuidar deles, seja por compaixão, para pôr um fim a seu estado lastimável.

Assim se estende o manuscrito. Aqui, para conclusão desta dissertação, inclui-se um razoavelmente extenso dicionário da língua dos coroados, que eu

[70] Seria muito interessante se o autor desse uma curta descrição dessas armas. Possivelmente eu ainda o farei futuramente.

[71] Os botocudos têm o mesmo costume, com a diferença de eles não colocarem no orifício nenhuma palha, mas um pequeno círculo de madeira.

devo a meu amigo major-general Guido Marlière, comandante-geral desses índios. Na primeira parte de meu *Diário do Brasil* ofereci já uma relação resumida das palavras dessa língua, das quais a maioria é incluída aqui, e que repito de propósito devido aos desvios da ortografia. Sobre o sentido das palavras e a pronúncia, diz Marlière o seguinte:

"Muitas contradições aparentes neste resumo são esclarecidas pela pobreza das línguas indígenas em geral, que leva a que uma mesma palavra muitas vezes tenha diversos significados, pelo que de quando em quando se dá ao trabalho em vão de procurar a afinidade dos conceitos. *Mhaman* (água), por exemplo, também significa chuva, rio, mar, cachoeira, trovão, frialdade, nuvens, leite coalhado, leite, seio das mulheres, andorinha, sabiá (pássaro americano), etc. A palavra *chaperné* significa: unha, dedo, nos homens e animais; *gûe*, cabeça, em qualquer que seja a afinidade; *pé*, pele, semelhantemente, é usado como couro, cortiça, cascas de frutos e grãos. O gênero das palavras é assinalado no masculino por *caaiman* ou *caay*; no feminino, por *boëman* ou *bey*; o plural por *operieae* (muito) e o singular por *yumbi ùar fur*.

A pronúncia é, em geral, muito anasalada, principalmente em todas as sílabas que começam com um *h*, que são fortemente acentuadas; *nh*, com um ditongo, é sempre pronunciada como o *gn* em francês, e o *sh* como em inglês, que principalmente a língua coroada imita bem. O *h*, *ch* e *g* soam como em alemão, e o *x* como em espanhol. A palavra *cuifui* (areia ou cascalho) é pronunciada inteiramente como em francês, e a vogal *u* como o *ou* francês."

Os nomes que os coroados tomaram emprestados à língua portuguesa são todos designativos.

A

Abismo – daré heren-ma
Abóbora – ripopú
Abordar – capòn
Abraço – ré-ráca
Abrir – bratú
Abrir a mala – caica
Abrir a mão – chaperre pewé
Abrir a porta – ambó-bratú
Abrir buraco na terra – dohré-ereuma
Abrir seu coração – tocáta grébocandja
Acampar – pité tica tan-hy

Adivinhar – bokitshé coisa pewi-pa
Adivinho – bamonotôma
Adormecer – tate arena kon
Adormecido – tate arena
Adulador – gué walenna
Adular – hélo-pahy
Afável – hesakin d'jó
Afeiçoado – garimahá
Afiar – camaca-beu
Afogado – taràm granhim
Afora – andara
Afundar – cambó
Agarrar – mono bóne
Agitar – schicken bià-te
Agouro – areshi cuitshé
Agradável – ténu a hy
Aguardente – aântan cor
Águia – Cóan, negrene
Ai! – eishó!
Alagamento – nhaman daigran
Alegrar – tenum -cahon
Alegria – reticaniten
Alforge – sacó pembé
Ali está ele – màn grána
Ali vai ele – man cuè-man
Alma (inteligência) – tanguéta
Almoço – linacà pachenpa
Alqueire – bó kinandálsa-me
Alumiar – merinate té-na
Amanhã – herinanta
Amar – tima
Ambição – tekchin-ten
Ambicioso – hero lohé hin
Amolecer – duréshú
Amor – timtani ti-hé
Andar passeando – guá-gù
Andorinha – tenke parcuma
Animal – tshamma carocon
Animal doméstico – nanatshé-tohy
Animal selvagem – pahinletan cahy
Ano – potéta
Antes do meio-dia – grire prepá
Aparência – tschóranrú
Aparência branca – crayócoaimen
Apavorar – gué-tamom
Apaziguar – congré-tin-day
Apiloar com os pés – ché cacham
Apressar – gamú

Aquático – shipper nhaman
Aquecer(se) – poté gueten
Aquele – nowahon
Aranha – tshoré-tigual scheinhy
Arco – merinde
Argila para construção – naché greta
Arma – tanquetá
Armadilha – potoke puy
Armas (depor as) – nicatiké micaticran
Aro – chaperré pána
Arrancar – móne cronhon
Articulação do pé – t'chaperré tohny
Aspecto – mawuy récon
Assegurar – taporren tisché
Assoar-se – nheron
Astuto – tekind'jakon
Atar – ga wà
Atirar a frecha – anga-hy
Atrás – tangrim-ké
Através – ganden nemo
Atravessar o rio – nhaman tshita
Aturar – té-can-nam
Avó – nhamantshitay
Avô – tahay-ettá
Azul – nahna

B

Bala de espingarda – crá-m-nake
Balança – na-tu-te-kin táhin
Bálsamo – baerim-bó
Baluarte de madeira – hercuma
Banana – pokó
Banho – yamticahé
Barbear-se – chapronra lepingua
Barco (chegar de) – gará pirage
Barreira – buotim aveman
Batalha – garapé
Bater as mãos – tutú-ma
Bater da artéria – quanló dó me
Bater do coração – chametipo
Batizado – kó pòma payoya
Batizar – yatati ayà-hé
Beber – bà
Bebida – nhaman bápan
Beijar-se – punsoré-membó
Beleza das mulheres – boiman bati
Beleza dos homens –coaiman bati

Bênção – chaperrétinshu
Bengala – ambó carúa chato chona
Bico – tshay
Bisavô – tschi-bay
Blasfemador – ti-goyàhicoimon
Blasfêmia – tigoyà-hy
Boa mulher – boiman tanne
Boca – tshoré
Boca (dos rios) – nhaman tshoré
Boca vermelha – mucherúra
Bocejar – nicadshore tiwémam
Bom – tanne
Bom homem – tanne cuoiman
Bondade – detan-ticà
Boquinha – tshoré pembé
Bordoada (dar) – timapó
Bracelete – gacóla
Braço – caeóra
Branco – crayó
Branco do cabelo – guicattáhma
Branco do ovo – cont'ahma
Branco dos olhos – amerim
Braseiro – pote sacre lume
Brenha – ukánma
Brutal – yacon topahma
Burro – arune

C

Cabelo – gué
Cabelo branco – bosáhma
Cabra – calera partuy
Caça – prépáhme
Caçador – tayár coaiman
Caçar animais – tsháma leune
Caçar passarinhos – chipúróna
Caduco – d'joran pé
Cágado – pécrán-te
Caixa – faháta
Calado – pente puri gacon
Calota craniana – gué-chúma
Cama – canamtschína
Caminho – chiuna
Caminho longo – china greyan
Camisa – camisa
Cana-de-açúcar – tupána crim
Cancão – gangre
Canção de amor – boyman gangre

Canção para beber – gangre tshimbá
Cancro – daschuetschina
Cântaro – nhamen-mutly
Cão – d'zoáre
Cão que morde – d'zoára timeron
Cão rasteiro – d'iohara pari sena
Capa – cahánеá
Capaz – thama gray
Capitão – capitão
Capuçado – choperron láhna
Caranguejo – pangróta
Carga – gahá imú
Caridade – tekotima úihan
Carne – haniké
Caro – tagrán tehan
Caro (preço) – moya te pohon
Carranca – tshorécon páma
Carregar (num carro) – tapira ambó
Carregar (um animal) – tacayá cama
Carregar (uma arma) – aranké grépu
Carregar de anos – aruna gagacrin
Carvão (apagado) – tepáibretóma
Carvão (em brasa) – poté sicrém
Casca de árvore – pé
Castanho – gué-patahma
Castanhola – Kia-Krina
Castiçal – pretónma
Castigar – yata pôtochi
Castigo – yatayá po
Casto – caîma anachicóma
Catecismo – arisártschina
Caucionar – Tiké cruoyman tanaschú
Cauda – chésa
Cauda do macaco – tanguá chésa
Cavalo – cawarú
Cegar – meriba tóna
Cemitério – tshaméma doretchi
Cercar – teraushéuen
Cereais – arron ercuna
Certamente – tshethenchám
Cerva – yarumené-bué
Céu – takúem
Chama – peté garenre
Chamar – poté caten
Chefe – chené prète-nion
Chefe – tschemier gaté gatshino
Chefe da casa – guar atégâtshma
Chefe de Estado – aleuna

Chefe de um povo – tschemim d'yáuna
Chorar – gré ke pátion
Cicatriz – crapantóma
Cinco dias – parepekon
Cinco vezes – chaprétshiaudobski
Cinto – prára gámemina
Circular – cr'n dòlemá
Círculo – craumá
Ciúme – aya que tecon
Ciúme – cagin-hom
Ciumento – araya hin
Claro – poshemna
Coberta – catca regand'giti
Coçar – te-ten
Coco – paton
Coisa – gasshima
Colar – cróane
Colar de mulher – cróane
Coleira – tapiropé cróane
Cólera – dalatá-ta
Colher – tachetschina
Colina – báhra
Colorido – yauneke
Colorir – purahà
Comandante – capitan bèu
Comer – sheuma
Comer muito – heren schen
Comer pouco – crishen
Companheira – ná-ten
Companhia – opéri càre
Complô – cayan promgrán
Comprar a crédito – hepbrobetin gran
Compreender – cuaiton pùvéon
Comprido – heréma
Conclusão – tandá côm
Concordância – tshupran nha cahé
Conduzir – ohindé
Conferência – regone ben
Confessar-se – perembó
Confirmar – cuaite muhy
Confusão do espírito – mare pangrame
Consciência – téco-cà-con
Construir – guara puy
Contemplar – teycho cawá
Conto – petáhna
Coqueiro – potan ambb
Coração – tokera
Coração (bom) – temapú-pahon

Corcovado – uraban búma
Corcunda – ura
Corda – namá
Corda da viola – viola-paké
Corda do arco – merinde paké
Correr daqui para ali – guarandgénd guin guana
Cortesia – d'yataïma
Costas – nera búhme
Couro – tshama pé
Covarde – ocré
Covil de animais selvagens – matshema gua eatsha ma-hémo
Coxear – pemé á ô-ke páma
Coxo – d'giarce dé comen
Crédito – réte mapúpa
Criança – chapóma
Crina de cavalo – carune gué
Cristal – nhanré
Crueldade – shama cohen
Cruz – arépanhan
Cumprimento – puay-te-ne
Cunhado – maconkéna
Curvar – tité

D

Dar – mayàme gayúdo
Dar (de) comer – puyú gesheu-pa
Dar a paz – tecua cahon
Dar ouvidos – catshoté
Dar pancada – ti mopó
Dar piparotes no nariz – capan-tú
De modo cruel – takin d'jokonta páma
De quê? – anséhon
De uma terra grande – coaiman hercumá hon
Debaixo – bombay
Dedo – chaperré
Defeito – conman d'jàshikáon
Degolado – panré camerim grahon
Deitado de resguardo – penibé tay-hon
Deitado no chão – cheren manron
Deitado no mato – bonday momaca
Demônio – nhawuera
Dente – tsché
Depois de amanhã – hinó herinanta
Depois do meio-dia – tamamon
Derrubar – bongró
Descansar – ietan-d'jà
Descanse – icratshá tatend'já

Desconsolado – cuten grinwatshe
Desde então – inné
Desejar – mópúya
Desembarcar – uahy rhaûa
Desertar – macrán
Desertor – hetà-cran-om
Desesperado – remocá gún
Desgraça – tahété gaká
Desmaiar – cajote conham
Desobediente – tshimi cahacòn
Desordem – coay-tapahy
Despedaçar – cangró ché
Despedir-se – denma pahan
Despesa – tschamanhiá
Despido – caten bakón
Destripar – marké teghen botú
Desumano – ponneká mehy
Detrás – andó de-hon
Deves pagar-me – y para tagranmahy
Dez – xaperré day
Dia claro – hopé hé saima
Dia da morte – lagran hi-hon
Diante – merichó
Dinheiro – tschá-te-cána
Direção – tenn káhóm
Distante – heta grâon
Distribuir –rebo gandjá
Do lado de lá do rio – nhaman tochéta
Domingo – tupax paya
Dor de dentes – catuté
Dormir – tehré greme
Duvidar – pensa maüe

E

É melhor – patenó pateké
Ele – machicana
Elevação – shim wayon
Elogio – tencá-hon
Em – day
Em nenhum lugar – cuinómawitéon
Emagrecido – harinké pakon
Embebedar – onté
Emboscada – canha prám
Embrulhar – roetin ambonehéhon
Empobrecer – audgéni mecáon
Empobrecido – hér-pa-maché
Emprestar – aréten moyá-ma

Encolerizar – arégáchéon chespoguol
Enfeitiçar – ambó gayûma
Enfiar no espeto – ambô-ti
Enfiar o fio na agulha – cahú-ema
Engrandecido – capahón motshy
Ensinar – cahin d'jote
Entendimento – gué pure garom
Enterrar – andó-rion
Entrada – doy-mom
Entrar – dahin mamon
Envenenado – retahé-ma
Envolver – catain-to
Enxada grande – paten dóna
Epilepsia – arân-graom
Errar o caminho – tshaimon
Esburacar – gram
Escapar de um inimigo – manots hâhon
Escavar – cuchétan
Escolher – gahny
Esconder – upolatshá
Escorregar – cracanhé
Escravo – jai-man
Escuridão – marim ponwan
Escuro – marim ponwan
Escutar – cachaté
Espada – tshá karri-na
Espantadiço – caple-ricá
Espécie – baretuna
Espelho – greka rútshina
Espera um pouco – cré cawá
Esperar – cawá
Espeto – bóta-tschina
Espingarda – bocawa
Espuma – nhaman papay
Esquilo – pohé
Esse ali – pandi haú n'á
Esta manhã – ariná him-ha
Estalar (a madeira) – ambó me sà-tu
Estar de pé – préohá
Estar deitado – cransanron
Estar distante, morrer – heta gram
Estar na cama – crananatscháran
Este aqui – mánetehon
Este, esta – imahan
Estirar – pay-ûe
Estrada – chéuna
Estrelado – takuen d'juripa
Eternidade – dá ga-cónha

Eterno – kú-úúe páma
Eu – maké
Examinar – mogakin d'jaham

F

Falador – charangsre - Roma
Falar – cuayá
Falar alto – cuatshú
Falar baixo – patá cuaya
Falar com alguém – tsheyá pen
Falar livremente – aretshi cuitshy
Falar manso – chatue gaya
Falar português – portuy cuaya
Falsidade – tschi miyo kontapahy
Fantasma – hopé granma
Farinha – maké shóma
Fato – tandá cam
Favor – tanne-cahy
Fazer – brotshén
Fazer calor – coaré ponhy tepóma
Fazer pagar – angá tagranmahy
Febre – pé-bi-tám
Fechar – capoém
Felicidade – tenne cà-mehon
Ferido – crim pà-ma
Ferir – pere-tè-ma
Ferro – camaran
Festejo, jantar – héta pai pa
Ficar de olho – créya téka
Filha – chambé
Filho – chapoma
Fingir – moly-kon
Fístula – bróh-ma
Flauta – térára
Flecha – aphón
Flor – poponaim
Florescer – ite ta monhlon
Fogão – déri-táta
Fogo – poté
Folha – tschopé
Fome – areteur bónum
Fonte – nhaman purerenim
Fora – te mam
Forja – ambó cangré
Formiga – putû
Formiga (vermelha) – tupâna
Forno – nahen pámo

Fraco – tschotáma
Frio – nhamantá
Fugir – heta-ceàn
Fumar – boké-motche
Fumo de – boké tshé
Furar buraco – ganden candé
Fuso – técaté skina

G

Gaguejar – tekin d'j'okon
Gaiola – chippu guára
Galho – bó-d'jarta
Galinhola – Rain créna camhon
Ganho – toya muyá
Gato – chapi, pembé
Genro – chambé cuéra
Gente – tshuméma
Girar – araprà-mo
Gordura – tschama nheme
Gorro – guê panchina
Gota – d'giocon topâma
Grande – herenma
Gritar – quaré nokan
Grito – quatshóhón
Gruta – cambay
Guirlanda – bopo ném

H

Há muito – tiatâtâ-pana
Há muito tempo – yatá-oyon
Há pouco – pahy-hi
Hesitar – boitime-téma
Histórico – chembé bacon
Hospedaria – crá-mon
Humidade – taronya

I

Icterícia – chécorta
Idéia – ticà gicà
Idioma – knaitikind'jó
Igreja – tupan guára
Imaginação – mocotshote-hon
Incauto – legin d'jocon
Inchaço – cráu-nicom
Incurável – intika

Indecente – chambé hintérra
Indicar – dàhma
Índio – ishiméon
Inferno – nhawnéra
Ingrato – tochité cahon
Inimigo (na guerra) – arem grantshira
Injustiça – napó-takind jokon
Injusto – tane mon pocahy
Inocente – révitéo
Insulso – calenyawéna
Insulto – tscho-lé-tamleime
Inteligente – ta britonté
Inundação – nhaman garénom
Inverno – nhaman opericá
Ir a pé – préûamou
Ir lentamente – paták uáten
Ir reto – préte motshen
Irmã bonita – meka yé cuen
Irmão – tschatay coain

J

Jesus – tupea mataleka
Jovem – mache cónha

L

Lá vem ele – mankin guàna
Lábios – tshoré-pé
Ladrão – Tschami grenteuma
Lágrima – ahaman meripa
Lama – okapopáy
Lanceta – arégambótitshina
Laranja – lané
Laranja amarga – cadgéne
Laranjeira – lané ambó
Lealdade – teleneká
Lenço – lemo
Levantar – caingra
Liberdade – takin d'jèhon
Libra – boshita pecahin
Limão – lima candgêna
Limoeiro – ambô
Língua – topé
Louvar – tenécá-hon
Lua – petáhra
Lua cheia – tagleman
Lua clara – peshora hé saima

Lua minguante – tacoyacon
Lua nova – orón
Lua no 1º quarto – grilepa
Luta – aram pán huma
Luz – putapé

M

Macaco – tangná
Madeira – bonday
Madeira boa – ambó nayman
Mãe – nhaman batschána
Mãe bonita – meka cunke
Mãe de família – ayan
Mágoa – kantshéna icla
Maior – cayá cama
Mais – cohan-nón
Manco – d'jarra pén-ma
Mandioca – bishú
Manhã – ariná
Manhã cedo – pahin kina
Mar – poporta
Mar grande –poporta hereune
Margem – arinta
Margem do rio – nhamen arinta
Maria (mãe de Deus) – tupan Maria onatshona
Masculino – coaiman
Medicina – bay tshina
Medida – curuwin dotshina
Medir – bucayú dà
Medo – mapreù
Meia hora – ere conhan
Meio-dia – hopé prétui granam
Melão (d'água) – melanúa
Melhor – teka shy
Metade – crápá
Metal – copry
Miolos – guê mún muy
Mirar-se no espelho – a merim brekarits kira
Missiva – tapera
Moça – nhatama
Moça bonita – meka cambé
Moço – knay nhamona
Molhado – taron
Monstruoso – ponecáhon
Montar a cavalo – cawarutská
Moradia – saten-metchá
Morrer – tagranhon

Morro – prè
Morte – tagranhon
Mostrar – pomanwy
Mudar (um lugar) – crómuchá pandi
Mudar de comportamento – nhotitshóerê
Mudar de lugar – tetà garanbóna
Mudar de uso – nhotitshá
Mudo – d'gi contapá
Muito – pourica
Muito bem – tenne cà-on
Muito grande – dewa peri cáne
Mula – paké arareune
Mulher – boyman
Muro – cuatshéca tshúma
Musgo (das árvores) – ambó gûé
Música – música hépuy

N

Nação – antshicaré
Nada – d'jé-o
Nada sabe – tri con-a
Nadar – nhamen gré
Não – candjé
Não! – candgé
Naquele lugar – crá
Nascer do sol – hopetacuen mahon
Necessitar – tiken - d'johan
Nem um só – caimon
Nenhum – condgé-hi
Neto – chá-uém
Nevoeiro – meri tshéma
Ninho – pay guetay
Noite – mari pawantá
Nome – mandgira
Norte – gró
Novidade – cuaita mawnya
Novo – saputen

O

O – tehon
O segundo – tshéré
O último – pahinhá
Obedecer – patoxó
Obediente – tegind'jo
Obscurecer o rosto – hopé-gramma
Observar – tego shy

Ocasião – hépahra paia
Ocultar-se – yotama
Ocupar – matabriton
Ofender – chete nowá
Ofensa – nord gicón
Oferecer – Yan uy
Ofuscar – meriba kóna
Olhar pasmado – tschoré netshó
Olhar vesgo – mericúan
Olhos – merim
Ombro – carin-tá
Ontem – andjó-tschari
Onze – paùan
Ordem – coaisa teneká-ta
Oriente – hopé nhiram
Ouvido – pepehna
Ovo – arinha poké

P

Padre – Oharé terégambó
Padrinho – mayayané
Pagar – tagran mahy

Palavra – cuaitá
Pálido – cucuente tai páma
Pão – tarúna
Papagaio – crona
Papel – tapérra
Paraíso – tecúen
Pardo – pé come cama
Parteira – pé-pám
Partida – gamo-mu-pa
Parto – chambé-lay
Pássaro – chippú
Passo a passo – patáh-mon
Pastagem – prepém
Pata – chaperré
Pata do cão – d'joara chaperré
Pata do gato – chappé chaperré
Pata dos macacos – tanguá chaperré
Pavão – cusunaná
Paz – tacuarashy
Pé – t'chaperré
Pela primeira vez – merichora-gré
Pena – chippupé
Peneira – ondé
Pensar (em alguma coisa) – macotshotéon
Pente – guérena

Pequena enxada – muchenda puca yanda
Perna – d'jarra
Perto do rio – nhauran tochetá
Perto e longe – preimpá – cuipá
Pesado – bokin yandá
Pescar – manaké mondé
Pessoa loura – gué marandarni
Piorado – hekahin timo hion
Planície – nochezena
Pobre – andgéricâ
Poder – tépán-mo
Podre – merítoncón-há
Pontapé – tohny d'jarraca
Pôr armadilha – chippa puy
Porém – agáhon
Por trás – ûera-vé
Portador de recado – tapera yámon
Portar-se – grebopayá-pa
Pregas – guindé
Preguiça – meritoncón
Prender – cahú-ema
Presente – mayame gayù
Pressa – bnemée
Preste atenção – nacatsháte
Primo, prima – xataécuen
Princípio – andjô-ikáhne
Procurar – craca panhuy
Pulo – erérebône
Pupila dos olhos – morim gri-ré

Q

Quantidade – tshémé apuri cahon
Quebrar a flecha – candú
Quebrar os dentes – tsché candé
Queda – tahatshé
Queijo – topira nhamanta
Queimar – cahúanma
Queixo – chaperronta
Quente – préton-ma
Quimera – aretshi cuitshy

R

Rachado – arimbo-mo
Rapé – tabaco
Raposa – patebonday meaino
Raptar (uma moça) – payône-pa

Rasgar – tawné-o
Razão – Hincáten
Redondo – arand'éuma
Refúgio – cahúa
Regresso – andó denmú
Relâmpago – paté-tacuem
Remeter – d'soté yá monhá
Repouso – tatend'ja
Respiração – maté-ûan
Reta – préte
Rico – hére pahma
Rosa – hóponém
Rosto – morim bárra
Roubar – peccata bombay
Roupa branca – atten cattáhma
Rubi – hoká ruruna
Ruga – tepó mombri téma

S

Saco de viagem – ticani shúna
Sacudir alguém – canyá-pnám
Sal – guenra
Sapo – panhóm
Sarampo – sarampo
Satisfeito – treguin-ten
Seguir a pista – tschama pécha perré póm
Seio – rhamanta
Seixo – arande úma
Semimorto – tagranhim
Sempre – pakin há
Senhora – naben
Sentinela – caya prán
Sentir calor – coaré ponhy
Sepultura – nandohri
Ser melhor – tatshahin-hon
Ser reto – taperé-lû wâ
Sete – pôpauhan
Sim – yá-moeni
Sino – clomantôtshina
Sitiar – merisché grand'jê
Socorro – cabritór
Sogra – aranke
Sola do pé – t'chaperré bay
Sombra – umgûetá
Sombra(à) – hopé granyam
Sonho – arécatehra
Soprar – cué-ta móma

Subir – macawan
Subir um morro – prè ûan
Suco de uma planta – bonwé sumocrin
Sumir – condgé-han
Sussurrar – tshite ben

T

Tabaco – boké
Tábua – ambb dêtima
Tambor – borará
Tapar – gaque pùen
Tarde – tescháre
Tecido – ste roróna
Temível – djadamopren
Tempo – itshi cáya
Tenro – aran shaná
Ter fome – tare tama ya hinhon
Ter idéia – anga ó goinbi
Testa – pohré
Tina – cuan-rim
Tirar (um ninho) – arínanta chippo pembe hiá
Tiro de espingarda – espin gardad'giá
Tomar pé – cawaça
Torcer os braços – koran bóna
Touro – tapira cuène
Touro selvagem – perra-te-ma
Trabalhar – tapétshin hi on
Trabalho – pétschina
Traduzir – nan-mú
Tranqüilidade – tecuare péna
Trazer de longe – oéi-man
Tripas – tékin
Trocar – regayá
Tronco – ambo cierin
Tudo – manétè erekéma
Tumor – tanrina

U

Umedecer – aroma
Unha do pé – panan chaperré
Unidade – arekin-te-hé

V

Valente – tipamo
Valentia – tipimo-tên-han

Varrer – catite tshina tibima
Vazio – dohré
Veia – premhé
Velhaco – ténécàmexé
Vento norte – nanetschorehy
Ver dentro – dáern tschò
Ver detrás – hínguira tschó
Vermelho – ishega ingró
Vez – gré
Viajar a pé – t'chaperré uhra
Vigiar – té condé
Viola – vióla
Víveres – tscháma sheuma
Voltar as costas – andó há

Z

Zarolho – meri pocómone

O Pai Nosso, segundo tradução de Marlière

Tscharé takuém tschucá-on,
Fexo papunha cahó,
Aitshé becápa etshé onya,
Non dati onya tanda câm itshi nam
Botshe tacuen nitshi cáza,
Maki péhuán[72]
Patsheuri umbi úam pashenna biuam,
D'jéma cápan,
Areten tshi cápono d'jéni, pecawa,
yatana, noma ikon nomoró
tshicon tekon nomae gaeá. Amen.

Pai nosso, que estais no céu,
santificado seja o Vosso nome,
venha a nós o Vosso reino,
seja feita a Vossa Vontade,
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal,
Pois Vosso é o Reino, o Poder e a
Glória agora e para sempre. Amém.

[72] Na língua dos coroados, não se diz "o pão nosso de cada dia", mas "nosso milho diário", porque eles não conhecem o pão.

Correções necessárias*

Em meu *Diário do Brasil*, encontram-se muitos enganos e erros bastante importantes, que devem ser corrigidos. Em parte são erros de escrita e de impressão, em parte porque sobre os vários assuntos tenho agora um outro ponto de vista. Por isso, em meu trabalho posterior, para não ser acusado de falta de exatidão, cuidei de mencioná-los e corrigi-los.

Diário do Brasil, 1ª parte

P. 7 – Lavra – Entende-se sob este nome não o modo de ocorrência do ouro, mas a terra onde alguém está ocupado a explorar ouro ou tem intenção de explorá-lo. As ocorrências do ouro, assim como seus modos de exploração, podem ser a talho aberto, serviço no rio, ou trabalho em mina. Compreende-se isto geralmente sob o nome de lavra e diz-se, por exemplo, que alguém possui boas lavras. Se, porém, se trata de terras ainda não trabalhadas, cuida-se de não usar a palavra lavra, mas diz-se "terras minerais".

P. 19 – Os custos de viagem, desde 1815, no Rio de Janeiro, como também no interior do País, principalmente nas estradas reais, subiram significativamente, e a hospedagem diminuiu proporcionalmente à maior freqüência de viajantes. Um naturalista que faz grandes coleções pode agora contar com despesas de mais de 3.000 cruzados, ou 2.000 Rthlr.

P. 24 – O quartzito comum, com cimento cloritoso, é o tipo de rocha que eu atualmente classifico sob o nome de itacolomito.

P. 25 – Especularita silicosa é o meu atual xisto especular – *caco* ou *gaco*; não é minério de ferro argiloso, mas uma rocha parcialmente compacta contendo ouro, canga ou tapanhoacanga: conglomerado ferrífero. Veja-se o meu *Notícias Geognósticas*.

* Este apêndice é uma errata ao livro *Diário do Brasil*, preparada pelo próprio Eschwege, e, apesar de ter sido incluído em *Brasil, novo mundo*, não tem relação com o texto que o antecede. Optou-se por manter os itens da errata que contêm informações interessantes, cortando-se aqueles que introduzem meras correções ortográficas (como, por exemplo: "Onde se lê *certão*, leia-se *sertão*") (N.R.).

P. 26 – Sobre o vale do ribeirão de Ouro Preto, que se dirige para Mariana, tenho minhas idéias mais claras a respeito. As camadas rochosas são todas constituídas de rochas primitivas, de origem contemporânea, com exceção do conglomerado ferrífero. Que eu fale de elevação e depressão não devo agora admitir; veja-se sobre isto meu *Notícias Geognósticas*.

P. 36 – Nas minerações do Morro de Santo Antônio, que pertencem ao tenente-coronel Maximiano Oliveira Leite, existe agora o terceiro britador a seco, construído por mim.

P.38 – A serra de Itacolomi compõe-se de itacolomito.

P. 47 – O Quinto do Ouro é de até 7 arrobas ou 105.000 cruzados para baixo.

P. 52 – *Piranga* ou também *Guarapiranga* – Para conveniência da navegabilidade do rio Doce, formou-se, nestes últimos anos, uma sociedade por ações com um capital muito significativo; como, porém, esse grande empreendimento foi deixado à iniciativa de um camponês ignorante, dificilmente se pode esperar alguma coisa dele.

P. 54 – As atuais novas localidades, ou arraiais, em Minas agradecem sua fundação em grande parte à cultura algodoeira.

P. 66 – Abriu-se um novo caminho mais curto pelas montanhas até uma aldeia recentemente estabelecida pelo major Marlière para os puris selvagens, de onde se pode ir ao rio Muriaé ou Bugaré, até os campos dos goitacás, em razão do qual há uma agradável vantagem para os habitantes circunvizinhos. Marlière deu a esta nova aldeia o nome de *Manoelburgo*, em honra de antigo governador-geral de Minas, e ali aldeou já cerca de milhares de puris.

P. 77 – Em Minas, não são mais os puris perseguidos quer pelos coroados, quer pelos portugueses e cuidam agora, sem perigos, das plantações, tanto aqueles quanto estes. Essas relações de amizade devem ser atribuídas igualmente ao major Marlière.

P. 81 – O atual governador, convencido da pouca necessidade das divisões de soldados contra os selvagens, tem tranqüilamente deixado que elas, pouco a pouco, se dissolvam.

P. 94 – Os botocudos do distrito de Minas Novas não devem ser antropófagos. Uma maneira especial de conquistar a benevolência de alguém é ponto a ponto, como o cão com os outros, se cheirarem no primeiro encontro.

P. 225 – *Schwarze Brechwurzel* – Não compreendo por que o senhor Bertuch mudou o nome *Schwartzwurzel*, que é a tradução alemã literal de raiz preta, para *Schwarze Brechwurzel*. Sobretudo, foi supérflua a nota. Ao senhor Sellow agradeço uma descrição botânica completa dessa planta. Pelo engano de uma pessoa no presídio de São João Batista, que foi incumbida de ir buscar um ramo florido de raiz preta, fui induzido ao erro por uma planta que em Minas Gerais é conhecida pelo nome de raiz de Guiné, que tomei como raiz preta. O senhor Sellow, que em 1819 tinha colhido ambas as plantas naquele lugar, reconheceu o engano e comunicou-me o que ele havia descoberto.
Ele toma a raiz preta por uma espécie de Chiococca (Schreb. Gen. pl. p. 126. Juss G. pl. p. 204), que se distingue da C. racemosa (Wild. Sp. pl. I, p. 2, p. 975), por um cacho dividido, e descreveu-a como abaixo:

Chiococca serpentaria

Radix ramosa, flexuosa, elongata, cortice crascinsculo, alboflavescente; epidermide fusco-nigricanti; ligno pallide-albo; odoro ingrato, sapore nauseosissimo.

Caulis fruticosus, brachiatus, debilis, inter dumeta adscendens, 2-3 orgyalis, basi tetragonus, obsolete – quadrisulcatus.

Rami subteretes, elongati, inferne viridi-fusci, superne virides, nitidi, ramulis decussatis apice convergentibus.

Folia opposita, breve-petiolata, ovata, intardum ovato-lanceolata, in petiolum decurrentia, undata, margine convexo, basi revoluta, utrinque nitida, 3 pollicaria.

Petioli laxi 2-3 lineares

Stipulae in vaginulam interpetiolarem connatae, cuspidatae, in caule ramisque senioribus reflexae.

Racemi axillares, compositi distichi, divergentes, folio parum breviores, subpubescentes, racemulis secundis.

Pedicelli ovario vix longiores, busi bractea suspensi.

Bracteae minutae, squamiformes, acuminatae, intus densepubescentes.

Calyx superus, parvus, 5-fidus: laciniis ovatis adpressis, concavis, intus denae-pubescentibus.

Corolla ante anthesin clavata, 5-angularis; aperta infundibuliformis, pallide-flava: tubo 5 angulari; limbo 5-partito reflexo: laciniis semilanceolatis.

Staminum Fil.5, imae corollae innata (ea vix cohaerentia) basi paullo connata, filiformia, villosa, tubo corollae dimidio breviora. *Anthenae* lineares, longitudine filamentorum, basi affixae, loculo altero basi productiore.

Ovarium superum, orbiculatum, compressum, 2-spermum, ovulis pendulis.

Stylus filiformis, annulo minuto cinctus. Stigma ex sertum tetragonum sub-emarginatum.

Eructus baccatus, niveus, orbiculatus, compressus, subdidymus, calyce coarclato coronatus, 2-locularis, 2-spermus, endocarpio pergamentaceo.

Semina inversa, dimidiato-orbiculata, compressa, epispermio brunneo, puctato. *Embryo* endospermicus, axilis, homotronus, macropodus.

O senhor Sellow encontrou esta planta não apenas no presídio de São João Batista, que fica (segundo as medições do meu barômetro) a 1.750 pés acima do nível do mar e em outros pontos de igual altitude, por exemplo, na estrada do Rio de Janeiro a Minas, próximo ao Sumidouro (1.835' acima do mar), como também nas regiões mais baixas da costa, em Vila Velha na província do Espírito Santo, em Angra dos Reis e na Vila de Santos, em São Paulo. Nessas regiões ela é conhecida como *raiz caninana*. Ela aprecia um solo argiloso pesado e a sombra.

A planta que descrevi, e que se chama *raiz da Guiné*, é, segundo o senhor Sellow, uma nova forma da espécie *Echites* (Schreb. G. pl. p. 164. Juss. G. pl. p. 146). É usada em algumas regiões do Brasil, como a *E. siphilitica* no Suriname, como laxante depurativo em casos de tumores malignos e doenças venéreas, com grande sucesso, como se afirma. Ministra-se normalmente uma decocção da raiz, na proporção de uma onça desta para seis onças de água.

Seu caráter natural é o seguinte:

Radix ramosa, tortuosa, pallide-alba.

Caulis fruticosus, valubilis, ramis fuscis, verrucularis, junioribus pubescentibus.

Folia opposita, breve-petiolata, lato-lanceolata, acuminata, margine reflexo, supra saturate viridia, subtus canescentia subtomentosa, 3 pollicaria.

Petioli supra canaliculati, 3 lineas longi, pubescentes.

Cilia interpetiolaria minuta, subulata.

Racemi axillares, subcorymbasi, folio triplo breviores, pubescentes.

Bracteae minutae plurifidae.

Calix 5-partibus: laciniis subulato-lanceolatis, concavis, apice reflexis planis; basi auctus squamis 5-bipartitis, laciniis oppositis.

Corolla subhypocrateriformis: tubo ventricoso, calyce triplo longiore, viridi-flavo; limbo 5-partito, lutes: laciniis inaequilateris, indulatis.

Staminum filamenta medio tubo innata, bravissima.
Antherae sagittatae, medio stigmate connatae, inclusae.

Ovarium ohlongum, 2-sulcum 2-lolocularis, polyspermum, glandulis 5-hypogynis, crunialis, cinctum.

Stylus filiformis. *Stigma* capitatum acutiusculum, emarginatum.

DIÁRIO DO BRASIL, 1ª parte

P. 11 – À palavra *paragem* liga-se, em outras partes do Brasil, não exclusivamente o significado que aqui está, mas também outros, como, por exemplo, *boa paragem*, bom local de descanso, bela região, bom campo, etc.

P. 60 – A respeito da coleção de minérios, devo lembrar que agora há um prédio especial destinado a um museu, onde também as amostras minerais foram depositadas, e que, desde aquela época, já não tenho mais nada a ver com a questão. Os exemplares de material recolhido no Brasil que enviei à coleção chegam quase a 2 mil. Um monge, Fr. José da Costa, foi nomeado diretor. A bela, mas desafortunada coleção Pabst-Oheimsche tem sido terrivelmente maltratada por ele; também a coleção geográfica, que foi igualmente organizada por mim, foi vítima de seu desleixo, por não ter sido traduzido o catálogo em alemão. Através do atual Ministro de Estado de Lisboa, Silvestre Pinheiro Ferreiro, essa coleção foi adquirida pelo Governo e enviada a Lisboa; o Ministro das Finanças da época, Luiz de Vasconcelos, não quis pagar o transporte, e assim as caixas permaneceram por longo tempo na alfândega, até que finalmente o mesmo ministro ordenou que todas as mercadorias que estivessem há mais de um ano na alfândega fossem retiradas. Deste modo chegou também a vez das caixas, que os desinformados funcionários, vendo que continham apenas pedras, resolveram jogar no mar. Um certo Sr. Verdier (agora em Paris, e membro da *Academie*) testemunhou esse escândalo e imediatamente deu notícia ao Ministro Araujo, depois Conde da Barca, e assim foi possível salvá-las. (Não foi, portanto, Napion, como me fora dito.) A Universidade de Coimbra pagou os custos de transporte.

P. 68 – Os fretes de Minas ao Rio de Janeiro são agora equivalentes aos do Rio a

Minas, devido à maior exportação de diversos artigos.

P. 77 – Os macacos que soltam esses gritos não são os monos, mas os guaribas.

P. 97 – A receita da alfândega de Matias Barbosa cresceu consideravelmente desde aquela época, situando-se agora entre 120 a 130 contos anuais. Prova de quanto têm aumentado a população e prosperidade dessa província.

Este livro foi confeccionado no formato 21 x 26 cm,
com texto principal em tipo Fenice 11/18, papel Pólem 120g.
Capa em Supremo 240g. Fotolitos Policrom.
Impressão Artes Gráficas Formato.
Tiragem de 1.000 exemplares.

Belo Horizonte
Primavera de 1996
CEHC/FJP